PROBLEMAS DA GERAÇÃO JOVEM—ARTIGO E INQUÉRITO NA «MESA-REDONDA»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 848 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

APOLO 12—A SEGUNDA NAVE A CAMINHO DA LUA

Condições atmosféricas desfavoráveis

CAPE KENNEDY, 14 — (R.) — Funcionários da agência do espaço mostravam-se confiantes às primeiras horas de hoje em que a Apolo-12 fosse lançada para a sua missão à Lua, como estava programado, a despeito das condições atmosféricas desfavoráveis.

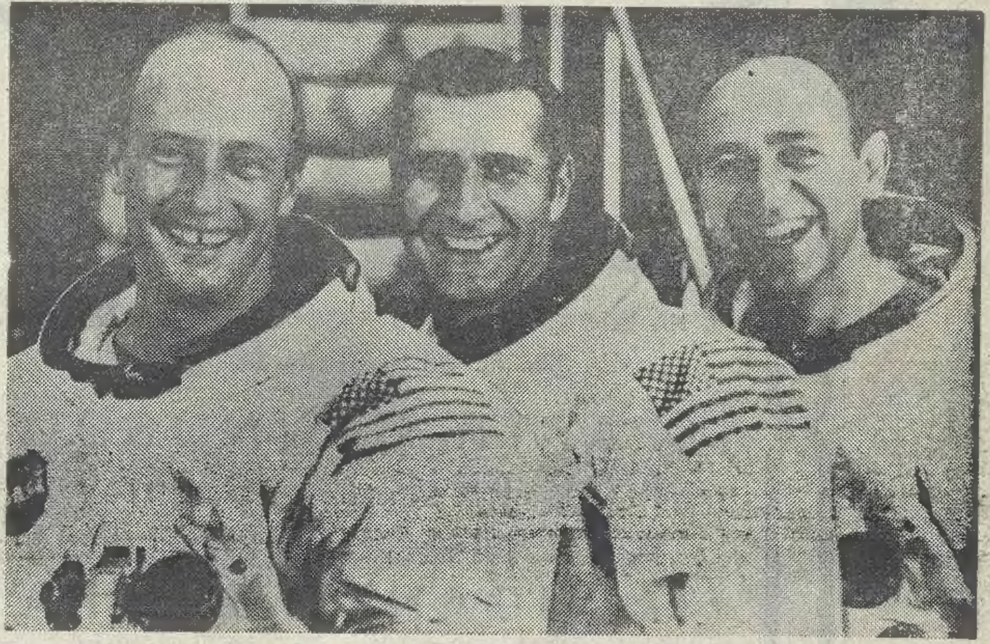
O director da missão, Chester Lee, afirmou a noite passada que a previsão do tempo para a área de lançamento «não era tão boa como gostaríamos».

Meteorologistas previram que a chuva torrencial da noite passada cessaria por completo e que o céu estaria limpo de nuvens antes da nave lunar, com três tripulantes, ser lançada, no meio de uma massa de fumo e de chamas, ás 11 e 22 locais (17 e 22 de Lisboa).

Técnicos disseram que o tecto de nuvens á hora do lançamento da rampa 39-A de Cape Kennedy seria á volta de 500 metros, com vento a soprar de noroeste á velocidade entre 15 a 20 nós.

Contudo, mostravam-se optimistas de que a contagem decrescente para a segunda missão americana de desembarque de homens

(Continuação da 4.ª página)



OS ASTRONAUTAS DA APOLO 12 — Da esquerda para a direita: Charles Conrad, comandante; Richard F Gordon, piloto do módulo de comando e Alan L. Bean piloto do módulo lunar. Conrad e Bean descerão na superfície da Lua utilizando o módulo lunar, enquanto Gordon permanecerá em órbita no módulo de comando

O ELEVADOR DA GLÓRIA PARADO ATÉ DOMINGO — Periòdicamente o velho elevador da Glória interrompeu a sua (monótona porém útil) circulação pela calçada do mesmo nome. Limpezas, pequenas reparações e outras rotinas do género são o motivo. Desta vez trata-se de substituir os rodados de um dos dois carros, o que obriga naturalmente o outro a descansar. Vai durar três dias — até domingo, inclusive. Na segunda-feira, se tudo correr pelo previsto, o elevador voltará a fazer o seu trajecto de cinquenta centavos,

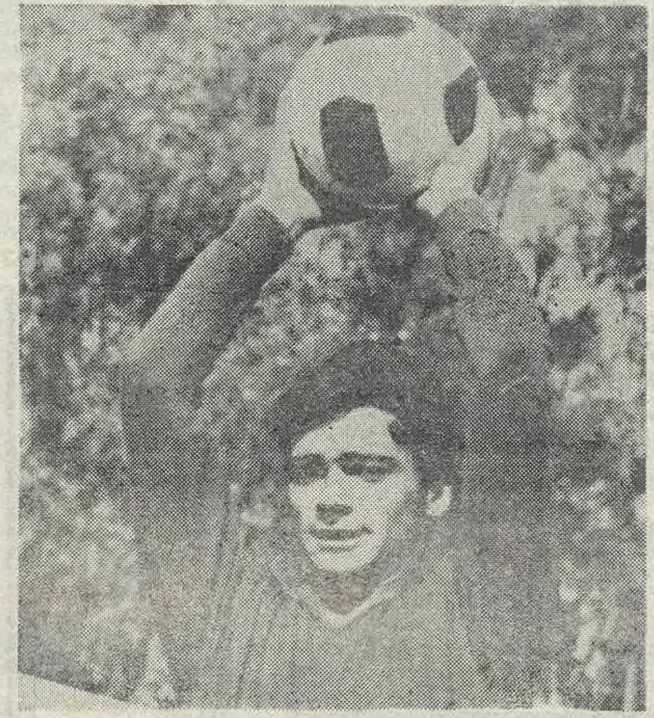
Devolução das bases inglesas à Líbia?

LONDRES, 14 — (F. P.) — Um informador do Foreign Office indicou na quinta-feira que Donalt Maitland, embaixador da Grã-Bretanha em Tripoli, entregou ao Governo líbio a resposta britânica á nota deste acerca do futuro das forças britânicas na Líbia.

A nossa resposta, precisou, indica claramente a nossa esperança de estabelecer novas relações de cooperação entre os nossos dois países

COMEÇOU A TREINAR COM UM ANO E MEIO

HOJE É O NOSSO



MELHOR GUARDA-REDES

LER NA PÁGINA CENTRAL A HISTÓRIA DE DAMAS CONTADA POR SEU PAI

Manobras anglo-americanas com a participação de Israel

CAIRO, 14 — (R.) — O autorizado jornal «Al Ahram» afirma hoje que unidades da Marinha e da Força Aérea israelita participaram em manobras navais conjuntas anglo-americanas que se realizaram no Mediterrâneo Oriental.

O jornal cairota, que se sabe reflectir a opinião oficial egípcia, cita o seu redactor sobre assuntos militares como afirmando que as manobras da Sexta Esquadra americana e da Marinha Real se realizaram entre 19 e 24 de Outubro no Mediterrâneo Oriental.

Disse ainda que as manobras foram efectuadas no maior segredo e que fora pedido ás unidades navais israelitas para não enviarem quaisquer mensagens durante a operação.

HOJE 48 PAGINAS VISADO PELA CENSURA

UM «NOVO DINHEIRO» LANÇADO PELO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

(Ler no central)

ora diga-nos...

— Anda muitas vezes de táxi?

N. B.: Táxi do asfalto, e não táxi aéreo

● *Disse-nos Humberto Dias Gomes, empregado num vespertino:*

— Ora deixe-me cá ver...

— Veja, veja!

— Talvez umas...

— Talvez umas...?

— Umas quinze vezes por mês. Quase sempre pequenos trajectos.

● *Francisco Jorge Candeias Barradas, servente numa livraria, disse-nos assim:*

— Sempre á pata!

— Mas nunca andou num táxi?

— Sim. Já tenho andado. Mas poucas vezes...

● *Finalmente, Maria Lúcia Rosário Ferreira, encadernadora, deu-nos a seguinte resposta:*

— Ando muitas vezes de táxi.

— Todos os dias?

— Todos os dias, não. Mas olhe que, por mês, ando aí umas vinte vezes...

— Já é bastante, não acha?

— Acho, pois. Agora desculpe, que tenho de tomar aquele táxi.

DE ONTEM PARA HOJE

«MEMÓRIA DUM FIDALGO DE CHAVES»

Erudito que á cultura portuguesa tem prestado os maiores serviços e a quem a investigação de história literária muito deve, com algumas reedições e valorizações de autores portugueses e espanhóis quinhentistas e seiscentistas há muito sepultados no pó do olvido, o prof. Eugénio Asensio fez ontem valiosa comunicação á Academia das Ciências de Lisboa de que é sócios correspondente. Há muito residente em Portugal D. Eugénio Asensio analisou as memórias inéditas de um fidalgo de Chaves, copiadas de um manuscrito português da Academia da História de Madrid. Deu por título á sua comunicação «Descrição Manuelina da Roma do Renascimento (1510-1517). Memória dum Fidalgo de Chaves». Disse: «Estas memórias, compostas por volta do ano de 1520, para Dom Jaime, Duque de Bragança, iniciam as grandes relações de viagens do Renascimento em Portugal. Narram a estada, em Roma, do autor que desde o seu lugar como criado de confiança do cardeal de Siena Alfonso Petrucci, observou com paixão e inteligência a vida e costumes da Cidade Eterna nos dias de Julio II e Leão X. Contêm uma descrição animada dos acontecimentos militares e políticos da Itália, das brigas e intrigas na corte do Papa, das embaixadas exóticas como a de Tristão da Cunha durante os anos em que se edificava a basílica de S. Pedro e incubava a reforma luterana. Além da história publica, oferecem um quadro pitoresco da vida privada: e Carnaval, as damas cortesãs, as festas religiosas e desportivas. O autor interessa-se especialmente pela actividade dos portugueses lá residentes — soldados, estudantes, familiares dos cardeais — vindos em busca da cultura, da aventura ou das prebendas eclesiásticas. Esta miscelania, cheia de curiosidade, reflecte a vitalidade e experiências do autor. Abrange desde a partida de Chaves, a 21 dias de Maio de 1510, até á chegada á corte de Almeirim, no Outono de 1517». Antes do início da sessão, o presidente da Academia prestou homenagem ao dr. Augusto de Castro e associou-se ás consagrações de que ele foi objecto no Porto.

MISSA POR ALMA DO INFANTE

Por alma do Infante D. Henrique, falecido há 509 anos, foi ontem rezada missa no templo dos Jerónimos. Foi mandada dizer a missa pela Sociedade de Geografia, pela Comissão Infante D. Henrique e celebrou-a o rev. João Cabeçadas, capelão da Armada, tendo assistido muitos oficiais de Marinha e o almirante Pereira Crespo, ministro da mesma pasta.

HOMENAGEM

Na messe do comando da Polícia de Segurança Publica, foram homenageados ontem os srs. major Noel de Aguiar e capitão Maltês Soares, respectivamente 2.° comandante da corporação e comandante de divisão daquela Polícia. Vão seguir ambos para o Ultramar, a ambos tendo sido oferecidas artísticas prendas.

_AVISO

NA INTENÇÃO DE NOS ASSOCIARMOS Á CAMPANHA «HÁ SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO»

PARTA CONNOSCO NOS FINS DE SEMANA A CONHECER PORTUGAL ALUGANDO AGORA

POR 500$00

UM MORRIS 1000 SEM QUALQUER TAXA DE QUILOMETRAGEM!

ATÉ AO FIM DO ANO APROVEITE ESTAS SENSACIONAIS CONDIÇÕES: DE SEXTA Á TARDE A SEGUNDA DE MANHÃ: POR 500$00 O CARRO É SEU! E AINDA: PREÇOS ESPECIAIS PARA OUTROS CARROS E OUTRAS MODALIDADES

TELEFONE-NOS JÁ!!!

AVIS RENT A CAR

O. SANTOS S.A.R.L. AVENIDA PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TELEF. 551177 LISBOA
PORTO, TELEF. 37971 / FARO, TELEF. 25438

«A BATALHA DE INGLATERRA»

HOSPEDAGEM DA B. E. A. PARA O VENCEDOR

Faltam poucos dias para o termo do concurso «A Batalha de Inglaterra», a que o «Diário de Lisboa» deu o seu patrocínio. Um júri de quatro membros apreciará os «kits» entregues até 25 do corrente no Cinema S. Jorge, proclamando depois o vencedor — que irá a Londres (pela B. E. A.) passar seis dias de férias.

Essas miniférias na capital britanica são extensivas a um acompanhante da escolha do primeiro classificado. A B.E.A. não quis fazer a coisa por menos e transporta em voo directo Lisboa-Londres dois leitores do nosso jornal.

Entretanto os modelos «Frog» dos aviões ingleses e alemães de 1940 admitidos a concurso vendem-se nos seguintes estabelecimentos da capital: Papai Noel (Avenida João XXI, 13-D), Casa Bénard (Rua Garrett, 84), Biagio Flora (Rua do Ouro, 138), Grandes Armazens do Chiado (Rua do Carmo, 2), Franjinhas (Rua Ferreira da Silva, 10), Nanê (Rua da Beneficência, 38), Camelo (Rua Presidente Wilson, 1), Romabela (Avenida de Roma, 16-D) e Cinderela (Rua José Ricardo, 13-D).

O símbolo do filme deve ser recortado e colado no boletim de inscrição.

O 53.° aniversário dos Voluntários de Campo de Ourique

Para comemorar o seu 53.° aniversário, os Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique organizam, depois de amanhã, várias cerimónias, entre as quais romagens aos cemitérios do Alto de São João e dos Prazeres, ás 10 e 11 horas, respectivamente. Depois, ás 12 horas, será celebrada missa na igreja do Santo Condestável e, por fim, no quartel da corporação, realiza-se um almoço de confraternização.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

A aliança nipo-americana posta em questão

As relações com os E. U. A. ocupam o primeiro lugar nos grandes problemas políticos japoneses e são o principal domínio da actividade diplomática do país. É com referência a elas que os partidos se definem e se opõem e que se determina a orientação geral da política nipónica.

Toquio é a melhor aliada dos E. U. A. na Ásia Oriental. A sua diplomacia nunca se choca de frente com a de Washington, e, na maior parte do tempo, apoia. Uma comunidade de pontos de vista e de interesses une os dois Governos na condução da sua política asiática. Uma aliança militar, renovada em 1960, permite que os E. U. A. mantenham no Japão 40 000 homens e uma centena de bases. Estas servem de apoio de retaguarda ás intervenções directas na península vietnamiana. Constituem um dos elementos essenciais do sistema de «contrôle» «aproximado», aplicado ao continente chinês e á Coreia.

As ilhas Ryukyu, ao sul, sobre as quais se estende a soberania do Japão, estão, de facto, na posse e sob a administração do Exército americano. Tornaram-se a base mais poderosa do Pacífico Ocidental. Tóquio, tendo em conta a tensão militar na zona, aceita não pedir a ser reintegração senão daqui a vários anos e em condições que não restrinjam o valor das instalações.

Os adversários do Governo põem em causa a aliança que une os dois países desde o fim da guerra. Afirmam eles que essa aliança converte o país num simples peão da estratégia americana na Ásia. São possíveis outras alianças e o Japão deve procurar o seu caminho próprio.

No seio do partido maioritário, a unanimidade está longe de ser conseguida. Diz-se que, se a aliança pode manter-se, ela pode ser mais ou menos estreita, e a «defesa do mundo livre» não deve impedir que o Japão ocupe o seu lugar no Mundo, particularmente na Ásia.

Por ALAIN BOUC

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

● O prazo de 1970

O ano que vai começar será decisivo. O tratado de segurança assinado em 1960 entre os dois países chega á altura de expiração do prazo. Se nenhuma das partes manifestar a intenção de o revogar, será prorrogado tàcitamente. O Governo japonês exprimiu o seu desejo de obter essa prorrogação por período indeterminado.

A Oposição quer forçar o Governo a denunciar o contrato. Nesse caso, este terminaria um ano depois de Tóquio notificar os E. U. A., dando-lhes conta das suas intenções. De qualquer maneira, depois de 1970, será possível pôr termo á aliança, ùnicamente sob condição de um pré-aviso de um ano. O prazo de Junho de 1970 marca o começo de um período — que promete ser longo — em que as forças oposicionistas irão cair sobre o Governo.

Poucos japoneses acham possível um ataque directo de países comunistas contra o seu país. A ameaça soviética não é tomada a sério, numa época em que se fala de cooperação intensiva na exploração das riquezas da Sibéria e do Extremo-Oriente soviético.

As forças armadas e o potencial nuclear chinês também não causam inquietação. A China, por agora, não está equipada de engenhos capazes de atingir o Japão. Este não constitui um objectivo de interesse para os militares chineses, enquanto não for sustentáculo directo de uma pressão americana, escorada em meios nucleares.

O Governo japonês, tal como a Oposição, também não aceitam a análise americana sobre a situação na península coreana. Para Washington, a Coreia do Norte estaria, de um momento para o outro, pronta a invadir o Sul. Só a presença das forças americanas na zona, na Coreia do Sul, Japão e Okinawa impediria uma nova guerra.

Segundo os japoneses, pelo contrário, o reforço do Exército e da economia sul-coreana torna vã toda a tentativa de comunizar, pela força, o Sul da península. A tensão provocada em 1968, no Mar do Japão, pela captura do «Pueblo», partido do porto de Sasebo, e pela destruição, em Abril passado, do avião-espião «EC-121», que descolara de uma base perto de Tóquio, mostrou claramente os perigos que poderão resultar da presença americana.

Se o Governo japonês se pronunciar a favor da aliança militar com os E. U. A. não o fará para se defender de ameaças, que lhe parecem muito mais distantes que ao seu parceiro americano. Graças á pressão exercida sobre a China pelos submarinos de foguetões nucleares (a partir do Pacífico ou do próprio continente americano) consegue manter-se um «statu quo» no Mar da China. As bases americanas no Sudeste Asiático garantem uma relativa estabilidade política. Um e outro pontos são essenciais para a defesa dos interesses comerciais e industriais nipónicos.

Os três grandes partidos da Oposição pedem o rompimento da aliança. Os socialistas pronunciam-se por uma neutralidade desarmada, que permitiria que o Japão mantivesse boas relações com todos os países. Como os membros do Partido Comunista, também os socialistas reclamam a supressão imediata de todas as bases.

As divergências no seio da Oposição referem-se aos meios de se baterem e, sobretudo, á questão do recurso á violência. As direcções dos partidos pronunciaram-se contra as lutas ilegais travadas pela esquerda estudantil. Contudo, o Partido Socialista sabe muito bem que a acção parlamentar está votada ao malogro, pois o eleitorado japonês envia constantemente maiorias conservadoras ao Congresso. Portanto, quer tentar repetir os acontecimentos de 1960, usando de constantes pressões populares. O irmão de Sato, Nobosuke Kishi, viu-se obrigado a pedir a demissão, ante a envergadura das manifestações antigovernamentais. Demasiado tarde, aliás, para poder impedir a votação do tratado de segurança: deveria ser-se mais enérgico, desta vez, e começar mais cedo.

A questão da aliança militar não seria tão grave, se não estivesse associada á de Okinawa. O problema

(Continua na 16.ª página)

minolta SR T 101

A câmara REFLEX (35 mm) de rendimento total (OBJECTIVAS INTERMUTÁVEIS)

A máquina fotográfica de objectivas intermutáveis que reúne TODOS os aperfeiçoamentos da técnica moderna, além de características exclusivas. A mais completa linha de acessórios e ainda toda uma gama de objectivas. Peça TUDO em fotografia a esta MINOLTA. Ela corresponderá.

Minolta
o máximo em fotografia

REPRESENTANTES GERAIS HITZEMANN & C.ª L.DA
PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 520/6
COIMBRA — RUA MARTINS DE CARVALHO, 26-1.
LISBOA — RUA FILIPE FOLQUE, 2C e D

Á VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Nota do dia

ARRUMAR A CASA

A POLITICA DE CAPTAÇÃO dos actuais e ainda novos dirigentes da «União Nacional», com o dr. Melo e Castro como chefe de fila, pretendeu basear-se em que toda a gente ali poderia ter o seu lugar, quaisquer que tivessem sido as suas origens ideológicas e quaisquer que fossem ainda as suas posições preferenciais em matéria de política. Não se põe em dúvida que tal enunciado tenha sido inspirado pelas melhores intenções, que em última análise seriam as de trazer ao campo da acção pessoas que em muitos casos foram compelidas pelas circunstâncias a permanecer no «ghetto».

Não se pode dizer que os resultados tenham sido sensacionais e compreende-se como e quanto o escrúpulo tenha travado algumas pessoas daquelas a quem preocupa a necessidade de restituir o País ao interesse activo pela coisa pública. Mais vivo sinal do relativo malogro do propósito encontra-se no facto de mesmo entre os mais jovens, portanto menos comprometidos no catálogo político, muito reduzidos terem sido os sinais de assentimento. Os casos, efectivamente, dos que se decidiram a dar o passo foram suficientemente raros para se poder concluir sem exagero que a operação falhou.

Mesmo assim, porém, quer a tentativa Melo e Castro, quer o ambiente de curiosidade e discussão que em torno dela se gerou determinaram e trouxeram consigo alguma coisa de novidade, alguma coisa de esclarecimento na cena política portuguesa, onde apareceu muita gente que nem se sabia onde parava. E isto é verdade, até, para o conjunto dos eleitos para a Assembleia Nacional, agora em vésperas de inauguração e onde se espera ver a formação de sectores diferenciados correspondentes a outras tantas tendências posicionais. Não se tem dúvida em reconhecer que é um passo.

Mas como é possível pensar que possam instalar a sua acção dentro da mesma organização política pessoas ou grupos de pessoas que nada têm politicamente umas com as outras? A ideia sugerida de que a «União Nacional poderia ser assim uma espécie de campo aberto onde pudessem caber tendências diversas e onde pudessem travar-se todos os pleitos é, no ponto de vista tradicional das correntes de inspiração democrática, uma sugestão «contra natura». É, afinal de contas, o regime do partido único, o partido inspirado, dirigido e controlado pelo aparelho estatal. É o regime das «democracias populares» dos países do Leste.

Com certeza que não está nas intenções dos responsáveis pela política do regime adoptar como bom o figurino da Checoslováquia ou da Alemanha Oriental, onde também os partidos foram dissolvidos como tais para se integrarem no «bloco» unitário onde podem coabitar todas as correntes desde que acertem o passo ao ritmo do pensamento oficial. Com certeza, repete-se, que não é um tal termo de comparação aquele que se procura como saída do prolongado «gachis» da vida política portuguesa. Mas não se pode fugir á comparação de situações evidentemente paralelas.

O Governo receia, naturalmente, que de um ostracismo de quatro dezenas de anos tudo quanto transporta em si conceitos políticos divergentes comesse de repente a partilhar-se em pequenas formações partidárias, como tem sido o vício dos sistemas parlamentares dos países latinos, ao contrário dos anglo-saxónicos onde tendencialmente prevalece um bipartidarismo sólido e funcional. O Governo desejaria, naturalmente, que se ganhasse uma consciência política capaz de inspirar uma arrumação coerente e activa. O País também o deseja. A última campanha eleitoral mostrou ideias e pessoas que são um capital que não pode desperdiçar-se. O grau de serenidade com que tudo se passou tem de se entender como um aval precioso.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

APOLO-12: MAIS HOMENS A CAMINHO DA LUA

(Continuação da 1.ª página)

na Lua continuaria normalmente.

A missão de 10 dias que vai começar hoje tem a vantagem da experiência adquirida com a viagem da cápsula Apolo-11 embora isto não signifique que é menos arriscada do que a anterior. O director do projecto Apolo, Rocco Petrone, declarou numa conferência de Imprensa que «as margens de erro são tão pequenas como eram» e a preocupação maior foi o equilíbrio entre o risco e o regresso

Os três astronautas deitaram-se cedo para se levantarem hoje também cedo. Antes de se deitarem o comandante da missão, Charles Conrad, recebeu uma mensagem telefónica do presidente Nixon desejando-lhe o melhor êxito

O presidente Nixon e o vice-presidente Spiro Agnew estarão entre os convidados ilustres, jornalistas e curiosos que assistirão hoje ao lançamento

Os hotéis na região estão pràticamente esgotados embora se espere que o numero total de visitantes seja ligeiramente inferior ao do primeiro voo tripulado, de Julho passado.

Conrad Gordon e Bean foram acordados ás 6 horas da manhã. O dia para eles começou com um exame médico, pequeno almoço e duas horas e meia de espera agonizante no Yankee Clipper enquanto são feitas as ultimas verificações e é feita a comutação dos centros de energia da base para as fontes próprias da cápsula.

Se houver algum imprevisto á ultima da hora o lançamento pode ser atrasado até ás 21 e 50 (hora de Lisboa).

Depois dessa hora, o periodo durante o qual a posição da Lua, Terra e Sol são de molde a haver luz na área da alunagem, cessará e o lançamento só poderá ser feito em 14 de Dezembro.

Ao fim do dia, se tudo correr bem os astronautas terão já dado um «show» de Televisão a cores no espaço, dado a volta com a cápsula acoplando-a ao nariz do Intrépido e terão andado uma boa parte do percurso até á Lua.

Ás 5 horas da manhã poderá ser feita uma correcção de trajectória.

Para contrariar afirmações de que se tem dado pouca atenção a objectivos cientificos serão realizadas diversas experiências por Conrad e Bean na superficie lunar.

Para isso existe um complicado conjunto de instrumentos abreviadamente designado por Alsep (Apolo Lunar Surface Experiments Package) que ficará na Lua e enviará pela rádio informaçõese para a Terra durante pelo menos um ano

Outro aspecto cientifico da missão será a recolha de peças da sonda «Surveyor-3.

No entanto o objectivo fundamental da missão será a alunagem rigorosa num ponto prèviamente determinado que é conhecido pelo nome de «parque de estacionamento de Conrad.»

As transmissões de Televisão da missão Apolo-12 serão todas a cores embora os possuidores de teleceptores a preto e branco as possam ver sem qualquer deficiência.

NOVO DIRECTOR DA N. A. S. A.

WASHINGTON, 14 — (F. P.) — O presidente Nixon nomeou ontem George Low administrador-adjunto da NASA, anuncia a Casa Branca.

Nascido em Viena (Austria) e com a idade de 43 anos, Low era até agora o director do programa «Apolo da Nasa

Charles Conrad e Alan Bean, os dois astronautas que no dia 19 descerão na Lua, ensaiando a recolha de rochas lunares no Kennedy Space Center. Conrad e Bean estarão no satélite natural da Terra durante 31 horas e 30 minutos (cerca de 10 horas mais do que Armstrong e Aldrin, os astronautas da Apolo 11). Sairão por duas vezes do módulo lunar

O PROGRAMA ESPACIAL DOS E. U. A. — 2

O «VIKING» DO ESPAÇO

O mais oneroso e mais complexo dos robots do espaço até agora concebidos (calcula-se que o seu preço ande á volta dos 700 milhões de dólares, cerca de 19 600 000 000$00), o Viking, será a primeira nave espacial americana a descer num planeta (que não a Lua, evidentemnte) e a primeira a responder a esta pergunta: haverá vestigios de vida no planeta Marte?

Por THOMAS O'TOOLE

(Exclusivo «The Washington Post» — «Diário de Lisboa»)

Construido para se dividir em duas partes, o Viking deveria ser lançado em Julho ou Agosto de 1973 e entrar em órbita em torno de Marte, em Fevereiro ou Março de 1974. O Viking ficará nessa órbita pelo menos uns dez dias, examinando a superficie do planeta, á procura de dois ou três pontos de desembarque, até que os sábios da terra escolham o melhor.

A um sinal emitido da terra, uma nave de desembarque, dotada de 4 pés, separar-se-á do *Viking* e iniciará a sua descida para Marte, 1 000 quilómetros abaixo da nave-mãe. Ninguém sabe agora onde se efectuará o desembarque.

«Não desembarcaremos nos polos» diz um sábio, «estamos agora á procura de um vale agradável e quente, um local onde possa haver humidade, humidade, para alimentar a vida se a houver».

Seja qual for o local do desembarque, o *Viking* procederá a uma análise do solo do planeta, repetindo, de certo modo, o que Armstrong e Aldrin fizeram na superficie lunar.

Uma pinça passeará na superficie do planeta, levando para bordo do *Viking* um pouco de solo marciano, que será submetido ao exame dos instrumentos, colocados a bordo da nave-«robot». Outro braço, dotado de uma espécie de língua, penetrará no solo para detectar a presença de organismos vivos. Uma câmara móvel, colocada a bordo da nave de desembarque, retransmitirá as suas imagens para o elemento do *Viking* que ficou em órbita.

Este elemento terá um tanto o papel de vigilante. Se a nave de desembarque for destruída ou danificada, no momento de pousar no planeta, a nave que permanecer em órbita fotografará o desastre, permitindo que os «detectives» do espaço determinem as causas deste malogro.

Em caso de êxito, permitirá a retransmissão das mensagens vindas da Terra, e vice-versa. Permitirá, igualmente, a vigilância das «vizinhanças», e, por exemplo, em caso de «tempestade marciana», o *robot* pode receber instruções para levar a cabo experiências precisas.

● Mercúrio e Júpiter

Mas é possivel que, antes do *Viking* pousar em Marte, já o planeta mais próximo do Sol tenha sido visitado. Segundo um plano da N. A. S. A., que ainda não foi aprovado pelo Congresso, em 1973 seria lançado um *Mariner* em direcção a Mercúrio. Aproveitando da gravidade de Vénus para acelerar a sua viagem, esta nave seria uma das mais estranhas a ser lançadas: se a viagem se verificar, a nave atravessará o espaço sob a protecção de um guarda-sol de metal, a fim de se proteger do calor solar.

Se o guarda-sol funcionar bem, esse *Mariner* deverá passar a uma distância de apenas 3000 quilómetros de Mercúrio e de apenas 60 milhões de quilómetros do Sol. Seria essa uma das viagens mais quentes de todas quantas até hoje se fizeram: a temperatura sobre o guarda-sol elevar-se-á a 1100 graus.

Quando da sua passagem perto de Mercúrio, uma câmara de televisão permitirá que os sábios vejam o solo de Mercúrio — ninguém sabe qual poderá ser o seu aspecto, mas será, decerto, um espectáculo extraordinário.

«Deve haver enormes deformações térmicas em Mercúrio, que tem fendas gigantescas, falésias imensas e montanhas com 30 a 45 quilómetros de altura», declara um sábio.

Os resultados mais interessantes desta experiência serão os que respeitarem á composição do planeta. Segundo as observações de três rádiotelescópios terrestres, Mercúrio seria composto de minérios densos, com 70% de ferro e de níquel.

«É absolutamente incompreensivel», diz um sábio da N. A. S. A., «os especialistas do Cosmos nem querem acreditar, e o simples facto de resolver esta questão seria um grande êxito».

Durante este tempo, duas naves «Pionnier» serão lançadas para Jupiter, um dos maiores e mais misteriosos planetas do sistema solar.

Conclusão, amanhã: A viagem do «PIONNIER»

O PROGRAMA DE HOJE INCLUI UMA TRANSMISSÃO TV A CORES

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 14 — (A. N. I.) — São os seguintes os horários de hoje e amanhã da missão lunar Apolo-12, com os astronautas Charles Conrad, Alan Bean e Richard Gordon:

— 16 e 22 TMG (17 e 22 em Lisboa) ou, em caso de impossibilidade á hora prevista, ás 19 e 27 TMG — 20 e 27 em Lisboa — o foguetão Saturno 5 parte de Cape Kennedy e coloca a Apolo-12 em órbita terrestre doze minutos depois. Em caso de utilização da hora de recurso, todo o horário de hoje sofreria um atraso de duas horas e cinco minutos.

— 19 e 9, entra novamente em actividade o andar superior do foguetão, afastando a cápsula da órbita terrestre, rumo á Lua.

— 19 e 44, a nave de comando separa-se do foguetão, vira-se e liga-se de frente com a cápsula de alunagem, ainda ligada ao foguetão.

— 19 e 47, transmissão da Televisão a cores a partir da nave de comando, mostrando a janela exterior do módulo de alunagem com a Terra, por fundo. A emissão dura 1 hora e 5 minutos e inclui a cápsula a separar-se do foguetão, que mais tarde, por «contrôle» a distancia, será colocado em órbita solar.

— Amanhã, 4 horas e 9 minutos TMG (5 horas e 9 minutos em Lisboa), primeira oportunidade para a Apolo-12 se dirigir para a Lua.

— 10 e 22, os astronautas acordam.

— 22 e 47, segunda emissão de televisão, com panoramicas do interior da nave de comando, durante 35 minutos

— 23 e 15, Conrad acciona durante 10 segundos o principal foguete-motor da nave de comando, desviando a nave para um percurso que não atingirá a Terra se o veículo der a volta á Lua e iniciar o regresso sem accionar novamente qualquer dos seus foguetes-motores.

Esta manobra arriscada, até hoje inédita, é necessária para se atingir o local da alunagem da Apolo-12.

BEAN: O CALOIRO DO ESPAÇO

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON, 14 — (A. N. I.) — Alan Bean, quando a Apolo 12 partir hoje rumo á Lua, será o vigésimo quarto norte-americano a demandar o espaço. E será o primeiro «caloiro» desde o lançamento da Apolo 9, em que teve o seu baptismo espacial o «caloiro» Russeld Schieckart. As duas naves seguintes (Apolo 10 e Apolo 11) foram inteiramente tripuladas por «veteranos do espaço».

Dos 73 astronautas seleccionados desde 1959 para os programas espaciais dos Estados Unidos, 23 já viajaram no espaço, oito morreram e onze demitiram-se ou foram transferidos para outros trabalhos.

Vinte dos actuais astronautas no activo são civis, 16 pertencem á Força Aérea, 15 são oficiais de Marinha e três são oficiais do corpo de fuzileiros.

SERVENTES

ADMITE-SE PARA OFICINAS DO SEIXAL. BONS SALÁRIOS E REGALIAS SOCIAIS.

ACEITAM-SE INSCRIÇÕES NA RUA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, N.º 5, EM LISBOA.

OPEL LICAR
OPEL Kadett OLYMPIA REKORD COMMODORE
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA 1

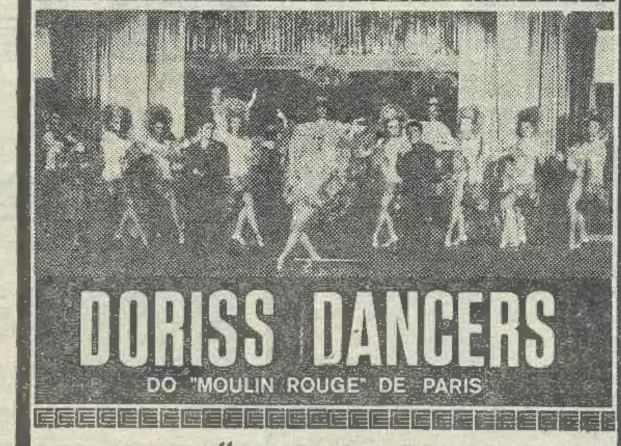
NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

DANY DANIELLE
VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

MARISKA
ANTIPODISMO E FANTASIA

MARIA DA FÉ



"OS ROCK'S"
CONJUNTO DE BOBBY CAMPOS
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

AMYRA
SO NO WONDER BAR

No cinema às 17 e 21.30 h.
MELODIA INTERROMPIDA
(M. 12 anos)

Enquanto faz as suas compras
na secção de pastelaria
deixe o seu carro ao nosso cuidado.
TUTTI MUNDI
tem uma garagem privativa com serviço
SHELL
Avenida de Roma, 48 e Rua Conde de Sabugosa, 16 — Telefs. 714021/2/3/4 — Lisboa

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
HOJE, ÁS 21,45 — M/ 17 ANOS
3.º Espectácuo do IV CICLO DE TEATRO AMADOR NA EMPRESA, com a representação de
ANTÍGONA
3 actos, de ANTÓNIO PEDRO
Pelo GRUPO CÉNICO DA COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
Encenação de RUI MATOS
BILHETES Á VENDA: Plateia 10$00 e 20$00
Balcão 2$50, 5$00, 7$50 e 10$00
Camarotes 20$00, 30$00 e 40$00
Frisas 50$00

BEATRIZ E HERMÍNIA NA «GRANDE NOITE DO FADO»

Todos os caminhos de Lisboa vão dar, na próxima terça-feira, ao Coliseu dos Recreios, á «Grande Noite do Fado», indiscutívelmente o mais popular espectáculo do ano.

O desfile artístico inicia-se ás 21 e 45, com a actuação de um magnífico «show» da Emissora Nacional: Antónia Tonicha e o conjunto de guitarras de António Luís Gomes, Sissi, o acordeonista Carlos Areias, Frank Minitta e o conjunto Típico Caboverdiano, «Os Três de Portugal» canções de Angola pelo Duo N'gola, Carlos Portugal, Lenita Gentil), Artur Garcia, Alice Amaro, o Trio Harmonia (campeão mundial de harmónica vocal), o locutor Manuel Aragão e a orquestra ligeira dirigida pelo maestro Tavares Belo.

A primeira parte do espectáculo será completada com a apresentação dos intérpretes amadores dos bairros de Arroios, Sassoeiros, Bica, Alfama, Poço do Bispo, Mouraria, Mem Martins, Rio Seco, Prior Velho, Bairro Alto, Casal Ventoso, Fonte Santa, Chelas, Olivais, Penha de França, Musgueira Sul, Charneca, Marvila, Musgueira Norte, Algés, Benfica, Picheleira, Anjos, S. Sebastião da Pedreira, Ajuda e Palma de Baixo.

Após um pequeno intervalo, desfilam as «estrelas» que gentilmente acederam a colaborar com esta iniciativa. Como convidadas de honra, dois grandes nomes da cena portuguesa — Beatriz Costa e Hermínia Silva — que serão publicamente distinguidas pela Casa da Imprensa. Depois, um «show» fabuloso: Aida Baptista, Ana Hortense, Dina Cardoso, Emília Reis, Fernanda Damaso, Helena Tavares, Lena Branco, Lina Santos, Mafalda Sofia, Manuela Terenas, Maria Alice Ferreira, Maria Armanda, Maria da Fé, Maria José Valério, Maria de Lurdes Resende (com acompanhamento especial de Jorge Machado), Rute, Saudade dos Santos, Vitória Maria, Abílio José, António Anjos, António Calvário, António Mourão, Artur Ribeiro, Carlos Coelho, Daniel Garcia, Fernando Farinha, Francisco José, Francisco Martinho, Gerard Sotto, José Manuel Osório, José Viana, Manuel de Almeida, Max, Moniz Trindade, Paulo Jorge, Tino Costa, Tristão da Silva Junior, Vítor Mendes, Xavier de Oliveira, e a equipa de «Zip-Zip», com Raul Solnado, Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Luís Andrade.

Além do Conjunto Sem Nome (com o actor Braga Santos) e do Conjunto Típico Francisco Gouveia, participam igualmente na «Grande Noite do Fado» os guitarristas José Maria Nóbrega, António Chainho, Jorge Camede e Fernando Alcobia e os apresentadores Gioconda Ferreira, Isabel Wolmar, a actriz Laura Soveral, Manuela Paulino, Maria Aurora, Maria José Baião, Maria Julia, Maria Luisa Pinho, Carlos Lacerda, Carvalho Ramos, Fernando Correia, Fernando Peres, Fernando Ruas, João Martins, João Paulo Guerra, Jorge Schnitzer, José Corte Real, Miguel Simões, Raul Durão, Rui Romano e Rui Castelar.

Saudade dos Santos volta a gravar a voz em disco. Desta vez é um 45 rotações para a «Estudio» que inclui «Isso a que chamam amor», «Lisboa é assim», «Foste ontem á minha rua» e «Fado fadista». Terça-feira, Saudade dos Santos cantará na «Grande Noite do Fado», no Coliseu dos Recreios.

Teatro infantil no bairro da Cruz Vermelha

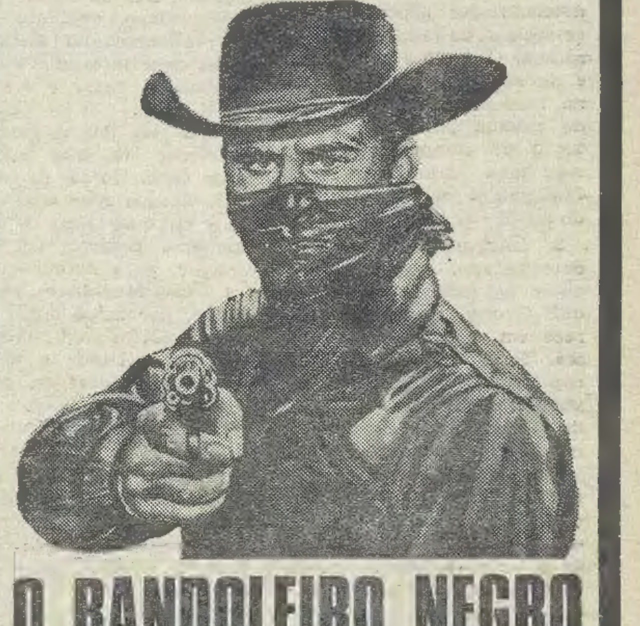
O Teatrinho Tico-Tico, conjunto dirigido por Rosa Mateus e que está a colaborar no programa cultural especialmente organizado pelo Município para as crianças dos bairros populares e da periferia da cidade, leva à cena, amanhã à tarde, com início às 15 e 30, no salão de festas do bairro da Cruz Vermelha, a peça infantil e musicada em 3 actos «Era uma vez uma princesinha».

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

GIL VICENTE — Cascais Telef. 280919
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA ÁS 22 HORAS
EUNICE NUÑOZ interpretando ARRABAL
com SANTOS MANUEL, FILIPE LA FÉRIA e CARLOS PAULO
Trad. ANTÓNIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação CARLOS AVILEZ
SUBS. FUNDO TEATRO—FUNDAÇÃO GULBENKIAN—ADULTOS

«A «Valsa de Outono», interpretada em dialecto catalão, lançou esta cançonetista (a jovem Mary Trini) para um invejável posto entre as figuras da actualidade na rádio espanhola

Negro era o seu "sombrero"
Negra era a sua máscara
Negras as suas intensões...



O BANDOLEIRO NEGRO
JACK LORD DON GALLOWAY MELODIE JOHNSON JAMES FARENTINO
Produção de HOWARD CHRISTIE — Realização de ALAN RAFKIN · um filme UNIVERSAL — distribuição SONORO FILME
HOJE às 21.30 ESTREIA no EUROPA
MAIORES DE 12 ANOS

2.ª SEMANA DE ÊXITO no MUNDIAL

Filmes Lusomundo

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO VOX

TÍTULO — «O Magnífico Intruso» («What's so bad about feeling Good?»).

REALIZAÇÃO — George Seaton, 1968 (E.U.A.).

INTÉRPRETES — George Peppard, Mary Tyler Moore, John McMartin, Don De Luise, Don Strond, etc.

1. «O Magnífico Intruso» integra-se naquilo que poderemos chamar a sátira política. Trata-se, portanto, de uma comédia onde são analisados, em jeito de parábola, determinados aspectos político-sociais da sociedade americana. O facto em si mesmo é de salientar e de aplaudir, na medida em que este tipo de cinema pressupõe a aceitação de compromisso tácito com uma ideia de mutação. Mutação é sempre proposta do autor (ou autores) da obra.

2. Integrado num género determinado, vejamos agora quais as propostas concretas que George Seaton nos oferece em «O Magnífico Intruso». Para tanto, analisemos rápidamente o esboço do argumento: em Nova York, cidade irada e violenta, centro nevrálgico da competição capitalista, surge um pássaro portador de um vírus especial que converte as pessoas a um estado de euforia latente que as faz serem amáveis e diferentes. O pânico apodera-se das autoridades e o Governo central envia um representante para restituir á cidade o seu cariz «normal» (isto é: irado, violento, competitivo). Monroe, o delegado presidencial, «descobre» logo que o pássaro constitui uma ameaça vinda de Cuba. A felicidade punha portanto em jogo as bases da sólida estrutura política e económica dos E. U. A. Haveria que encontrar rápidamente o antídoto, o que se vem a verificar com certo esforço e inegável persistência. Dissolvido na gasolina e no petróleo é ele enviado para o ar, contaminando deste modo os eufóricos habitantes de Nova York. As «virtudes» americanas regressam aos lares para completa normalidade da cidade e sossego dos governantes. Mas... algo ficou nalgumas pessoas e o pássaro enjaulado recobre a liberdade.

3. O esquema do argumento de «O Magnífico Intruso» é, pois, francamente positivo e de uma certa agudeza crítica em muitas das suas referências. Parece, portanto, que o essencial do filme de George Seaton traduz aspectos inequívocos de uma realidade. Atentemos agora nas alternativas propostas. Ressalta imediatamente que, para além da situação metafórica que o argumento ostenta, Seaton não tem qualquer tipo de alternativa a oferecer aos seus espectadores que não se fique por ideias tão vagas como «estado de euforia», «felicidade», etc., ou outras de um conformismo evidente (para se realizarem na «felicidade total» os novaiorquinos devem «trabalhar, casar e ter muitos filhos»).

Para lá do retrato que apresenta (e que consegue uma certa força de denuncia), Seaton não sabe o que quer ou quer algo de extremamente confuso. Ou talvez «mudar, para manter».

4. «O Magnífico Intruso» atinge, por outro lado, diversos aspectos da realidade americana. Desde a sátira a figuras populares da política ianque (o governador Lindsay, o senador Monroe, Wallace, etc.) até ás referências, por vezes infelizes, a grupos de intelectuais (certamente «provos», de que se desconhece totalmente o significado), Seaton atinge tudo e todos sem excepções, ignorando causas e consequências que não deveria ignorar. Metendo tudo no mesmo tacho, Seaton arriscou-se a uma «salada» incaracterística. O que acaba em certa medida por acontecer.

5. Leitor: se for ver «O Magnífico Intruso» fique até final. A primeira parte é quase desastrosa. Depois do intervalo a recuperação é evidente.

6. Entre os intérpretes, uma Mary Tyler Moore em destaque e um senador «admirável» (Don De Luize), para além de quase todos os secundários de excelente recorte.

7. Nos complementos: um «pica-pau» de qualidade: «Assalto ao Ouro».

LAURO ANTÓNIO

«The Tremeloes», o conjunto inglês que foi formado por Epstein (o saudoso inventor dos Beatles) encontra-se na Escandinávia, no início de uma digressão que o fará passar o Natal a actuar para as plateias da U. R. S. S.

CANÇÕES E DANÇAS DA PARIS NOCTURNA NO CASINO ESTORIL

Lantejoulas, plumas, jóias de fantasia, sedas e brocados, num desfile extasiante, são o enquadramento faustoso do novo «show» do Casino Estoril. Dele se encarregam as esculturais Doriss Dancers, com a desenvoltura própria de quem está habituado ao palco parisiense do «Moulin Rouge».

De acordo ou não com a linha tradicional da coreografia das Doriss, o certo é que elas criam a ambiência necessária para um melhor impacto da vedeta do «show» junto do público, pois Dany Danielle também nos chega de Paris, carregando nos seus frágeis ombros toda a responsabilidade de representar um tipo de cançoneta que há muito firmou os seus créditos entre os apreciadores de todo o Mundo. Como se desempenha Dany dessa tarefa?

Pois bem, convenhamos que satisfatóriamente. Tem uma presença agradável, um rosto atraente e um volume de voz que se casa perfeitamente com o tipo de cançonetas integradas no seu reportório. Cantou e agradou. Tanto basta para que seja positiva a resposta á pergunta formulada. Quem a vir e ouvir, pois vale a pena vê-la e ouvi-la, chegará por certo á mesma conclusão.

No cartaz do Casino figuram ainda os nomes de Mariska, em bem conseguidos exercícios de antipodismo, e de Maria da Fé, marcando a presença habitual da canção portuguesa.

O acompanhamento musical do espectáculo está a cargo da orquestra de Ferrer Trindade, que também actua durante os períodos de música para dançar, juntamente com «Os Rock's» e o conjunto de Bobby Campos.

Aos maiores de 21 anos, no acolhedor «Wonder-Bar», o Casino oferece, ainda, todas as noites a perturbante presença de Amyra.

OS 19 ANOS DO ABC CINECLUBE DE LISBOA

Os 19 anos do ABC Cineclube de Lisboa vão ser assinalados com uma série de colóquios e sessões sobre «A cultura portuguesa contemporânea», a realizar na Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico.

O programa inclui sucessivamente: no dia 20 uma mesa-redonda sobre pintura, com Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves e Joaquim Luciano (moderador); 22 e 27, duas sessões sobre poesia, a primeira orientada por Tossan, com a colaboração do nosso prezado camarada de redacção José Carlos de Vasconcelos e ainda de Adriano Correia de Oliveira e Carlos Paredes, e a segunda com o Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa; 24, mesa-redonda e colóquio sobre teatro, com Rogério Paulo, Luís de Sttau Monteiro, Orlando Neves, Luzia Maria Martins e Artur Ramos (moderador); 2 de Dezembro, mesa-redonda e colóquio sobre música, com Jorge Peixinho, Michel Giacometti, Mário Vieira Marques e António Marques de Almeida (moderador); e 4 de Dezembro, colóquio sobre literatura orientado pelo nosso prezado camarada de redacção Urbano Tavares Rodrigues.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

M/ 6 ANOS
VILA FRANCA DE XIRA
DOMINGO, 16 AS 15.30 H.
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS COM
PICADORES
A FAVOR DO HOSPITAL DA MISERICÓRDIA
ESPADAS OS FAMOSOS MATADORES
JOSÉ JÚLIO e MÁRIO COELHO
EM EMOCIONANTE «MANO-A-MANO»
6 PRECIOSOS TOIROS DE PINTO BARREIROS
PREÇOS DESDE 35$00
BILHETEIRAS: AGENCIA «ABEP», RESTAURADORES — LISBOA. E EM VILA FRANCA, NOS LOCAIS DO COSTUME.

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA-R. DO CARMO, 28
PORTO-R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTÓNIO, 35

abc
• UM FIM DE SEMANA BEM ALEGRE?
VEJA A REVISTA DAS MULTIDÕES
2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 h.
ENA, JÁ FALA!
DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS
UM ELENCO MARAVILHOSO
IVONE SILVA ★ RIBEIRINHO
NICOLAU BREYNER
ÓSCAR ACÚRSIO * CARLOS GONÇALVES * CARLOS QUEIRÓS * MARIA TAVARES * MARIA EVA * FERNANDA FRANCO * LINA SANTOS * JUANITA CORREIA
FERNANDA BAPTISTA

Luta Livre Americana
no Pavilhão dos Desportos
Amanhã, às 21.45 h.
SENSAÇÃO EM TODO O MUNDO DA LUTA LIVRE
REAPARIÇÃO DO MAIS FAMOSO LUTADOR PORTUGUÊS DE TODOS OS TEMPOS
JOSÉ LUÍS
(Tri-campeão mundial de pesos pesados)
defrontará o valoroso e sanguinário ALCON PERUANO, que acedeu a lutar se lhe fosse oferecida uma bolsa superior á que normalmente recebe.
EXTRAORDINÁRIO: UM COMBATE EXIGIDO PELO PÚBLICO PORTUGUÊS.
A dupla nacional DESCAMPS-JAIMERY contra os campeões mundiais «OS INTOCÁVEIS»
Nunca em Portugal se realizou um combate tão sensacional

DESCAMPS
E AINDA
CHAUSSON contra TOWY RIVER e GALARZA contra GALÃ
UMA SESSÃO DIGNA DO FAMOSO MADEM SQUARE GARDEN DE NOVA IORQUE
NÃO DEIXE AMANHÃ DE APLAUDIR FRENETICAMENTE OS LUTADORES PORTUGUESES EM DESPIQUE CONTRA AUTÊNTICOS COLOSSOS DOS RINGUES MUNDIAIS. — M/ 17 anos

ADULTOS
MARIA VITÓRIA
• ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS
• A COLOSSAL REVISTA
ESPERTEZA SALOIA
• Um espectáculo de gargalhada, com
• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • BARROSO LOPES • DORA LEAL
VITOR MENDES • DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA
A ATRACÇÃO NACIONAL
• HELLENA TAVARES
A ATRACÇÃO FILIPINA
• «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE E ALEGRE COMPANHIA!
DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

Salvador e José Viana «As Senhoras Vizinhas»

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
ADULTOS
HOJE e AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULOS
DOMINGO
«Matinée» as 16 horas
Noite, 21.45 h.
EM ÚLTIMOS DIAS
JO ALVARENGA, ARTUR SEMEDO
e
RAUL SOLNADO
em
AMOR ÀS RISCAS

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 22
Marcações: Tel 677299
HOJE, ás 22 h.
A Dança da Morte
de August Strindberg
direcção de Jorge Listopad
com Carmen Dolores, Álvaro Benamor e Augusto Figueiredo
(Maiores 17 anos)
Aos sábados «matinée» ás 16 h. seguida de colóquio
Subsidiado — Fundo de Teatro

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores 12 anos)
SÓ ATÉ DOMINGO
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
As maiores atracções
PALHAÇOS
AMANHÃ
À TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos
SEXTA-FEIRA, 21
NOVA COMPANHIA DE CIRCO

CAPITÓLIO
Telef. 320379
HOJE ás 21.45 h.
(M. 7 anos)
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de Bernardo Santareno
Realização de Rogério Paulo
Cenário de José Barbosa
Sábado e Domingo
Espectáculos ás 16 horas

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa à sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
FRANGO À MODA DE MONCHIQUE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

Ontem disse-vos que ia revelar o novo título da Torralta — é o Título de Ocupação — o Título de Ocupação reporta-se à utilização não permanente (mensal) dos apartamentos. No caso de o direito não ser usufruído a Torralta garante 8 a 12% no valor do título. Os Títulos de Ocupação por serem independentes das acções da Torralta, serão transmitidos para nome do comprador por escritura pública e registados na respectiva Conservatória do Registo Predial.———

Aos accionistas da Torralta que queiram comprar Títulos de Ocupação, Torralta aceita em pagamento as acções denominadas "Títulos de Férias". Escolha conforme as suas possibilidades e preferências, mas tenha sempre presente, comprando títulos, sejam de Férias ou de Ocupação, Torralta proporciona-lhe um rendimento sempre maior. Peça informações a Torralta-Club Internacional de Férias Lisboa — Av. Duque de Loulé, nº 66-A = Telefones = 51748 - 54479 - 555681 Lagos — Hotel Golfinho = Telefones = 302 - 481/2 Alvor = Telefones = 3128 - 3211 - 3252 — Portimão

app

Actualidade internacional

WASHINGTON: Nove mil soldados de prevenção

WASHINGTON, 14 — (R.) — O tremular das chamas de velas ao longo do trajecto da «Marcha Contra a Morte» simbolizava ás primeiras horas de hoje o espírito de protesto ardendo brilhantemente nas ruas da capital americana.

O desfile silencioso de manifestantes, em fila indiana, prosseguia sem interrupção desde o cemitério de Arlington, passando pela Casa Branca, até ao Capitólio durante as primeiras horas da manhã de hoje.

A marcha, que se espera dure 40 horas e é o primeiro acontecimento de três dias de protestos contra a guerra no Vietnam, começou ao cair da tarde de ontem e não terminará senão amanhã, de manhã.

Era um sintoma dramático do descontentamento de centenas de milhares de americanos, que se opõem á politica do presidente Nixon no Vietnam.

SOLENIDADE

A solenidade era a nota principal da denominada «Marcha Contra a Morte» e as primeiras fases do desfile decorreram sem quaisquer incidentes sérios.

Cerca de 9000 soldados encontram-se de prevenção na área de Washington prontos a intervir no caso de se registarem perturbações. A ameaça principal de violência surgirá provávelmente amanhã quando se espera que mais de 100 000 pessoas se juntem numa marcha de protesto, descendo a Pennsylvania Avenue.

Com a Casa Branca sob um severo dispositivo de segurança, o presidente Nixon partiu esta manhã de avião para Cape Kennedy para assistir ao lançamento da Apolo-12, mas deverá regressar a meio da tarde, planeando permanecer em Washington durante os protestos.

SERVIÇO FÚNEBRE

Polícias encontravam-se postados ao longo das avenidas amplas e ladeadas de árvores do centro da capital para orientar os manifestantes através dos cruzamentos.

A «Marcha Contra a Morte» e o desfile gigantesco de amanhã são patrocinados pela nova comissão de mobilização para acabar com a guerra no Vietnam.

Outros protestos planeados para hoje incluem um serviço fúnebre na catedral de Washington, a que assistirá a senhora Coretta Luther King, viuva do dirigente dos direitos civis assassinado.

A Comissão de Moratória do Vietnam, que organizou os seus protestos em mais um dia até todas as tropas americanas serem retiradas do Vietnam.

Estão, também, planeadas para hoje manifestações por vários grupos mais pequenos em frente do Departamento da Justiça.

Tribunal japonês assaltado por manifestantes

TÓQUIO, 14 — (R.) — Cinco manifestantes, de capacete de aço, assaltaram ás primeiras horas desta manhã, um tribunal distrital, perto desta cidade, no segundo dia de protestos dos esquerdistas contra a visita, na próxima segunda-feira do primeiro-ministro japonês, Eisaku Sato, a Washington.

Ninguém ficou ferido, mas os assaltantes partiram janelas e arremessaram bombas incendiárias contra a Policia, antes de serem presos

O incidente foi o primeiro de hoje a seguir á greve de ontem em todo o país — a maior na História do Japão — a a recontros nas ruas entre a policie e manifestantes em Tóquio e noutras partes do Japão

A Policia revelou que 325 pessoas foram ontem presas na capital e noutras cidades.

Em Tóquio ficaram feridas 29 pessoas quando manifestantes lançaram bombas incendiárias. Uma delas foi atirada para a entrada de uma estação do metropolitano, causando confusão entre os passageiros.

A Polícia de choque foi colocada em estado de prevenção durante 24 horas, em toda a capital, visto grupos de manifestantes afirmarem que desencadearão acções de guerrilhas em Tóquio para bloquear a partida do primeiro-ministro.

ALDEIA COM 4 MIL ANOS

DAMASCO, 14 — (R.) — Arqueólogos italianos descobriram uma aldeia datando do segundo milénio a.C. em Tel Mardish, no Norte da Síria, foi anunciado a noite passada nesta capital.

Segundo um informador do Directório-Geral de Antiguidades e Museus, o grupo de arqueólogos da Universidade de Roma encontrou várias casas no local, contendo objectos muito bem preservados.

Esses objectos incluiam utensílios datando da 12.ª dinastia egípcia e duas placas com inscrições cuneiformes, acrescentou o informador.

Resistentes palestinianos dominam campos de refugiados da ONU

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 14 — (R.) — Um informador das Nações Unidas admitiu que guerrilheiros árabes dominam alguns campos de refugiados palestinianos, administrados pela O.N.U.

Um relatório não oficial afirma que 14 dos 15 campos — cuidando de 86 000 refugiados palestinianos — se encontram em poder dos guerrilheiros e estão a ser utilizados como centros de treino militar.

A seguir á declaração da noite passada do informador da O.N.U., esperava-se para hoje um acalorado debate na Comissão Politica Especial da Assembleia Geral.

A comissão, de 126 países, discutirá um relatório sobre as operações da Agência de Auxilio e Obras da O.N.U. (U.N.R.W.A.), que cuida de 1 400 000 palestinianos. Aguarda-se, porém, que o debate passe rápidamente a focar a situação no Libano.

Um informador disse que o comissário-geral da U.N.R.W.A., Laurence Michelmore, fez já representações junto do Governo de Beirute. O secretário-geral U Thant está, também, a considerar que medidas deve tomar a O.N.U.

ANNABEL LEVENTON é uma das protagonistas da Revista «Hair», actualmente em exibição no teatro de Saint-Martin, em Paris. A interpretação de Annabel atingiu invulgar brilho durante a representação da célebre comédia musical, em Londres

RECOLHER OBRIGATÓRIO EM RAFIAH

GAZA, 14 — (F. P.) — Foi imposto em Rafiah o recolher total em consequência do aumento dos incidentes e actos de sabotagem na região.

O ministro da Guerra, Moshe Dayan, esteve de tarde em Rafiah e Gaza, onde verificou as medidas tomadas em consequência da vaga de atentados.

As forças de segurança israelitas prosseguem as suas investigações para encontrar os autores destes actos.

DESVALORIZAÇÃO DO CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO, 14 — (F. P.) — O cruzeiro foi desvalorizado, ontem, de 1,9 por cento. É a sétima vez que o Brasil desvaloriza a sua moeda este ano.

Um dólar americano vale agora 4,265 cruzeiros na compra e 4,29 na venda. Desde o princípio deste ano, o cruzeiro foi desvalorizado em 11.6 por cento.

BANCOS NACIONALIZADOS NA LÍBIA

CAIRO, 14 — (F. P.) — O conselho revolucionário da Líbia decretou a nacionalização de todos os bancos estrangeiros—anunciou a agência do Médio Oriente, numa notícia datada de Tripoli.

VIETNAM
LUTA AO LONGO DA ZONA DESMILITARIZADA

SAIGÃO, 14 — (R.) — Dois dias de violenta luta ao longo da zona desmilitarizada dividindo o Vietnam custaram aos americanos 16 mortos e 60 feridos e não, como foi anunciado esta manhã, 26 mortos e 70 feridos, segundo revelou hoje um informador miltar dos E. U. A.

Ontem foi comunicado que os americanos tinham sofrido 11 mortos e 38 feridos.

Hoje, poucos minutos depois dos numeros mais elevados serem divulgados, o comando americano anunciou a nova lista de baixas.

Ao mesmo tempo, as baixas do inimigo nos combates de ontem e anteontem foram indicadas como sendo de 67 mortos em vez de 108.

Os dois ultimos dias de luta na zona desmilitarizada terminaram uma pausa de várias semanas na guerra naquela área, embora fosse anunciado hoje registar-se calma.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINO
«QUELIMANE»	21 de Novembro	Directo A: Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala
«ROVUMA»	1 de Dezembro	Directo A: Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	9 de Dezembro	Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ANGOLA»	9 de Dezembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«NACALA»	17 de Dezembro	Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala
«S. TOMÉ»	17 de Dezembro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA — Rua do Comércio, 85 — Telef. 323021 — Reserva de Passagens: 34764 - 369172

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22438

FIRMAS CONSTRUTORAS DA BARRAGEM DE

CABORA-BASSA

MOÇAMBIQUE

PROCURAM

MÉDICO

COM EXPERIENCIA EM OBRAS SIMILARES

Enviar resposta com «curriculum vitae» para:

C. C. I. — Av. da Liberdade, 244, 6.°

Necrologia

D. Branca Mayer de Almeida Ferreira

SANTARÉM, 14 — Da igreja do Santíssimo Milagre para jazigo no cemitério dos Capuchos, realizou-se hoje o funeral da sr.ª D. Branca Mayer de Almeida Ferreira, de 88 anos.

A extinta, que pertencia a uma das melhores famílias da cidade, era tia da sr.ª D. Maria Isabel de Almeida Ferreira Peixoto da Silva e dos srs. general Manuel Ferreira Peixoto da Silva, Alfredo de Almeida Ferreira Peixoto da Silva e Jacinto Ferreira Durão da Silveira.

Coronel eng.° António Rodrigues dos Santos Pedroso

Para o talhão privativo dos Combatentes, no cemitério de S. Domingos de Rana, realizou-se esta tarde o funeral do sr. coronel eng.° António Rodrigues dos Santos Pedroso, de 75 anos, natural de Lisboa.

O extinto, que era presidente do conselho de administração da Cidla, era também coronel de Artilharia, reformado, tendo assentado praça em Agosto de 1916. Diplomado em Engenharia Civil, a sua actividade foi repartida entre funções militares e civis, em ambas tendo manifestado sempre invulgares qualidades de trabalho e inteligência.

Era viuvo da sr.ª D. Martha Mourão Pedroso e pai do sr. eng.° José Ernesto Mesquita Mourão Pedroso.

Alberto Alves Carneiro

PORTO, 14 — Foi hoje a sepultar, no cemitério do Prado do Repouso, o sr. Alberto Alves Carneiro, ontem falecido na sua residência, na Avenida Fernão de Magalhães, 148, com a idade de 74 anos.

O extinto era uma figura muito conhecida. Militante do Movimento Operário, mutualista e cooperativista, gozava de grande prestígio nos meios trabalhador e associativo. Fez parte de várias direcções de mutualidades e cooperativas e da Associação dos Jornalistas. Tomou parte em congressos operários e socialistas e, por duas vezes, representou os trabalhadores portugueses em reuniões da Organização Internacional do Trabalho, em Genebra. Sócio e representante, em Portugal, do Centro Nacional de Estudos Cooperativos do Brasil, exerceu, durante vários anos, as funções de colaborador no nosso colega «O Comércio do Porto». Deixa, aliás, colaboração dispersa em diversos diários e semanários.

Era casado com a sr.ª D. Maria Júlia de Araújo Carneiro, pai dos srs. Luís Alberto e Salvador Araújo Carneiro, e das sr.as D. Odete Araújo Carneiro Ribeiro de Carvalho e D. Branca Araújo Carneiro Silveira;

No funeral, que foi civil, incorporaram-se muitas dezenas de pessoas de todas as categorias sociais.

José Alves da Silva

Participação e Missa de 7.° dia

Maria do Espírito Santo Nunes Alves da Silva, Maria Domitila Alves da Silva Valente, seu marido, dr. António José Valente e filhos, dr. Amílcar Alves da Silva, sua mulher, Maria Tomázia da Matta Vaz Serra Alves da Silva e filhos, eng.° Jorge Manuel Alves da Silva, sua mulher, Maria Gabriela Moura Alves da Silva e filhos, José Aires Alves da Silva e demais família participam que no dia 9 do corrente faleceu o seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que amanhã dia 15 ás 10,30 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pela sua Alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MEGA

Estrada costeira Figueira da Foz-Aveiro?

FIGUEIRA DA FOZ, 14 — A povoação da Murtinheira, situada no norte do concelho, a pequena distância da populosa freguesia de Quiaios, a que pertence, dispõe apenas de um carreiro cavado na rocha, como comunicação para as localidades vizinhas. Os habitantes da Murtinheira depositam esperanças, no entanto, de que não tarde a tão falada estrada marginal da Figueira da Foz a Aveiro, através da serra da Boa Viagem. A rodovia, aliás, constituiria um grande beneficio para toda a região e um atractivo turístico.

qual é o seu índice de descontracção?

... Exactamente 9.0:1, ou seja, o mesmo da taxa de compressão que torna o Viva SL um campeão de segurança em plena velocidade.
Com travões de disco às rodas da frente, assistidos por servo-freio, os 69 cavalos de Viva SL desenvolvem performances iguais à sua actividade:
Veloz, por vezes divertida, sempre profissionalmente descontraída.
Vá ao seu concessionário Vauxhall e trave conhecimento com ele!

VAUXHALL VIVA SL

milhares de quilómetros de boa condução

GM MARK OF EXCELLENCE Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL com assistência técnica em todo o País.

DIÁRIO DE LISBOA 14 NOVEMBRO 1969

ECOS

«**CONTINUIDADE e renovação» é o lema da política do novo chanceler da Alemanha Federal, o social-democrata Willy Brandt.** Entende-se a continuidade, por exemplo, no sentido em que Brandt, que tem sobre si o olhar vigilante do sector agrário, declara que o seu país conservará uma responsabilidade nacional na orientação da política das estruturas agrícolas. A renovação diz òbviamente respeito à intensificação impressionante do comércio com a Alemanha Oriental e, de um modo geral, à melhoria de relações com os países comunistas. Aliás, Brandt declarou pùblicamente, como o **Express** regista: «Temos de provar que a Alemanha Federal deseja um bom entendimento com as democracias socialistas da Europa Oriental. Quanto às capitais do Ocidente, decerto não duvidam da nossa boa fé.»

★

NUM artigo extremamente subtil e original que dedica a Samuel Beckett e à sua obra no Nouvel Observateur, **Claude Roy considera que toda a obra do autor de «À Espera de Godot» é trabalho de precisão, de micromilímetro, uma espécie de super-relojoaria.** Quando as personagens de Beckett dizem seja o que for é um «seja o que for» tão coeso, tão inteiro que, a tirar-se-lhe uma palavra, deixa de existir. **Diz Claude Roy:** «Tudo o que **Beckett** escreve parece prosa, diálogo de teatro, um mastigar do nada — mas, na verdade, trata-se sempre de poemas. Tão bem maquinados, tão ritmados como um soneto de Gôngora ou uma ode de Píndaro.»

★

A republicação de «Lápidas Partidas» afirma a absoluta actualidade literária de Aquilino Ribeiro, mestre de quantos escritores em Portugal nos orgulhamos do amor à palavra, do conhecimento profundo da nossa língua, das virtualidades lexicais e sintácticas que ela oferece à tradução dos movimentos exteriores e interiores, à fixação do som, da luz, do traço e da cor, ao hino à vida plena, que foi sempre o objectivo último de Mestre Aquilino, quer nos seus afrescos, como «Casa Grande de Romarigães», quer em obras repassadas de experiência directa como «Via Sinuosa», com estas «Lápidas Partidas». Passam as modas, altera-se a perspectiva na ficção, buscam-se em boa hora novas técnicas de construção, ensaia-se uma escrita mais aderente ao fluxo delicado, túrbido dos fenómenos que definem sensibilidades e comportamentos. Em páginas tensas, pletóricas de alegria e coragem, de observação do real como as de «Lápidas Partidas» vibra o génio bem português de Aquilino, radicado no humus vermelho do povo. E, ao mesmo tempo, o romance oferece-nos toda a história dramática, pitoresca e heróica das lutas pèla implantação da República Democrática em Portugal.

Terminaram em Coimbra as provas para catedrático da Faculdade de Ciências

COIMBRA, 14 — Terminaram hoje, na sala grande dos actos, as provas para catedrático da Secção de Matemática da Faculdade de Ciências, de que eram candidatos os doutores Alberto Vaz Cunha Simões da Silva e António Ribeiro Gomes.

Presidiu o reitor, prof. António Jorge de Andrade Gouveia e constituíam o júri os profs. Veiga Oliveira, Tiago Ferreira e Manuel Pereira de Barros, da Faculdade de Ciências de Lisboa; Sarmento Beires, da Faculdade de Ciências do Porto, e todos os professores catedráticos da Faculdade de Ciências de Coimbra.

As provas constaram da apreciação e discussão do «curriculum vitae» dos candidatos. Foram arguentes os profs. Manuel dos Reis, Veiga de Oliveira e Manuel Pereira de Barros. No final, o júri reuniu e deliberou admitir os dois candidatos.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

DAMAS COMEÇOU A «ESTUDAR» (para guarda-redes) AOS 17 MESES MAS NÃO GANHA O QUE MERECE SEGUNDO A OPINIÃO DE SEU PAI

— Na minha família, todos praticamos desporto — diz-nos o sr. António Jesus Damas de Oliveira, pai de Damas, o famoso guarda-redes da selecção nacional e do Sporting que, com uma defesa extraordinária, garantiu a vitória dos «leões» no recente embate com o Benfica. *«Moramos há 48 anos na Estefânia: o povo daquela área sempre nos conheceu como futebolistas»*

António Damas de Oliveira fala no plural. E explica porquê:

— O meu irmão mais velho (que morreu na flor da vida) era o maior «craque» dos jogos que se faziam nas terras do Parque Eduardo VII. O meu outro irmão (o João) foi guarda-redes do União Estefânia. E eu, além de ter representado vários clubes do meu bairro, estive uma época no futebol oficial: em 1938, como avançado dos juniores do Cruz Quebrada.

— O seu clube preferido?

— Não. Aquele que me aceitou. Porque eu sou, desde que me conheço, «leão» e mais «leão»...

GINÁSTICA AOS 4 ANOS

Teve uma loja de barbearia na Avenida Rovisco Pais. Acabou com ela quando montou um estabelecimento do mesmo género na Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico.

— À noite trabalhava na Reuter. Comecei a ganhar decentemente e casei-me.

O primeiro filho do matrimónio chamava-se João, mas faleceu aos 17 meses. *«Esperamos que viesse depois uma menina. Afinal, nasceu o Miguel Damas».*

E acrescenta:

— Tem 23 anos e está em Luanda, no serviço militar. Foi avançado nos juniores do Sporting e tem jeito que nunca mais acaba...

Sorri quando fala do outro filho:

— Bem. Depois nasceu o Vitor. Vitor Manuel Afonso Damas de Oliveira, de seu nome completo. Tem 22 anos e pode ficar mal dizê-lo, mas é uma verdade: foi criado para guarda-redes.

Explica:

— Quando o Miguel tinha 4 anos (e o Vitor, portanto, menos um) a minha mulher deixava todo o serviço da casa e ia levá-los à ginástica, no Sporting. Estudaram na Escola Nuno Gonçalves. Como eles tinham muita habilidade para o futebol, inscrevi-os nas «escolas» do Sporting e levei-os para os campeonatos de futebol de salão.

UM CONTRATO IRREGULAR?

O Miguel e o Vítor apareceram nos «Neptunos», mantendo acesa rivalidade com «Os Didis» e «Os Pelés». Passaram para o «Estrelas de Alvalade» e ganharam o torneio organizado por «Os Combatentes». E com 15 anos Vítor Manuel estava contratado para os juniores do Sporting.

— Eu recebia dois contos de réis e o Vítor passou a ganhar 700 escudos por mês. Nessa mesma época os juniores Manuel Dias e Valter tinham custado ao clube 100 e 150 contos. Como vê sempre facilitei tudo ao Sporting. Podia ter feito exigências, mas preferi contemporizar. Fui nas promessas do sr. Mário Cunha (ele disse-me que, mais tarde, o Sporting fazia um contrato com o Damas á base do seu real valor) e o meu rapaz ficou de mãos a abanar...

— Arrependido?

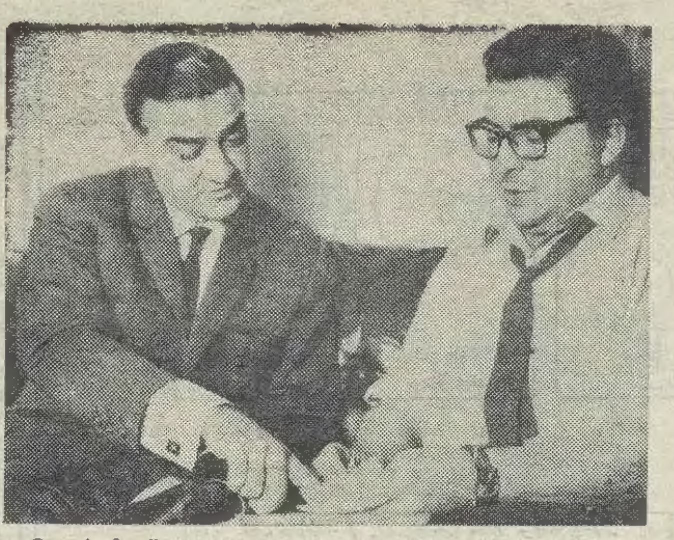
— Nessa altura, *ainda não.* Após uma pausa:

— O Miguel optou por outra profissão. Entrou para o Banco Português do Atlântico e, quando vier de Angola, lá tem o lugar garantido. O Vítor quis ser «mesmo» jogador. Mas quando tinha 17 anos, procedeu impensadamente (ele, que é um rapaz ponderado e com juízo). Assinou uns papéis que os directores do Sporting lhe meteram nas mãos e ficou «preso» por mais umas épocas.

Puxa de uma carteira cheia de documentos e mostra-os, um por um.

— Ora o contrato foi irregular, porque o Vítor era menor e o pai (eu) não fora autorizado (sequer) a ser atendido pela direcção do Sporting. Em Maio de 1966, dirigi-me à Federação Portuguesa de Futebol e procurei saber qual era «oficialmente» a situação do Vítor Manuel. Escrevi: «Sendo o meu filho de momento ainda menor, a unica autorização que concedi foi para ele jogar nos juniores do Sporting». Não me responderam. Melhor, disseram-me apenas: «O Sporting já tratou de tudo». Então, a 13 de Maio de 1966, dirigi-me ao Sporting e solicitei «uma audiência para trocar impressões ácerca do contrato que o meu filho assinara a 1 de Agosto de 1965, altura em que contava apenas 17 anos de idade e, por conseguinte, sem autoridade para tomar tal decisão quanto ao futuro sem o meu consentimento».

Eu sabia que a Federação, reunida a 27 de Outubro de 1965 (dia em que o Vítor Manuel já fizera 18 anos...) homologara o contrato. Mas, digam o que disserem, perante a lei geral do País esse contrato era irregular, porque um menor não pode assumir qualquer responsabilidade sem autorização do pai ou tutor. Eu, como sportinguista que sou desde miúdo, não colocaria qualquer entrave no assunto. Simplesmente, como pai de um menor, tinha de ter uma opinião na matéria. Ninguém a quis. E o que tem piada é que um qualquer adversário do Sporting poderia contestar a inscrição do Vítor Manuel, o que (por acaso) não sucedeu.



O pai de Damas mostra-nos vasta documentação sobre a carreira do jogador

«O SPORTING ESQUECEU-SE DE QUE EU SOU SPORTING»

Vítor Manuel (o Damas, claro) já casou e já é papá. A esposa (Doroteia) foi mãe de uma menina (a Maria Rita). Mas o seu contrato como jogador do Sporting está a expirar. Diz o pai:

— Ele já é maior e sabe o que pretende. Vive em minha casa e passamos muitas horas a conversar sobre o futuro: um prédio de rendimento, um estabelecimento de tabacaria na Praça do Chile, compras para a sua residência. Esperemos que o contrato termine, e logo se vê.

Num desabafo:

— O Benfica não procedeu assim com o Raul Águas. Nem o Belenenses, a respeito de um rapaz chamado Figueredo, que também era guarda-redes. Os pais foram consultados. E o Sporting não fez isso comigo e o Sporting esqueceu-se de que eu, como associado e apaixonado pelo clube, é que lá levei os meus filhos, desprezando mesmo propostas de muito dinheiro de outros clubes.

É evidente que deixei de ser associado, embora continue a ser «leão» («leão» do peito). Porém acho que o Vítor Manuel tem todo o direito de velar pelo futuro, agora que, no seu posto, não tem quem lhe faça frente. Se o Eusébio (com mais meia dúzia de anos) recebeu 4000 contos, o Vítor Manuel pode pensar também na sua verba. A paga que levei de me ter fiado na palavra do sr. Mário Cunha foi a que se viu. Espero que o Vítor Manuel, com esse exemplo, saiba como deve proceder. Agora que é chefe de família e já é pai, tem de olhar para amanhã.

«FIQUEI INCHADO...»

Fica-se, embevecido, a falar do sensacional guarda-redes do Sporting:

— Sempre levou a carreira dele a sério. Alimentação cuidada (ele é de má boca...) e vida regrada. Está na vida militar, levanta-se ás 6 e 30 da manhã e lá vai para o quartel e tem exercícios até á noite. Na semana em que defrontou o Benfica, nem chegou a treinar!

— A tal defesa...

Chegam-lhe assomos de lágrimas.

— Olhe que foi a maior ovação que eu já ouvi em campos de futebol. (Maior do que aquela que deram ao Azevedo, quando ele partiu a clavícula, contra o Benfica, no Campo Grande). Eu estava nos camarotes: fiquei inchado que nem cabia em todo

(Continua na 16.ª página)

A Amadora terá, em breve, um hospital-clínica

Foram iniciados os trabalhos de construção de um hospital-clínica que vai preencher uma lacuna da Amadora, zona populosa e de grande importancia.

A Clínica de Santo António — pois assim será denominado o novo estabelecimento hospitalar — prestará assistência em casos de medicina geral, cirurgia geral e obstetrícia, e irá dispor, também, de um serviço de urgência (banco) que funcionará permanentemente com serviços de Raios X e laboratório.

Constituindo o primeiro estabelecimento hospitalar do concelho de Oeiras é, também, a primeira clínica planeada, construida e equipada com a assistência técnica da Direcção-Geral dos Hospitais.

ADMINISTRADORES POR PARTE DO ESTADO

Foram reconduzidos nos cargos de administradores por parte do Estado, junto da Mozambique Gulf Oil C.ª, o capitão José Diogo Ferreira Martins, junto das concessionárias Suray Mozambique Oil C.ª, Skelly Mozambique Oil C.ª e Clark Mozambique Oil C.ª, o general Buceta Martins e dr. Guilherme de Ayala Monteiro.

O capitão-de-fragata Alfredo de Oliveira foi nomeado delegado do Governo junto da Soponata, Sociedade Nacional de Navios Tanques.

PRÉDIO A 8%
EM QUELUZ
Construção em cimento armado, composto de 6 pisos, hab. de 4 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall. Rendimento, 236.760$00.
Alugado. Preço, 3.000.000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5 — 328232/3 — 561756

MÁQUINAS LAVAR
SUPERAUTOMÁTICAS
C/ VÁRIOS PROGRAMAS DE LAVAGEM
4500$00
+ a sua velha máquina mesmo avariada
M. L. FERREIRA RUA DE D. ESTEFÂNIA, 48 (Junto ao Largo)

A PARTIR DO PRÓXIMO ANO

O cartão Sottomayor será um «novo dinheiro»

O objectivo é fazer substituir o cheque e, até, mesmo a própria moeda. Num futuro breve, as trocas comerciais, compras e fornecimentos passarão a processar-se com um novo sistema de pagamento: o cartão de crédito Sottomayor, ontem revelado numa reunião promovida no Hotel Ritz pela administração do Banco Pinto & Sotto-Mayor, a que assistiram directores e chefes de redacção de jornais diários e de outras publicações, dirigentes e representantes de todos os outros órgãos da Informação. A abrir a sessão, o sr. dr. Filipe Nobre Guedes, administrador do Banco enalteceu o valor da iniciativa e agradeceu a presença dos convidados, apresentando em seguida o sr. dr. Paulo Marques, da direcção daquela organização bancária, que prestou esclarecimentos acerca do empreendimento realizado pelo Sotto-Mayor em colaboração com o Bankamericard. O dr. Paulo Marques dirigiu o grupo de trabalho que em Portugal e nos Estados Unidos estudou e está a montar a complexa organização, e pormenorizou as vantagens do cartão de crédito Sottomayor e a sua projectada expansão.

A propósito, salientou que aquele cartão de crédito será aceite e poderá ser utilizado em cerca de 397 mil estabelecimentos comerciais em vários pontos do Mundo, nomeadamente toda a área dos Estados Unidos, Inglaterra, Itália, México, Canadá, Caraíbas, Japão e África do Sul, a que vão juntar-se, em breve, novos países cuja colaboração está a ser negociada. O viajante português passa, pois, a levar consigo um precioso auxiliar. O reverso deste aspecto internacional será, evidentemente, a utilização por parte de grande numero de turistas de cartões junto do comércio português, com inteira responsabilidade do Banco Pinto & Sotto-Mayor pelo pagamento das compras efectuadas. E o dr. Paulo Marques analisou as características do novo serviço que o tornam inédito no nosso País: «Até agora os cartões de crédito, entre nós, têm abrangido um sector muito restrito de utentes e um numero muito limitado de estabelecimentos, geralmente com características de luxo. Planeámos um cartão para um mercado muito maior, um cartão que seja efectivamente util para uma grande camada de população. O cartão SOTTOMAYOR pretende oferecer uma solução para todos.

Assim é, de facto: mediante a apresentação do cartão, compra o seu possuidor o que quiser num grande número de estabelecimentos comerciais.

O dr. Paulo Marques, director do Banco, entre os administradores do «Sottomayor», presta esclarecimentos sobre o cartão de crédito

Objectos e serviços estarão ao seu alcance: supermercados, garagens, hotéis, restaurantes, farmácias, etc., etc.

Prosseguindo: «Logo que o comerciante apresenta a factura no Banco é-lhe **imediatamente** creditada a sua conta. Por sua vez, o possuidor do cartão receberá, uma vez por mês, um extracto com a indicação e o montante total das suas compras. A partir desta data terá 25 dias para o respectivo pagamento. Tudo isto sem qualquer juro ou agravamento de preço.

Os detentores do cartão SOTTOMAYOR terão «plafonds» de crédito planeados nesta primeira fase, de 5, 10 e 50 contos. Depois, e colhidos os ensinamentos da experiência, pensamos criar um «plafond» de 2500$00. Instituímos um serviço para o grande público. Há dezenas e dezenas de milhares de pessoas na área de Lisboa, por exemplo, que virão a possuir o cartão Sottomayor».

Quem vai usar o cartão «Sottomayor»

Quem usará e vai revelar maior tendência para usar o cartão Sottomayor? Em princípio, o cartão de crédito destina-se, principalmente, á população de rendimento médio. Prevê-se, igualmente, o lançamento de cartões para casais. Assim, marido e mulher poderão cada um ter o seu cartão, obrigando, embora, a mesma conta e recebendo, portanto um único extracto por mês, o que não impede, evidentemente, que marido e mulher possuam contas separadas.

E o dr. Paulo Marques, prosseguindo a sua exposição, afirmou:

«Desejamos que se saiba que, baseados principalmente na experiência colhida na América, estamos preparando a montagem de um serviço altamente especializado para controlar uma operação desta natureza, que envolve como elemento indispensável a utilização de um computador.

E, como pioneiro deste tipo de crédito para um número de pessoas, que se espera seja considerável, tivemos que ponderar a situação real resultante do estudo do mercado português e a relutância verificada na adopção de processos financeiros modernos. Em suma, o problema da mentalização e introdução de novos hábitos. Além deste aspecto, tivemos em consideração o grande desequilíbrio dentro do País do volume de vendas no comércio verificado entre a Província e os centros urbanos, nomeadamente Lisboa e Porto.»

Na segunda fase, será lançada a operação no Porto e na área turística do Algarve a que se seguirá o resto da Metrópole. Finalmente, o Ultramar, que oferece um interesse especial, pelo menos entre Moçambique e a África do Sul, considerando ainda a existência de um sistema afiliado na África do Sul: o Barclays Kaart. Como é evidente o âmbito desta expansão está fundamentalmente condicionado ao problema das telecomunicações. Efectivamente o seu êxito reside no perfeito e rápido «contrôle» e fiscalização do sistema.

O Banco Pinto & Sotto-Maior lança, assim, um cartão de crédito para o grande público, oferecendo-lhe grandes vantagens: beneficiar de crédito sem qualquer encargo, até dois meses; facilidade nas suas compras — quase não precisará trazer dinheiro consigo; «contrôle» orçamental — em vez de muitas facturas, uma única conta, o que facilitará a contabilidade doméstica.

O cartão pode considerar-se, assim, um atestado público de crédito, que ofe-

(Continua na 13.ª página)

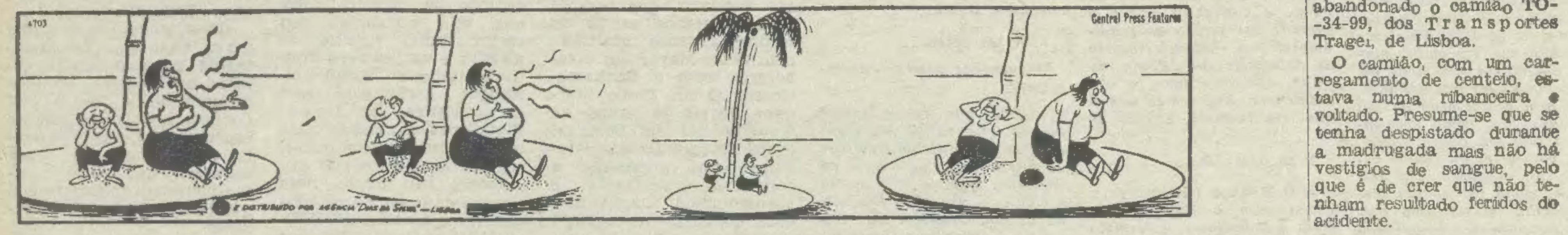
Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Novembro de 1939 publicava:

«ALICANTE — Vão concentrar-se em Alicante 50 mil falangistas, para assistirem ás cerimónias da transladação dos restos mortais do fundador da Falange Espanhola, José António Primo de Rivera. O «Ayuntamiento» convidou a população a facilitar o alojamento daqueles 50 000 falangistas, brigadas de operários levantam arcos e tribunas nas ruas, por onde passará o féretro. Na Praça Calvo Sotelo, está a ser levantada uma monumental cruz.»

Camião abandonado (após despiste) perto de Castro Daire

CASTRO DAIRE, 14—Na estrada de Castro Daire para Viseu, a cerca de 10 quilómetros desta vila e perto da povoação de Arcas, foi ontem encontrado abandonado o camião TO-34-99, dos Transportes Tragei, de Lisboa.

O camião, com um carregamento de centeio, estava numa ribanceira e voltado. Presume-se que se tenha despistado durante a madrugada mas não há vestígios de sangue, pelo que é de crer que não tenham resultado feridos do acidente.

Palavras cruzadas

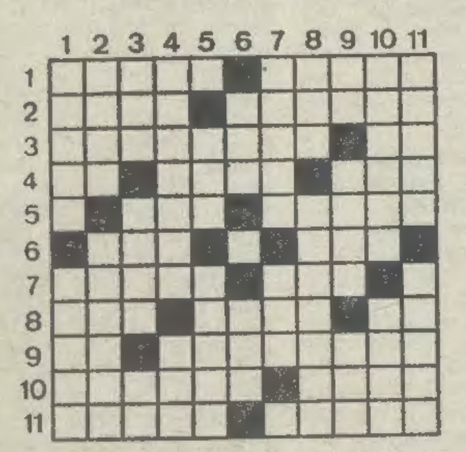
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5358

HORIZONTAIS: 1 — Aguça. Ponham a data em. 2 — Gize. Coso de novo. 3 — Proclamara Francia (s. q.). 4 — Em partes iguais. Tosta. Título do soberano do Tunísia. 5 — Com. de Itália (Piemonte). Dou marradas. 6 — Progenitor. Mediana. 7 — Arquejas. Pronome possessivo. 8 — Negativa. Creme (inv.º). O mais. 9 — Segundo. Cana com três velas, símbolo da Trindade, com uma das quais acende o círio pascal no Sábado Santo. 10 — Manhosa. Numeral. 11 — Guarnecera de asas. Dança popular portuguesa, em especial no Alto Alentejo.

VERTICAIS: 1 — Arpoar. Tinge de anil. 2 — Exteriormente. Margens. 3 — Caminha. Deus do Vinho. Oferece. 4 — Transmitiria por testamento. Oásis. 5 — Sufixo que designa abundância. Pessoa impertinente, pegadiça (fig.). 6 — Chefe etíope. Pronome possessivo. 7 — Ofereceram. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 8 — Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibete. Fruto da amendoeira. 9 — Porco. Nome de peixe. Terceiro. 10 — Classe. Freguesia do concelho de Espinho. 11 — Nome de homem. Líquidos gordurosos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5357

HORIZONTAIS: 1 — Caçar. Forsa. 2 — OLHO. Fiel. 3 — Amaro. Corri. 4 — Ra. Orçar. VÊ. 5 — Ages. Afim. 6 — Rã. Ir. 7 — Te. AA. Pu. Aã. 8 — Arruais. 9 — Amuei. Iludo. 10 — Iara. Haia. 11 — Soara. Mamar.
VERTICAIS: 1 — Coara. Trais. 2 — Almagre. MÃO. 3 — Chá. Ea. Aura. 4 — Aaros. Arear. 5 — Or. Bari. 6 — Cu. 7 — Cá. Ruai. 8 — Afora. PILHA. 9 — Rir. Ri. Suam. 10 — Servira. Dia. 11 — Aliem. Atoar.

Provérbio: OLHO VÊ, MÃO PILHA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9201

HORIZONTAIS: 1 — Arma indiana. Acomete. 2 — Corisco. Levantam as abas de. 3 — Pega. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Genro de Maomé. 4 — Oferecerás. Capim (rasteiro). 5 — Rezara. Praia. 7 — De preços elevados. Naco. 8 — Interjeição que designa satisfação ou admiração. Guarnecera de asas. 9 — Conjunção. Pronome possessivo. Troçar. 10 — Qualquer apêndice locomotor. Cidade da Galileia. 11 — Fundador do Islamismo. Nome de jogo.

VERTICAIS: 1 — Utensílio para lavrar a terra. Consumam. 2 — Roçar. Içara. 3 — Bando de animais. Pista. 4 — Preposição e artigo definido. Paixão. Grande ribeira da Ásia Russa. 5 — Membro de ave. Preposição. 6 — Abreviatura que se usa em música. Pertences. 7 — Pedra de altar. Cidade de França. 8 — Basta. Retiros. Aqui. 9 — Saúda. Curam. 10 — Careca. Gorjeio. 11 — Plantio de amieiros. Irmão de Moisés.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9200

HORIZONTAIS: 1 — Traça. Aura. 2 — Acalmaram. 3 — It. Árida. Si. 4 — Res. Psi. Ata. 5 — Amélia. Atol. 6 — Arar. Anis. 7 — Ri. Erin. 8 — Não. Air. Oiá. 9 — IV. Aérea. AC. 10 — Distrado. 11 — Asse. Sara.

VERTICAIS: 1 — Mira. Unida. 2 — Tema. Avis. 3 — Rã. Serra. SS. 4 — Aca. Lail. Até. 5 — Carpir. Aer. 6 — Alisa. Eiras. 7 — MDI. Arreio. 8 — AAA. ANI. Adi. 9 — Ur. Atino. Ar. 10 — Rastos. Ia. 11 — Amial. Baco.

Avolumam-se as suspeitas sobre o desertor do Exército dado como autor do crime do Porto

PORTO, 14 — As investigações relacionadas com a morte do comerciante sr. Joaquim Martins, proprietário da confeitaria Porto-Estádio, da Rua da Vigorosa, bárbaramente assassinado no seu estabelecimento, na passada terça-feira, á noite, encontram-se em «ponto-morto». Isto pelo facto de os agentes estarem profundamente convencidos de que o autor do crime não é outro senão o indivíduo já identificado — Delfim Quintas dos Santos, de 22 anos, que prestava serviço militar no Regimento de Infantaria n.º 13, em Vila Real e que se encontra na situação de desertor.

As fotografias ontem chegadas, ao fim da tarde, á subdirectoria da Polícia Judiciária e que foram mostradas ao guarda-nocturno sr. António Carlos Junior, parecem condizer com o indivíduo que por aquele foi visto. Porém, a Judiciária não se pronunciou sobre tal ponto, mas é de crer que o guarda-nocturno o tenha reconhecido. Há, ainda, o facto de as impressões digitais confirmarem as suspeitas.

Foi o Delfim dos Santos o autor de dois assaltos á Adega do Campino, em Espinho. No primeiro levou 1500$00 e, no segundo, um cofre portátil com 10 000$ e moedas de vários países, precisamente algumas das que se encontravam na saca que deixou abandonada na confeitaria Porto-Estádio.

É de presumir que tenha praticado outros «golpes» e pensa-se, agora, que seja também o autor do crime de fogo posto, ocorrido na Garagem Sousa, situada a poucos metros do estabelecimento assaltado.

Palestra de Filipe Nogueira no Clube dos Publicitários

No âmbito do seu ciclo de conferências periódicas, realizou-se, ontem, á noite, no Clube Português dos Publicitários, uma simpática reunião para associados, em que foi orador Joaquim Filipe Nogueira.

Perante uma sala replecta, o «volante»-jornalista falou de automobilismo nos seus aspectos desportivo e comum, comentando, também, os dois filmes (Retrospectiva de «Grand Prix» e «Indianapolis 1969») que se integravam no programa.

Domingo: o passeio dos publicitários

Os sócios do Clube Português dos Publicitários, que ainda não o fizeram, poderão inscrever-se, até ás 22 horas de hoje, no passeio turístico que o clube organiza, e que se identifica pelo nome já tão popular de «RAL E CASTANHA».

Prisão maior (e expulsão do Exército) para um desertor

Um desertor do R. A. L. 1, actualmente preso na Casa de Reclusão do G. M. L., viu a sua pena fixada definitivamente pelo Supremo Tribunal Militar em 14 anos de prisão maior e dois anos de multa á razão de 30$00 diários (convertida desde logo também em prisão para a hipótese de não ser paga). Declarado «delinquente habitual», Julio Correia da Silva, solteiro, de 27 anos de idade e serralheiro antes de assentar praça, ficará sujeito a medidas de segurança pelo período de seis meses a três anos. A prisão maior obriga á sua expulsão do Exército e consequente entrega aos Serviços Prisionais.

Julio Silva fora julgado pelo 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa em 25 de Julho último, sob várias acusações. Assim ainda recruta, arrombou uma residência da capital, de onde furtou objectos no valor de 33 contos e tentou apoderar-se dum automóvel cujo dono frustrou os seus intentos ao surgir acompanhado de um agente da P. S. P.

Mais tarde já na situação de desertor (por evasão do R. A. L. 1) Julio Silva juntou-se a outros indivíduos para, entre vários «golpes», furtar 16 automóveis e arrombar e roubar 15 estabelecimentos comerciais e duas casas particulares. Total dos furtos e danos causados: mais de mil contos.

A pena imposta pelo 1.º T. M. T., de que o promotor de justiça recorreu obrigatóriamente, era de 14 anos de prisão maior, acrescida das multas correspondentes aos vários crimes parciais. Agora o Supremo Tribunal Militar veio alterar a qualificação jurídica de alguns desses crimes, declarando «sóbrio e suficiente» na matéria de facto o tribunal de instância, que tinha aceitado a diminuição da imputabilidade do réu por exame psiquiátrico a que fora oportunamente sujeito.

Atropelamento mortal

O canalizador sr. António Augusto Rodrigues, de 53 anos, natural de Estarreja e residente na Rua de São Bento, 602, foi atropelado esta manhã na Estrada de Benfica.

Conduzido ao Hospital de São José, chegou ali já morto, pelo que o cadáver foi removido para a morgue.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	538$	537$	540$
Consolidado 3 1/2%	630$	—	632$
Centenários 4%	—	500$	—
Obrigs. Tesouro 5%	.000$	—	.000$
Externo Série	—	710$	750$
Externo Série c.	—	—	840$
Externo 3 Série	—	755$	—
Externo 3.ª Série c.	—	—	880$
Cautelas 3.ª Série	06$	50$	60$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P I 5% 56	—	940$	—
A P I 5% 58	—	940$	—
C P 4 1/2% 65	900$	895$	—
C P 5 1/2% 67	—	995$	—
C U F 6%	—	995$	998$
C U F 6% 68	—	1.005$	1.010$
Gás Elect 4% 48	—	750$	780$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	750$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	910$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.015$	—
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	820$	830$
H E Cávado 6%	—	.015$	—
H E Douro 5%	815$	815$	—
H E Douro 6%	—	—	020$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	.002$	.005$
H E Zêzere 5% 55	—	—	835$
H E Zêzere 5% 57	—	—	835$
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	905$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	840$	—
Nitratos 5%	—	785$	810$
Nitratos 5% 60	—	780$	—
Petroquímica 5%	—	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	940$
Sacor 5% 60	—	—	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	830$
Sonete 5%	845$	840$	850$
T A P 4%	—	—	960$
Termoelect Port 5%	815$	812$	815$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	82$	—	82$
U E P 5% 60	—	—	825$
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.330$	2.250$	2.290$
Alentejo	1.130$	1.125$	1.135$
Angola	3.350$	3.300$	3.350$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	4.970$	4.970$	4.980$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	20.000$	—
L & Açores p	—	—	7.100$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.770$	6.750$	6.780$
Portugal n	—	3.200$	3.300$
Portugal p	4.400$	—	—
Totta Aliança	6.250$	—	6.300$
Ultramarino n.	3.100$	—	3.160$
Ultramarino p	3.410$	3.400$	3.430$
Seguros			
Alentejo	80$	79$	—
Douro	—	1.400$	—
Mundial	925$	925$	—
Sagres	1.900$	1.750$	1.900$
Tranquilidade	—	50.000$	—
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	920$	910$	930$
Ag Cassequel	886$	885$	890$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	400$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	88$5	88$5	89$
Cabinda	250$	248$	250$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.060$	2.050$	2.070$
H E Revue	670$	665$	680$
In. do Príncipe	—	850$	900$
Moçambique	89$	88$	90$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	440$	437$	440$
Zambézia	89$	88$	90$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7.950$	7.920$	8.000$
Cim Leiria	—	—	5.200$
Cim Tejo	—	—	—
C Navegação	1.555$	1.545$	1.560$
C U F	1.540$	1.540$	—
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	4.000$
Petroquímica	2.285$	2.250$	2.290$
Port e Colónias	—	—	530$
Port Celulose	4.950$	4.930$	4.970$
Port Pesca	—	—	300$
Port Tabacos	805$	804$	805$
Sacor	4.800$	4.700$	—
Siderurgia Nac	1.750$	1.745$	—
Socel	3.310$	3.300$	3.330$
Tabacos de Portugal	1.600$	1.585$	1.600$
Tabaqueira	8.300$	8.250$	8.400$
U F Azoto	920$	915$	925$
Aguas Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	430$	—
Aguas Lisboa 34	—	—	440$
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	650$	640$	650$
Gás Electr	425$	424$5	425$
H E Alto Alentejo	56$	55$5	56$5
H E Cávado	240$	235$	242$
H E Douro	242$	24 $	242$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	1.700$	650$	750$
H E Zêzere	1.245$	245$	—
Nac Electricidade	—	250$	—
Termoeléctr Port	250$	245$	249$
U E P	94$5	93$5	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	204$4	2 0$5
F D E S	—	126$3	130$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	7/11/69	13/11/69	14/11/69
GERAL	145,2	148,7	148,7
METRÓPOL.	140,3	144,0	143,5
ULTRAM.	181,3	183,4	186,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 a 2 ...		
— Rands de 5 a 20...	37$00	39$00
América		
— Dollars de 1 a 2 ...	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 100	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$40	26$90
Alemanha — Marco	7$65	7$95
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$90	8$20
Inglaterra — Libra	68$50	70$50
Itália — Lira	$04,45	$04.07
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$80	5$20
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$70	5$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra isabel	300$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	35$80	37$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras — Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 — Tel. 321273

«NOVO DINHEIRO»

(Continuação da pag. central)

rece ainda a possibilidade de viajar no estrangeiro, sem preocupações de dinheiro, uma vez que com o cartão Sottomayor é portador de crédito.

O comércio também beneficiará com a iniciativa pelo aumento de clientela. Com efeito, o possuidor do cartão escolherá o estabelecimento integrado na campanha do cartão Sottomayor. Beneficiará também da concessão de crédito — o problema da grande loja perante a pequena é que aquela não pode abrir crédito. Através do novo sistema, isso será possível. Conseguirá pagamento imediato perante a apresentação das facturas na sede ou nas agências do Banco Pinto & Sotto-Mayor. Os estabelecimentos não correm riscos, que pertencerão, exclusivamente ao Banco. Em resumo: o Banco Pinto & Sotto Mayor, através da Publicidade e da Promoção de vendas vai tornar habitual no mercado português um novo instrumento de trocas — um novo dinheiro.

Seguiu-se animado colóquio. Os drs. Paulo Marques e Filipe Nobre Guedes, responderam ás perguntas formuladas pelos representantes dos órgãos de Informação. Seguiu-se um almoço em que todos participaram.

CONFRATERNIZAÇÃO DA COMPANHIA 322

Como já noticiámos, realiza-se depois de amanhã, um encontro de confraternização da Companhia de Caçadores 322 e dos Batalhões 156, 248 e 321.

As inscrições podem ser feitas para o dr. Gannão Pereira, pelo telefone 774677.

ANDARES

JUNTO 2.ª CIRCULAR

Estrada do Calhariz de Benfica, Lote 13

Em prédio de construção cimento armado, bons acabamentos, hab. de 3 e 4 div. soalhadas, cozinha, 1 e 2 casas de banho, despensa, marquise e hall

Preços, 320 — 330 — 450 e 460 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5 — 328232/3 — 561756

Ao comércio de relojoaria e em especial aos Snrs. relojoeiros reparadores

A fábrica GEBRUDER JUNGHANS GMBH. realiza no dia 18 do corrente na sala de cinema da Feira das Indústrias (F. I. L.) pelas 21.30 horas uma exibição de diapositivos acompanhado de descrições sobre construção, funcionamento e reparação dos

RELÓGIOS ELECTRÓNICOS JUNGHANS

e convida todos aqueles que desejarem assistir a tão útil sessão, a requisitarem os seus lugares — que são gratuitos — na Rua da Prata, 133-3.º-Dt.º, ou pelo telefone 324210.

JOSÉ ALVES DA SILVA

Participação e Missa do 7.º dia

Vasco Marques & Alves da Silva Lda., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio e pai do Eng.º Jorge Manuel Alves da Silva e que se realiza amanhã, dia 15, às 10 e 30, na Igreja de S. João de Deus, missa pelo seu Eterno Descanso.

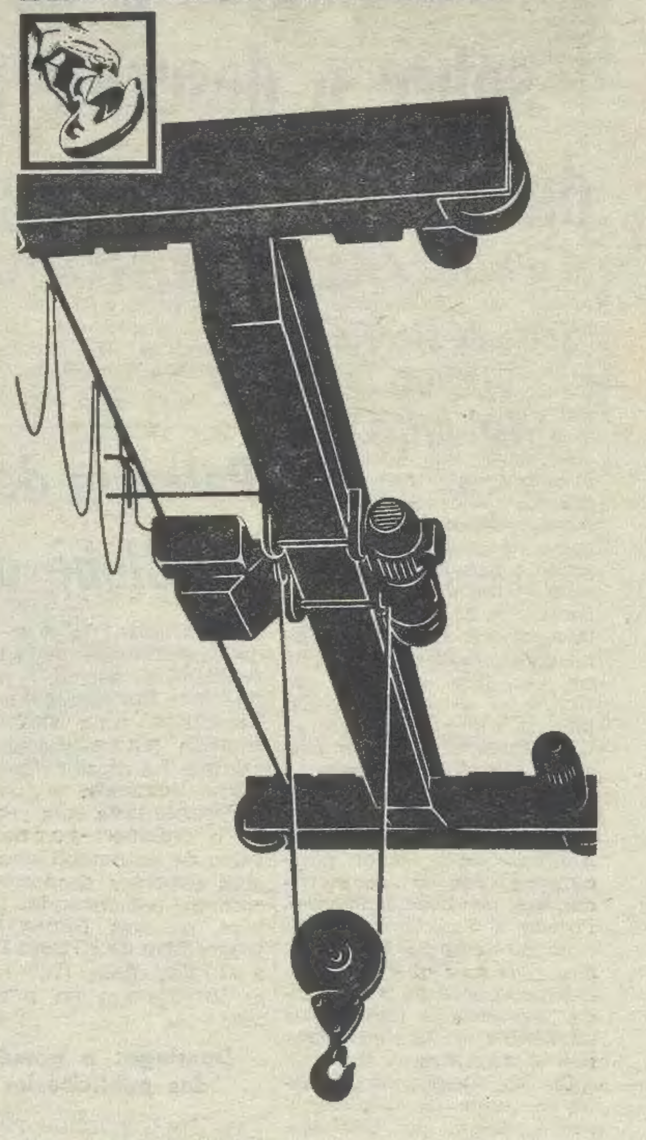
televisores ZANUSSI

Imagem nitida e luminosa, elegância, sobriedade, perfeição de acabamentos, sintonizador transistorizado e todas as mais recentes inovações da técnica. A melhor publicidade dos televisores ZANUSSI tem sido feita pelos compradores destes aparelhos: não quererá beneficiar dessa vantagem que ZANUSSI oferece?
ZANUSSI UMA GARANTIA QUE VALE

LINHA COMPLETA DE MODELOS COM UHF 6 A 23 POLEGADAS EM VERSÕES "STANDARD" OU DE LUXO.
ZANUSSI — máq. de lavar, televisores, frigoríficos, fogões, equipamento industrial, e máquinas de lavar loiça.
DIST. GERAIS J. J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L.
LISBOA · PORTO · AG. EM TODO O PAÍS.

68·TVZ·01

DEMAG EQUIPA TODA A INDUSTRIA



Pontes rolantes fabricadas em cadeia...

As pontes rolantes Standard são fabricadas em série, nos tipos monoviga e biviga, pelo sistema de combinação de peças normalizadas.
Para vãos até 28 m e capacidades de carga de 250 kg a 20.000 kg permitem a adaptação às vossas condições de trabalho.
Reduzido peso próprio, pequena altura de construção, prazos de entrega rápidos, preços excepcionalmente baixos, eis as vantagens das pontes rolantes standard «Demag»:
Consulte-nos e os nossos engenheiros efectuarão o estudo do seu problema gratuitamente.
Assistência exemplar - O vosso sucesso será também o nosso.

ROMAR — UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDUSTRIA
SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.
LISBOA — TRAVESSA DA GALÉ, Nº 9. TEL. 635670 / 634061
PORTO — R. DE SA DABANDEIRA, Nº 589/603. TEL. 25871/32205

GRANDE CAMPANHA DE DIVULGAÇÃO HI-FI STEREO

1 CONJUNTO de alta fidelidade composto de: 2 COLUNAS SONORAS 1 GIRA DISCOS 1 AMPLIFICADOR + 1 LOTE DE DISCOS estereofónicos

EM PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 210$90

SEM FIADOR ENTRADA INICIAL

2 LOJAS
54-RUA DA VITÓRIA, 56 T. 35613
17-RUA DOS FANQUEIROS. T. 35614

Vapedrone

CAMINHOS DE FERRO

Horários dos comboios na Zona Sul

Comunica-nos a C. F. que a partir de 20 de Novembro de 1969 são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

- Linha do Sul — (Circulações ascendentes e descendentes)
- Linha de Évora e Ramais de Reguengos e Mora
- Ramais de Montijo — Montemor — Aljustrel e Moura
- *Linhas de Vendas Novas e Ramal de Portalegre
- Via Fluvial e Tranvias — Lisboa — Barreiro — Praias Sado — Seixal — Lisboa
- Linha do Sado e Ramal de Sines.

O pormenor destas alterações consta dos CARTAZES HORARIOS afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público, das estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

Humberto de Mergulhão

MISSA DO 30.° DIA

Sua mulher, filha, pai, irmão, genro, netas, cunhados e mais família participam que, amanhã, ás 11 e 30, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada missa do 30.° dia, pelo seu eterno descanso.

Agradecendo desde já a quantos se dignarem assistir a tão piedoso acto.

P. N. A. M.

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legitimas estação de serviço e oficinas

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Lançamento da Apolo-12

A Lua é hoje, de novo, destino para uma viagem do Homem. Alan Bean, Richard Gordon e Charles Conrad partem hoje na nave Apolo-12 e a TV traz até nós imagens do lançamento e da viagem. Em transmissão directa, quando possível, ou em gravação, a RTP transmite mais esta aventura do nosso tempo.

Hoje, pelas 17 horas, em transmissão directa, temos o lançamento da Apolo-12, em Cabo Kennedy.

II PROGRAMA

Noite de cinema: «DOIDO COM JUÍZO»

Cerca das 22 horas é apresentada a rubrica Noite de Cinema, preenchida com o filme de longa metragem «Doido com Juizo» («Mr. Deeds Goes to Town»), um dos grandes êxitos do realizador Frank Capra, com Gary Cooper e Jean Arthur.

LANTERNA MÁGICA

Os telespectadores de palmo e meio têm hoje mais uma emissão de «Lanterna Mágica», rubrica de desenhos animados com os divertidos Timóteo, o cão xerife, Pepe Legal e Babalu, etc. «Lanterna Mágica» está «no ar» pelas 19 e 45.

A BRIGADA ESPECIAL: HOMICÍDIO PREMEDITADO

«Billy Kilgore, um «ás» dos «rodeos», tem um programa na TV e resolve ir actuar uns dias, graciosamente, num pequeno «rodeo» que pertence ao primeiro homem que o ajudou, Charlie Tyson. Mas a vida de Billy corre perigo, pois várias vezes, tentam matá-lo. Pete, Line e Julie, agentes da Brigada Especial, são encarregados de descobrir quem pretende a sua morte. Diferentes pessoas podem desejar o seu desaparecimento, incluindo o próprio Tyson, a quem Billy, em tempos, cortejara a mulher...»

É esta a história do filme da série «A Brigada Especial» a exibir cerca das 22 e 35, com Michael Cole, Clarence Willian III, Peggy Lilton e Tige Andrews.

CASEI COM UMA FEITICEIRA: «CHEGOU O BEBÉ»

Elisabeth Montgomery, Dick York, Agnes Moorehead, Eve Arden e Gene Blakely, são os intérpretes que contracenam no episódio de hoje da série «Casei com uma feiticeira», com o título (sugestivo) «Chegou o bebé».

«Samantha vai ser mãe e Darrin leva-a para a maternidade, onde aparece Endora que começa a fazer das suas partidas. Nasce uma linda menina...»

CARTAZ TV

Jorge Alves apresenta, com as suas habituais boa vontade e boa disposição um resumo dos programas que, ao longo da próxima semana, desfilarão pelo pequeno «écran».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 17: Eurovisão (Transmissão directa de Cabo Kennedy do lançamento do Apollo 12); 17 e 45: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos Animados; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Parada da Industria; 20 e 55: Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Concerto, pelos Solistas de Veneza; 22 e 35: «A Brigada Especial»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 45: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 15: Abertura; 15 e 01: Telejornal; 15 e 10: Nós, as Mulheres; 15 e 30: Momento de Decoração; 16: TV Infantil; 16 e 25: TV Educativa; 16 e 50: Movimento e Saude; 17: Estudio sem Marcação; 17 e 45: Teledesporto; 18 e 30: Enciclopédia; 19: Eurovisão — Apollo 12; 19 e 10: Projecto Apollo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Os Vigilantes da Floresta»; 20 e 15: ...E a Vida Continua...; 20 e 25: O Mundo Submarino de Jacques Cousteau»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: «Estudio C»; 22 e 55: «Os Invasores»; 23 e 55: Marcha do Mundo; 0 e 05: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Tele-Ritmo; 23 e 29: Fecho.

TUDOR pilhas para iluminação

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Orquestra Típica do Coral Albicastrense; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Portugal nos Trópicos, por Mário Príncipe; 18 e 40: No mundo da canção; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio musical — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Resumo do Programa — Melodias por Orquestras — Apontamentos de reportagem da viagem da «Apolo 12»; 20 e 45: 2.° Episódio do Folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21 e 05: Jornal de Actualidades — Apontamento de reportagem da viagem da «Apolo 12»; 21 e 35: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 10: O Homem e a Sociedade, por António João Bispo;; 22 e 35: Fados, por Adelaide Faria e Julio Vieitas; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do mundo — Musica da Tailandia e de Ceilão; 16 e 17: Musica de piano; 16 e 35: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de câmara; 17 e 53: Musica coral; 18: Musica portuguesa — 2.° acto da ópera «La Spinalba»; 18 e 50: Concertino para dois pianos (Dimitri Chostakovitch); duo constituido por, Maxim Dimitri Chostakovitch; 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de piano, de Debussy; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Gunther Arglebe,, em que colabora a violinista Mariuccia Iacovino; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa; 23: O ópera em um prólogo e dois actos «The Turn of The Screw» 1: Fecho.

Rádio Universidade — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Esta quinzena aconteceu; (em foco um acontecimento da quinzena); 19 e 25: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 35: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Momento ABC.; 20 e 12: Europa Musical; 20 e 30; Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22: Noticiário; 22 e 02: Programa ô Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64: 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Musica tradicional e palestra religiosas; 22 e 02: Baile; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 2 : Programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Solos de piano; 18 e 20: Nota do dia e noticiário; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 25; Resumo do programa e Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 21: Os novos emissores em marcha; 22: A musica é boa companhia; 22 e 45: Compositores célebres; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e 22 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17.

ESTUDANTES!
3.° CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

canal da crítica

A «PIPPI DAS MEIAS ALTAS» NÃO GOSTA DAS MEIAS TINTAS

Assistir à «Pippi das meias altas» (Pippilota, para os amigos) foi a maravilha que nos proporcionou ontem a Televisão portuguesa. É grato verificar a grande popularidade que esta série infantil está a alcançar entre o público telespectador português, muito embora o insólito do seu tema e da sua linguagem pudesse chocar esse mesmo público tão pedagògicamente patriarcal. Afinal, ao contrário do que poderiam pensar os que fizeram do medo o seu ofício, o nosso público suporta perfeitamente as correntes de ar...

Pippi mal vestida, ás cabriolas pelo meio da casa, a rebolar-se na neve e a lamber o que lhe cai no rosto, a espalhar papéis e roupas por todo o quarto, a defender as teorias perigosas de que «desarrumar é que é bom» e de que «na escola, o melhor que há são as férias...» Aquela «pipi» que se decide a ir á escola a fim de aprender a *«plutiplicar»* e acaba por ridicularizar todo o ensino obsoleto e por desenhar na parede o cavalo porque a folha do caderno era insignificante. A «Pippilota» que diante da classe divertidíssima dá um «show» de imaginação e de verdade infantil ainda não subjugada pelas convenções — essa personagem que participa mais do sonho que da realidade concita a adesão, a solidariedade e a admiração de todos os espectadores: as crianças assistem ao espectáculo maravilhoso da descoberta da outra face de si próprias e do mundo; os adultos consideram-se vingados por essa criança que tem a coragem de fazer o que o bom-senso das pessoas crescidas e a aceitação das convenções já não podem realizar.

«Pippi» é o exemplo vivo dos sentimentos recalcados que subitamente se encontram face a face connosco. Para os adultos não influirá na medida em que o sentido realista acaba por prevalecer; nas crianças telespectadoras acordará o sentimento de simpatia que em geral acordam as situações de aventuras, dos grandes feitos inacessíveis. A «Pippi» é a sublimação do instinto anti-social, anti-mundo dos adultos, que prevalece nas crianças. Sublimação que, neste caso, se transforma em libertação.

As atitudes das crianças participantes da fita provam isto. Elas possuídas de encantamento, assistem á irreverência, á verdade, de «Pippi». Mas assistem, simplesmente. Sendo bem possível, no entanto, que nem tudo se perderá. A semente de «Pippi» ficou lançada e é bem possível que as crianças telespectadoras venham a empunhar o facho contra a rotina, contra a estagnação, contra o imobilismo de que o comportamento de «Pippi» constitui vacina preciosa.

O apontamento que não deve ter passado despercebido: o comportamento calmo, reflectido, de recusa total da violência, assumido pela jovem professora. Ao lado de «Pippi», aquela figura permanecerá viva na memória dos nossos telespectadores.

«Pippi»: a tua árvore de Natal para o ratinho... Que maneira subtil de dizer que todos têm direito ao reconhecimento da sua dignidade...

O JOGO DA VIDA

Apenas duas palavras para o episódio da série «O jogo da vida».

«O vidoeiro branco» passa-se na Checoslováquia dos nossos dias, após a intervenção das forças do «Pacto de Varsóvia». Orlov, escritor «revolucionário» escreveu um livro que não poderá publicar na Checoslováquia e acha que o melhor local do mundo para publicar obras revolucionárias é a América do Norte. Howard, jornalista americano, passa as passas do Algarve a fim de trazer o livro para o Ocidente, o que consegue mercê da colaboração de «inimigos» que afinal de contas eram amigos. Assim, com a aliança das forças dos Estados Unidos e das forças internas da Checoslováquia, consegue-se recuperar um romance revolucionário para aumentar o espólio da Humanidade. Nunca as mãos lhe doam aos Estados Unidos.

Muitos telespectadores devem ter ficado surpreendidos com a afirmação daquela rapariga checoslovaca que dizia: *«Sou socialista mas adoro o dinheiro»*. Quer dizer: adorava tanto o dinheiro que por ele estava até disposta a deixar de ser socialista.

Torna-se evidente que o pormenor do livro perde toda a importancia. O que tem importancia é o clima de guerra-fria dentro do qual se desenrolam os acontecimentos. A isto se chama «puro entretenimento».

Os indicadores profissionais de unhas sujas apontarão o carácter «político» deste apontamento. Sendo certo,

(Continua na página seguinte)

SENHORA

De meia idade, educada, com boa apresentação, precisa-se para acompanhar pessoa de idade e simultâneamente, governar casa. Bom ordenado.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.° 377

Especialmente para si... que tem um gosto requintado...

construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias com acabamentos de luxo

O r/c compõe-se de:

átrio, «hall», sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados, despensa, quarto, I. S. da criada e zona de lavagem de roupa.

No 1.º andar:

suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas.

Facilita-se parte do pagamento

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco, e das suas amplas varandas desfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem.

Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos porque possuímos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

Apartamentos mobilados em: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS e LISBOA.

Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15 — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

Japão 70 — Aliança posta em questão

(Continuação da 1.ª página)

da restituição do arquipélago das Ryukyu suscita a emoção dos japoneses, tanto por patriotismo como por medo de guerras nucleares.

No arquipélago, e, sobretudo, na ilha maior, Okinawa, o Exército americano goza de uma liberdade de acção total para todas as suas operações no Extremo-Oriente. O papel das bases de Ryukyu, durante a guerra da Coreia, foi essencial. As funções logísticas das unidades de Okinawa são indispensáveis para a continuação da guerra no Vietnam. Dali partem diàriamente «B-52» para bombardearem os guerrilheiros sul-vietnamianos. Os foguetões de ogiva nuclear apontam para a China, onde ameaçam a maior parte dos grandes centros industriais.

No entanto, o conjunto das ilhas é território japonês. Desde 1945 que o Exército americano aí se tem conservado. Washington reconhece a soberania japonesa, mas só lhe concede uma carácter «residual». Enquanto a segurança no Extremo Oriente não estiver garantida, dizem os americanos, é preferível conservar a disponibilidade das bases e a administração militar do território que é seu complemento.

O Governo japonês solicitou (e, provàvelmente, obteve satisfação) que o arquipélago fosse restituído em 1972. A concessão americana foi, sem dúvida, provocada, em parte, pelo despertar dos insulares e por um poderoso sentimento anti-americano que se tem vindo a desenvolver nestes últimos anos.

A presença das ogivas com cabeça nuclear agravou a hostilidade dos habitantes. Depois de Hiroshima e Nagasaki (um pouco mais a norte) não poderia Okinawa vir a servir de alvo, durante um conflito mundial? A população da ilha não sente a ameaça chinesa. Mas os «stocks» nucleares armazenados pelos E. U. A. constituem a ponte do perigo, no entender dos ilhéus, tanto em razão dos riscos de acidente, como, e sobretudo, em razão da réplica do adversário.

• Divergências entre Tóquio e Washington

Os dirigentes japoneses estão longe de alinhar inteiramente pela posição de Washington. Não querem arenas nucleares em Okinawa, depois da restituição do território. A sua posição é simples: já que o arquipélago será japonês, é mister que se lhe aplique o estatuto das bases americanas no resto do território nacional. A Constituição proíbe a entrada das armas nucleares no país, e a restituição de Okinawa só pode operar-se com respeito pela Constituição.

Estas reivindicações não são aceites em Washington. Responde a administração americana: se se quer ter a possibilidade de fazer a guerra e se se quer garantir a segurança da região, então temos que dispor de todos os meios de acção e de pressão.

O governo japonês não pode aceder ás exigências americanas. Se Tóquio defendesse a posição dominante em Washington, um movimento de grande amplitude tomaria corpo, ameaçando perigosamente o equilíbrio político do país. O Governo não esquece que já está em profundo desacordo com a oposição acerca das necessidades das bases estrangeiras. Presa entre as posições extremas dos partidários do desarmamento integral e dos que advogam um potencial nuclear integral, a diplomacia japonesa encontra-se numa situação delicada.

O primeiro-ministro Eisaku Sato, terá que tentar resolver todas estas questões em Washington, de 19 a 21 deste mês. O argumento ao qual os seus interlocutores prestarão maior atenção é provàvelmente o da necessidade de evitar um agravamento dos sentimentos anti-americanos no Japão, o que fazia perder as posições dos E. U. A. no país. A margem de manobra de que dispõe o chefe do Governo, se não for seguida a hipótese de acordos paralelos e secretos, reside na interpretação, mais ou menos flexível, da cláusula do tratado sobre as «consultas prévias».

Numa troca de notas entre os dois governos, anexa ao tratado de 1960, previa-se que *«todas as alterações importantes na missão das forças americanas no Japão e no seu equipamento, assim como a utilização das instalações e dos territórios no Japão, como bases para operações de combate comandadas a partir do Japão, devem ser submetidas a consulta prévia do Governo japonês».*

Esta consulta, como, até agora, foi constantemente afirmado pelos dirigentes japoneses, tem a exclusiva finalidade de proibir tais iniciativas. No entanto, há pouco tempo, o Governo deu a entender que, nos casos de urgência, responderia favoràvelmente. Em tempo normal, não haveria armas nucleares. Em período de crise, poderia ser dada, talvez mesmo tàcitamente, autorização para elas entrarem no território de Okinawa ou do Japão.

• A incompreensão americana

Umas habilidades deste género (se os militares do Pentágono quiserem compreender a sua necessidade) farão recuar parte do movimento lançado pela oposição japonesa. Deixarão, no entanto, insensíveis a extrema-esquerda dos estudantes e jovens operários, bem como os partidos comunista e socialista.

O tratado de segurança será, no entanto, salvo acidente, reconduzido tàcitamente. Uma dissolução parlamentar poderá, a todo o momento, reduzir a Oposição ao silêncio, enviando nova maioria conservadora ao Parlamento. Mas esta táctica não deixa de acarretar perigo para o governo. Este perde alguns assentos por cada eleição legislativa. A dissolução pressupõe também que Sato tem um balanço favorável a apresentar á opinião pública, no decurso da campanha eleitoral.

Em definitivo, a oportunidade da oposição está na incompreensão que os americanos revelam quanto á situação política japonesa. Para certos altos responsáveis de Washington, aqueles que se opõem á presença das armas nucleares em Okinawa ou das bases no Japão pròpriamente dito, não passam de um «punhado de extremistas».

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Aichi, nas suas discussões de Setembro em Washington sobre a restituição das Ryukyu, não conseguiu receber uma resposta satisfatória para o seu Governo. Abatendo-se de todo o comentário sobre o pormenor das conversações, especificou contudo que *«há ainda divergências sobre algumas questões da maior importancia»*. O atraso com que a administração Nixon deu a conhecer as suas posições e a sua aparente teimosia na questão de conservar o *statu quo* no arquipélago, causaram enorme decepção em Okinawa. Os próprios meios governamentais parecem interrogar-se sobre a atitude de Washington, que não dá mostras de compreender a situação delicada em que se encontram os negociadores japoneses perante a opinião publica nipónica.

DAMAS

(Continuação da pág. central)

o estádio. Mas como é que ele deu um salto daqueles?...

«NÃO GANHA O QUE MERECE»

«À noite, o Vítor Manuel chegou a casa: «Então, velhote, como é que eles lá disseram?». Abracei-o. Depois, ele quis ver a jogada na Televisão. (Não perde um programa desportivo e anda muito pesaroso: roubaram-lhe do automóvel um gravador com as bobinas do 0-0 contra o Benfica, na época passada... De vez em quando, a gente gostava de ouvir aquele relato...)

Damas não quer que a mãe vá vê-lo. Nem que a mulher apareça nos campos da bola. Diz o pai: *«Só eu sei o que se diz nas bancadas. Ora o meu filho não é nenhum pendura. Entrou pela porta 10-A, lá em Alvalade, como aluno exemplar e de cabeça levantada. E é honesto. Honestíssimo. Está certo, portanto, que ele não queira que as mulheres da família apareçam nos estádios de futebol».*

E o sr. Damas recorda:

— Pensando bem, fui eu quem o fez jogador. Aos 17 meses já ele dava pontapés na bola e já eu o treinava para guarda-redes (mostra uma foto dessa época). Aos 4 anos levava-o comigo a ver os jogos. Ensinava-lhe as leis, chegava a comentar os lances com ele. Dava um belo avançado, mas a queda dele era para guarda-redes.

A concluir:

«É um rapaz poupado. Sou eu quem vai depositando no Banco aquilo que lhe sobra todos os meses. Mas ele não ganha o dinheiro que merece, isso é uma verdade. A grande verdade...

O «PROSCENIUM» NO CLUBE ESTEFÂNIA

O Grupo de Teatro do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do distrito de Lisboa, «Proscenium», volta agora a colaborar na programação cultural do Município, organizada para os moradores dos bairros populares e da periferia da cidade.

Assim, o «Proscenium» apresenta-se amanhã á noite, no Clube Estefania, com a sua já famosa «Silva Vicentina», numa encenação de Pedro Lemos.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

porém, que o meu único desejo era que se afastasse da política este «divertimento» das séries por considerar que eles levam não a uma meditação, mas a um embrutecimento, não a uma avaliação das situações mas a uma utilização delas a fim de provocar reacções muito afastadas da lucidez que deve presidir a todos os actos políticos sem a qual os homens se transformam em títeres.

MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE FARO

Arrendamento de Quiosque e Bar

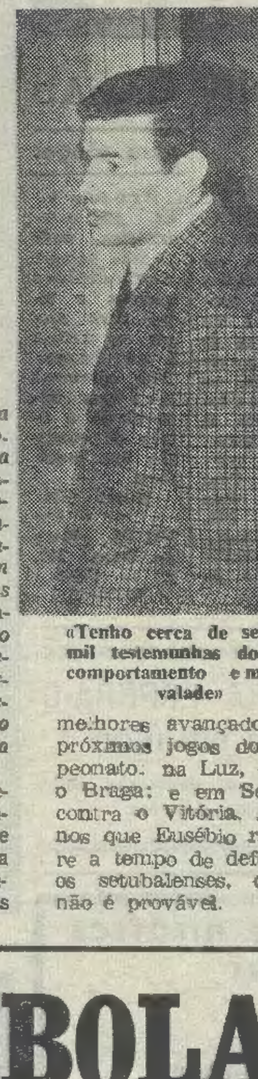
Arrenda-se para exploração na Gare Rodoviária em Faro, o Quiosque com venda de jornais, revistas e tabacos e o Bar, ali existentes.

Os interessados deverão remeter propostas por escrito a: EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE, LDA. — Apartado n.º 14 — FARO.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

SUSPENSO (2 JOGOS) PELA FEDERAÇÃO

Simões inconformado: «O PRIMEIRO CASTIGO DA MINHA VIDA»



«Tenho cerca de sessenta mil testemunhas do meu comportamento em Alvalade»

A chegada da Escócia, o benfiquista Simões recebeu a desagradável notícia de que estava suspenso pela Federação. Dois jogos de castigo. *«Foi uma grande surpresa e uma novidade bem triste. Foi a primeira suspensão na minha vida de jogador, que já vai em nove anos»* — disse-nos, esta manhã.

E disse mais: *«Mas como é isto? Dois jogos de castigo porquê? Tenho cerca de sessenta mil testemunhas do meu comportamento em Alvalade. É verdade que atirei a bola de encontro ao chão, quando o árbitro me puniu por uma «falta» que não cometi: O Peres que diga se eu tenho ou não razão. Mas o árbitro sentiu-se ofendido, na sua autoridade, por aquele meu gesto, que admito pudesse merecer uma repreensão, vá lá, até um jogo de castigo. Mas dois, francamente...*

Comenta, ainda, o famoso futebolista:

«Para eu ser punido assim, então o que merecia o Nelson pelo que fez ao Toni? Nada, não mereceu nada, nem sequer uma advertência. E é isto: prezo-me de ser um jogador atleta, nunca magoei um adversário, passam-se jogos e jogos que não cometo sequer a mais pequena «falta». Mas nada disto conta quando o árbitro se sente ofendido. Há jogadores que recebem medalhas de «bom comportamento» por nunca terem sido castigados e todos sabemos que são violentos, que praticam jogo perigoso, que frequentemente magoam os adversários. Nada disso interessa. Atirar a bola ao chão é que é uma coisa gravíssima...»

Entretanto, com Eusébio lesionado, a suspensão de Simões torna-se mais um problema para o Benfica, que, não contará com os seus dois melhores avançados nos próximos jogos do campeonato: na Luz, contra o Braga; e em Setubal, contra o Vitória. A menos que Eusébio recupere a tempo de defrontar os setubalenses, o que não é provável.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 11 – 9.ª Época

Açores (Desportivo) — 112 11X X12 12X1; Brados do Alentejo — 111 XX1 2X1 1211; Comércio de Portimão — 111 211 112 1X11; Diário da Manhã 11X 21X 112 1211; O Distrito de Setubal — 112 111 11X 12X1; Ecos do Desporto — 11X 211 X1X 1X11; Est. Em. do C. A. A. (NR) — 11X 21X X1X 1X11; Folha do Domingo — X1X 211 112 1X11; Gazeta do Sul — X12 21X 21X 1221; A Ilha (desportiva) — 11X X1X 11X 1X11; Jornal das Aves—X12 211 X11 21X1; Jornal Defesa de Espinho — X11 X12 11X 1211; Estrela da Manhã — X11 21X 112 1X11; O Jornal de Felgueiras—11X 21X 112 X111; Jornal do Fundão — 11X 211 211 X111; Jornal da Lixa — 111 X12 111 1X11; Jornal de Santo Tirso — X11 211 X11 1221; Linhas de Elvas — 111 X11 111 XX11; Mundo Desportivo — 11X 211 11X 1211; Notícias de Beja — 11X 21X 1X2 1111; Notícias da Amadora — 11X 21X 111 12X2; Notícias de Guimarães — 11X 112 21X 1111; Onda (Desportiva) — X1X 211 1XX 121X; Póvoa de Lanhoso (CA) — 111 122 X12 1121; Póvoa de Lanhoso (Desp.) — 11X 21X 112 1211; Correio do Vouga — 111 21X 212 1111; Ecos de Cacia — 111 211 211 1X11; Em. Of. da Guiné Portuguesa (TD)—11X X12 121 X11X; Jornal de Sintra — 11X 211 112 X111; Notícias de Chaves — 11X 21X 11X 2111; Notícias de Penacova (Totof.) — 11X X11 211 12X2 Notícias de Penacova (Totop)—X11 X11 X21 1211; Povo Algarvio — 111 111 11X 1211; Rádio Altitude—X1X X1X 111 X111; Rádio Ribatejo — X12 211 X12 1211; Rádio Sports — 212 211 112 1211; Reconquista — 111 X11 X1X 1X11; Renovação—111 X1X 111 1X11; Republica — 112 X11 112 X111; O Telégrafo — X11 X11 X1X 1211; O Templário — X12 211 111 1111; A Voz Desportiva — X1X X12 111 X211; Voz de Lamego — 11X 211 211 XX11; A Voz de Palmela — 11X 111 XX2 12X1; Terra Alta — 11X 21X 11X X211; A Voz — X11 211 111 1211; A Voz do Casa Pia — 11X 211 112 1211; A Voz do Domingo—111 21X 11X 1211; A Voz dos Ridículos — 111 211 111 1111; Diário de Lisboa — 11X 211 112 X211

Auto Rádio — 111 X11 11X 1X11; Beira Baixa — 111 112 111 2211; Boletim Desportivo do R. P. — X11 211 111 211X; Cantinho Ricardo Lemos — 111 212 11X 1X11; Cavalgada do Ritmo — 11X 212 111 XX11; A Comarca de Arganil — 11X 211 112 121X; O Comércio de Gaia — 112 211 112 1211; O Comércio de Gondomar — 112 211 112 1211; O Comércio de Leixões (DTUP) — X11 21X 111 1X11; O Comércio de Leixões (Desp.) — 111 X11 11X 1111; Correio de Coimbra — 211 211 X12 1221; Correio da Horta — X11 111 111 X211; De Tudo Um Pouco — 11X X11 112 121X; As 10 Espere Por Nós — 11X 212 X1X X21X; Diário de Coimbra — 111 211 111 1211; Diário do Minho — 11X X11 112 X211; Diário do Sul — 111 X11 21X X111; O Distrito de Portalegre — X11 211 X11 XX11; Eu Sei Tudo — 111 211 X11 1211; Dos Fracos Não Reza a História — 211 1XX 212 2112; Ideal Rádio — 11X 21X 112 1211; Imagens Piedenses — 111 211 X12 X111; Jornal da Beira — 111 21X 11X X211; Litoral — 111 112 11X 1111; Momento do Totobola — X1X X11 111 X1X1; Notícias do Douro — X11 X1X 111 211X; Notícias de Évora (VJT — 11X 211 X1X 1X11; Notícias de Évora (VD) — X12 21X 112 X1X1, Notícias de Gouveia — 21X 212 X11 2111; A Ordem — 11X X1X 1X2 1111.

Penalti — 111 X12 111 X211; A Lição do Menino Quim — 11X 112 11X 2211; Norte Desportivo — X1X 2X1 111 1X1X; Almanaque (ENR) — 11X 112 11X 1211; Notícias de Évora (VJT) — 2X1 221 1X2 1111; Musica e Desporto — 11X 211 111 X12X; Só-Rádio — 12X 111 11X 2X11; Programa da Manhã — 111 111 111 1111; Vamos á Bruxa (Adesivo) — X11 21X X12 1X11; Vamos á Bruxa (D. Conchita) — 111 21X 112 121X; Jornal de Notícias — 111 X1X X1X 121X, Rádio Placard (ENR) — 112 111 112 1211; Rádio Placard (RCP-Lisboa) — 112 111 112 1211; Rádio Placard (RCP) — 112 111 112 1211; Colina Sagrada — 21X 11X 211 2121; Correio do Douro — X1á X11 X11 1111; Comércio do Porto — 11X X1X 11X 1X11! Novidades — 11X 2X1 11X X211; Passatempo (ENR) — 112 X11 X11 1211; Peça Que Não Maça — 111 2111 X12 1111; Programa Electro-Mecanico — X2 211 11X X111; Programa Sem Nome — 21X 211 21X 1111; A Rabeca — 11X 21X 211 1211; Rádio Clube do Norte — 222, 2X1 11X 222X; R-pórter do Dia — X12 211 11X X111; Repórter do Dia (Angola) — 111 21X 11X 1X11; Resenha Desportiva — X12 X11 X12 211X; Sorriso da Hora do Almoço — X12 X11 112 XX11; Sporting — 11X 21X 1X2 121X.

Notícias — 111 X1X 112 1X11; Diário — X1X 211 112 XX11; Notícias da Beira — 11X X1X 1X2 2X11; Diário Moçambique — 11X 211 112 1111; Brado Africano — 11X 212 11X XX11; Jornal Desportivo — 11X 211 112 X21X; Onda da Manhã — 112 1X1 212 2X11; Vamos Jogar no Tot. — X11 X11 112 X21X; Noticiário Desportivo — X11 X12 111 111X; Onda Desportiva — 211 212 111 1111; Domingo Alegre — 11X 21X 212 12X1; Roteiro Sonoro — 1X1 11X X21 1XX2; Bondiazinho — 11X; X1X 222 11X1; Relato F. Ronga — 111 212 211 1211; Cidade 69 — 22X 22X 111 211X; Relato F. Português — X11 212 211 11X1; Diário — 111 11X X12 X111; Angola Norte — X1X 212 X1X 2X11; Apostolado — 11X 2X1 11X 2X11; Comércio—11X X1X 11X 1111; Rádio C. S. Tomé — X1X 211 X1X 1211; A Nossa Chave — 11X X11 211 1211; Centro Desportivo — 11X 211 21X 121X; Jornal do Sul (AD) — X1X X1X 2X1 1111; Jornal do Sul (TL) — 212 111 2XX 1X11.

RESUMO

CONCURSO N.º 11

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2 (a)
1.	Barreirense-Leixões	89	34	11	8	3	1
2.	Porto-U. Tomar	129	2	3	10	1	1
3.	Varzim-Setubal	51	61	22	4	6	2
4.	Guimarães-Sporting	21	38	75	2	3	7
5.	Académica-C. U. F.	124	7	3	10	1	1
6.	Leça-B. Mar	73	40	21	7	3	2
7.	A. Viseu-Salgueiros	84	28	22	8	2	2
8.	T. Novas-Lamas	120	10	4	10	1	1
9.	Seixal-Farense	45	41	48	4	4	4
10.	Portimonense-Atlético	86	29	19	8	2	2
11.	Sintrense-Torriense	43	33	58	4	3	5
12.	Oriental-Montijo	115	12	7	10	1	1
13.	Tramagal-Sesimbra	111	19	4	9	2	1

E o prognóstico lógico será: 11X 211 112 1211

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Sábado desportivo

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 7.ª jornada: Passos Manuel-C. N. O. C. A., Sporting-Belenenses e Almada-Técnico, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas

— Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão, 2.ª jornada: S. L. Águias-Desp. Castelo, A. A. Ateneu-Palmense e Santa Catarina-Atlético, no pavilhão Univesritário, a partir das 20 e 30.

BAQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, 7.ª jornada: Lisgás-Moscavide e Oriental-Cruz Quebradense, ás 21 e 30; Técnico-Liberdade e Carnide-Universitário, ás 22 e 30, no pavilhão da Ajuda.

CICLISMO — Campeonatos Nacionais de Pista, de amadores e profissionais, velocidade, no Estádio das Antas, a partir das 14 horas.

FUTEBOL — Campeonato Nacional, da 1.ª Divisão: Belenenses-Boavista, no Restelo, ás 16 horas.

— Campeonato de reservas da A. F. L.: Torriense-Casa Pia, Odivelas-Sintrense, Estoril-Alhandra, Sacavenense-Algés e Atlético-Oriental, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

Campeonato de reservas da A. F. Setubal: Luso-Almada, Sesimbra-Amora, C. U. F.-Montijo, V. Setubal-Trafaria e C. Piedade-Barreirense, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

HÓQUEI EM PATISS — Campeonato Nacional da II Divisão: Académico-Ac. de Espinho, Infante de Sagres-Beira Mar (zona norte) e Marinhense-Sp. Tomar (zona sul), nos rinques dos primeiros, ás 21 e 30 horas.

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão, reservas: Passos Manuel-C. N. O. C. A. Sporting-Belenenses e Almada-Técnico, no pavilhão de Campo de Ourique ás 20 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra, 7.ª jornada: Algés-Belenenses Atlético-Internacional e Benfica-Nacional, na Tapada da Ajuda, a partir das 21 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional Metropolitano: Valongo-Carvalhos, F. C. Porto-Termas, no pavilhão do Infante de Sagres, a partir das 21 e 30; C. U. F.-Paço de Arcos e Oeiras-Rossiense, no pavilhão dos Desportos, de Lisboa, a partir das 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Taça Imprensa, feminino, 4.ª eliminatória: Benfica-Paço de Arcos, ás 21 e 30 horas.

BASQUETEBOL

O Sporting voltou a perder com o Real Madrid

Realizou-se ontem a noite em Madrid o encontro da 2.ª mão da 1.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de basquetebol, entre as equipas do Real Madrid e do Sporting.

Tal como já acontecera no primeiro desafio, os espanhóis voltaram a vencer por marca concludente (128-56) alardeando flagrante superioridade.

A MENOS DE UM MÊS DO INGLATERRA-PORTUGAL

A pouco menos de um mês do encontro que a selecção portuguesa de futebol terá de disputar contra a da Inglaterra naquele país, ainda não se sabe quem será o técnico que dirigirá a preparação da equipa nacional.

Com efeito Juca terminou o seu contrato com a Federação e encontra-se já vinculado á Académica.

Resta portanto Peres Bandeira como o único técnico contratado pela Federação, mas dedicado ás equipas de «promessas», juniores e juvenis.

A verdade é que, de positivo, até agora nada se sabe. E se as coisas já não estão a correr num verdadeiro mar de rosas no confronto luso-britânico a quatro, nas competições europeias de clubes vamos uma vez mais confiar na velha e tradicional tendência portuguesa para bem improvisar? E logo contra a equipa campeã do mundo?

Um campo vasto de interrogações se vê. E se o encontro com os ingleses se reveste de características amistosas, portanto, e aparentemente de menores responsabilidades, talvez que ele merecesse maiores cuidados até porque poderia atenuar fracassos bem recentes.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Foram os seguintes os resultados dos encontros ontem á noite disputados a contar para o Campeonato Regional do Porto da 2.ª divisão: Oliveirense-União de Lamas, são: Leixões-Paredes, 4-0 e 8-1.

TÉNIS DE MESA

Resultados dos jogos da 7.ª eliminatória da Taça «Diário Popular» para seniores, realizados ontem á noite:

Belenenses (A)-G. I. P. (A), 3-0; Centro Católico (A)-Sporting, 1-3, e Benfica-Mirantense (B), 3-0.

O sorteio para a 7.ª eliminatória da Taça «Diário de Lisboa» para infantis determinou a realização do encontro R. Apolo (B)-Centro Católico, no domingo, ás 10 horas. Ficou isento o Sport Lisboa e Aguias

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Propriedades

— VENDAS —

PRÉDIO

De construção moderna em bom local da Damaia, composto de 8 inq. com 3 e 4 casas assoalh., hall, coz. desp. e casa de banho, todo alugado a render 120.240$ Preço: 1.700 000$00 F. Fernandes & Costa, Ld. Av. Almirante Reis, 104, 2.° T. 536111/2/3. Lisboa

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS

não compre sem consultar a PREDIAL

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

(H. NUNES)

PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

Na Baixa óptimas casas desde 370 contos Rua dos Lagares, 20-22 Vendas a cargo de Lourenço & Freire Costa, Limitada, telefones: 328343-320040

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte ... prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa ... Rua da Prata, 291 2.°, Dt.° — Telfs 325487 370618 (Junto à P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex. nos n/escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Tratá: SOC. ... INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.° — Telefs: ...59-34755

MORADIA NA PAREDE

1.200 contos — local central, perto da estação. Composta de 3 pisos, 12 divisões, garagem e jardim.

ORCOSI

Rua 1.° de Dezembro, 45-3.°, Esq.° Tel. 323172 - 367444

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

POR 4,60

diários, leve para casa

1 FRIGORÍFICO c/ congelador a toda a largura

+1 FOGÃO 2 bicos e forno

+1 PANELA de pressão

pagando em 24 meses

condições vantajosas
marcas consagradas

ASTROTÉCNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 58-B – TEL. 561531
LISBOA-1

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.° — TELEF. 53 61 11/2/3

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO.

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.° de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

Léo - Administradora Predial

COBRANÇAS DE RENDAS
CONTRATOS DE ARRENDAMENTOS
DEPÓSITO E TRANSFERÊNCIAS DE RENDAS
DILIGÊNCIAS JUNTO DAS CÂMARAS MUNICIPAIS
FISCALIZAÇÃO DE OBRAS
OBTENÇÃO DE NOVOS INQUILINOS
PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Av. Defensores de Chaves, 53-1. — Tel. 55 39 60, P. P. C., Lisboa

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro ràpidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.

SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO TURÍSTICA E HOTELEIRA

«SEMINÁRIO SOBRE PLANIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO HOTELEIRA»

Continuando a acção desenvolvida ultimamente no campo de aperfeiçoamento dos profissionais e técnicos de hotelaria e turismo, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, por intermédio da Direcção-Geral de Turismo, leva a efeito de 17 a 28 de Novembro um Seminário sobre «Planificação e organização hoteleira» que será dirigido pelo perito da O.C.D.E. sr. André Hamburguer.

Este técnico, diplomado pela Escola Hoteleira de Lausanne, tem uma activa carreira internacional como Director-Geral da cadeia de hotéis americana Intercontinental, e actualmente trabalha no Secretariado da E.F.T.A., em Genève.

O Seminário destina-se essencialmente a arquitectos ligados à construção hoteleira, peritos de hotelaria e de turismo.

Serão abordados, entre outros, os problemas da organização hoteleira durante a construção, em função do aproveitamento racional dos espaços, para atingir a melhor rentabilidade do empreendimento.

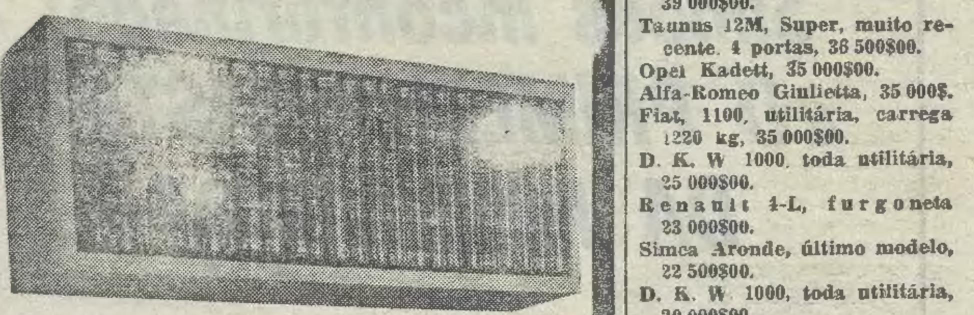
As sessões de trabalho terão lugar no Palácio Foz, nos Restauradores, nos dias 17, 19, 21, 24, 26 e 28, pelas 18,30 horas.

Para outras informações os interessados devem dirigir-se ao Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, na Rua Duque de Palmela, n.° 2-2.° esq.°, em Lisboa.

UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma série de 24 volumes no formato de 16,5×11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600$00 — importância que pode ser liquidada em 12 prestações mensais de 50$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1.200$00 em 20 prestações mensais de 60$00



Para a escolha das obras, remeteremos sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma lista das mesmas

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS E RESPECTIVA ESTANTE CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO

ou à FILIAL EM LISBOA

AV. ALMIRANTE REIS, 02-R/C-DTO — LISBOA 1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER A LIVRARIA CIVILIZAÇÃO Rua Alberto Aires Gouveia, 27 — PORTO —

(D. L.) Agradeço me enviem um impresso-proposta e lista de obras para a sua aquisição na modalidade PAGAMENTOS SUAVES

NOME (bem legível) ....

ENDEREÇO ....

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave Telef 448446

Contacto

(H. NUNES)

Telef. 847260

ANÚNCIOS

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor Av. Barbosa du Bocage, 1, Telef. 769848-761987.

Taunus 17-M Super, 4 portas, 1967; Fiat 850, 1966 M. G. 1100, 1966; Opel Rekord, 2 portas, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; N.S.U. Prinz 4, 1964; Simca 1000, 1964 e 1966; Taunus 12-M Super, 1963. Fac. pag. e troca.

VENDE: STAND MARCELO Av. João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis Furgonetas utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita à nossa Garage Boa Viagem, ... Rua Sampaio e Pina, n. 56/60, Lisboa Telef 683737.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 L. St. Barbara 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 EUROCAR Av. Barbosa do Bocage 1
- 42890 Taxis Universo, Ld. -Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1
- 727654 Auto Monumental do Areeiro, Ld. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

Em LEIRIA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1

CONSTELLATION OMEGA

apresentado na AGÊNCIA OFICIAL RELOJOARIA MAURY

Rua do Ouro, 202 LISBOA

VENDO

Vauxnall Cresta, último modelo, 75 000$00.
Wolseley, 1100, último modelo, rigorosamente como novo de tudo, 53 000$00.
Mercedes Benz 180, nunca andou na praça, 43 000$00.
Mercedes Benz, 190 SL, 39 000$00.
Taunus 12M, Super, muito recente, 4 portas, 36 500$00.
Opel Kadett, 35 000$00.
Alfa-Romeo Giulietta, 35 000$.
Fiat, 1100, utilitária, carrega 1220 kg, 35 000$00.
D. K. W 1000, toda utilitária, 25 000$00.
Renault 4-L, furgoneta 23 000$00.
Simca Aronde, último modelo, 22 500$00.
D. K. W. 1000, toda utilitária, 20 000$00.
Simca Aronde, 18 500$00.
Skoda descapotável, 17 500$00.
Opel Kapitan, 16 500$00.
Taunus 12M, 16 500$00.
Simca Aronde, 15 000$00.
Peugeot 203, utilitária, 15 000$.
N. S. U. Prinz, 15 000$00.
Taunus, 14 000$00.

Facilitamos o pagamento. Compre um carro a prestações e pague sem dar por ela. Carros baratíssimos. Não compre carro sem nos consultar. ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA. Rua do Garrido, 73-A.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66.

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Esta de parabéns preferindo

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e venda na Av. Almirante Reis, 172-A

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A Telef. 53 35 92

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m. talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person, Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos Aparelhos de passagem. etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

Estreia de hoje — O BANDOLEIRO NEGRO — EUROPA

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
OS LOUCOS DO AMOR
com Jack Lemmon e Catherine Deneuve
No programa: RIBATEJO EM FESTA — Real. de Francisco Saafeld

QUINZENA DE TERROR
Hoje — Adultos — 18.30 h.
O DIÁRIO DE UM LOUCO
de Reginald le Borg, com Vincent Price e Nancy Kovack
Dia 17: «O Sepultado Vivo» (Adultos)

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
5.ª SEMANA
O filme que obteve 3 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
Um tema altamente ousado!
DESEJO PERVERSO
com Lisa Gastoni e Lou Castel

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 em technicolor
UM LUGAR PARA AMAR
com Faye Dunaway e Marcelo Mastroianni

LIZ
(Adultos) Tel 48560
Às 21 horas
SEDUZIDA E ABANDONADA
DISPARA FORTE

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30
HELGA
O Segredo da Maternidade
Aviso — É indispensável a apresentação do bilhete de identidade quando surjam dúvidas na avaliação da idade de qualquer espectador.
FILME PARA ADULTOS MAIORES DE 21 ANOS

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
O VALE DAS BONECAS
O DESPERTAR DO AMOR

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30 — ESTREIA
(Veja anúncio especial)
Jack Lord e Melodie Johnson em
O BANDOLEIRO NEGRO
Technicolor
Às 15.15 — Última exibição «O Jogo é Matar» (Adultos)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Um filme de John Frankenheimer
Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em
O HOMEM DE KIEV
(METROCOLOR)

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A obra-prima várias vezes premiada de André Delvaux
O HOMEM DA CABEÇA RAPADA

VOX
(M. 12 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
George Peppard e Mary Tyler Moore
Na mais louca e imprevista comédia do ano!...
O MAGNIFICO INTRUSO
Um filme de George Seaton em techniscope e technicolor
R. Bulhão Pato (à Av. Roma)

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL
com o arrojado filme
ESCÂNDALO AO SOL
com Richard Egan, Sandra Dee e Troy Donahue
TECHNICOLOR
AVISO: O filme começa a exibir-se às 21.55. A primeira «matinée» inicia-se às 15 horas

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30 h.
MELODIA INTERROMPIDA
Amanhã, «matinée» infantil: A GALINHA DOS OVOS DE OURO (M. 6 anos)

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45 h.
EM 3.ª SEMANA
Elas, os maridos e os rivais numa história de pecadilhos!
NOITES DE OUTROS TEMPOS
com Vitorio Gassman e Gina Lollobrigida
Technicolor — Techniscope

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
Uma actriz quase desconhecida... Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...
SOU EU A NATÁLIA
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Uma actriz quase desconhecida... Um título quase vulgar... Um filme excepcional... Um espectáculo de rara qualidade...
SOU EU A NATÁLIA
com Patty Duke, James Farentino e Elsa Lanchester
Cor De Luxe

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30 h.
Nathalie Delon e Renaud Verley
3.ª SEMANA
O amor e o sexo... Uma mulher e um jovem!
A LIÇÃO PARTICULAR
com Robert Hossein
VERSÃO INTEGRAL

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O filme de Pietro Germi que obteve o GRANDE PRÉMIO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE MOSCOVO!
SERAFINO... É SEXACIONAL!
com Adriano Celentano e Ottavia Piccolo
TECHNICOLOR

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e 21 h.
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
ALTA BATOTA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Amor, desejo, loucura e crime no vibrante filme de Michel Boisrond
UMA NOITE NA PRAIA
com Genevieve Grad, Dahlia Lavi e Jean Desailly
Metro: Estação Picoas

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54153
Às 15.00, 18.15 e 21.30
Em 3.ª SEMANA de classe invulgar
A BATALHA DE INGLATERRA
com Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer e Susannah York

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
2.ª SEMANA!
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILÚ e CALVÁRIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMÍNIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

AVIS
(M. 12 anos) Tel 47163
Às 21.45 h.
3.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Ena, já falas» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança da morte» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos)
TIVOLI — Às 18 e 30: «Amanhã digo-te por música» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: ««Tombo no Inferno» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23: «Amor às riscas» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração para dois verdugos» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Ao sol com o meu amor» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Um estranho em casa» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Queda mortal» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Arena (o circo da morte)» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19 h.: «O perfume do dinheiro» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «O longo dia do ódio» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A condessa de Hong-Kong» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «A luz é para todos» (17 anos).
PARIS — Às 21 h.: «Seduzida e abandonada» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O mundo de Suzie Wong» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: Melodia interrompida» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Jogo perverso» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Caçador de espiões» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Doce Novembro» (17 anos)

O PORÃO DA NAU M/17 ANOS TEL. 51501

R. PINHEIRO CHAGAS, 1
NA «ÚNICA» BOÎTE DE LISBOA COM A MELHOR SELECÇÃO

FORMA 5

O melhor conjunto português da actualidade
VICTOR SANTOS, PEDRO OSÓRIO, LUIS DUARTE, CARLOS CARVALHO e VILLAS BOAS
E O ROMÂNTICO INTÉRPRETE DE «BLUES»
PAUL CONNOR
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

mundus
ESTRUTURAS PARA COFRAGENS

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144 Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.° andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

PROGRESSO
Restaurante * Snack-Bar * Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
e COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno J**

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 224 (638456) ● Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — Estes Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Anteria, Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C (44 73) ● Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (71 68) ● Marbel, Av. de Roma 3 -A (776235)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (68 515)
AREEIRO — Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) ● Chinde, Rua Agostinho Lourenço 6-B (7 033)
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araújo 46-B-C (84 108)
AVENIDAS NOVAS — Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ● Sá da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ● Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P. dos Restauradores, 8 (30927) ● Normal, R. da Prata, 220 (32 342-325553).
BENFICA — Benfilar, Est. de Benfica, 444-A (782606) ● Alegria, E. de Benfica, 180-A-B (780511) ● Progresso, Est. A-da-Maia, 64-C (702226) ● Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Lineida — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ● Findas — Rua D. Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Renil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438 ● Zenel, R. A. 182, Bairro da Liberdade (651840) ● Nova, R. de Campolide, 297-C (687475)
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 7-118 (553308)
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52888)
ESTRELA E LAPA — Neves Suc., R. da Bela Vista, à Lapa 37 (66125)
GRAÇA — Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patuleto, Herdeiros, R. do Lumiar, 22-24 (790332) ● Douro, Al. das Linhas de Torres 93-A-B (79 131)
OLIVAIS — Simão — Av. de Berlim, R. D, 6-A (3 0581)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (78084)
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (843571) ● Europa, Av. General Roçadas, 41-A-B (Tel. 843880).
PICHELEIRA — Marius, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703) ● 728395.
PRÍNCIPE REAL — Gonçalves L.da, R. da Rosa, 176-78 (362687).
REGO — Berna, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638 32)
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662 62) ● Açoreana, Largo do Conde Barão, 4 (66 330)
ST. MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta 5-A-B (Tel 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 5-B (382470) ● Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866 26) ● Zema Rua General Justiniano Padrel (à Calçada das Barbadinhos 41 (832580)
SÉ — Santo Lazio, Rua da Saudade, 2-B (86983)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (251234)

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (213953)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (2432039).
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (2471204)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A., 15 (260116).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044)

● **Linha de Sintra**

AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 146 — Bairro Janeiro (Tel. 932756) ● Central Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) ● Igreja, P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740) ● Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (Tel 938424)
DAMAIA — Gusmão — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) ● Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51-51 A (Tel 950123)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088)

● **Outra banda**

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. (234100)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 10 (Tel 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 221-B 224141)
BARREIRO — Central — Av.ª Alfredo da Silva, 48 (T. 2273207).
COVA DA PIEDADE — Império — Rua Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356)
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Higiene, Rua José Joaquim Marques, 42 (230370).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel 22941)
SETÚBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (22488)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ● Voluntários, 538524

POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural) 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 . Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672443 ● Estação fluvial (Belém), 638511.

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
[illegible] S.A.R.L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-8-8 e 32 11 64-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Títulos de habitação — Não é preciso ser milionário para viver com requinte

Há cerca de dois anos, num calmo panorama que se diria resultar de espírito avesso a inovações, surgiu uma nova modalidade de proporcionar férias invulgares a pessoas de rendimentos comuns, com a alternativa de trocar essa possibilidade de gozo de férias, por significativa e certa retribuição do investimento financeiro: os «Títulos de Férias» da TORRALTA, hoje tão conhecidos que se podem considerar já como verdadeira instituição, entrados nos hábitos dos portugueses, quer como forma apreciada de repouso e recreio, quer como aconselhável poupança.

O êxito ímpar da iniciativa — êxito que não diminuiu mesmo quando, posteriormente, outros também importantes empreendimentos surgiram, e outras aliciantes modalidades foram largamente divulgadas — tinha a justificá-lo, não apenas as vantagens oferecidas, mas igualmente as características inéditas dos «Títulos de Férias»: de aí, haver-se a modalidade imposto como a coisa mais natural, e logrado mesmo suscitar o interesse dos mercados estrangeiros, interesse que ainda hoje se manifesta através de volumosa correspondência, com pedidos de aquisição de títulos, que, aliás, já só dificilmente podem ser atendidos, sabendo-se que TORRALTA pertence hoje a cerca de 1500 accionistas

Um êxito que determina uma nova iniciativa

Face á existência de um numero reduzido de «Títulos de Férias» que ainda é possível ceder, e não pretendendo a TORRALTA fazer aumentos de capital para além dos necessários á realização plena dos seus objectivos iniciais, houve que encarar o estudo de uma nova modalidade que permitisse dar satisfação á muitas pessoas, interessadas em participar nas actividades da TORRALTA.

Era justo que aqueles que manifestaram entusiasmo imediato na aquisição dos «Títulos de Férias» e criaram as condições permitindo a rápida concretização da obra já realizada, tivessem regalias preferenciais — digamos assim — que constituissem o justo prémio de haverem sido autênticos colaboradores e impulsionadores de uma obra que tem, simultaneamente, carácter económico, de divulgação turística de Portugal, e, também, de autêntica promoção social. Por isso, os novos empreendimentos a que TORRALTA vai seguidamente meter ombros, «Santa Filomena» e «Troia», não se farão apenas através dos «Títulos de Férias» — que transformaram os seus possuidores em outros tantos accionistas da TORRALTA — mas sim também através dos «Títulos de Ocupação», que não asseguram a qualidade de accionista da Empresa, mas garantem igualmente uma sólida e inteligente aplicação de capital, susceptível de garantir o mais elevado rendimento. E os «Títulos de Ocupação» asseguram plena propriedade.

Para além do que consente o nível de vida

A muitas pessoas, o seu nível de vida não permite a aquisição de um apartamento ou moradia — sobretudo quando se trata de uma edificação com caracteristicas que alguns ainda classificam de luxuosas mas são, afinal, requisitos técnicos que asseguram o aconselhável conforto ou requintes artísticos igualmente indispensáveis para assegurar bem-estar psíquico. E é compreensível essa dificuldade que se depara á maioria das pessoas, se pensarmos nos elevados capitais que envolve a aquisição de terrenos em locais privilegiados e dispondo de arruamentos, electrificação, esgotos, zonas comerciais e de diversões, etc. Tudo aquilo, enfim, que proporciona um ambiente agradável, e que muita gente classifica de «só para milionários».

Pois será num ambiente desse tipo — muito para além do que consentiria a sua capacidade normal de aquisição — que poderão instalar-se para gozo de férias (ou para residência) todos os que adquirirem os «Títulos de Ocupação» da TORRALTA e que alcançarão, sem duvida, tanto êxito como os seus «Títulos de Férias».

Tornar-se proprietário e assegurar um belo rendimento

Ao adquirir «Títulos de Ocupação» torna-se proprietário de 30 dias em cada ano, de um apartamento constituído por 2 quartos, salão, casa de banho, cozinha e terraço, já construído e decorado com todo o conforto. Gás, água, electricidade, roupas de casa e serviço, fazem parte do direito concedido a cada «Título de Ocupação», para um apartamento ou moradia.

A total independência desses Títulos, em relação ás acções de TORRALTA permitirá que, desde logo, possam esses apartamentos ou moradias ser transmitidos por escritura publica e pelo regime compra e venda de coisa comum, para o nome do respectivo titular, e essa transmissão ser registada na Conservatória competente

Isto, para quem quiser usufruir a ocupação. Porque se pensou que muitas pessoas poderão estar interessadas no benefício de um rendimento elevado e certo do capital aplicado: no caso do comprador desejar ceder á TORRALTA a utilização do apartamento ou moradia pelo período mencionado no Título, TORRALTA obriga-se a aceitar essa cedência e a pagar aos cedentes, anualmente, as seguintes importancias: 8% nos primeiros dois anos; 9% nos três anos seguintes; 10% entre o quinto e o sétimo anos; e 12% no periodo entre o sétimo e o décimo anos.

Esta judiciosa aplicação de capital que vão fazer todos os que adquirirem «Títulos de Ocupação», caracteriza-se ainda, por uma faceta invulgar: sempre que os possuidores destes Títulos os quiserem vender, TORRALTA compromete-se a comprá-los, pelo valor dispendido pelo titular.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado nas regiões de Norte e Centro e pouco nublado nas regiões do Sul. O vento era fraco de vários rumos e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE —Máxima: Tavira, 18°,5; mínima: Penhas da Saude, —°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 8°; Faro, 11°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, °, Portalegre, 6°; Porto, 9°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar: 17°; na atmosfera: 13°,5.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

NAS REGIÕES DO NORTE E CENTRO — Céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante oeste; aguaceiros e possibilidade de trovoadas. NAS REGIÕES DO SUL — Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã
Nascer ás 08 e 18
Ocaso ás 18 e 24

Dia 16 Dia 24 Dia 2 Dia 9

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 14 — 7 (3,8 m); 19 e 40 (3,5 m) Dia 15 — 8 (3,7 m); 20 e 47 (3,4 m). Dia 16 — 9 e 05 (3,6 m); 21 e 59 (3,3 m)
BAIXA-MAR: Dia 14 — 0 e 20 (1,3 m); 12 e 55 (1,2 m). Dia 15 — 1 e 13 (1,5 m); 13 e 58 (1,4 m); Dia 16 — 2 e 14 (1,7 m); 15 e 15 (1,6 m)

O hastear da bandeira no «Rovuma»

O «ROVUMA» ENTREGUE (ANTES DO PRAZO PREVISTO) À MARINHA DE GUERRA

«Usarei toda a minha influência para que os navios da Armada portuguesa passem a ser feitos no Arsenal» — declarou o comandante naval do Continente contra-almirante Ferrer Caeiro, durante a cerimónia da entrega á Marinha do patrulha «Rovuma», a ultima de uma série de quatro unidades construidas no estaleiro do Arsenal. O comandante naval do Continente manifestara a sua confiança naqueles estaleiros, em virtude de a encomenda ter sido terminada antes do prazo previsto.

O acto de entrega e recepção foi assinado na câmara dos oficiais, após o que, no convés, á popa, e com a guarnição formada de ambos os lados, foi lida a Ordem n.° 1 do navio, que transcreve as portarias do aumento do efectivo da Armada e da nomeação do 1.° tenente Cavaleiro de Ferreira para seu comandante.

A cerimónia foi encerrada com o içar da bandeira nacional. O navio segue para o Ultramar

REGRESSOU O MINISTRO ENG. VAZ PINTO

Regressou esta manhã a Lisboa no voo da TAP o sr. eng.° Vaz Pinto que se havia deslocado á África do Sul, chefiando a missão que esteve presente — a convite do Governo de Pretória — no descerramento do padrão comemorativo do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, oferta do nosso Governo.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

A nossa rede de distribuição de energia eléctrica requer frequentes trabalhos de ampliação e conservação, perante o constante aumento de consumidores. Assim, no próximo Domingo, teremos de interromper a corrente para trabalhos indispensáveis, nos seguintes Sectores e Zonas, apenas durante as horas indicadas:

1.° — 2.° Sector — Concelho de Lisboa: Bairro Alto da Ajuda e Montes Claros. (Das 8 ás 12 horas).

6.° Sector — Rua da Conceição entre as Ruas da Madalena e Fanqueiros, do lado dos n.°s pares. (Das 8 ás 12 horas).

6.° Sector — Rua do Comércio entre as Ruas do Ouro e Augusta, do lado dos n.°s pares. (Das 8 ás 12 horas).

8.° Sector — Rua Marquês de Soveral — 1-B. (Das 8 ás 12 horas).

10.° Sector — L.° do Terreiro; Est.ª dá Ameixoeira, Az.ª da Torrinha á Ameixoeira, Az.ª de S. Gonçalo e imediações. (Das 8 ás 12 horas)

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: VENDA NOVA: Rua Latino Coelho e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

2.ª Zona — AMADORA: Rua Major Cândido Pinheiro, Rua 9 de Abril, Av.ª Cardoso Lopes. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — Concelhos de Sintra e Loures: PRESA. (Das 8 ás 17 horas)

4.ª Zona — Concelho de Sintra: S. JOÃO DAS LAMPAS / BOLELAS (Das 8 ás 15 horas).

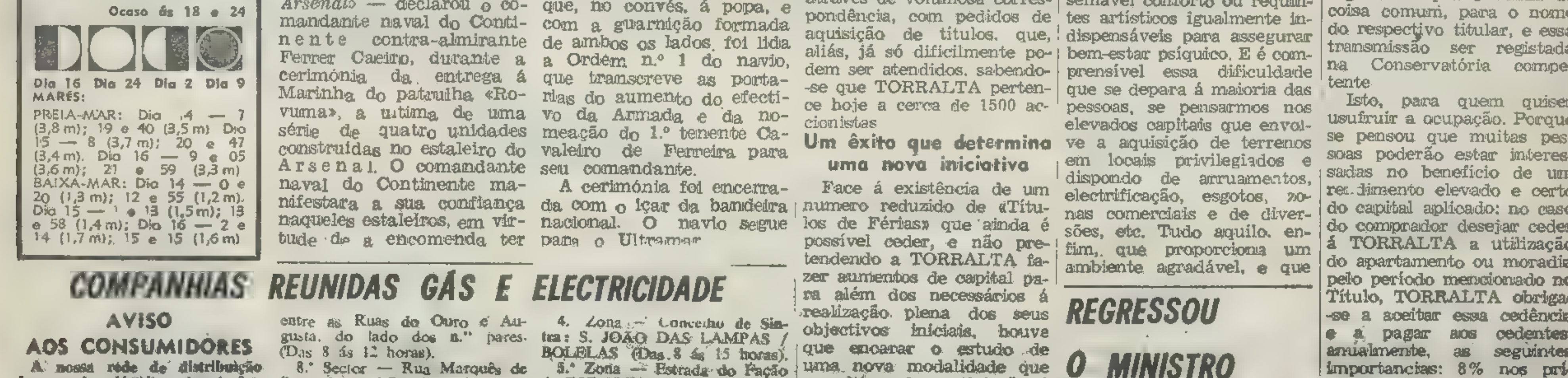
5.ª Zona — Estrada do Façâo / CORTEGAÇA / FAÇÃO (Das 8 ás 15 horas).

6.ª Zona — MEM MARTINS: Estrada de Mem Martins, Rua dos Casais de Mem Martins, Rua do Eirinho, Rua Salvador Correia de Sá e transversais.

7.ª Zona — Concelho de V. F. de Xira: SOBRALINHO / ALDEIA DO SOBRALINHO / CRUZ DAS ALMAS / ALVERCA DO RIBATEJO / VERDELHA e linhas A. T. entre Alhandra e Verdelha (Zona Norte e Sul). (Das 8 ás 14 horas).

8.ª Zona — Concelho de Alenquer: CARREGADO / ABRIGADA. (Das 8 ás 14 horas).

O CLUBE NÁUTICO DE TORRALTA



Esta é a maqueta do Clube Náutico Torralta, presentemente em construção, e integrado no grande empreendimento que está a promover-se e envolverá o conjunto turístico de Santa Filomena, no Alvor

FRENTE A FRENTE

Diálogo entre dois jovens sobre a Universidade em Portugal e nos E. U. A.

Temos uma definição a propor para o suplemento «Mesa-Redonda»: um clube de discussão. *E uma forma útil e frutuosa de discussão é por duas pessoas frente a frente, dispostas a dialogar. Foi o que fizemos. O «Diário de Lisboa» convidou, agora, para um diálogo que parece oportuno, Isabel Maria Lopes de Sena, que durante dois anos cursou Literatura Comparada na Universidade do Wisconsin, e João Bonifácio Serra, aluno de História na Universidade de Lisboa. Convidou estes dois jovens, que se desconheciam e viveram em mundos diferentes, para uma troca de impressões sobre as respectivas universidades e cursos, na convicção de que esta conversa terá interesse para o público em geral e para os universitários portugueses em particular.*

(LER NAS PÁGINAS CENTRAIS)

MESA REDONDA

Problemas da geração jovem

FAURE DA ROSA

Tão imprecisa e inconsistente se apresenta ao leitor a resultante de diversas e tendenciosas informações relativas aos movimentos das gerações novas que um título promissor como este — «Problemas da Geração Nova» (1) — logo nos aviva o interesse e ao livro nos lançamos na mira inquieta de encontrarmos o que tanto almejávamos: o estudo bem fundamentado, e definitivamente esclarecedor, sobre a juventude actual. Para um considerável sector da opinião pública, esta juventude desmente o lugar-comum que os defensores dos «novos» opõem aos «velhos» que os hostilizam: «que a mocidade traz consigo a força imperecível de energias renovadoras». Os que fingiram, através dos anos, acreditar nisto, nesta força renovadora, tanto como os «velhos» que sempre a negaram, rejubilam perante os excessos com que os moços de hoje parecem querer dar-lhes razão. Mas a razão não está, não pode estar do lado dos fingidores e dos envelhecidos. Era isto, supúnhamos, que Fischer se propunha demonstrar, e demonstraria, com o seu livro, cujo resultado nos decepcionou. Vejamos porquê.

AS GERAÇÕES DE 1770 A 1945

Porque considera minoritários os grupos que se destacam da maioria, a esta se avantajam, projectam o futuro e vêm a constituir o típico de uma geração, o autor encontra em personalidades literárias ou históricas e em personagens de obras representativas, os símbolos desses grupos caracterizantes das respectivas épocas (Rousseau, Byron e Napoleão, Werther, Fausto e Julien Sorel). Foi só nos meados do século XVIII, desmembrado o sistema corporativo medieval, que apareceu uma primeira geração dotada de qualidades específicas — que Fischer denomina a *da sensibilidade* — e se faz anunciar através das novelas de Samuel Richardson («Clarissa»), Rousseau («A Nova Heloísa») e Goethe («Werther»): um caudal de lágrimas que ao tempo representa a arma poderosa que se ergue contra a secura e o egoísmo individual e social.

Com a convulsão revolucionária da Europa, surge a geração *romântica*. Não nos pareceu evidente a similitude simbólica das vidas de Byron e Stendhal em que o autor os igualou. Para além da exaltação suprema do romanticismo, o que avulta em Byron é o desejo de infinitude na fruição, a libertação do *eu* através do sensorial Em Stendhal, transparece outra espécie de individualismo que se consubstancia, primeiro, na ambição («hoje gozei a genuína alegria de um verdadeiro cumprimento do dever: do dever de ser ambicioso»), em seguida, na ânsia da libertação total do meio-ambiente («para mim, a felicidade consiste em não mandar em ninguém e a ninguém obedecer.»)

Rimbaud — a sua vida e a sua obra — marca a antecipação de um novo tipo humano: contém dentro de si a mira na subversão radical da sociedade, a possibilidade de começar do princípio um mundo novo: o estar disposto a tomar parte seja em que aventura for, a enriquecer à custa de sangue e de miséria com o fito numa vida brutal e ociosa. É a geração da expressão *niilista* e representa as tendências do imperialismo e as da revolução.

Após o advento do imperialismo na Alemanha, reaparece uma geração romântica que se revolta contra a hipocrisia sexual (Franz Wedekind, Freud, Max Halbe, Henrich Man, Robert Musil). A esta sucede um movimento de vanguarda que constitui um violento desafio ao mundo burguês. Kafka, Werfel e outros viam no próprio pai a imagem odienta do mundo velho, prepotente e arrogantemente hipócrita. O diário do jovem George Heym sintetiza esse desejo de o quer

(Continua na pág. 10)

Portugal e a E. F. T. A.

SÉRGIO RIBEIRO

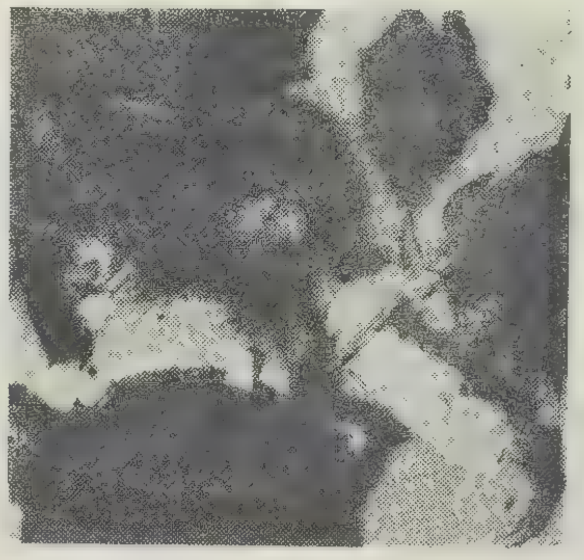
Portugal está integrado na EFTA. A história dessa integração, dentro da história da integração económica vem-se fazendo aos poucos. Na prática, o que resulta mais significativo, para o caso português, é que temos beneficiado de condições de protecção que não têm sido aproveitadas de acordo com o espírito com que são negociadas: *condições para recuperação.*

Como afirmou o economista Nils Lundgren num encontro de economistas de todas as nações, realizado no Algarve, entre 28 de Agosto e 4 de Setembro de 1969, a EFTA foi sempre considerada como uma organização heterogénea, constituída por países que, de essencial, só têm uma coisa em comum: *não estavam preparados, a meio dos anos 50, para assinarem o tratado de Roma.* Mesmo esta atitude comum se fundamentava em factores subjacentes muito diferentes. É costume apontar as extensas diferenças entre esses países, no que toca a nível de desen- [illegible] situação geográfica, estrutura económica, volume da economia e ca[illegible]o política de [illegible] social, etc. Por consequência, ainda segundo Ludgren, parece fazoável concluir que as bases para a política comum da EFTA serão normalmente fracas ou não existentes. Parece deduzir-se, também, que não poderiam ser fácilmente tratadas em conjunto numa discussão de política comercial e económica.

Embora haja alguma verdade nesta concepção da EFTA, a dispersão não deverá ser exagerada. E Lundgren observa que a noção da extrema diversidade é em grande parte baseada na observação de grandes diferenças entre Portugal e os outros países da EFTA. Portugal

(Continua na pág. 5)

Marighela — de Havana a São Paulo



Foi durante a conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade efectuada em 1967, na capital cubana, que Carlos Marighela defendeu a acção directa e violenta no Brasil. O rapto do embaixador Burke Elbrick, em Setembro passado, foi o facto mais destacado da sua decisão. A esse acto, que teve repercussão mundial, outros pareciam seguir-se. Mas o guerrilheiro encontrou a morte em São Paulo, no passado dia 4, quando devia encontrar-se com um sacerdote dominicano. Denuncia? Um ardil? De qualquer modo Havana e a capital paulista foram as grandes balizas no entardecer da vida de um velho dirigente comunista brasileiro.

Ajuda

Diálogo entre Frank Church, senador pelo Idaho, e Charles A. Meyer, secretário adjunto para os negócios interamericanos, sobre os fornecimentos de armas dos Estados Unidos aos exércitos latino-americanos.

Church — Estamos a ajudar à manutenção do *statu-quo*. Deixámos de crer no direito à revolução?

Meyer — Os Estados Unidos continuam a reconhecer o direito à revolução, mas a ajuda militar contribui para manter uma estabilidade política que pode ser ameaçada por reformas de carácter económico e social.

Church — Na realidade, a ajuda militar permite à América Latina aumentar em 50% a soma consagrada à compra de armas e no caso de certos pequenos países, em 10%.

China, Canadá e Japão

Parecem próximas do seu termo as conversações entre o Canadá e a China Continental sobre o estabelecimento de relações diplomáticas entre aqueles dois países.

«Há fundadas esperanças de êxito» — declarou em conferência de Imprensa o ministro canadiano dos Negócios Estrangeiros, Elliot Trudeau, que evitou no entanto informar claramente se os dois países trocarão representantes.

Entretanto, aumentam as relações comerciais entre a China e o Japão. Mas as trocas da seda chinesa pelo aço japonês não significam, ainda, troca de diplomatas. Para tanto seria preciso que, para Washington, a China não fosse apenas a Formosa...

Cristãos

Kenneth Kaunda a Julius Nyerere:

«Os chineses são trabalhadores duros, muito devotados à sua comunidade e ao seu país. São cristãos, evidentemente.»

ASSIM VAMOS NÓS

ASSIM VAI O MUNDO

Imperialismo

Ernest Undel também parece estar de acordo com Claude Julhieu sobre o carácter fundamentalmente económico do imperialismo americano: «Hoje, a dependência dos Estados-Unidos relativamente às importações estrangeiras (em primeiro lugar da América Latina) cresce cada vez mais no tocante a duas matérias de primeira necessidade: o minério de ferro e o petróleo.»

Universidade de Arte

Foi constituida oficialmente em Veneza uma Universidade Internacional de Arte. A sua finalidade é a — de fornecer aos aspirantes a artistas de todo o mundo. em dois centros artísticos de valor universal (Veneza e Florença), a experiência e o conhecimento da arte, utilizando a cidade-museu, os seus monumentos, as galerias e todos os centros de estudo disponíveis.

Espiões

O Tribunal de Colónia que está a julgar o espião Heinz Suetterlin apreciou o depoimento ajuramentado que prestou nos Estados Unidos o antigo chefe da espionagem russa, Eugénio Runge, que se entregou ao Ocidente. A acusação apresentou o depoimento como peça do processo. Durante sete anos, ás ordens de Runge, o réu fotografou e entregou á Russia milhares de documentos da O. T. A. N. e do governo de Bonn.

Runge, ao passar para o Ocidente, desmascarou a rede de espionagem que chefiara. E nessa rede figuravam Suetterlin e a mulher com quem casara, funcionária do Ministério alemão dos Negócios Estrangeiros.

Por outro lado, o tribunal confirmou a intenção de enviar representantes seus aos Estados Unidos, para interrogarem Runge.

C. T. T. — Empresa pública do Estado

A partir de 1 de Janeiro, os C. T. T. vão ser transformados numa empresa publica do Estado. Esta transformação contém potencialmente múltiplas incidências e vastas consequências, dada a gama de problemas que envolve.

Trata-se de uma decisão da maior importância, de grande responsabilidade e amplas repercussões — tomada agora pelo Conselho de Ministros, mas pensada e amadurecida ao longo destes ultimos anos.

Não é assunto que possa comentar-se em meia dúzia de linhas. Mas sempre diremos que tal decisão foi anunciada com óptimos objectivos: inovações científicas e técnicas para melhoria do serviço; produção ao custo mais baixo possível para a colectividade; melhor remuneração e mais direitos para o pessoal.

Intuitos excelentes, como se vê. E que tais intenções se concretizem é o que todos vivamente desejamos.

Alarme atrasado

Chegou cá, também, o alarme: os ciclamatos seriam cancerigenos. Ouvidos, porém, especialistas de indiscutível competência, verifica-se que o alarme é não só um tanto despropositado como vem já com grande atraso.

Na verdade, foi já há uns anos que os russos descobriram acções cancerigenas dos ciclamatos quando ministradas a ratos, em altas doses. Mas nunca se detectou, em seres humanos, qualquer relação entre o uso dos ciclamatos e o aparecimento de tumores cancerosos.

Sabe-se, entretanto, que o açúcar provoca graves males (obesidade, diabetes). E o uso dos doces e das bebidas açucaradas não só continua, como se desenvolve.

As pastelarias medram e proliferam a olhos vistos. E o tabaco? Não se sabe que é pernicioso?,

Adoçar a boca

O ciclamato é um dos numerosos edulcorantes de síntese, que servem para adoçar bebidas ou comidas sem os inconvenientes do açúcar. Um médico especialista que ouvimos sobre o assunto explicou-nos que o ciclamato foi descoberto em 1940. As pequenas doses ingeridas pelo homem, em sua opinião, não oferecem qualquer perigo. Mas se persistem dúvidas, então opte-se pela sacarina, conhecida há 90 anos e cuja benignidade está mais que comprovada.

Mas se se quiser «ir pelo seguro», elimine-se então o uso de qualquer edulcorante. É um remédio radical, tanto mais que o organismo não necessita absolutamente nada de tais substâncias.

Só servem para «adoçar a boca»...

Responsabilidade portuguesa...

E vem a propósito deste problema de amarguras e de doçuras dizer que nós, os portugueses, temos algumas responsabilidades na difusão do açúcar pelo mundo. E parece que, para a saúde, não foi grande coisa, pois o corpo humano não estava lá muito bem preparado para ser alimentado com sacarose...

uma paisagem sobre o futuro

EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

■ EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
■ JARDIM INFANTIL PRIVATIVO

EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construida pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senhor Jesus dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Cinema português — realidades e aspirações

Conclusão da mesa-redonda em que tomaram parte Cunha Teles, Fernando Lopes, Gérard Castello Lopes, Jorge Brum do Canto e Manuel Neves. Serviu de moderador Manuel de Azevedo, nosso camarada de Redacção

MODERADOR — Na primeira parte deste debate já se referiram alguns aspectos importantes do cinema português: o problema das estuturas industriais e comerciais, ou melhor, da sua ausência; os entraves levantados por uma legislação inadequada á produção normal de filmes; a desconfiança do público que impede, mesmo nos melhores casos, o êxito dos filmes nacionais; as consequências nefastas da classificação dos filmes por idades; o aparecimento do chamado **cinema novo** e suas possibilidades, etc. Falaram um distribuidor e dois realizadores. Parece-mos ser agora a altura de ouvirmos, sobre estes e outros problemas, a opinião de Cunha Teles, cuja experiência como **produtor do cinema novo** português se reveste de particular interesse para os objectivos desta mesa-redonda

CUNHA TELES — Eu gostava de pegar exactamente no ponto em que o Fernando Lopes ficou, pois me parece muito importante e foi abordado indirectamente, e depois foi afastado da conversa. Eu só posso falar agora da minha experiência. Referirei dois outrês pormenores que me parecem importantes, mas que por vezes as pessoas ignoram.

Quando cheguei a Portugal há sete ou oito anos iniciava-se, por assim dizer, um movimento perfeitamente concertado de fazer em Portugal um cinema de qualidade, feito por gente nova, desembaraçada de uma série de aspectos que até aí tinham subordinado ao falso comercialismo o cinema português. E nesse linha aparecem, ao invés do que se pensa muitas vezes, os primeiros realizadores que trabalharam comigo e fizeram os primeiros filmes: o Fernando Lopes, que está aqui e pode confirmar isto, porque viveu directamente o dia-a-dia; o Paulo Rocha; o António Macedo. Havia uma determinação concreta de fazer determinado tipo de cinema que não era baseado nem sequer nas relações de amizade.

Fez-se a opção, escolheram-se os melhores realizadores ou, pelo menos, aqueles que ofereciam à partida melhores possibilidades — pelos documentários feitos, por uma cultura, por vários tipos de afirmação horrível. Determina-se, portanto, o início de um determinado tipo de produção. Ao invés também do que se pensa normalmente, os primeiros filmes são feitos com o mínimo de dinheiro e tanto quanto possível por autofinanciamento. Quando se chega ao fim, o filme do Paulo Rocha está completamente pago. Não se depende de ninguém. Procura-se nesse altura fazer um curto-circuito directo á distribuição e ir exibir directamente. O filme «Verdes Anos», ao ser estreado nos cinemas S. Luiz e Alvalade, não tem distribuidor, não há «avanços» nem do cinema, nem da distribuição. Portanto, vai-se directamente ao público, para se evitar que num processo de comercialização fossem pedidos os eventuais resultados. Aí surge efectivamente, no que se refere á minha experiência de produtor, o aspecto mais grave, em que o Jorge Brum do Canto tocou e muito bem: ao longo de muitos anos o cinema português desprestigiara-se progressivamente e o público não vai ver filmes nacionais. Não vai em relação aos «Verdes Anos», não vai ou vai um pouco mais, mas também numa proporção insuficiente, em relação a «Belarmino», em relação a «Domingo á Tarde», em relação ao «Mudar de Vida» e assim sucessivamente. Em relação, pelo menos, aos filmes que eu produzi. Isto assume aspectos extremamente graves.

MODERADOR — Era de prever. Isso foi dito e redito há muitos anos. E vai ser difícil e moroso reconquistar a boa vontade e o entusiasmo do público para o cinema português, mesmo para aquele que vale a pena... Mas urge que essa reconquista se faça, mas como deve ser.

CUNHA TELES — Eu fi-lo de uma forma concreta, com produções dignas. Mas, em relação ao modelo apresentado pelo Gérard Castello Lopes, direi que sem mercado não é possível a existência de uma indústria de cinema. E o divórcio em relação ao cinema português continua a existir nos nossos dias. Há aspectos que escapam á nossa vontade mas alguma coisa poderiamos fazer para acabar com o divórcio existente entre o público português e o cinema português. Se todos nós nos concertássemos e promovessemos, ao nível quase de campanha nacional, o esclarecimento do público com restrospectivas do cinema português de qualidade, através do País, comentadas e apresentadas por diversos realizadores, com a Imprensa; com os cineclubes. Sim, estou convencido de que talvez fosse possível dar um passo importante. Porque pode haver uma melhor legislação, pode haver inúmeras salas, pode haver tudo, mas se o público continuar a não ir ver os filmes, não haverá sequer a justificação para um cinema português, que só se justifica na medida em que o público lá vá.

GERARD CASTELLO LOPES — E' evidente!

CUNHA TELES — Mas entendo que hoje há já elementos de apoio. Há filmes feitos que podem justificar que se diga ao público: «Alto, meus senhores! Mas o que é isto? Então os senhores, sistemáticamentte, passam ás portas dos cinemas, não entram e obstinam-se em não reconhecer um facto que é, apesar de tudo, a existência de um cinema português que tem já uma certa qualidade, de um cinema que pelo menos levanta problemas da vida portuguesa com seriedade, de um cinema que tem incontestàvelmente determinada qualidade cinematográfica?» Acho que este é também um problema muito importante. E sem estar resolvido não há possibilidade de o nosso cinema ir para a frente. Porque é evidente que um Fernando Lopes, um Jorge Brum do Canto ou um Cunha Teles, á custa de inúmeros sacrifícios para porem individualmente filmes de pé, podem sempre fazer um filme. Todos nós, individualmente, mais que não seja, trabalhando em publicidade e em documentários de qualquer natureza, poderemos sempre fazer o nosso filme. Mas não se pode passar a vida inteira neste sistema, não é solução. Quer dizer, não se justifica a existência, como o Gérard Castello Lopes dizia, com muita razão, que não há profissionais de cinema em Portugal, na verdadeira acepção da palavra. Isso é um facto, quer dizer, pessoas que vivam exclusivamente da produção de filmes de fundo. Eu fui produtor, mas a minha actividade pròpriamente como produtor é uma coisa que está completamente terminada. Os realizadores pouco ou muito, ainda recebiam alguma coisa dos filmes que estavam a realizar. Trabalharam em condições de verdadeira miséria. O dinheiro, na parte final, sobretudo, já era pouco, mas ainda havia um mínimo. Hoje em dia não. Hoje, para fazermos um filme não recebemos nada. Eu não recebi nada para fazer um filme que se chama «O Cerco». Como realizador, trabalhava de manhã, e á noite na publicidade. Trabalhava à tarde no filme de fundo, e o que ganhava na publicidade de manhã e de noite, dava para aguentar à tarde a produção do filme de fundo. O Fernando Lopes, sem querer ser indiscreto, creio que está em circunstancias idênticas, alternando uns meses de trabalho em actividades de cinema publicitário com uns meses de trabalho na «Abelha na Chuva». O César, para poder fazer as suas curtas metragens e o que ele gosta de fazer em cinema, tenho a impressão de que anda a aguentar uma vida de subalimentação.

(Todos os presentes abanaram a cabeça em termos de aprovação e olharam para o César Monteiro, que esteve presente a esta mesa-redonda mas não quis intervir no debate)

Cunha Teles

CUNHA TELES — No grupo de filmes que eu produzi há contudo vários aspectos que eu queria salientar. Está aqui o Fernando Lopes, que entrou nesse grupo de filmes e que foram concebidos e realizados com bastante liberdade por parte dos seus autores. Não foram filmes subordinados a um servilismo de carácter comercial. Apesar disso quase não tiveram problemas com a Censura; os «Verdes Anos» tiveram um pequeno corte; o «Belarmino» não teve corte nenhum; o «Domingo à Tarde» não teve corte nenhum; o «Mudar de Vida» não teve corte nenhum. Qualquer destes filmes foi exibido em cinemas em Lisboa. Mas nenhum deles atingiu junto do público o êxito merecido. Ora o que se entende por cinema português de qualidade? Acho que este é o aspecto mais interessante a abordar. Não se pode limitar a um pequeno grupo de pessoas de determinada época o conceito de «cinema português de qualidade». O que será um bom filme para um público numeroso? Parecia-me extremamente interessante atacar este assunto.

CASTELLO LOPES — Talvez seja mais interessante, à luz da sua experiência, dizer-nos que ilações tirou desse facto e depois então fazer a pergunta para ser discutida. Mas você, que fez um cinema de qualidade que foi sistemàticamente recusado pelo público (ou mal recebido) poderia dar-nos a conhecer a sua própria opinião sobre esse tipo particular de fracasso.

CUNHA TELLES — Eu penso que nesse aspecto o Fernando Lopes, que fez um filme nessas circunstâncias e está agora a fazer segundo, terá certamente muito pensado os motivos que levaram a esse fracasso. Sobretudo ele que, de todos os filmes que eu produzi, tratou o tema mais popular, o do «Belarmino», que era um filme que «a priori» parecia de êxito, sobretudo por ser feito com bastante singeleza e de uma maneira extraordinàriamente directa. Porque é que esse filme não atingiu o nível que se pretendia?

MODERADOR — Gostaríamos agora de ouvir algumas considerações acerca do que aqui foi dito das possibilidades de promoção de filmes portugueses, ou de despromoção

MANUEL NEVES — a propósito do que disse o Fernando Lopes, queria afirmar que eu, pessoalmente, não acredito que seja o lançamento individual publicitário de um determinado filme que possa dar efectivamente um passo decisivo na solução dos filmes portugueses. Tenho a impressão de que é um problema muito mais global...

CASTELLO LOPES — Tentemos abordar o problema por outro ângulo. Parece-me que um processo comum a todos nós foi o de reconhecer nos cineastas por quem temos admiração, nos cineastas estrangeiros (suponho que isto até se passou com o Brum do Canto) uma capacidade magnífica de falar em dois registos. Seja um Hitchcock, seja o Renoir; os grandes realizadores americanos, o John Ford, o Howard Hawks; um Fritz Lang, todos esses homens que fizeram um grande cinema, têm uma invulgar capacidade para contar duas coisas: uma a um nível que é uma história mais ou menos discursiva, mais ou menos convencional, mais ou menos de fácil comunicação com o grande público; e uma segunda a outro nível, isto é, feita com uma virtuosidade, um talento e uma eficácia que, muitas vezes, é a crítica do próprio propósito da fita. Ora, ser capaz de criar uma obra de arte com leituras a diversos níveis (e cineastas há que se podem ler até a mais de que dois níveis) é coisa rara, que requer um enorme talento e, sobretudo, uma enorme experiência cinematográfica. É bom não esquecermos que um dos maiores cineastas do mundo, o falecido Misogushi, fez dez filmes «absolutamente execráveis» (no dizer dele) antes de fazer o primeiro filme que foi capaz de assinar. Este homem era efectivamente genial. O que se passa no caso português é que muito do cinema que aqui foi criticado, quer o cinema que, com algumas excepções (seria, no dizer do Fernando Lopes, o «cinema de complacência») era um cinema que se desejava, de fácil comunicação com o público. Era o cinema de Jorge Brum do Canto, «A Canção da Terra»; era o cinema

Gérard Castello Lopes

do Manuel de Oliveira, com «Aniki-Bobó»; era o cinema de Cottinelli Telmo, com «A Canção de Lisboa». Era uma tentativa de dialogar directamente com o público temas que o interessassem, usando duma linguagem relativamente simples e assimilável. A preocupação da ineficácia essa existiu nalguns, mas houve muitos outros em que não existiu. Mas a capacidade de poder sistemàticamente trabalhar a dois níveis é uma coisa que não é dada a toda a gente. Aparecem os cineastas novos e nesses a grande preocupação é fugir da «complacência» e rodear-se de uma coisa que é sintomática da cultura portuguesa a todos os níveis e não só do cinema: em se rodear de um certo hermetismo de linguagem.

FERNANDO LOPES — Eu peço desculpa para dizer que discordo bastante do Gérard Castello Lopes quanto ao problema, que também pode ser visto ao contrário, voltando às estruturas, porque é realmente um problema económico, político e, por-

(Continua na pág. seguinte)

Debate sobre cinema português

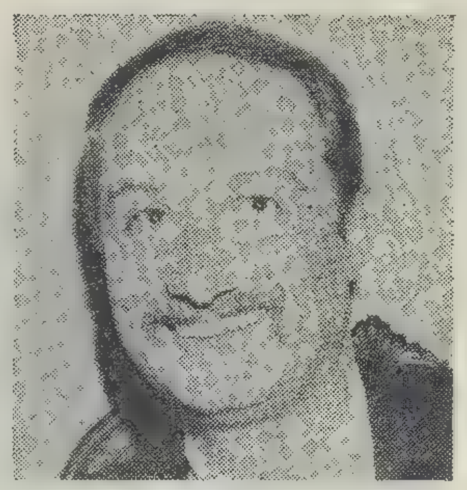
(Continuação da pág. anterior)

tanto, voltamos sempre ao mesmo. O que o Gérard acabou de descrever como o cinema dos grandes cineastas e particularmente o dos cineastas americanos — porque o Misogushi não era um cineasta acessível, fora do seu país, o Japão; onde me parece que os seus filmes integravam perfeitamente uma série de valores culturais tradicionais. O que acontece é que os cineastas americanos se moviam, alguns com génio, dentro de uma certa receita narrativa que a indústria cinematográfica daquele país acabou por impôr em todo o mundo — com prejuízo até das pesquisas estéticas mais avançadas que noutros países se tentavam e que não conseguiam aquele mínimo de comunicação com o público por nem sequer terem acesso a ele. Quando nós aparecemos aqui a querer fazer filmes isso corresponde exactamente ao período em que o cinema americano e uma certa concepção da narrativa cinematográfica que lhe era — e é ainda — inerente era posta em causa, depois de o mesmo se ter passado na literatura, na música e na pintura Vindos de fora, do contacto com as obras vivas desse momento, e não apenas do cinema que aqui se vê; tentamos naturalmente fazer cinema português e cinema moderno — coisa difícil de conciliar e, sobretudo, mais difícil ainda de fazer interessar o nosso público, tão habituado está ele ao cinema de digestão fácil e, pràticamente, só a esse. Nós tentámos a partir de 1960 restabelecer o diálogo do cinema português com o cinema mais interessante que por todo o mundo estava a ser feito. O que acontece é que enquanto lá fora grandes massas de público tinham, paralelamente, tido acesso aos vários meios de cultura e, portanto, as pesquisas do cinema apareciam-lhe como naturais e inevitáveis, aqui o público tem estado afastado desses problemas — para mal de todos nós.

Fernando Lopes

MODERADOR — Cremos ser importante analisar aqui um problema paralelo, de que depende o nosso cinema: o problema da cultura popular, do acesso à cultura da grande massa, a qual não tem acompanhado a evolução cultural das «élites» e, portanto, cada vez mais está afastada da exigência estética das minorias intelectuais.

MANUEL NEVES — Parece-me, efectivamente, que o problema do público é questão fundamental do cinema português e é-o nesta medida: os cineclubes tiveram uma determinada acção, mas uma acção extremamente reduzida na medida em que o cineclubismo partiu logo de princípio com «handicap». Dirigiu-se única e exclusivamente a uma camada de público tipicamente pequeno-burguês e médio-burguês, com pretensões culturalistas ou aproveitando realìsticamente o facto de o cineclubismo proporcionar um espectáculo cinematográfico barato. Portanto, o cineclubismo, por deficiências próprias inerentes a toda uma conjuntura, porque não se poderia pensar em cineclubismo para grandes massas, não pôde penetrar numa vasta camada de público, não pôde fazer um alargamento de acção formativa e divulgadora. E parece-me que este é o ponto fundamental: se o cineclubismo não chegou ao público, o cinema português também não poderá chegar ao público. É que nós vivemos num total subdesenvolvimento cultural e vivemos em estruturas económicas que de maneira nenhuma possibilitam o acesso da vasta camada a um espectáculo. Quer dizer, o público não tem econòmicamente possibilidades de satisfazer prazeres lúdicos, prazeres culturais, do divertimento ou da cultura. E parece-me que a partir daqui põem-se vários problemas. Põe-se um problema fundamental em relação ao cinema português, que será o problema de toda uma estrutura de subdesenvolvimento económico. E parece-me que não se pode pensar em cinema português em termos de indústria, tal como ela é concebida nos Estados Unidos, em França, Itália ou Inglaterra, isto é, nós temos que partir do princípio de que a produção de cinema em Portugal tem que ser também subdesenvolvida nos meios, quer dizer, tem que recorrer, como disse o Fernando Lopes, aos 16 milímetros, tem que recorrer a um aparato técnico muito mais barato do que a produção de 35. Tem



Manuel Neves

assim possibilidades de, através dessa produção, chegar aos circuitos onde o cinema que vem do estrangeiro explorado comercialmente não chega, porque nós temos imensas sedes concelhias que não têm cinema, ou temos pelo menos sedes concelhias que têm um cinema que dá uma sessão por semana. Portanto, parece-me que o cinema português só poderá melhorar se partir desse princípio, quer dizer, toda uma tentativa de integração nessa estrutura capitalista. Produção, distribuição, consumo parece-me perfeitamente impossível nas condições socioeconómicas do momento português.

MODERADOR — Então para si qual seria a saída para esse...

MANUEL NEVES — A solução dependerá fundamentalmente da legislação que afecta o cinema em Portugal. Desde que haja uma legislação que autorize a exploração efectiva do filme de 16 milímetros e resolva subsidiar, através do Fundo de Cinema, não a produção de 35 mas a produção de 16, portanto, encaminhar todo o capital que o cinema ganha em Portugal para o 16. A partir daí será possível ter uma máquina montada com técnicos; realizadores, que distribuirão directamente os seus filmes para salas de exibição de 16 milímetros. E será possível, quanto a mim, chegar exactamente ao público que neste momento vive apenas, do ponto de vista de espectáculo, da televisão. Mas põe-se aqui o problema, também, da comunicação. Resolvido o problema da legislação que encerra o espectáculo cinematográfico, pôr-se-á o problema da comunicação, isto é, em que medida é que os realizadores actuais portugueses estarão à altura de produzir obras que cheguem a um público que é, digamos, completamente analfabeto em relação ao cinema, à cultura, à narrativa, a tudo. Parece-me que este, depois de solucionados os problemas legais e portanto criada uma estrutura, será o grande problema do nosso cinema, que também tem solução como é evidente. E tem solução através de inquéritos, através de amostragem, através do próprio diálogo realizador-público. Eu não percebo mesmo agora porque é que os realizadores portugueses não pegam nos seus filmes de 16 milímetros e não os vão mostrar a cooperativas, a associações recreativas e tentar estabelecer um diálogo com o público. Se o realizador ajudar o público, e pode fazê-lo mais até do que a crítica, a coisa pode funcionar melhor. Parece-me que esta seria a solução do cinema português, porque eu não acredito efectivamente, e por todas as razões, que haja possibilidades de montar uma estrutura industrial concebida na base do 35 milímetros.

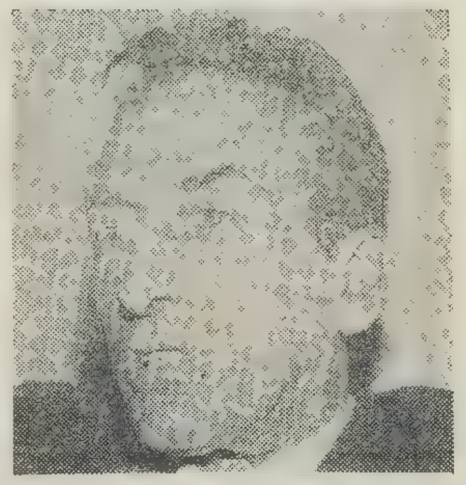
FERNANDO LOPES — Em relação àquilo que disse o Manuel Neves, há muitas coisas que estão certas e há outras que me parecem incorrectamente postas. Eu acho muito importante que existam neste país possibilidades de se trabalhar convenientemente em 16 milímetros. Portanto estou de acordo, por exemplo, com um circuito de 16 milímetros paralelo, como existe em tantos outros países. Estou convencido de que a grande tendência do cinema é para coexistirem duas estruturas totalmente diferentes. Um circuito de 16 milímetros, que nunca foi possível em Portugal porque a legislação não autorizava, é evidente que tem as vantagens que todos nós conhecemos, como as das salas serem extremamente baratas. Para isso era preciso que a legislação autorizasse cinemas em determinadas condições, muito mais baratos. Seria um investimento muito pequeno e, como disse o Manuel Neves, era realmente possível chegar com o cinema a muitos pontos onde ele hoje não chega e onde só chega a televisão, que ainda por cima é de «borla». Mas do ponto de vista meramente de trabalho, de criação, dum ponto de vista meramente estético, d i g a m o s assim, a obrigatoriedade de só trabalhar em 16 milímetros seria uma violência. E creio que as pessoas que estão aqui comigo e que fizeram filmes, reagiriam do mesmo modo à obrigação de só poderem fazer filmes em 16 milímetros.

BRUM DO CANTO — Cerceando ainda por cima a possibilidde de se fazerem co-produções, que será uma grande possibilidade que nós poderemos ter no futuro.

CUNHA TELES — Tenho a impressão de que há um pequeno equívoco, ao misturar-se o problema dos circuitos de exploração de 16 milímetros com os problemas da produção e execução dos filmes. Há determinado tipo de temas e determinado tipo de assuntos que se prestam a ser filmados e realizados em 16, e outros que se não prestam tècnicamente a isso. Não quer dizer que estes filmes, feitos em 35, não possam depois ter uma expansão através dum circuito de 16

MODERADOR — Se entendem que o assunto está suficientemente debatido, resta-me agradecer a colaboração e a participação que a esta mesa-redonda foi dada por todos.

Mas também gostaria de salientar um aspecto que não foi aqui abordado e que me parece verdadeiramente importante. É que o cinema português deve existir pela importância da sua própria existência, quer dizer, da sua acção, tanto do ponto de vista económico, como do ponto de vista cultural Justifica-se, claro está, se tiver realmente um objectivo, uma função que interesse ao País, que interesse à população. Portanto, neste aspecto que não foi aqui abordado, pelo menos expressamente, o cinema não existe apenas para dar guarida àquilo que os próprios criadores desejam, mas também porque ele traz em si mesmo o germe de coisas úteis, frutos de que o País virá a beneficiar. Seja o aspecto do seu próprio rendimento, portanto um aumento de riqueza, como no caso de chegarmos a fazer cinema capaz de ir para o mercado externo; seja, no campo interno, quando capaz de conter em si elementos de desenvolvimento cultural, de fazer interessar as pessoas por diversos problemas, de difundir ciência; de divulgar problemas pedagógicos, cívicos, etc. Portanto, creio que todos esses problemas que foram aqui discutidos, o alargamento da sua difusão, a utilização dos vários sistemas de distribuição dos filmes, quer seja em 35, em 16 ou noutro qualquer formato, tudo isso seria desejável, mas não só para garantir aqueles que se interessam por trabalhar em cinema. Tem que haver uma motivação maior. E a motivação maior estava na base desta discussão — saber se efectivamente o cinema traz alguma coisa de útil ao País, como uma comunidade.



Jorge Brum do Canto

CASTELLO LOPES — Se o cinema é uma actividade artística e cultural que persegue os objectivos de que se falou, ele pode de alguma maneira ser a consciência e a profecia da sociedade em que se inscreve. É esta a única função social da arte, em meu entender. Se na comunicação que há entre a intenção do artista e o público que a recebe há filtros de toda a natureza, como se tentou aqui analisar, mormente os filtros de natureza legal, os filtros de natureza jurídica, então é preciso de alguma maneira tentar removê-los. É preciso nunca deixar de pensar que quem tem alguma coisa para dizer, se tem a infelicidade de escolher o cinema como a via de o comunicar, essa pessoa está a entrar numa forma pa[illegible]mente difícil de apostolado, se for de nacionalidade portuguesa.

ENCONTROS INTERNACIONAIS DE GENEBRA

Nos Encontros Internacionais de Genebra reúne-se a única assembleia verdadeiramente idónea da intelectualidade e do pensamento dos nossos dias

Obras fundamentais para o estudo da sociologia, da economia, da filosofia, da arte, da religião, da técnica e dos grandes problemas do mundo inteiro

Volumes publicados:

O ESPÍRITO EUROPEU – 55$
PROGRESSO TÉCNICO E PROGRESSO MORAL – 78$
DEBATE SOBRE A ARTE CONTEMPORÂNEA – 70$
A FOME – 70$
PARA UM NOVO HUMANISMO – 65$
OS DIREITOS DO ESPÍRITO E AS EXIGÊNCIAS SOCIAIS – 60$
O CONHECIMENTO DO HOMEM NO SÉCULO XX – 65$
COMO VIVER AMANHÃ? – 60$
O HOMEM PERANTE A CIÊNCIA – 75$
O "ROBOT", O ANIMAL E O HOMEM – 75$
A ANGÚSTIA DO TEMPO PRESENTE E OS DEVERES DO ESPÍRITO – 75$

Último volume publicado:

O NOVO MUNDO E A EUROPA

Comunicações de Lucien Febvre, William Rappard, Robert Jungk, Sérgio Buarque de Holanda, George Boas, Emilio Oribe e André Maurois 560 págs., 90$

UM LANÇAMENTO EXCLUSIVO DE PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

Uma afirmação da capacidade popular

Com um movimento de mercadorias que ultrapassa hoje os 10 000 contos anuais, a Cooperativa de Produção e Consumo dos Trabalhadores da Foz do Douro é, dentro do movimento cooperativista português um caso a focar de tenacidade e evolução no Norte do País.

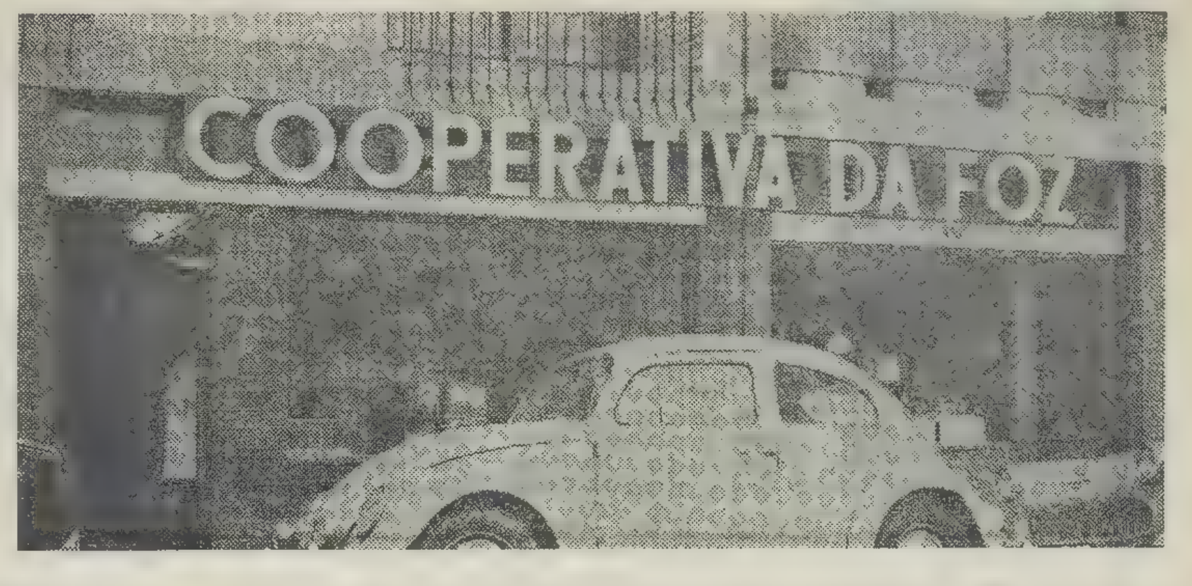
Foi fundada em 21 de Setembro de 1921, num pós-guerra angustioso como consequência da exploração de que o consumidor — classe trabalhadora — era alvo por parte dos comerciantes. Estes, mesmo nos géneros alimentícios de primeira necessidade (na altura 70 por cento dos orçamentos familiares eram gastos nestes géneros e afins), angariavam lucros fabulosos.

Fundaram-na os trabalhadores mais esclarecidos da Foz do Douro que se aperceberam do magno problema e se organizaram para assim combaterem a especulação e o burguês ganancioso, conceitos demasiados interligados no pensamento dos operários daquela época e que transparece na seguinte proposta, apresentada numa reunião para discutir dos estatutos da neófita cooperativa e felizmente rejeitada: **«Que não possam fazer parte desta sociedade pessoas de categoria elevada, como sejam negociantes, industriais, empregados superiores, doutores, capitalistas e todos os demais que tenham categorias equiparadas».**

Foram fundadores da Cooperativa da Foz, como vulgarmente é apelidada, os srs. Camilo Eduardo Ribeiro, serralheiro; António Bernardino Oliveira, estucador; Alvaro Monteiro, caldeireiro; António Neves, caldeireiro; Albano Sá Ganadeiro, empregado de escritório; Benjamim Sousa Monteiro, estucador; Anselmo Moreira, estucador: Luís da Silva Machado, pintor; e João Bernardino Oliveira, estucador — que se repartiram em duas comissões: redactora dos estatutos e de propaganda.

Os primeiros passos desta nova instituição foram dados numa lojeca, à noite, após os trabalhos nas oficinas e obras.

De 1921 a 1944-45, variadas crises afectaram a vida da instituição, fazendo perigar a sua sobrevivência quer por falta de empregados capazes, quer por falta de dirigentes aptos, quer por dificuldades nos abastecimentos, quer ainda por estarem muito comprometidos os seus já parcos capitais. Consequentemente, nestes anos, a cooperativa ocupou os últimos lugares entre as restantes do Norte do País.



DOIS MIL ASSOCIADOS

Entretanto uma férrea vontade, forte tenacidade e um desejo de evolução impediram o soçobro e, a partir da ultima daquelas datas, dá-se um ressurgimento que até agora se mantém em permanente movimento evolutivo.

A Cooperativa da Foz que detém actualmente o maior movimento de consumo na Unicoope (Armazém Regional do Norte) conta nesta data com mais de 2000 associados e as suas vendas totais atingem, como se disse, 10 mil contos anuais que se prevêem sejam ultrapassados em 1969. Foi uma das primeiras cooperativas do Norte a adoptar as novas técnicas de vendas — auto-serviço.

Possui associados de todas as camadas sociais em toda a cidade do Porto, para os quais mantém um serviço de distribuição totalmente grátis.

Das suas instalações fazem parte: sede social, num edifício pertencente á instituição e onde funciona permanentemente um bar, sala de jogos, sala de exposições e biblioteca. Foi criada uma comissão cultural que ali impulsiona o grupo de teatro e o grupo de desporto e á qual está ligada a biblioteca constituída por 2000 obras em que estão representados autores nacionais e estrangeiros e onde o associado pode requisitar livros que lerá em casa.

Noutras instalações tem o auto-serviço e ainda as secções de calçado, pomar, louças, panos, electrodomésticos, etc., e ainda o já citado serviço de distribuição domiciliária, ligado a um armazém.

Na sede social, onde o convívio após o jantar é diário, são projectados filmes, há audições de musica, faz-se teatro, etc.

De quando em vez, são realizadas exposições de arte, filuminismo, trabalhos manuais, etc. São ainda promovidas conferências, colóquios e concursos.

Anualmente são feitos passeios para crianças e para os sócios.

(Continua na pág. 9)

• NOVIDADE •

BIBLIOTECA DE ECONOMIA 6

PARA UMA REFORMA AGRÁRIA EM PORTUGAL

DA AUTORIA DO ENG. AGRON. BLASCO FERNANDES

ESC. 35$00

PRELO-EDITORA

R. da Misericórdia, 67, 2.º LISBOA

ALENTEJO DESENCANTADO (NARRATIVAS)

UM NOVO LIVRO de *Mário Ventura*

UMA VISÃO DOLOROSA E ESPERANÇADA DA VASTA REGIÃO ALENTEJANA

EDITORA ULISSEIA

Portugal e a E.F.T.A.

(Continuação da pág. 1)

constitui, c o n t u d o, um «pássaro e s t r a n h o» na EFTA, e não é razoável colocá-lo como significativo no extremo de uma escala imaginada. A Grã-Bretanha, os quatro países nórdicos e os países alpinos, Áustria e Suíça, são todos países de elevado nível económico, estados industrializados, com sistemas de assistência social, situados na mesma parte do mundo e com características sociais e culturais muito semelhantes.

Contudo, é evidente que, dentro de um contexto europeu, os membros da EFTA diferem consideràvelmente, devido á situação geográfica e á estrutura económica em particular.

É possível distinguir três participantes principais, nomeadamente o Reino Unido, a Suíça e o grupo nórdico, composto pela Dinamarca, Finlandia, Noruega e Suécia. Estas três forças dominam na v e r d a d e a EFTA, enquanto a Áustria e Portugal apresentam tendência para não representarem grande peso na organização e têm problemas m u i t o particulares. Esta estrutura reflecte-se no Secretariado da EFTA, que é dirigido por um secretário-geral britanico assistido por dois delegados, que são de nacionalidade sueca e suíça. O delegado sueco poderá ser considerado a e n t i d a d e nórdica, chave no sistema não oficial de quotas nacionais utilizadas na maioria das organizações internacionais.

É nesta estrutura da EFTA que se põem os actuais problemas de integração europeia. A reunião ministerial, acabada de se realizar, pode ter sido muito importante no «p r o c e s s o europeu» e, òbviamente, no papel de Portugal dentro desse processo.

Se se tem vindo a salientar que a EFTA tem atravessado «bons anos», com progressos reais nas relações comerciais entre os seus membros, também se tem salientado que não se observam idênticos progressos paralelos sob o ponto de vista de integração europeia. Estas conclusões são, aliás, as evidentes no 9.º relatório da EFTA acabado de publicar. De certo modo pode entender-se que esses dois «pontos de vista» estão correlacionados. Enquanto, por condicionalismo global político-económico, o «ponto de vista» EFTA-instrumento para integração europeia se encontra dificultado, o «ponto de vista» EFTA-associação de comércio livre reforça-se. Até porque a EFTA *poderá ser* tanto mais instrumento p a r a integração quanto melhor *p o d e r apresentar-se* como associação europeia com progresos reais do «ponto de vista» comercial.

No entanto, se são estas as conclusões em documentos anteriores á reunião da semana passada (p. e.: EFTA Bulletin, de Outubro), na reunião fez significativa anotação aos «sinais positivos de um progresso, a curto prazo, dos caminhos que levam á unidade económica europeia» (D.L., de 8 de Novembro), e foi claramente afirmado o expresso propósito de não ser desperdiçada qualquer oportunidade de negociações para ultrapassar a actual divisão europeia em duas associações, através de entendimento com a C.E.E. (Mercado Comum). Entre esses sinais positivos que se verificaram no decurso de 1969 são dos mais importantes as mudanças de figuras políticas em França e na R. F. Alemã e os acertos monetários. Talvez 1970 venha a ser um ano decisivo.

E Portugal neste contexto? Segundo o noticiário, a delegação portuguesa teve larga participação. Aliás o dr. Xavier Pintado é bom conhecedor dos corredores da organização, embora nunca tivesse participado ainda, salvo erro, na qualidade de secretário de Estado do Comércio. A posição da delegação portuguesa, pela informação possível, pareceu-nos mais activa. No entanto, todo o arrolamento de problemas que se deu a conhecer nos surgiram um pouco particulares relativamente á situação de possíveis «grandes viragens», de ambiente de vésperas de decisivas definições de grandes linhas de negociação e continuidade.

Acompanhou o secretário de Estado de Comércio, o secretário de Estado da Industria. A sua afirmação das facilidades que Portugal oferece ás grandes empresas internacionais surge na linha de uma des c e n t r alização geográfica europeia, em que parece pretender jogar-se na política económica portuguesa. E não deixa de ser significativo que, no regresso da reunião, o mesmo secretário de Estado se tenha dirigido aos industriais portugueses: «Espero que os senhores industriais portugueses, pelo interesse com q u e acompanham estas questões e, de modo geral, tudo o que respeita á EFTA, quer quanto ás obrigações que nos põe de desanuviamento p a u t a l, quer quanto ás possibilidades que oferece para a vitalização da nossa economia, se preparem e organizem, cada vez melhor, para estar á altura de umas e outras».

É curioso recordar que, também na final da década de 50, se realizou uma importante chamada de atenção dos industriais e e m p r esários portugueses para os caminhos europeus da integração, em colóquio para tal fim promovido. O que não se pode esperar é que a chamada de atenção baste. É necessária a criação de condições para que tenha efeito real um esforço de consciencialização dos problemas. Não se aproveitaram as condições para recuperação, negociadas no exterior, criar-se-ão as condições para recuperação, a partir de vitalização e organização internas? Há todo um ambiente sócio-político português que condiciona este progresso. Ficamos por aqui.

Novidades na colecção TEMAS E PROBLEMAS

GEORGES GURVITCH

OS QUADROS SOCIAIS DO CONHECIMENTO

Gurvitch a caminho de uma sociologia do conhecimento

CRISTIANISMO E MARXISMO NO MUNDO DE HOJE

os textos das célebres discussões de Salzburgo: o diálogo entre cristãos e marxistas

A. SEDAS NUNES

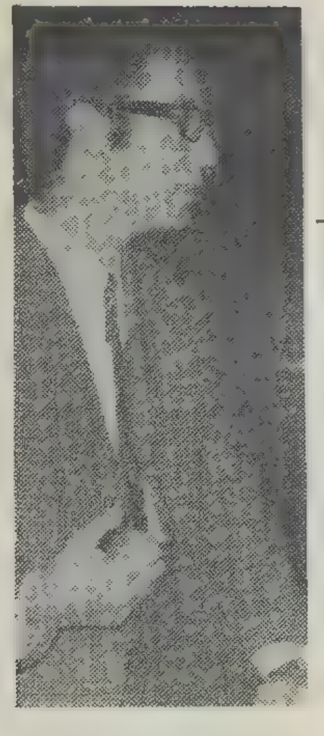
SOCIOLOGIA E IDEOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 100$00

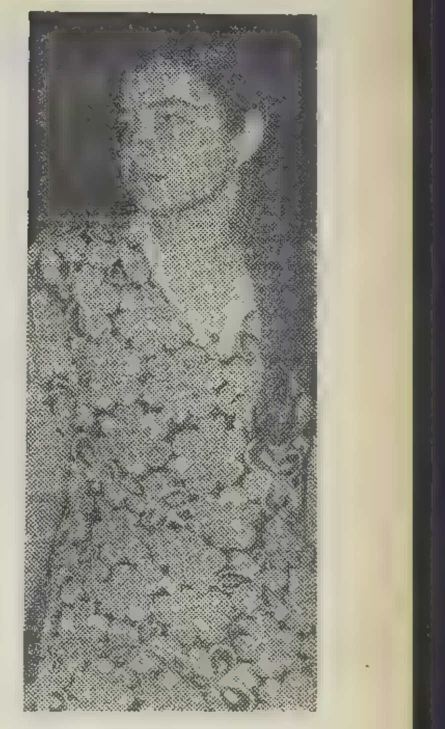
a 2.ª edição de um livro inquietante — e estimulante

MORÆS editores

a marca dos livros importantes

Diálogo sobre as universidades portuguesa e americana





JOÃO BONIFÁCIO SERRA — Eu começaria este diálogo pela vida quotidiana portuguesa. Nesse aspecto, o que é que te impressionou mais, positiva e negativamente?

ISABEL MARIA SENA—Positivamente, creio que é o facto de as pessoas serem muito mais abertas, mesmo muitas vezes sendo estupidas, do que há nove anos, segundo a lembrança que eu tenho. E um pais que apesar de tudo consegue ser bonito. é sempre agradável. Negativamente, creio que é o facto de haver tanta gente com um nivel de vida tão baixo... E quais são os interesses culturais dos jovens portugueses universitários?

JOÃO SERRA — Falta-me uma perspectiva geral para abordar este tema, porque eu conheço mais directamente. o caso da Faculdade de Letras. Os interesses culturais do jovem universitário português são, infelizmente, reduzidos. No entanto, há que ressalvar algumas excepções. Um caso importante é o do teatro; ultimamente tem-se assistido a um interesse cada vez maior pelo fenómeno teatral. Vários grupos universitários encenaram peças com êxito. Actualmente decorre na Faculdade de Letras um curso de teatro que tem uma assistência bastante razoável. Por ordem de prioridades, a seguir ao teatro talvez o cinema; há um cineclube universitário que tem um numero bastante grande de sócios e, para além disso, o jovem universitário vai ao cinema e procura cultivar um certo espirito critico relativamente aos filmes que vê. Em contrapartida, o interesse pela musica é extremamente reduzido. É muito raro encontrar um jovem universitário que conheça a fundo problemas de musica e que se interesse por eles. De qualquer modo, há que salientar a actividade da Juventude Musical Portuguesa, que tem procurado divulgar a musica clássica, sobretudo. Um ultimo aspecto cultural a focar é o da literatura. E a literatura emparceira com a musica no campo dos interesses do jovem universitário português. Também a literatura merece pouca atenção. mas isso deve-se, em parte, a deficiências do estudo da literatura portuguesa, desde os bancos do liceu. Estou convencido que também se deve á falta de motivos de interesse oferecidos pela literatura moderna portuguesa, relativamente aos problemas que mais afectam a nossa sociedade. Fora disto, pouco há que dizer. Mas, para confronto, gostaria de saber o que é que se passa com os estudantes universitários nos Estados Unidos.

ISABEL MARIA — A situação lá e bastante diferente. Há um interesse bastante maior por tudo o que seja actividades culturais como cinema, teatro, concertos, musica, literatura, «ballet», dança... Há várias maneiras de fomentar estes interesses. Por exemplo, cinema: há várias cinematecas, grupos de estudantes que projectam filmes, a preços baixissimos ou de graça; há um curso de cinema, na Universidade, que não é dos melhores, mas... sempre ajuda um bocado. Tem alguns bons professores e, sobretudo, gente interessada. A própria Universidade de Wisconsin tem um cinema, e no caso de filmes com mais importancia, dentro do panorama do cinema mundial, passa-os no teatro, que é muito maior, portanto, permitindo que assista um numero mais elevado de pessoas. Mesmo os próprios cinemas comerciais, dentro da cidade, têm sessões continuas desde a 1 da tarde ás 10 horas da noite. (Aqui, os cinemas começam ás 21 e 30. Com as «matinées» são duas sessões por dia. Portanto, o facto de um filme estar cinco ou seis semanas no cartaz não quer dizer o mesmo que nos Estados Unidos). Em relação ao teatro: a Universidade de Wisconsin tem um bom curso de teatro. Há melhores, claro, mas sempre é um bom curso de teatro. A Universidade tem um conjunto de alunos semiprofissionais que fazem peças todos os anos, geralmente em Setembro, Outubro e Novembro, o que se costuma chamar a «estação», e geralmente boas peças, desde os gregos até aos mais modernos. Fora disso. há grupos de estudantes que têm o seu teatrinho pequeno e que põem peças em cena. Em relação á musica: é raro encontrar um americano que não toque um instrumento. Todos, em geral, têm qualquer conhecimento de musica; o nível musical é muito mais elevado lá. As crianças começam nas escolas a aprender a tocar instrumentos, desde os 6 ou 7 anos de idade, quando entram para o escola primária. Depois no liceu, geralmente, têm uma banda, ou uma orquestra, ou um coral. Têm conjuntos e uma porção de coisas. Na Universidade há o teatro precisamente para isso, quer dizer, serve tanto para filmes, como para peças de teatro, como para concertos — ouvi coisas fantásticas lá, como nunca aparecem aqui.

Na sua grande maioria, o jovem americano interessa-se pela literatura moderna, quer dizer, a partir de Hemingway, principalmente nos ultimos 50 anos. Fora disso lê quase tudo, desde «O Macaco Nu» até ao Norman Mailer. Mas, geralmente, tende a especializar-se dentro de um campo. Por isso, a cultura no sentido europeu é rara lá. Há mais tendência para a especialização, por consequência, uma pessoa que está em Ciências ou em Medicina lê menos do que os outros. Mas há sempre uma idade, sobretudo no sistema universitário americano, que permite muito mais leituras fora do campo da especialidade.

JOÃO SERRA — Eu queria acrescentar qualquer coisa: é que o facto do jovem português mostrar um interesse muito reduzido pela literatura também se deve á falta de um exercicio ensaistico, que dê uma visão dos problemas da literatura, que inicie. Porque, como eu disse há pouco, os programas não dão essa iniciação. Queria ainda dizer que a existência de uma Faculdade de Letras pode, em principio, induzir-nos em erro: pensarmos que nas Faculdades de Letras se cultiva um maior interesse pelos problemas culturais. Não é assim, em Portugal. Um inquérito recente revelou que os alunos das Faculdades de Letras são os que lêem menos revistas sobre os problemas de cultura.

ISABEL MARIA — Isso é, pelo menos, inesperado!...

JOÃO SERRA — Agora outro assunto: a Isabel terá algo a dizer sobre o modo de participação do jovem americano na vida do seu pais? Gostaria de perguntar-te, em primeiro lugar, quais as tuas impressões sobre este tema?

ISABEL MARIA—Quanto a essa participação, quer seja em relação á Universidade, quer seja em relação ao pais e ao mundo inteiro, há uma associação que representa os estudantes, na sua grande maioria, que é a S. D. S. e que geralmente assume a responsabilidade dos actos estudantis, na grande maioria destes, mesmo para proteger os estudantes em relação á administração e á legislação do Estado, ao governador, e a toda a gente e mais alguém. A S. D. S. foi activa, quer em conjunto, quer pelos seus membros, em particular, nas eleições do ano passado, que elegeram Nixon, como toda a gente sabe. Estava, na grande maioria, a apoiar McSharty a altura das campanhas para escolha dos representantes dos dois partidos, e como se sabe foi o Humphrey afinal que foi escolhido pelo Partido Democrático, com grande tristeza dos meios estudantis e dos meios liberais do país. Na sua grande maioria, esses estudantes que estiveram envolvidos na campanha de McCarthy, não apoiaram o Humphrey até ao fim, mas, em vista do próprio McCarthy, dias antes da eleição, ter apoiado o Humphrey, o que não tinha feito até áquela altura, eles tiveram que se decidir pelo Humphrey.

JOÃO SERRA — Mas em relação á S. D. S., todos os estudantes pertencem a essa associação, ou só os estudantes que querem?

ISABEL MARIA—Nem todos os estudantes pertencem a essa associação. Há um certo numero de estudantes, calculo que seja á volta dos 6 mil, que tomam parte activa na S. D. S. São membros que vão ás reuniões e tudo o mais.Fora disso há um numero de estudantes, que eu não sei dizer exactamente qual é, que apoia a S. D. S., embora não tomem parte activa. E há os que são contra...

JOÃO SERRA — Em Portugal as coisas passam-se de um modo muito diferente. Relativamente á participação dos estudantes, nomeadamente dos estudantes universitários, na vida politica do país, nós temos que distinguir entre o estudante «per si» e as associações de estudantes. As associações de estudantes definem-se pela sua apoliticidade. Portanto, são organizações apartidárias que não podem tomar uma posição em relação a qualquer partido em presença na disputa do acto eleitoral. Cada estudante é livre, por si mesmo, de participar nesse acto como quiser.

Gostaria agora de dizer alguma coisa sobre

o problema de não haver no quadro das matérias universitárias assuntos relacionados com Ciências Sociais. De facto, as Ciências Sociais não merecem na planificação dos estudos universitários qualquer atenção. As cadeiras elementares, como a de Sociologia, como as de Economia, por exemplo, que se me afiguram tão importantes no curso de Letras, nomeadamente no Curso de História. não existem, pura e simplesmente. Isto pode dever-se: em primeiro lugar, a um certo atraso da integração da Universidade portuguesa no mundo de hoje, no mundo dos problemas nacionais e dos problemas internacionais, para a qual é necessária uma preparação de base teórica para que a Sociologia, as Ciências Politicas, a Economia, são fundamentais neste caso. Portanto, esse estudo mais concreto é substituido predominantemente por um conjunto de matérias, algumas delas sem qualquer interesse prático, sem qualquer fundamentação teórica válida, e cuja base é, pelo contrário, a da memorialização e não suscitando, da parte dos estudantes, um interesse activo. Este problema leva á análise do que deve ser a Universidade no mundo de hoje. E gostaria que a Isabel procurasse focar qual é a concepção da politica governamental dos E. U. A., relativamente a uma Universidade actuante e qual é, por outro lado, a ideia que os estudantes têm sobre isso.

ISABEL MARIA - Teòricamente a universidade americana, genèricamente, é uma instituição livre. Mas na realidade, o que se dá com a maior parte das universidades, com excepção das universidades particulares, é o seguinte: há o governador do Estado, há a legislação do Estado, abaixo do governador, há o chamado «board of regents», que são pessoas da cidade, totalmente desligadas da universidade, mas que regem o destino de alunos e professores e, abaixo desses «board of regents», há a administração da universidade, depois os professores e depois os alunos, Portanto, vê-se que, na realidade, qualquer que seja a participação dos alunos e dos professores, separadamente ou juntos, dentro da universidade, é minima, em matéria de directrizes. Os alunos, na sua maioria, e os professores também, tirando aqueles velhotes, como há em toda a parte, que não servem para nada, nem dentro, nem fora da universidade, tirando esses, a grande maioria dos alunos e dos professores são contra esta estrutura, quer dizer, se a universidade é uma entidade livre, como pretende ser, tem que depender só da administração, pura e simplesmente. Não do «board of regents», que depende de uma legislação local, que depende de um governador. Por exemplo, até este ano não havia qualquer limitação quanto ao numero de alunos que viessem de fora do Estado; a partir deste ano, passa a haver um limite de 18 mil, se não me engano. Quer dizer, havia cerca de 25 mil a 26 mil de fora do Estado, agora há uma limitação. É claro que limitando os alunos de fora do Estado, e além do mais a universidade é uma universidade com nome, limita também o nivel intelectual da universidade, porque sendo uma universidade com qualidade atrai o maior numero de alunos com capacidades. E visto que a escolha dos alunos é arbitrária, se não segue nenhum método rigido de escolha, tirando certos trâmites de um certo X notas, de aproveitamento no liceu, etc., não há uma selecção rigorosa. Fora disso, a universidade até agora, e isto na sua grande maioria também, cooperava com o Governo, com a Nação, em fornecer dados para o serviço militar. Quer dizer, os alunos, homens portanto, que tinham uma média de C ou menos de C, ou os que não fizessem 30 créditos (*) por ano, a universidade mandava para o serviço militar essas informações e todas essas pessoas eram chamadas

Fora disso, eu não sou uma autoridade nisto, mas creio que a universidade funciona assim: a universidade tem um fundo que recebe do Departamento de Estado, recebe um tanto, portanto. As universidades do Estado recebem um fundo do Governo, do Departamento de Estado, e este dinheiro pode ser empregue nas mais variadas coisas, por exemplo (descobriu-se num destes ultimos movimentos estudantis), colocá-lo num banco, no Chase Manhatan, que está a fomentar o «apartheid» na África do Sul. Uma universidade que se diz liberal, independente e tudo o mais, compra acções de um Banco que fomenta o «apartheid» e tinha acções também num outro que era o que emprestava o dinheiro á Nigéria e, portanto, colaborava nas chacinas da guerra Nigéria-Biafra. Quer dizer, há várias coisas neste género, mas isto é uma universidade em mil, ou duas mil, ou três mil, tantas são as universidades estaduais nos vários Estados americanos.

JOÃO SERRA — As Universidades portuguesas estão na directa dependência do Ministério da Educação, que tem em cada uma os seus representantes, os reitores e os directores das respectivas Faculdades. Nem os reitores nem os directores das Faculdades são eleitos pelos órgãos que compõem a universidade, que são os professores e os alunos, fundamentalmente. Essas pessoas são nomeadas pelo ministro da Educação.

ISABEL MARIA — Uma coisa que eu queria saber: de que estrato social vêm os estudantes universitários em Portugal?

JOÃO SERRA — Eu começo por responder a essa pergunta dizendo que um dos pontos em que o movimento associativo português tem insistido mais, é no da democratização do ensino. Qual é o significado dessa exigência? A evolução social e económica do país manifestou-se numa cada vez mais rigida estratificação das classes sociais. Tal estratificação é imediatamente projectada no sistema de ensino do país. E o sistema de ensino assegura essa mesma estratificação, pois é esse sistema que fornece ao país os quadros de que ele necessita: quadros burocráticos, quadros superiores, quadros médios, operários especializados ou semiespecializados. Portanto, nós esforçamo-nos por sublinhar que é o pertencer a uma determinada classe social que determina a escolha dos estudos e mesmo a continuação desses estudos. Isso começa logo depois que é terminado o periodo de ensino primário.

ISABEL MARIA — Portanto, acho inútil perguntar de que vivem os estudantes universitários, visto que, provàvelmente, não se têm de preocupar com problemas de essa ordem.

JOÃO SERRA — Segundo um inquérito recente, há uma grande percentagem de alunos universitários que recebem dos pais menos de 1900$00 por mês. De qualquer modo, a percentagem maioritária é dos

(Cont. na pág. seguinte)

O PENSAMENTO POLÍTICO PORTUGUÊS NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA (1820-1920)

VI—A bifurcação socialista e republicana

JOEL SERRÃO

Se há uma resposta idónea para a pergunta que formulámos no artigo anterior, respeitante ao fracasso do socialismo de 1870, torna-se-nos necessário reverter, uma vez mais, ás origens, no fito de explicitar os fios com que a história do pensamento politico contemporâneo se teceu. Antes de mais, importa insistir no carácter unitàriamente sincrético com que a aspiração republicano-socialista nasceu e evoluiu até dado momento em Portugal. Quer Henriques Nogueira, à volta de 1850, quer Antero ou Oliveira Martins, cerca de 1870, são, unitária e indissociàvelmente, republicanos e socialistas. Mediante o *republicanismo* pretendia negar-se o passado imediato, ou seja, a tipificação portuguesa sob a forma de monarquia constitucional que o liberalismo assumira; mediante o *socialismo*, buscava-se, entre névoas, os caminhos a trilhar no porvir. Entre esses *desiderata* de uma e outra geração, quais as diferenças efectivamente apreensíveis? Havê-las-á?

Seriamos tentados a propor uma diferença que, resulta, aliás, dos respectivos contextos europeus: entre 1850 e 1870 surgiu a Internacional (1864), e o pensamento marxista foi, entretanto, adquirindo maior audiência. E daí a convicção, em que estava Antero (de 1870 a 1872), de que o socialismo que ele propagandeava era diverso dessoutro que fora abraçado por Lopes de Mendonça ou por Henriques Nogueira. Mas, encarado em perspectiva histórica, a verdade é que ele se encontra bem mais próximo das suas origens portuguesas do que do pensamento socialista coevo de além Pireneus. E se, na verdade, o movimento socialista português adquiriu, por volta de 1872, relativa importância, ele vai entroncar no Centro Promotor das Classes Laboriosas, fundado em 1853, devido à acção de um companheiro ideológico de Lopes de Mendonça e de Henriques Nogueira, Sousa Brandão: no Centro Promotor se adquire a experiência e se formam os quadros que vão permitir a criação do Partido Socialista Português (1872).

Portanto, da crisálida republicano-socialista de 1850 a 1870, aquilo que resultou na prática sócio-politica de então foi apenas a definição e a concretização do socialismo e do movimento socialista à escala portuguesa. O republicanismo que, por então, o socialismo implicava e absorvia, considerava-se objectivo importante, mas secundário, na hierarquia dos fins que se visavam. A hora exigia, sobretudo, os apelos à justiça, subsumidos na prevalência da igualdade relativamente à liberdade, mediante os caminhos do democratismo, os quais, implicitamente, tendiam à desvalorização do liberalismo.

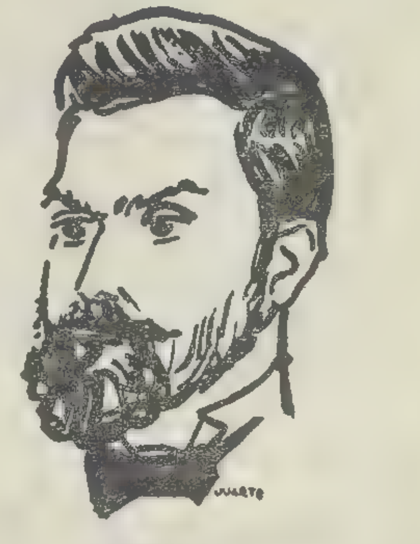
Ora, todos os testemunhos conhecidos são concordes em que o movimento socialista lavrou, entre nós, nos inicios da década de 70, com desusada rapidez e apreciável amplitude. Mas, ou por carências de adequada chefia (Fontana suicidou-se em 1876), ou porque, dada a insignificância, quer quantitativa, quer qualitativa, do operariado português de então, bem se pode afirmar que logo principiou a estagnação e o declinio e o epigonismo de alento tão inesperadamente promissor. O esmagamento da Comuna de Paris e a posterior instauração da República burguesa em França foram, de certo, condições gerais que, de algum modo, influiram no marasmo do movimento socialista português; mas isso mesmo prova, simultâneamente, como eram frustes as condições nacionais que haviam possibilitado o surto socializante.

Porém, se o impeto socialista ràpidamente esmoreceu, entrando numa fase que se afigura justo considerar de degenerescência, algo ficou na problemática politica de então dessa momentânea convergência revolucionária: a aspiração democratizante em conflito aberto e definitivo com o *processus* liberal, na feição própria que assumira em Portugal. Quer socialistas, quer republicanos; estão de acordo acerca do valor da democracia e do *desvalor* do liberalismo, conquanto seja apreensível uma gradação importante no que à desvalorização concerne: o socialismo tendia a negar em bloco o liberalismo, enquanto o republicanismo se opunha apenas à tradição cartista, valorizando a tradição histórica da esquerda liberal.

Ora, nessa gradação valorativa de que o liberalismo era objecto, vão radicar, precisamente, as vias tendentes à diversificação que *socialismo* e *republicanismo* cobririam com as suas respectivas bandeiras. O socialismo e o republicanismo disputam, então e depois, a direcção do movimento democratizante — e é inegável que a vitória ràpidamente coube àqueles que apelavam para o povo, concebido como um todo, não cuidando, aí, de distinções sócio-profissionais, como, por exemplo, o operariado, objecto das especiais preocupações dos socialistas. Assim, assistiu-se à debandada, mais ou menos geral, dos próprios operários «socialistas», acolhidos de braços abertos nas fileiras republicanas. E, se um núcleo cada vez mais reduzido, apoiado moralmente por Antero, mantém as reivindicações tipicamente socialistas, hostilizando, frontalmente, o republicanismo, outros designar-se-ão simultâneamente «socialistas» e «republicanos», e outros, ainda, se sentirão inteira e exclusivamente polarizados pelo magnetismo da palavra *República* e pelo sincretismo de valores que a palavra amalgamava.

Dir-se-ia, pois, que, de 1870 a 1880, se assiste à gradual deslocação do centro de convergência da aspiração democratizante, entre nós: dos objectivos socialistas para os fins republicanos. E, entretanto, a par e passo que o socialismo perde parte da sua anterior virulência, o republicanismo ganha afor, definindo-se, a paredes-meias com o socialismo, numa vaga aspiração igualitária, que a palavra *democracia* simboliza e exprime. Todavia, esse centro de convergência — a aspiração democrática —, à medida que se ia alargando, perdia, simultâneamente, a nitidez das suas origens, transitando de objectivos predominantemente sociais para fins mais pragmáticos de teor predominantemente politicos, entendidos como condições *sine qua non* da ulterior e gradual instauração da justiça social. Por outras palavras, acaso mais claras: a *democracia social*, implicita no ideário socialista português, metamosfoseia-se, mediante o republicanismo, em simples *democracia*, de cariz acentuadamente politico; ora, enquanto aquela considerava basilares a resolução prévia dos problemas da justiça no mundo do trabalho, esta tendia a pensar, senão explicita, pelo menos tàcitamente, que só a instituição monárquica, com todo o seu aparelho politico (a Carta Constitucional, os partidos, a permanência dos graus nobiliárquicos) travava o estabelecimento de um novo regime politico e social, no qual a palavra pertenceria ao *povo*, liberto, enfim, dos obstáculos que impediam a sua acessão à plena cidadania.

Por este modo, o republicanismo apelava para a instituição de um



Oliveira Martins

regime politico que fosse efectivamente *nacional* — e daqui ao nacionalismo foi um passo fácil de dar-se, e que se diria necessário, tendo em vista o contexto da realidade portuguesa.

Na verdade, aquilo que, a partir de 1880, engrossa, significativamente, o movimento republicano foi, em primeiro lugar, a comoção patriótica do centenário de Camões (1880), levado a efeito entre festejos e manifestações cívicas que adquiriram aspecto retumbante, ao qual se seguiu a comemoração do centenário do Marquês de Pombal (1882); e, depois, mal se haviam apagado as chamas alterosas dessa comoção nacional, nacionalizante e nacionalista, a ocorrência da brutal afronta da Inglaterra que foi o *Ultimatum* de 1890, ao brio nacional, em vias de soerguer-se na contemplação do passado, tecla hàbilmente percutida pelos propagandistas da República. Então, monárquicos de sempre acordaram, mirìficamente, republicanos, e a consciência pública, que o republicanismo, sem dúvida, acordara, encaminhou-se, naturalmente, para o desforço patriótico de voltar costas, deliberadamente, à Monarquia, atribuindo-lhe todas as culpas da humilhação que sofrera, e sofria, a imagem renascida — ou melhor, regenerada — da Pátria, que, entretanto, se fora afeiçoando.

A vitória coubera, pois, ao republicanismo. E, se, nesse momento de intensa comoção nacional e nacionalista, suscitado pelo *Ultimatum* inglês, foram buscar Antero à sua tebaida de Vila do Conde, para presidir aos destinos da Liga Patriótica do Norte, o que então se sagrou e consagrou foi, precisamente, a abdicação do socialismo ante as aras republicanas. Bem simbòlicamente, os secretários da Liga eram Basilio Teles e Sampaio Bruno, duas das mais lidimas e mais fundas expressões disso a que Antero, em 1880, chamava, com desdém, «demagogia do radicalismo abstracto».

Universidades em discussão

(Cont. da pág. anterior)

alunos que não têm quaisquer dificuldades económicas. Portanto, ou as famílias dos estudantes têm possibilidades de os manter ou então eles não têm possibilidades de continuar. E os filhos dos assalariados, assalariados serão. Não sei se este problema se sente agudamente na América, suponho que não.

ISABEL MARIA — Tal como cá, os estudantes provêm duma classe nitidamente abastada e portanto é uma minoria que pode manter os alunos na Universidade, lá, a classe média é uma grande massa, o que permite, á grande maioria dos jovens americanos, terem acesso á Universidade. Porém, ao contrário do que se poderia pensar, a situação está a piorar, porque as propinas, nos U. S. A., para alunos do Estado até ao ano transacto (isto são coisas que dependem do Estado, quer dizer, é a legislação local que decide) estava perto de 200 dólares por semestre, e 90 no Verão, e para alunos fora do Estado por volta de 300 dólares. Agora aumentou: para alunos do Estado está á volta de 300 dólares por semestre, para alunos fora do Estado, perto de 500 o que torna o acesso muito mais difícil. Fora disso, enquanto antigamente havia bolsas para quase todos os alunos que estivessem dispostos a estudar, quer dizer, a manter uma média A ou B na Universidade, ou que tivessem essa média nos últimos quatro anos do liceu, essas bolsas estão cada vez mais difíceis de obter. Agora os requisitos para conseguir bolsas são muito mais rígidos e cada vez mais surge o problema do aluno não saber como ir para a Universidade e manter-se. Uma coisa é a pessoa estudar e estar a trabalhar «part-time» e conseguir 200 dólares ou 300 para estudar, e outra coisa é conseguir 500. Força o aluno ou a desistir ou a fazer uma coisa que certos alunos já fazem, que é estudar um ano e parar no ano seguinte para trabalhar. Ficam é a vida inteira estudando.

JOÃO SERRA — Aqui acontece o seguinte: a isenção de propinas também só é dada a alunos que consigam determinada média, mas o que acontece é isto: os alunos que precisam dessa isenção de propinas, que não têm possibilidades de estudar sem essa isenção de propinas, são alunos que em regra não têm modo de conseguir essa determinada média ou têm muito mais dificuldade do que um aluno que teve condições económicas de aquisição de livros, etc., etc.

E já agora, gostaria de perguntar-te o que achas que seja uma universidade.

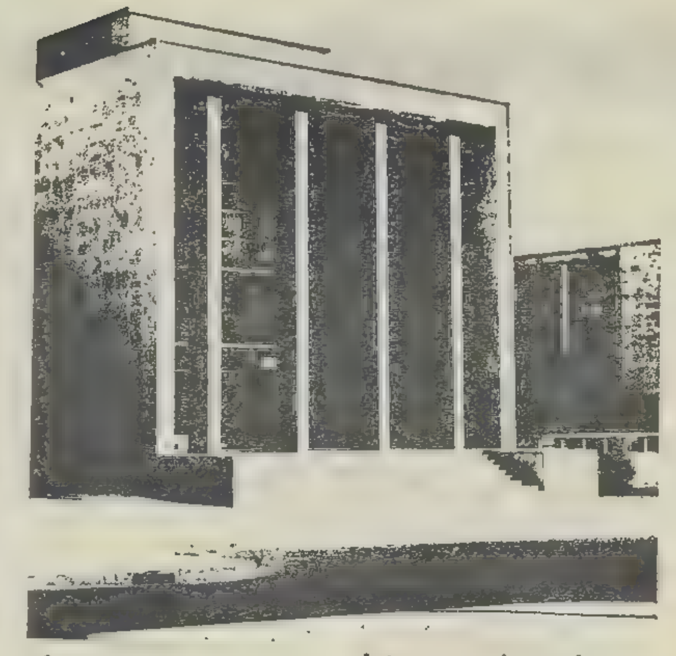
ISABEL MARIA — Eu acho que uma universidade deve ser autónoma, o que não implica uma total separação do Estado ou da sociedade em que ela existe, antes pelo contrário, é que sendo os alunos á maioria numérica que forma a universidade, e os professores essenciais para formar essa universidade, e a administração embora importante para dar um rumo a essa universidade, aquela não deve ter poder total sobre a universidade, mas reparti-lo com os alunos e os professores. Nesse sentido é que eu acho que deve ser autónoma. Entendo que se deveria permitir (e isto não só aqui, mas também na América), uma associação de estudantes para uma integração total na Universidade, que não existe nem aqui nem lá, e aqui muito menos. Portanto, associações que apresentariam membros, votados entre os estudantes, para comparecerem ás reuniões de professores, para decidirem dos rumos a tomar pelos vários departamentos, sendo essas decisões, ou sugestões, apresentadas á Administração para se efectivarem. Eu acho que deveria permitir-se ao estudante uma vida activa na Universidade, não apenas como aluno, mas como co-responsável na governação dessa mesma Universidade, o que não é estar a tirar poder á Administração nem aos professores, nem é falta de respeito, mas sim uma maneira de cooperação.

Quer dizer, eu acho errado que seja apenas uma mão cheia de pessoas que decidam dos destinos de milhares, sobretudo porque sendo o estudante aquele que está a ser preparado para ingressar numa sociedade como membro activo dela compete-lhe a ele pensar (e isto sériamente, não é apenas pensar vagamente) o que é que eu vou ser ou que não vou ser, em vez de: qual é o ramo que me dará mais dinheiro; deve pensar sériamente naquilo que quer fazer, naquilo que ele acha que tem vocação para fazer, e daí, em combinação com os professores e com a Administração, decidir quais são as cadeiras que lhe interessam. Universidade autónoma não quer dizer que tem de viver daquilo que os estudantes pagam, porque isso nunca chega, mal dá para pagar a todos os professores. E claro que deve haver sempre um subsídio do Estado ou do Ministério da Educação Nacional, mas os cursos e os rumos a seguir devem ser decididos pelos professores, alunos e administração em conjunto.

JOÃO SERRA — Eu estou de acordo perfeitamente com o que disseste. Mas penso, dada a situação particular da Universidade portuguesa, uma Universidade fundamentalmente escolástica, que há ainda a acrescentar mais alguma coisa.

E' que nós além de termos de reivindicar a autonomia da Universidade e outras coisas de ordem organica, temos ainda que reivindicar uma abertura da Universidade aos grandes problemas da Nação. O tipo de Universidade que existe em Portugal não é a Universidade adequada. Há que alterar não só o conteudo do ensino dessa Universidade, a fim de a tornar atenta aos problemas da Nação e aos problemas de todo o Mundo, como restituir á Universidade uma função dinamizadora e uma função inovadora que ela não tem, uma função que dentro da Nação se poderia definir como a função da crítica permanente, isto é, de atenção aos problemas, de propostas de soluções, de não alheamento da conjuntura.

ISABEL MARIA — Em outras palavras, foi mais ou menos o que eu quis dizer com «decisões em conjunto». Isto é, quando eu digo alunos não estou apenas a referir-me aos



efectivos, mas a todos os alunos potenciais.

JOÃO SERRA — Mudando um pouco de assunto, gostaria que me falasse do estilo de vida da Sociedade americana e, se pudesses, confrontasses com aquilo que conheces do estilo de vida na sociedade portuguesa.

ISABEL MARIA — Estilo de vida americano... Então é melhor definir o que eu entendo por estilo de vida americano: há um estilo de vida da minoria rica, há um estilo de vida da massa, classe média, há um estilo de vida dos pobres, que também são uma minoria, mas que, no entanto, existem, ao contrário do que se poderia esperar de um país como a América. Dentro disso há as chamadas subculturas, quer dizer, os «hippies», os estudantes, etc. Na sua grande maioria e isto em qualquer classe, tirando as classes pobres, há uma sociedade de consumo. Mesmo as pessoas da classe média que não vivem muito bem, têm mais ou menos esse estilo de vida, quer dizer, os carros compram-se de dois em dois anos ou de ano em ano, porque, primeiro, é «bem» fazer isso e depois porque os carros já são feitos para isso mesmo, para não resistirem mais tempo. E já não há coisas que ainda há aqui: o sapateiro, o canalizador, etc. Esse estilo de profissões assim, práticamente desapareceu e se a gente passa na rua um pouco antes de passar o carro do lixo, que é de 15 em 15 dias, geralmente, vêem-se as coisas mais incríveis: móveis e tudo quanto há... Pode-se pensar que é um desperdício absoluto, mas, na verdade, não há outra maneira, porque encontrar uma pessoa que conserte um sofá ou que conserte um sapato, ou qualquer coisa, é raríssimo, e caríssimo.

Certo. Mas, seguindo a minha ideia de há pouco: portanto, sai muito mais barato comprar. O que dá a impressão realmente que as pessoas têm dinheiro para mobilar a casa todos os anos, e não sei que mais, e afinal não têm. Por exemplo, a gente vê todos os professores amigos do meu pai (o meu pai é professor). Vive toda a gente «á rasca». Pensa-se que um professor ganha bem e afinal vivem todos a pedir de um lado para pagarem o empréstimo que fizeram no mês anterior. Isto é clássico.

Aqui, a pessoa pode morar em qualquer lugar e há um bairro de lata ao virar da esquina, lá não: a pessoa anda em Madison (aliás, é um caso aparte, porque é uma das cidades com o nível de vida mais alto dos E. U. A.), a pessoa anda por lá e não nota absolutamente nada. Pensa: «Bom, é fantástico! Isto é um paraíso»! E' tudo casas estilo vivendas, ruas muito limpinhas, etc. e, no entanto, há um lado da cidade em que as pessoas vivem na maior miséria. E' uma riqueza aparente. Na sua grande maioria, 80 ou 90 por cento das pessoas desse bairro, são negras. Portanto, pode-se dizer que o Sul tem racismo social, mas o Norte tem racismo económico, e esse racismo e tanto ou mais grave do que o do Sul, porque os negros no Sul ao menos sabem onde estão e sabem porque é que estão lá embora não possam combater, mas no norte estão de mãos atadas, e isso estende-se a toda a classe pobre, seja ela branca ou negra. E' o caso dos porto-riquenhos, na Flórida e em Nova York. Também há um bairro em Nova York, onde se concentra a grande massa de porto-riquenhos, aliás, podia-se ver no «West Side Story» e aquilo, embora aqui possa parecer que não seja muita miséria, lá é miséria. Porque aquela gente está fechada ali dentro e não tem possibilidades de sair dali, quer dizer, os seus empregos são nesses bairros, não encontram emprego fora, ou se arranjam emprego fora é o de lixeiros, mulheres-a-dias, lavadeiras, quer dizer, fazem o serviço manual mais baixo que há e mais mal pago, porque esses serviços são muito mal pagos. Há o problema, também, dos índios (cuja solução encontrada pelos americanos, que o Brasil já está a adoptar, é o da segregação total) vivendo em reservas e não podendo sair de lá. As reservas estão cercadas e a pessoa tem um passe para sair. No Inverno morrem de fome.

JOÃO SERRA — Saíste de Portugal há quatro anos, não foi?

ISABEL MARIA — Eu saí há dez anos, tinha nove. Vivi seis anos no Brasil e estive quatro na América. E a primeira vez que volto cá.

(*) Cada cadeira equivale a uns tantos créditos que se contam para fins de graduação — 120 créditos para Letras, creio. — Nota de Maria Isabel.

KONI

O temperamento de um triunfador

o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 0156

DIÁRIO DE LISBOA 14 NOVEMBRO 1969

A Cooperativa da Foz e a política de fusão

(Continuação da pág. 5)

Nas futuras realizações desta cooperativa, que segue rigorosamente os princípios de Rochdale (pequena povoação inglesa onde nasceram os princípios do cooperativismo mundial), destaca-se a reconstrução total da sede para adaptação ás necessidades culturais, comerciais e associativas. Pretende-se que a obra esteja concluída em 1971, aquando das «bodas de ouro».

Noutro domínio, dois problemas se equacionam e serão resolvidos dentro em breve: ou a distribuição por postos ambulantes, isto é, em carrinhas que percorrerão a cidade e arredores parando em diversos locais afastados do auto-serviço; ou então, a abertura de filiais que servirão as diversas zonas da cidade.

No aspecto geral do problema cooperativista, foram já feitas sondagens junto de outras cooperativas do bairro ocidental para o empreendimento da fusão de todas elas, mantendo entretanto cada uma a sua integridade. Isto é, haverá uma direcção-geral que as supervisiona, formada por técnicos que estudarão as crises, solucionando-as, bem como todos os problemas ligados ao cooperativismo.

Assim, crêem alguns elementos da Cooperativa da Foz que seria a solução ideal para a evolução do cooperativismo em Portugal e, neste caso, do Porto pois a unidade seria mais frutuosa e menos dispendiosa.

Ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● Aos merceeiros não convém

— Sabe o que é uma cooperativa?

A senhora Adelaide, 48 anos, empregada doméstica, habituada a fazer compras, conhecedora das dificuldades do abastecimento, franze os olhos, faz um esforço a procurar as palavras e depois explica:

— «Uma cooperativa é assim: faz de conta que o «senhor doutor» lá em casa era empregado da «Companhia do Gás e Electricidade» e que ali havia uma mercearia onde as coisas eram mais baratas. Por exemplo: um quilo de açucar que cá fora custa 7$00 fica lá por 6$00. Então a gente passava a gastar da cooperativa.»

— E o seu merceeiro, acha que gostaria?

— «Claro que não. Aos merceeiros não convém as cooperativas.»

● Tudo mais barato

Por razões pouco definidas, muitas pessoas, ainda que não pertençam a nenhuma cooperativa, ligam o termo á noção de embaratecimento dos produtos de consumo. «Comprativa» — chama-lhe o povo, aliando-a directamente ao acto de adquirir. Abastecer-se em boas condições é um problema que afecta directamente o consumidor como o confirmam as declarações de D. Angelina Borges:

— Tenho um sobrinho na Manutenção Militar que se fornece de tudo na Cooperativa de lá. O meu marido é guarda da P. S. P. Não temos cooperativa, mas vamos a um supermercado da Polícia, em Palhavã. Eu não sei bem qual é a diferença. **Só sei que também temos tudo mais barato.** Uma embalagem de detergente que cá fora custa 10$70 fica-nos por 7$00, uma embalagem de «Planta», marcada a 7$50 na mercearia, trazemo-la por 6$20 e assim por diante...»

Que pensam sobre o assunto os retalhistas? Será verdade, como pensam os consumidores, que estes se opõem á criação de cooperativas de consumo? A abolição de intermediários sendo uma das características das cooperativas, como encaram os fornecedores de bairro o aparecimento e a proliferação desse novo meio de abastecimento?

● O público não está preparado...

— Olhe, eu não sei se não teria vantagens a associação de retalhistas em cooperativas. Era bem capaz de ter... O certo é que já me propuseram juntar-me a outras casas, mas como não sou o único sócio não pude decidir nada. Além disso, tenho medo de que as pessoas não estejam ainda devidamente mentalizadas para uma empresa dessa natureza». O sr. Isidro Pires é sócio de uma mercearia na rua D. Pedro V, o «Pavilhão Chinês». Não pertence a nenhuma cooperativa, mas não recusa a hipótese. Fica-nos a duvida se por «cooperativa» o sr. Pires não entenderá uma associação de proprietários, em que o publico continuará remetido ao seu papel passivo. Como passivo é, de resto, o papel de muitos empregados de balcão

● Cooperativas de motoristas?

O «táxi» segue pela Avenida Fontes Pereira de Melo, direito ao Saldanha. Um sinal vermelho, uma paragem. Enquanto esperamos, surge a pergunta:

— O senhor pertence a alguma cooperativa?

— Não senhor. Nunca pertenci. Trabalho por conta do patrão Mas só quero um patrão com um só empregado

— Mas sabe o que é uma cooperativa?

— Eu penso que sim. Por sinal até houve uma bem interessante entre os motoristas.

E o sr. Adelino Pinho, 42 anos, motorista na praça de Lisboa há 19, conta-nos a experiência dos «Unidos do Volante».

— «Era assim que se chamavam e o certo é que a união resultou mesmo. Um belo dia, um grupo de carolas juntou-se e fundou uma cooperativa. Cada dois motoristas tinham um carro para trabalhar e o dinheiro que entrava era administrado por todos. Sem falcatruas, nem manigâncias, que aí cada um era fiscal de si próprio. Ao fim de uns sete anos, os automóveis estavam pagos. Pouco depois, a cooperativa desfez-se.»

— Por não render? — perguntamos.

— Pelo contrário. Porque cada motorista tinha o seu carro e passou a governar-se por conta própria.

Agora, diz-nos o sr. Pinho, voltou a estar no ar a ideia de se fundarem mais cooperativas deste tipo. «Cooperativas de motoristas — precisa o sr. Pinho — o que é muito diferente de cooperativas de proprietários de automóveis... Nessas os motoristas continuam a ser empregados, com um regime idêntico ao que têm quando trabalham para um patrão qualquer.» Não obstante o seu individualismo, o sr. Pinho considera que a cooperativa é a unica maneira justa de resolver os problemas da sua classe.

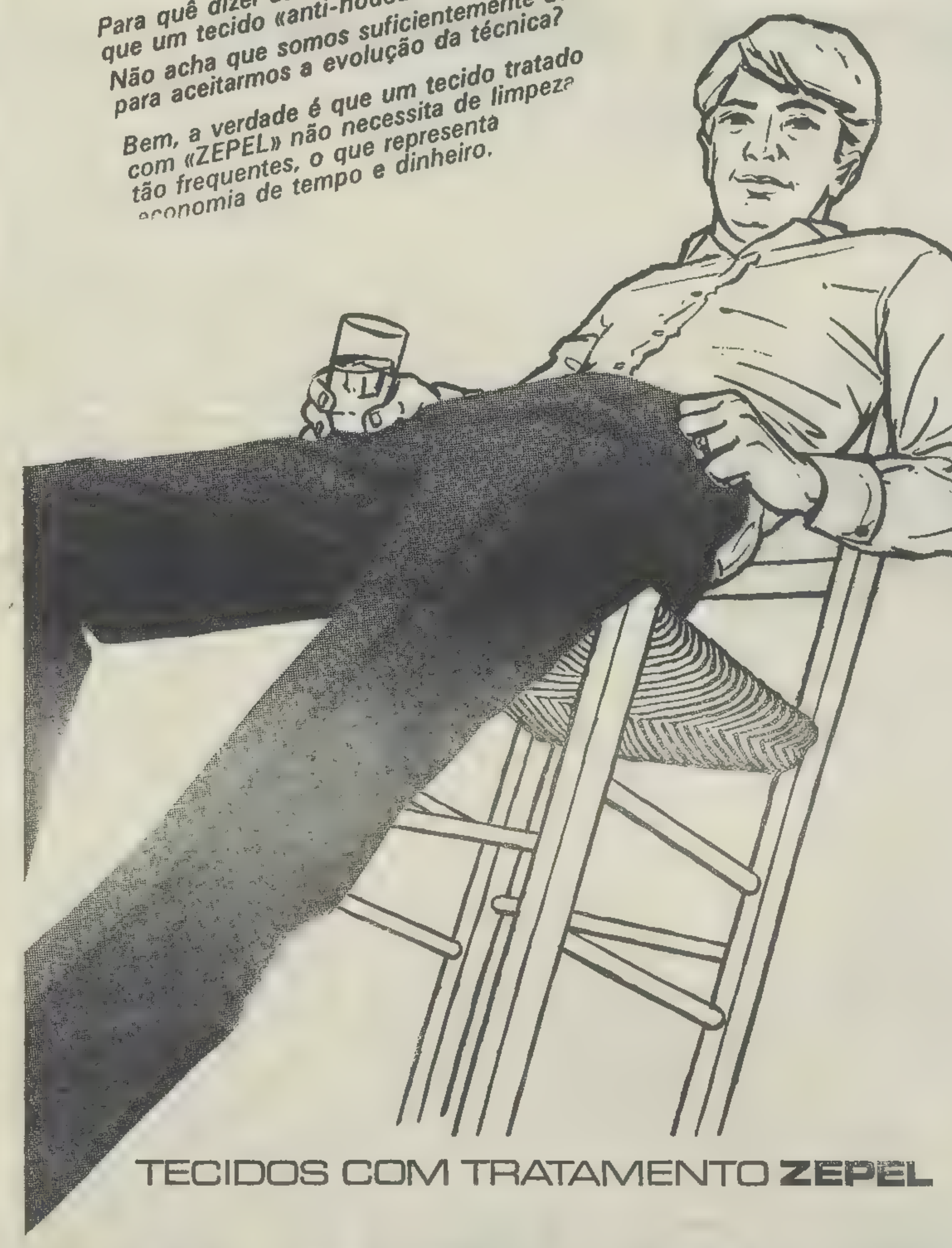
— Um homem que passa a vida a lidar com um carro tem direito a ser dono dele. Se não me unir a outros, como posso vir a tê-lo?

Falando de homem para homem...

TECIDOS TRATADOS COM DUPONT ZEPEL CONTRA AS NÓDOAS E A ÁGUA MARCA REGISTADA DA DUPONT

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta?
Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica?

Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro.

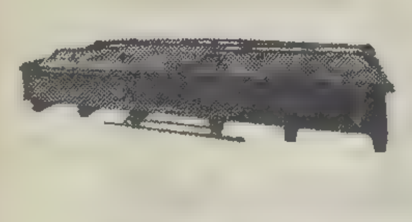


TECIDOS COM TRATAMENTO ZEPEL

CCN CRISLENE TERGAL 45% LÃ 55% FIBRA POLIESTER
UM TECIDO DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS

COM 45% DE LÃ Vincelene
UM FABRICO DE PAULO DE OLIVEIRA, LDA.

«MIDA»



UMA FABRICA A IA MENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE
* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

SERRA CIRCULAR AUTOMÁTICA
Modelos 400 - 500 - 600

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5
Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef 64147)

tem a palavra o leitor

Ainda a Concordata

De Lourenço Marques, recebemos de uma nossa leitora, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Leio sempre com o maior interesse o seu conceituado jornal, e mereceram-me especial atenção as opiniões recentemente publicadas no suplemento «Mesa-Redonda» sobre o divórcio e a Concordata Portuguesa. E porque se levou o assunto à opinião publica e já li artigo a responder a essa solicitação, atrevo-me a pedir-lhe que publique a presente carta, que formula uma pergunta que já muitas vezes tenho ouvido e a que gostaria de saber responder.

Toda a lei pelas suas disposições visa realizar um objectivo — «ratio legis» e toda aquela que o consiga atingir é bem feita. Toda a lei que não consiga impor um comportamento conducente ao fim a que se destina, está mal feita e não tem razão, pela sua improcedência de subsistir. Assente esta premissa — que me parece indiscutível — impõe-se a seguinte pergunta:

— Qual a «ratio legis», qual a razão e o fim, da proibição do divórcio e do novo casamento para os casamentos católicos, imposta pela Concordata?

Se ela assentasse na convicção que a dissolubilidade do casamento era uma medida prejudicial e condenável para a família e a sociedade portuguesas, lógica e justamente parece que o Governo Português deveria então proibir pura e simplesmente, e *em qualquer caso*, o divórcio em Portugal.

Mas tal não acontece. E é sabido como o novo e bem recente Código Civil Português continua a manter o divórcio.

A lei portuguesa só o proíbe para os portugueses casados à face da lei católica — e só para esses. A lei da Igreja Católica Apostólica Romana considera, por sua vez, indissolúveis os casamentos realizados à sua sombra, pelos seus praticantes.

Teremos, então, que aceitar que a proibição na lei civil portuguesa do divórcio para os casamentos católicos teve por «ratio legis», por parte do legislador e do Governo que a promulgou, o proteger e dar *força obrigatória* à indissolubilidade que a Igreja Católica determina para os casamentos dos seus praticantes?

Será, então, que, quer pela Igreja Católica Romana, quer pelo Governo Português, são consideradas tão fracas a fé e a aceitação dos princípios da primeira por parte dos seus praticantes, que, quer por uma, quer pelo outro, se aceita que só através da Concordata, em que se recorre à força obrigatória da lei civil, se consegue que os católicos obedeçam aos mesmos princípios?

É tão pouca a confiança da Igreja Católica Romana na fé dos seus praticantes que se vê obrigada a aceitar essa coacção da lei civil para conseguir a obediência de um dos seus princípios — a indissolubilidade do casamento católico — considerando-a como a única forma de impedir aqueles de transgredirem a lei católica nesse ponto — a que eles, como crentes e praticantes, devem obediência, e para a observância da qual só essa fé deveria bastar?

Lourenço Marques, 5 de Novembro de 1969.

a) *Camila Júlia de Seabra*»

CAUNY
Elegância e distinção

O relógio suiço para toda a vida

Problemas da geração jovem

(Continuação da pág. 1)

que seja que arruine a burguesia e o seu mundo: «Porque se não assassina o Kaiser ou o Czar?... Oxalá comece uma guerra ainda que seja injusta: esta paz é tão fétida...»

Faltava-lhes a compreensão de que não bastava estar contra qualquer coisa, ou apenas contra o mundo dos pais, mas que era preciso tomar partido por qualquer coisa.

Após a guerra de 1918, o que caracteriza fundamentalmente a juventude regressada do «front» é o activismo político De súbito consciencializada pelos acontecimentos que haviam provado à evidência que era possível, através da Revolução, derrubar as velhas fórmulas, a juventude lança-se na luta política «... Era como se o mundo se houvesse rejuvenescido — evoca Fischer a sua experiência pessoal — ... Desde a Revolução francesa que se não havia dado na Europa uma fé semelhante na omnipotência da vontade... nem nos jovens uma certeza comparável a esta de que lhes competia erigir um mundo completamente novo, radicalmente oposto ao dos pais.» Mas, a partir de 1921 até 1931, decresce e há-de esgotar-se todo este interesse político.

Com o individualismo desesperado das suas primeiras poesias, o seu ódio contra o rebotalho social que o rodeia e a sua capacidade de expressar o positivo e a confiança na luta — Brecht é quem simboliza, segundo Fischer, as contradições, as esperanças e as certezs da sua época

A GERAÇÃO DO PÓS-GUERRA

Para aqueles que encaram o comportamento das novas gerações com o propósito preconcebido de o condenarem, incapazes de o avaliarem como fenómeno social, esta análise das gerações de 1770 a 1945 poderia constituir o ponto de partida para uma tanto quanto possível justa e correcta compreensão do problema das juventudes actuais. Ora, esta segunda parte do livro corre o risco de mais se parecer com o relato factológico do comportamento dos jovens do que com o estudo das causas que em profundidade o originaram. Com efeito, na súmula, Fischer compõe o quadro da juventude com as mesmas tintas e os mesmos perfis até hoje utilizados: desdenhosa do mundo dos adultos, consciente da falência dos seus conceitos e sistemas morais, políticos e sociais e, contudo, sensível aos proveitos materiais que o mundo dos pais lhe proporciona; opondo à hipocrisia sexual a licenciosidade; incapaz de preencher o vazio interior e desprezando as grandes metas sociais; seres que se arrogam o direito da máxima liberdade sem um mínimo de responsabilidade; que fogem desse mundo e de si próprios através da alienação e da droga e que, por último, se entregam a «súbitas e violentas explosões de revolta sem objectivo»

Desejaríamos encontrar, expressas com mais clareza e por forma que as percebêssemos convenientemente valorizadas, as causas que fizeram nascer uma juventude de características tão opostas às do após-guerra de 1914. Queremos frisar, designadamente, que as referências ao trabalho fragmentado e repetitivo, carente de estímulo, imposto pela industrialização e concentração do capital; que as referências ao mundo aparencial que, através da propaganda e da facilidade escraviza o jovem e o adulto a necessidades não necessárias; as referências a causas, como a aceleração dos processos de crescimento físico em desfasamento com o desenvolvimento psíquico e intelectual (que têm, por sua vez, outras causas que não são mencionadas) — poderão significar para a maioria dos leitores uma tímida acusação ou o apontar de males inevitáveis da época, de responsabilidade dificilmente imputável.

Os restantes capítulos (correspondem aos três primeiros as impressões que acabamos de transmitir) pouco ou nada acrescentam ao contexto desta 2.ª parte da obra.

Sobre a família, após desmistificar o significado sentimental que lhe é conferido (aplicável apenas a uma minoria) mostra Fischer como a chamada «decadência da família» é, na realidade, a sua transformação pela qual ela cedeu as suas funções não essenciais e se concentrou nas essenciais (manutenção da casa, procriação, criação dos filhos e garantia das necessidades sexuais), em que deixou de ser uma comunidade de produção para ser uma comunidade de consumo onde o autoritarismo paterno se esbate até à concessão da liberdade total para a mulher (antes escravizada) e para os filhos. Desta evolução da família provirá, em futuro muito longínquo, um estádio «em que a família será tão supérflua como acabaram por o ser a tribo, o clã, a linhagem».

Em breve capítulo sobre o amor, Fischer quase se limita a apresentar observações colhidas nos E. U. Tenta explicar-nos, com dificuldade, em que consiste a «sexualidade fria»; a ideia com que se fica é de que o amor desapareceu para dar lugar à licenciosidade sem limites e que os jovens buscam nos contactos amorosos, apenas ou principalmente, a conquista de prestígio. O panorama de juventude americana, neste aspecto, se é tipicamente válido, não serve para abonar uma conclusão geral, só importa conhecer pelo que possa representar de tendência a generalizar-se.

Para definir o estudante, baseia-se Fischer quase exclusivamente, desta vez na Alemanha Federal. O depoimento dum estudante que «representava, como tipo, a maioria dos seus colegas» revela-nos, em síntese, a posição da juventude estudantil alemã: «que pode uma pessoa esperar neste mundo superorganizado, nesta selva de luzes de néon e propulsão atómica?.. um carro aerodinâmico, uma mulher agradável, um fim de vida assegurado. Ou outra coisa?... Não apelem constantemente para o nosso idealismo. Para quê e para quem?» Por outro lado, surgiram as «associações que autorizam o duelo» de que gozem parte, na Alemanha, 50 000 estudantes e que o Governo Federal subvenciona com grandes quantias e «slogans» do tipo — «Quando o Estado se organiza monárquica e aristocràticamente, o povo corre o mínimo perigo de soçobrar».

Tanto na Alemanha, como em Inglaterra, França e Itália muitos milhares de estudantes lutam contra a injustiça, a segregação e a propaganda bélica — refere Fischer, de passagem, sem entrar na análise destes movimentos, pelo que ficamos sem conhecer o que importava necessàriamente conhecer: o respectivo peso e extensão.

Ainda a Alemanha e os E. U., onde se confinam as observações para o estudo do *trabalhador jovem*. Aqui, empenha-se o autor em rebater a tese dos sociólogos alemães segundo a qual se haveria dissolvido a estrutura de classes e se teria dado nos E. U. «o maior acontecimento da época» com a superação das classes, convertidas estas numa única classe média. É na própria América que se desfaz o equívoco: segundo Packard, 2 % da sociedade emprega a maioria dos trabalhadores: Packard distingue cinco classes que reúne em dois grupos: o

SYLVANIA
TV DE ALTA CLASSE
A PRESTIGIOSA MARCA AMERICANA
à venda nas boas casas da especialidade
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R. L.
departamento electrodoméstico
Rua dos Douradores 43 — Telef. 361763 — Lisboa

Reunião anual da Ford Lusitana

Sob a égide do director gerente da Ford Lusitana, sr. Pedro Bianch e com a presença do sr. K. Kolb, de Ford Europa, está a decorrer a reunião anual de Gerentes e Chefes de Serviço dos Concessionários Ford em Portugal.

No decurso dos trabalhos iniciados esta manhã, foram, sobretudo, objecto de cuidada análise os problemas emergentes da prestação de assistência em oficinas a um número cada vez mais elevado de viaturas em circulação no nosso país e anunciadas medidas de desenvolvimento da eficiência e qualidade dos serviços prestados, de acordo com os padrões Ford internacionalmente conhecidos.

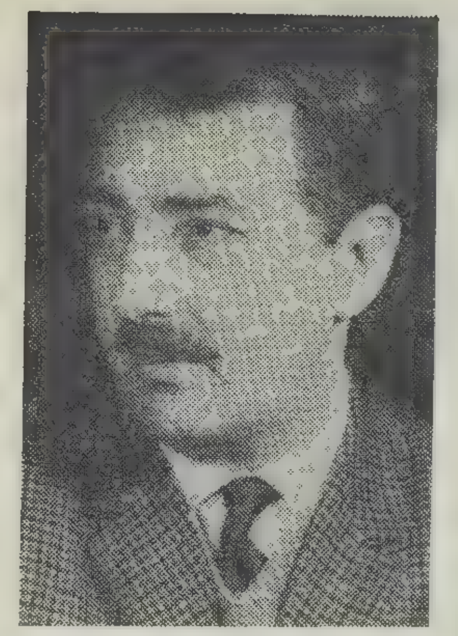
A reunião de Gerentes e Chefes de Serviço de 1969, termina esta noite, com um jantar no Casino Estoril.

TRAVE COM Raybestos

Calços para travões
Discos para Embraiagem

inquérito

Há um problema específico da juventude?



Arq. Mário Bonito

A um pai (arq.º Mário Bonito), a uma estudante (Maria Fernanda Pais Gonçalves) e a um professor do ensino secundário (dr. José Augusto Teixeira) fizemos a seguinte pergunta: *«Há um problema da geração jovem ou trata-se apenas de um aspecto do problema geral?»* São as respostas a esta questão que, seguidamente, se publicam:

Resposta do arq.º Mário Bonito

Na minha opinião são os problemas de «ordem geral» que originam os «problemas da juventude». Ontem ou hoje a juventude. Ontem ou hoje a juventude de sempre teve problemas e eu ainda me lembro dos meus. É um todo indissociável. Então, os novos problemas da juventude variam com as coordenadas geográficas, usos, idiossincrasia dos povos, seu estado de civilização, etc. Variam ainda em função da sua actividade, do meio em que vive, e da sua instrução.

Há, assim, que ter em conta vários tipos de juventude; digamos a rural, a operária, a estudantil, etc., e até admitir variações dentro de cada um destes tipos de juventude seja a dos campos, das fábricas ou das cidades (universitária). Uma mais afectada pela burguesia, outra por incidências económicas, outra pela organização do trabalho nas fábricas, escritórios ou repartições formam parcelas distritas. Acontece ainda que os aspectos típicos de cada uma destas parcelas por vezes afecta simultâneamente qualquer delas não sendo pois fácil detectar **um só problema** e **um só tipo** de juventude ou isolar os seus problemas específicos daqueles que são de ordem geral.

As reacções da juventude (ou das juventudes) são portanto multiplas e variadas porque os condicionamentos diferem em função não só do meio em que vivem, trabalham ou estudam, mas também em função dos educadores, da cultura e da promoção social. Então, sendo o grande objectivo elevar o seu grau de «consciência» e consequentemente o de «cidadania», há que estimulá-la nesse sentido — que tem sido verdadeiramente a minha preocupação dominante de pai.

Mas também é verdade que esta «consciência» e esta «cidadania» deveriam ser uma conquista gradual da juventude ao longo do seu desenvolvimento físico e mental. Todavia, ela está afastada de todas as fontes que promovem esta evolução e só aos 17 anos (pelo menos...) se dá, repentinamente, conta da sua função na sociedade e do que se lhe exige como cidadão integrado na colectividade. Só então tem acesso ao cinema, ao teatro, à literatura. Sente-se espoliada. Frustrada, obstina-se em recuperar o tempo e os conhecimentos perdidos e responsabiliza, com muita razão, o adulto que até aí não estabeleceu com ela senão relações «paternais» e anodinas. Este é um denominador comum da juventude burguesa que tenta, e muito bem, evadir-se da burguesia.

que compreende a classe superior, pròpriamente dita, a semi-superior e a do êxito limitado; e o outro formado pela classe trabalhadora e a inferior pròpriamente dita. E — conclui Fischer — os que teòricamente negam a existência de classes são compelidos a admiti-la de facto ao reconhecerem a realidade de instituições que nelas se baseiam, tais como sindicatos, ligas industriais, etc.; o que pode ou não existir é a consciência política de classe, muito difícil de incutir ao trabalhador jovem de hoje: porque o consumo os mantém seduzidos e os «slogans» capitalistas os amarrem a ilusórias esperanças de concretização individual de aspirações.

«Vou tirar da vida tudo o que possa, vou ter muito dinheiro e estar sempre alegre e de bom-humor. Uma pessoa aprende, trabalha, trabalha para ser um bom operário especializado, alegra-se, morre, põem luto por ele, desaparece... O operário vive e morre» — palavras de um aprendiz de 16 anos. Tal o retrato da juventude trabalhadora destes tempos, produto da sociedade de consumo, que Fischer nos dá.

O TRABALHO

Por fim, Fischer procede a uma reavaliação dos conceitos de trabalho e de liberdade: no trabalho artesanal o trabalhador antecipa idealmente o objecto que vai realizar ou em cuja realização participa. No modo de produção capitalista, com a industrialização desenvolvida ao extremo e a automatização, esse privilégio humano de antever o fim do seu labor, desaparece. Desaparece assim um dos privilégios que distinguem o homem dos outros animais e que constitui a sua possibilidade criadora. O espantoso desenvolvimento da cibernética e as formidáveis transformações técnicas trazem consigo a possibilidade tanto duma segunda revolução industrial como a da auto-aniquilação, assim se saiba evitar a desvalorização do trabalho dominando a máquina, ou deixar-se por ela dominar. Só mercê da sua função criadora que, por imperfeita, o incita na busca da perfeição, o homem evolui. O verdadeiro conceito de trabalho validável será aquele que o aproxime do da fase mais elevada da sociedade em que haja desaparecido a *sujeição servil do indivíduo à divisão do trabalho e, com ela, à oposição do trabalho intelectual; e corporal;* e venha a constituir *inclusivamente*, a *primeira necessidade vital*. Por outras palavras: esta primeira necessidade vital seria o trabalho criador, não imposto pela necessidade, mas constituindo em si a necessidade do homem e do seu prazer supremo. Para esta humanização do trabalho aponta Fischer três requisitos; a socialização dos meios de produção, a cogestão directa do trabalhador e a sua libertação das tarefas monótonas e repetitivas.

A LIBERDADE

Com a derrota do fascismo e as subsequentes desilusões — prossegue o autor —, esboroou-se o prestígio e o significado de liberdade que a luta contra Hitler e a resistência antifascista haviam compelido à sobrestimação; esboroou-se, pois, esse significado duma liberdade, digamos, colectiva. Deste facto e como reacção à ditadura militarista e à obediência total, nasceu e medrou entre os jovens o conceito de liberdade individual. Todavia, uma minoria foi-se dando conta, pouco a pouco, do equívoco: a liberdade de que dispunham, aparente e limitada condicionava-a uma acção exterior, o dirigismo pressionante emanado da publicidade, da televisão, do púlpito e da cátedra; e de tal sorte que os remetia à submissão e os afeiçoava a um único molde, feito de sentimentos e opiniões pré-fabricadas.

Segundo Fischer, dado o carácter multívoco do conceito de liberdade, importa considerar uma interpretação que lhe confira um significado de objectividade mais ampla do que a que lhe conferem as fórmulas propagandísticas, que é o da liberdade em sentido absoluto e abstracto. Entenda-se, pois, uma liberdade da personalidade — ser livre significa decidir livremente. Ao tomar-se livremente uma decisão assume-se necessàriamente uma responsabilidade. Na decisão o que constitui a instância suprema não é o foro íntimo, mas a razão, a que não se limita a medir os prós e os contras do momento imediato, mas que põe os olhos no futuro, está ligada à consciência, ratifica ou rejeita as decisões do foro íntimo, isto é, o controla. Ora, aos jóvens de hoje, na generalidade, falta a consciência de esta espécie de liberdade, confinaram-na em suas aspirações, à liberdade privada, do pós-emprego, converteram-se, eles próprios, despersonalizando-se, em funcionários do capital, habituaram-se a relegar toda a responsabilidade nos «comandos», nos chefes. (Foi a partir dum sentimento de irresponsabilidade, já antevisto por Kafka em «O Processo», que se veio a consubstanciar o «ordens são ordens» com que os verdugos de Hitler justificariam os seus crimes).

No crescente interesse pelos problemas éticos e morais ligados ao conceito liberdade-responsabilidade, demonstrado por uma minoria jovem dos países capitalistas, vislumbra o autor uma de duas linhas convergentes; constituiria a segunda o facto de na União Soviética começar a tomar vulto o debate de problemas morais relacionados com a iniciativa e responsabilidades individuais. Do encontro de estas duas linhas de pensamento da juventude «resultará a supressão da falsa alternativa: *colectividade ou indivíduo, sociedade ou personalidade*». O que está em jogo — afirma — é a síntese, a totalidade.

INTEGRAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO

Entre a adaptação e a transformação — é onde Fischer situa a geração actual. A completa adaptação ao chefe, à empresa, preconizada, fomentada e em boa parte conseguida pelo mundo capitalista, tem como réplica a rebelião dos *beatnik* e dos *hipster (hippies?)*.

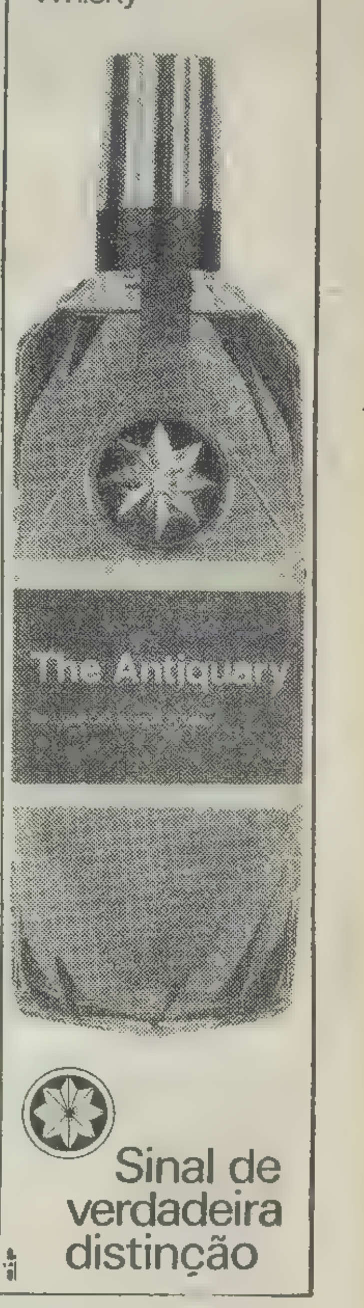
Porque uma 3.ª guerra mundial «representaria o fim da humanidade, porque a todos nós, estejamos onde estivermos, nos será comum o princípio não há no mundo questão controversa que possa justificar uma terceira guerra mundial» — entrega-se Fischer, nas últimas páginas, ao elogio da *transigência*, na súmula decalcando princípios comuns aos da coexistência pacífica: «Que também eles podem ter razão», que «o capitalismo se vê obrigado a ter em conta o mundo socialista... e este último a colher exemplos dos progressos e ensinamentos do capitalista»...

Queremos acreditar nas boas intenções que moveram o autor na feitura deste livro. Mas tal ímpeto levou-o a omitir, precisamente, aqueles países onde, hoje, a juventude ganha uma personalidade mais significante. Com efeito, todo o estudo foi pràticamente baseado nas observações relativas aos Estados Unidos e à Alemanha, com breves e pouco frequentes referências à Inglaterra, mais raras à França e omissão quanto à Itália e Japão. Daí que os recentes acontecimentos ocorridos nestes últimos três países — são bem definidos e evidentes os objectivos que movem estas juventudes — legitimem ao leitor, como a nós, uma objecção: decerto que uma análise das tendências da juventude francesa, italiana e japonesa, teriam permitido ao autor alterar as perspectivas algo pessimistas por ele formuladas.

(1) *Problemas de la Generacion Joven* — Ernest Fischer, trad. esp., 2.ª ed. (1968), do original: *Die Probleme der Jungen Generation.*

Ler os depoimentos da estudante Maria Fernanda Pais Gonçalves e do dr. José Augusto Teixeira na última página.

The Antiquary
De Luxe
Old Scotch
Whisky



Sinal de verdadeira distinção

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
COMANDO-GERAL

CONCURSO PARA ADMISSÃO NA G.N.R. DE OFICIAIS DO Q. C. DO S. A. M.

Nos termos do disposto no art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 40 822, de 24-10-956, faz-se saber que se encontra aberto concurso até 10 de Dezembro do corrente ano, para admissão na Guarda Nacional Republicana, de Oficiais subalternos do Serviço de Administração Militar, do Quadro de Complemento, nas seguintes especialidades:

a) — Administração Militar
b) — Contabilidade e Pagadoria
c) — Intendência

Devem ter completado 22 anos à data da inscrição e não exceder 35 anos até 31 de Dezembro do corrente ano.

No Comando-Geral da G. N. R. — 1.ª Repartição — serão prestados todos os esclarecimentos acerca da documentação a apresentar pelos candidatos, para a sua inscrição.

Comando-Geral no Carmo — Lisboa, 11 de Novembro de 1969

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR
Ângelo Ferrari
Coronel do C. E. M.

inquerito

«Há um problema da geração jovem?»

Resposta de Maria Fernanda Pais Gonçalves

Parece-me que ao falar em juventude e em «Problemas da geração jovem» é necessário especificar qual a estrutura socio económica em que está integrada essa juventude. As reacções de um jovem de 18 anos que abandona a sua aldeia e vai trabalhar para uma capital — dentro ou fora do seu país — as do jovem camponês, do jovem operário, ou do jovem estudante têm forçosamente que ser diferentes, visto que as suas condições de vida também são diferentes.

Outro aspecto que me parece importante, e que condiciona a acção e dinamismo da juventude é, durante a infancia, os anos de escolaridade, a existência de jardins-escolas, a assistência permanente e organizada ao desenvolvimento físico e intelectual de criaça, ao desenvolvimento do gosto pelas várias manifestações artísticas; aparece ainda como factor condicionante das reacções da juventude, a existência, de uma forma adaptada às idades a que se destina, de um ensino primário democrático, em que a criança se sinta enquadrada, com um papel determinado, e não como um elemento á parte, e até, tremendamente incomodativo.

Os jovens surgem, portanto, mais ou menos responsáveis, mais ou menos conscientes, consoante o ambiente socio-económico em que se desenvolveram os seus primeiros anos.

Não há uma crise da geração jovem, o que há é uma crise da sociedade que determina vários tipos de reacção de multiplos sectores da população, e também da camada juvenil.

É frequente, quando se fala em geração jovem, a associação imediata a delinquentes a «hippies» ou outros quaisquer grupos; e daí a dizer-se que há uma crise da juventude vai um passo. Mas o que importa ver é que esses grupos surgem em determinadas sociedades como reacção a todo um sistema que não os integra como cidadãos; como consequência aparecem os jovens, mas não só eles, um permanente estado de descontentamento e de revolta.

Mas quanto a mim, a chamada crise da juventude não se manifesta só com o aparecimento de grupos mais ou menos barbudos ou delinquentes. A chamada crise da geração jovem, que como já disse é consequência de crise de sociedade, manifesta-se também, por uma ausência de sentido crítico, por um desinteresse pelos valores culturais e humanos, por um alheamento do mundo que os rodeia. E é curioso observar como esta situação é muito melhor aceite por alguns «adultos», porque muito menos incomodativa. Porém, também esta situação surge como consequência de uma sociedade que considera desde a infancia, o indivíduo, como elemento á parte; de uma sociedade profundamente antidemocrática que não permite aos seus elementos a discussão dos seus problemas e a participação na vida do seu país; uma sociedade que não fomenta, mais, não permite locais de convívio onde os jovens se encontrem e, em conjunto discutam e resolvam os seus problemas. Há mesmo sociedades que não combatem os mitos e preconceitos que afastam do convívio são os rapazes e raparigas, e que, ao contrário, fomentam essa separação logo nas primeiras idades, quando proibem, nas escolas, o recreio misto.

Aos 18 anos, quando se entra abertamente na juventude, muitos jovens ja assumem responsabilidades de carácter profissional; no entanto a preparação e experiência que adquiriram, foi na maioria dos casos á sua própria custa, pois não existe qualquer espécie de orientação escolar e profissional. Ainda a decisão de continuar a estudar ou trabalhar numa fábrica, no campo ou num escritório depende, em grande parte, de razões económicas e não de uma vontade, de uma iniciativa do próprio jovem. Ele vê-se lançado por um caminho que não lhe interessa, por um caminho que não escolheu, vê-se com umas perspectivas de futuro que lhe foram impostas.

Mas a geração jovem não é só composta por delinquentes, barbudos ou por jovens alheados de problemas do seu tempo. Há também um numero significativo que procura integrar-se na sociedade compreendê-la e transformá-la; há jovens que anseiam para uma sociedade em que todos possam encontrar, o seu lugar. E também estes grupos surgem em maior ou menor numero consoante as estruturas existentes são mais ou menos favoráveis ao seu aparecimento.

Há exemplos bastantes, e que todos conhecemos, em que os jovens têm mostrado um poder de organização, uma definição de objectivos e uma maturidade que fazem esquecer a chamada «Crise da geração jovem». Mas é necessário que essas condições sejam proporcionadas aos jovens e que, por sua vez, os jovens as procurem pelo seus próprios meios fomentando o aparecimento de locais de convívio, nos clubes desportivos e recreativos, nas escolas técnicas e liceus, e, mais tarde, para os que tiverem a ventura de ingressar na Universidade, em associações de estudantes.

É pela discussão ampla dos problemas que atingem a juventude que os jovens adquirem a consciencialização e maturidade que por vezes são acusados de não ter; é a resolução colectiva dos seus problema — culturais, escolares, profissionais, desportivos — que permite o desenvolvimento da confiança mútua e desperta o entusiasmo e o gosto pelo trabalho. São o convívio e o debate dos assuntos do seu dia a dia por largas camadas de jovens, as reuniões e os encontros entre jovens de vários estratos sociais e de várias regiões, e um igual, mas verdadeiramente igual, acesso, a todos os graus de ensino que dá uma verdadeira preparação aos jovens para se situarem na sua sociedade e no seu tempo.

Maria Fernanda Gonçalves

Dr. José Augusto Teixeira

Resposta do dr. José Augusto Teixeira

Os problemas da juventude interessam naturalmente toda uma sociedade em procura de mais rectos e humanos caminhos. E dentro dessa sociedade terão de interessar de forma muito especial ao professor. Só porque o sou e para não corresponder com uma cómoda abstenção a uma deferência do «Diário de Lisboa», é que não deixo cair a pergunta sem a tocar. Pois sinceramente reconheço que é magna a dificuldade de uma resposta de síntese, mas ampla, como eu queria clara nos conceitos e cristalina na forma. Tentarei, em todo o caso, reflectir criticamente. Digo *criticamente* em duplo sentido porque, se por um lado desejo assumir uma atitude critica, sinto por outro que é de crise a situação que a juventude gera na consciência dos adultos — e tanto mais aguda quanto mais dilatada for a sua responsabilidade na formação dos jovens. Ora, o que de ensaio premente, de necessidade de convívio, de decidida determinação, de angústia, desgosto ou decepção, simples inconformação ou revolta — de sentido profundo, em suma — possa haver nos recessos da alma dos jovens, tudo isso se agiganta a meus olhos como um universo desconhecido governado por forças de direcções mutáveis e diversas. Receio assim que neste momento, a seu respeito, eu não tenha uma única certeza categórica, mas apenas um turbilhão de dúvidas e de interrogações cruciantes Tudo muda em ritmo de desatino. A experiência passada não se ajusta ao que é actual, ou ajusta-se mal. Encontrar na evolução da juventude ao longo do tempo os parâmetros que caracterizam o seu comportamento é tarefa que me parece mais ao alcance do sociólogo e do psicólogo do que dos professores ou dos próprios pais. Talvez, antes, tarefa para equipas de todos eles, coodjuvados por assistentes sociais, educadores da infância e da adolescência, etc.

Nós bem sabemos que em todas as épocas ao longo da história humana existiram os problemas da juventude. Serão de maior acuidade aqueles que vive a geração jovem de hoje? Penso que sim. E não me parece que se trate *apenas* de um aspecto do problema geral que a sociedade defronta. Por certo os problemas se entretecem e se influenciam mutuamente, mas não se confundem.

A relevância dos problemas da juventude, posta dramàticamente em foco através dos movimentos de contestação nas mais diversas latitudes, veio chamar a atenção dos adultos para o fenómeno social que é essa juventude. Uns terão pensado que alguma coisa de *novo* se estava passando. Mas não se detiveram a cogitar porque... tinham mais que fazer. A outros, indo mais além, pareceu que o sucesso não só era novo nas suas dimensões, como era *grave*. Procuraram informar-se através de relatos, entrevistas, ensaios.

Finalmente, outros mergulharam com maior ou menor justeza na análise parcial ou global do fenómeno. São certamente os mais esclarecidos e os menos iludidos, o que não quer dizer que disponham das soluções.

Eu penso, aliás, que os próprios jovens terão dificuldade em formular e situar os seus problemas. Refiro-me, evidentemente, não aos problemas particulares de cada um, mas áqueles que podem constituir uma constante característica da juventude. No entanto, os dados que promanam de suas consciências, esses, melhor que os adultos eles os conhecem. Valeria a pena um esforço leal e sincero no sentido de os ouvirmos.

O marechal Tito esteve de visita à Argélia. O estadista jugoslavo (à esquerda) abraça Boumedienne. Já depois da sua visita, Tito afirmou apoiar a acção dos guerrilheiros palestinianos. A grande dúvida do momento é o êxito da conferência árabe de alto nível, que se deve efectuar de 20 a 22 de Dezembro, e a sua repercussão na luta contra Israel

DL MESA REDONDA

Designed in cooperation with imagingete.com
Munsell color Linear Gray Scale

É sempre tempo para fazer...

DL

PÓVOA DE VARZIM

A vila e a praia da Póvoa de Varzim já não constituem aquela antiga povoação romana construida de tijolos, a que se referiu Ramalho Ortigão. Abriram-se estradas, rasgaram-se ruas, nivelaram-se bairros, delinearam-se jardins, lançaram-se avenidas e a velha Póvoa transformou-se, como por encanto, numa das melhores estancias balneares, a população aumentou, a perspectiva modificou-se, o comércio e a industria desenvolveram-se e progrediram.

Hoje, a Póvoa de Varzim é uma vila atraente e moderna e a sua praia (a maior do Norte) é das mais concorridas e populares do País. Mas porque em matéria de turismo nem tudo corria bem, algumas centenas de poveiros constituiram a SOPETE, sociedade local cujo unico objectivo é contribuir para a valorização e para o engrandecimento da terra que foi seu berço. Apoiada de forma inequívoca pela população, a SOPETE — (Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos — S. A. R. L.) desenvolve a melhor actividade para que o turismo local progrida no ritmo desejável.

A SOPETE foi, sem duvida, a mais importante iniciativa levada a cabo pelos poveiros para o engrandecimento da sua terra, de algumas dezenas de anos a esta parte, precisamente desde que, mercê duma iniciativa similar, a grande praia nortenha passou a ter o seu Casino.

Vasto plano de realizações

É profundamente vasto o plano de realizações que a SOPETE pretende levar a efeito. Nele se inclui a construção de um hotel com 200 quartos, que vai erguer-se por fases a primeira das quais foi avaliada em 15 mil contos. O hotel foi dimensionado para um numero total de 200 quartos, dotado dos mais modernos e confortáveis requisitos, incluindo uma piscina, numa situação admirável pois se localizará a norte da zona desportiva (Estádio do Varzim, Parque de Jogos do Desportivo e anexos) fronteiro á maravilhosa Praia de Averomar, uma das mais belas daquela parte da costa.

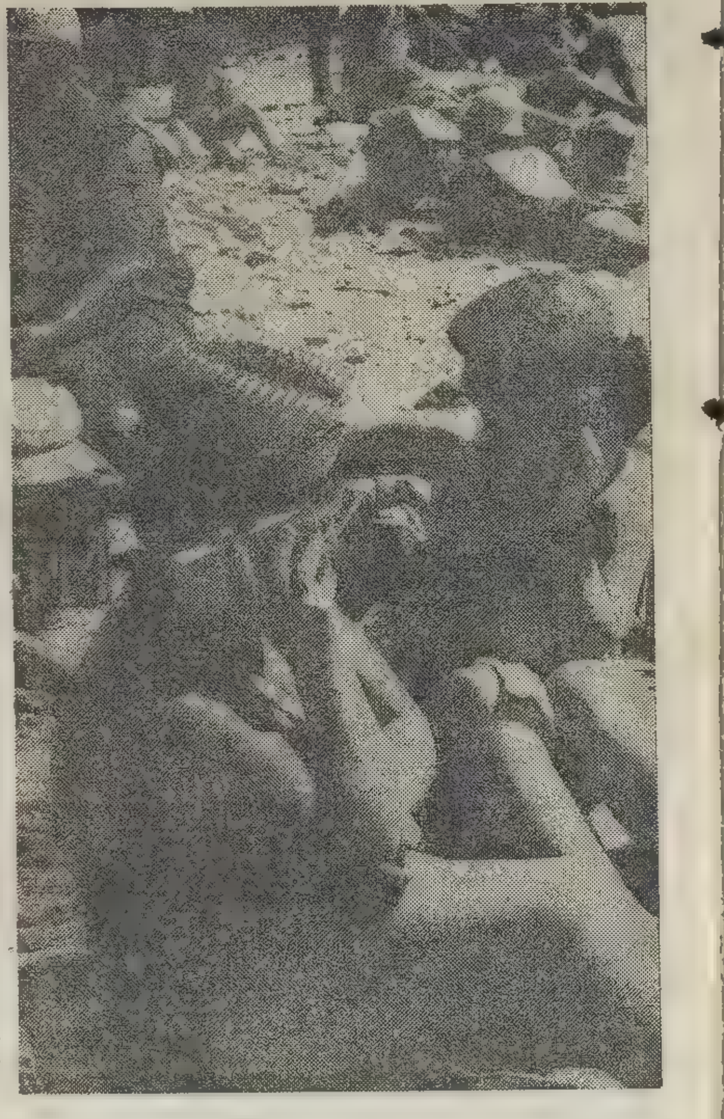
Está ainda prevista a construção duma estalagem na magnífica e pitoresca praia de Santo André. A estalagem possuirá um total de 20 quartos, a construir em duas fases (dez para cada fase), e será, também, excelentemente equipada, incluindo um tanque-piscina num dos penedos do amplo areal. A estalagem terá magnifica localização: a três quilómetros do centro da vila e a 300 metros da estrada nacional Porto-Viana do Castelo.

Outra estalagem se inclui no plano de realizações da SOPETE: a do Monte de S. Félix, de onde se desfruta um panorama inesquecivel em todas as direcções — mar, campos e pinhais —, localizando-se a quatro quilómetros da vila e a 200 metros da estrada nacional Póvoa-Braga. Erguida num nucleo de moinhos restaurados, vai dispor de 16 quartos e terá forma circular, integrando-se perfeitamente na paisagem.

Um grandioso empreendimento está também previsto: o grande edifício da SOPETE, com 15 andares e o custo previsto de 20 mil contos, que vai erguer-se em pleno coração da Praia, em pleno Passeio Alegre, depois de eliminados os pardieiros que, por enquanto, são uma nota triste da progressiva vila. A cave dupla do edifício será destinada á recolha de automóveis e o rés-do-chão para estabelecimentos, 10 andares para moradias em propriedade horizontal, sendo um deles para salão de convívio; dois andares para pensão residencial e o ultimo para bar, restaurante e salas de estar.

O imponente edifício que virá dar á praia um aspecto atraente e moderno, constituirá, também, uma célula de apoio ao hotel a construir ao norte da vila. Saliente-se

(Continua na 11.ª página)



O transistor popularizou-se rápidamente entre nós e tornou-se imprescindível nas praias portuguesas

PRAIAS
AS QUE NAMORAM O MAR

E chegou o Outono. Olhar para o mar já faz arrepios. O vento começa a soprar forte, encarquilha a superficie das águas, levanta nuvens de areia e modela no céu densas e ameaçadoras esculturas. Os banhistas aproveitaram o prolongamento do Verão por sinal inconstante, embora prolongado, mas já fizeram as malas e regressaram ás cidades.

Isto em determinadas zonas, pois Portugal pode considerar-se um dos países que possui praias de Primavera, de Verão e de Outono. De facto, seria forçado restringir a três meses o tempo aconselhável para frequentar muitas praias onde o clima e o mar são praticáveis durante quase todo o ano.

Já Raul Proença assegurava no primeiro volume do «Guia de Portugal»: «Muitos outros sistemas de classificação prática admitiriam as praias do País, conforme o ponto de vista terapêutico, higiénico, desportivo, paisagistico ou económico que se tomasse como critério de comparação. E nas praias do Sul, como é óbvio, que a água atinge uma temperatura mais elevada; nota-se, porém, a circunstância notável dessa temperatura ser mais alta durante o Verão e, sobretudo, o Outono nas praias do Norte (Minho e Douro Litoral) que nas da Estremadura. Deve-se isto á influência da corrente do Golfo que durante essa quadra do ano se dirige do Norte para o Sul. As condições de sanidade do ar também diferem muito de praia para praia, conforme a sua exposição e natureza topográfica.»

As praias portuguesas são todas diferentes umas das outras. Se aqui se proclamam cosmoplitas, logo ali se retiram na doce intimidade do seu carácter pitoresco. Deste modo, quem vier de fora encontra, com certeza, a praia mais ao seu gosto: as cosmopolitas do Estoril, da Figueira da Foz, Cascais, Praia da Rocha, Espinho ou Vila do Conde; as praias pitorescas, folclóricas, da Ericeira, Nazaré, Moledo do Minho, Apúlia; ou, então, essas que são, por assim dizer, estâncias balneares de repouso como Arrábia, Miramar, Praia das Maçãs, Sesimbra e Granja. Todas elas oferecem uma paleta de contrastes ao turista e todas elas também estarão junto de quem as procurar, pois são servidas por excelentes meios de comunicação.

Quem visitar a famosa Costa do Sol, ás portas de Lisboa, ou a não menos bela linha de praias dos arredores do Porto, cujo centro está em Espinho, sentir-se-á surpreendido pela beleza da costa portuguesa, onde a vida não é cara, comparada com a de outras praias idênticas estrangeiras e onde o turista encontrará sempre e por toda a parte recursos fáceis para uma cozinha requintada.

A extensa costa atlântica, palhetada do oiro das areias não podia deixar de ter lindas e vastas praias que são autêntico convite da vida ao ar livre. Oferecem apenas o trabalho da escolha. O resto é consigo, leitor.

FÉRIAS 1969

Maior selecção de viagens á sua disposição

— Em avião e autocarro —

Alemanha Romântica	— 10 dias	— 9.720$00
Alemanha e Áustria	— 17 »	— 14.950$00
Circuito da Itália	— 15 »	— 11.450$00
Circuito Benelux	— 10 »	— 9.250$00
Suiça e Áustria	— 12 »	— 9.350$00
Inglaterra e Escócia	— 12 »	— 6.950$00
Rússia e Escandinávia	— 15 »	— 14.850$00
Estados Unidos e Canadá	— 15 »	— 16.350$00
Israel e Grécia	— 12 »	— 9.750$00

— Em avião e cruzeiro —

Grécia e Ilhas do Mar Egeu — 11 dias — 9.650$00

SOLICITE-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

CAPRISTANOS / CITIRAMA

LISBOA: Av. Duque de Loulé, 47-A — Telef. 530171

o BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

garante a cobertura de cheques sacados sobre as suas caixas

→ emitidos correctamente em nome de qualquer pessoa ou firma;

→ depositados, nos oito dias seguintes à sua data, numa das diversas dependências do BANCO espalhadas por todo o País, pela pessoa ou firma a favor de quem foram emitidos;

→ de montante igual ou inferior a 500$00.

Em transacções de valor superior a 500$00, se desejar assegurar o pagamento dos seus cheques, poderá utilizar mais do que um cheque BPA

CHEQUES

BPA

PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

têm cobertura assegurada

FIGUEIRA DA FOZ: A rainha das praias portuguesas

Uma costa atlântica de vastos quilómetros, todos palhetados do oiro das areias, não podia deixar de ter lindas e vastas praias, banhadas, docemente, por um Oceano que parece ter roubado ao céu o seu azul de aguarela... Convite para a vida ao ar livre, brincando com as ondas do Atlântico, quebrando sobre os rochedos as suas iras ou beijando a areia, as praias portuguesas são das mais belas do Mundo, pela cor do céu, do Sol, das areias sem fim, pela paisagem que quase sempre se enquadra ou, até, por enquanto o homem lá lhe foi levar da força do seu pulso e da sua inteligência.

Depois, as praias portuguesas são diferentes uma das outras porque se aqui se proclamam cosmopolitas, logo ali se retiram, na doce intimidade do seu carácter pitoresco.

Entre as praias portuguesas, como diz a canção, «Figueira da Foz é a Rainha». Beijada pelo mar, Figueira da Foz é uma cidade radiante de luz e de cor e, entre os seus maiores encantos, avulta a maravilhosa praia, a mais atraente da Península e, sem duvida, uma das mais lindas da Europa.

Figueira da Foz é terra de sol — e, agora, também, terra de cantigas pois ali, anualmente, se realiza um Festival de Canção, iniciativa da sua Comissão Municipal de Turismo que faz atrair á linda praia muitos milhares de forasteiros. Mas a cidade é, também, centro de turismo dos melhores do país, com gente hospitaleira e laboriosa, aqui e além realçado por expressões da natureza que deliciam os olhos.

No conjunto das terras de Portugal, a posição da Figueira da Foz é de excepcional relevo. E ela orgulha-se de ser a rainha das praias portuguesas, pelo extenso areal, pelo beijo que o Sol lhe dá, pontual e carinhoso, todas as manhãs...

Fácilmente acessível, tem um dos melhores climas da Europa e os seus arredores são encantadores. Aberta ao Atlântico e abrigada ao Norte pela Serra da Boa Viagem, a sua luminosidade e privilegiadas condições naturais, num ambiente alegre e cosmopolita, justificam o título de «rainha das praias portuguesas», onde são inumeras as acomodações: um hotel de luxo, muitos outros hotéis confortáveis, bem como pensões para todos os preços e casas de aluguer. Em recreio e desportos, a Figueira da Foz oferece tudo quanto se possa esperar: teatros, cinemas, casino com jogo autorizado, dança, atracções estrangeiras, festas infantis, noites de gala.

Alguns dos pontos dignos de visita: o Museu, a Serra da Boa Viagem, Lagoas de Quiaios, a Colónia Balnear Infantil, as minas do Cabo Mondego, as Fábricas de Vidro e Cimento, os secadouros de bacalhau, as marinhas de sal, as matas das acácias e a Casa do Paço.

Mas falar da Figueira da Foz é falar do mar. É falar da eterna canção das ondas. É falar da sua poesia e das suas lendas. A Figueira da Foz tem a consciência de ser a «menina bonita» de Portugal, terra garrida e alegre onde todos se sentem bem na vizinhança do mar, olhando as águas transparentes que afagam a retina dos que as contemplam.

Talvez valha a pena recordar: Ramalho Ortigão, pouco pródigo em elogios para as nossas coisas, escreveu certa vez: «Não tem remédio senão vir á Figueira da Foz quem quiser ver a mais linda praia de Portugal»...

Não é, porém, simplesmente da sua beleza que a Figueira da Foz se orgulha. Não são apenas as condições naturais com que a natureza pródigamente a dotou que fazem da Figueira da Foz uma aprazível e apreciável estância de Verão.

Consciente do que representa no turismo nacional, a Figueira da Foz dispõe de todos os recursos para atender à afluência turística.

A Figueira da Foz espera que a visitem e a vejam com o seu claro céu sem manchas e o ar lavado pela brisa constante do mar.

COVINA

VIDROS:

LISO (Sistemas Fourcault e Pittsburgh)
FÔSCO (Simples e artístico)
GIVRADO
IMPRESSO (Branco e de côr)
ARAMADO (Branco e de côr)
INESTILHAÇÁVEL (Incolor e decorativo)
TEMPERADO «ROCHEDO» (Portas e instalações)
TEMPERADO «ROCHEDO» (Indústria automóvel)
ROCOLOR
MUROLUX

MOSAICOS DE VIDRO «EVINEL»
FIBRAS DE VIDRO E DE ROCHA

Escritórios: Edifício Covina — Av. da Liberdade, 192 - Telef. PPC/A 56 20 31 - LISBOA-2
Fábricas: Santa Iria da Azóia — Póvoa de Santa Iria — Marinha Grande

ALGARVE
— ONDE O SOL É MAIS QUENTE

A' Natureza dotou o Algarve perdulariamente. É o Algarve, de facto, uma província privilegiada, de paisagem encantadora e luminosidade perturban-

Um espectáculo que os turistas apreciam: a exibição dos ranchos folclóricos

te, com a tranquilidade dos seus campos e serranias, a amenidade incomparável das suas tardes e o fulgor marítimo que oferece aos sentidos, numa festa de azul inolvidável de ardências e suavidade de cor.

Se há região que reuna avultado numero de condições para uma intensa e progressiva exploração turística é, sem dúvida, essa luminosa e suave faixa algarvia, com as suas três zonas geograficamente diferenciadas: a Serra, o Barrocal e o Litoral. É curioso verificar como se anima e aquece a expressão e o estilo dos escritores que entre nós se atrevem aos descritivos paisagísticos, sempre que desta província se ocupam.

Escreveu Silva Teles: — «O Algarve é um retalho do território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contígua. É uma região bem definida, um compartimento com feições características. O mar, a planície, a montanha, o céu sempre azul, o ar sempre transparente e limpo, criaram este quadro geográfico de uma beleza própria, sem analogias com a linda paisagem minhota, sem as arremetidas da envergadura beiroa ou transmontana e muito diferente da face agitada e pluriforme da Península de Lisboa».

Mesmo que se vá munido do conhecimento destes caracteres específicos, não se fica insensível á evidência com que a realidade o comprova: a transição do Alentejo para o Algarve, quando se divisam, através de uma atmosfera refulgente e rósea, as primeiras

Quando o peixe escasseia, os homens que labutam no mar remendam as redes, junto dos barcos

macias ondulações das serras é, de facto, surpreendente e maravilhosa. Dir-se-ia que começa a definir-se, cada vez mais próxima e mais nítida, a fisionomia dum longínquo país que para ali fosse mágicamente transportado — com outro clima, outra vegetação, outra cor, outros costumes e usos.

A própria arquitectura urbana nas mais características povoações algarvias, onde a impecável brancura das casas, as «açoteias» e as chaminés rendilhadas evocam a longa permanência dos árabes e o poderoso influxo da sua civilização, é absolutamente inesquecível. É certo não ser esta província extraordináriamente rica de obras artísticas e monumentais. Mas é preciso conhecer as aldeias, os campos, a serra e o mar no (Barlavento) para sentir e amar o Algarve como ele deve ser amado — como um dos mais lindos, originais e sugestivos rincões da terra portuguesa.

Quais as povoações algarvias mais típicas e, por isso, mais dignas de serem visitadas? Olhão, Loulé, Alcantarilha, Moncarapacho e, como curiosidades arqueológicas, Silves e Milreu. Muitas outras existem, já se vê, que não desmerecem a atenção do viajante. Exemplos: a curiosíssima aldeia de Alte (que esteve por um triz para ganhar o concurso da «Aldeia mais portuguesa de Portugal» e é hoje um dos mais vivos cartazes do Algarve. Mas não deve, também, deixar de visitar-se Olhão, a terra «cubista» por excelência e apreciar as «açoteias» e as chaminés de Loulé, das mais bonitas de toda a província.

Mas o Algarve, que em poucos dias pode ser percorrido e admirado nos seus aspectos dominantes, e elementos mais característicos, é uma zona turística de incontestável interesse. E não só no Inverno, como se convencionou dizer-se, embora seja essa, de facto, uma das estações mais propícias à revelação dos seus encantos, entre os quais avultam a brandura do clima e a maravilhosa floração das aromáticas amendoeiras. A imagem maravilhosa das amendoeiras fascinou sempre os que a observaram. Oferecem as amendoeiras, todo o ano, imagens e visões de um Mundo fantástico — nas bermas das estradas, nos píncaros dos montes, no fundo dos vales. Caindo, os seus ramos fantásticos transfiguram-se — ora são macios ninhos de Amor, asas de arminho que procuram elevar-se ás estrelas, noivas sonâmbulas que espreitam o luar, flocos de espuma e de neve, gritos de sangue... Paisagem de sonho irreal esta que o Algarve oferece aos olhos sequiosos de beleza.

É no mar onde o heroísmo dos homens do Algarve se revela

É sempre um deslumbramento a contemplação das praias e dos campos algarvios, tanto nas serras como nas zonas mais próximas do litoral. A flora algarvia é riquíssima, de surpreendente variedade. Junto do litoral predominam os pinheiros mansos, baixos e de espessas copas; nas serranias, abundam os sobreiros, os azinheiros e os medronheiros, encontarndo-se ainda noutras zonas — principalmente nas terras de Monchique — carvalhos e castanheiros. Ninguém ignora que a figueira é uma das mais típicas espécies botânicas da província mas poucos sabem que a paisagem algarvia é valorizada por outro atractivo singular: a adelfeira (ou loendro) pequeno arbusto de flores cantantes e de macia folhagem que adorna as margens bucólicas dos ribeiros.

Quem nunca leu a obra notável de Teixeira Gomes não sabe o que é descrever amorosamente, em língua portuguesa, os encantos da terra onde se nasceu. Pois quem deseje conhecer bem o Algarve não tem mais do que entregar-se ao gosto inefável de ler as páginas dos seus livros. Depois (porque só ler não basta), procurar na realidade a confirmação dos descritivos — é preciso lá ir, percorrer demoradamente os trechos mais recomendados e, principalmente, esses troços do litoral cuja doirada e finíssima areia — na opinião de Teixeira Gomes — deixa a perder de vista as decantadas praias gregas.

Minusculas e caprichosas torres. Castelozinhos rendilhados branquejando na paisagem são magníficos elementos decorativos. Castelos e torres dominam mas as casas são, muitas vezes, como versos brancos de luz... Constituem afirmações da arquitectura popular portuguesa. Documentam a feição original de modestos pedreiros artistas e a exuberância poética da gente do Algarve. Diz-se que nas noites de luar, as moiras encantadas vão ás praias esperar os seus príncipes que nunca chegam... É por isso que, todas as manhãs, ao florir, as amendoeiras parecem desfazer-se em lágrimas.

No Algarve abundam inscrições. São expressões de alma mística, povoadas de lendas com o eco de velhos poemas e canções. E para além das sereníssimas noites estreladas, da maravilhosa paisagem das amendoeiras, a cativante simpatia da sua gente morena, gente que tem melodias na voz, gente que conservou o jeito marítimo dos fenícios, a arte dos gregos, a expressão industriosa dos romanos e a melancolia dos árabes que também eram poetas e agricultores. Povo operoso o do Algarve: eles vão á pesca do atum e da sardinha. Apanham

(Continua na 13.ª página)

RESTAURANTE BAR MAR
Se aprecia a boa cozinha faça uma visita a este Restaurante
MARISCOS SEMPRE FRESCOS
ABERTO TODO O ANO
Telef.: 228826 PRAIA DA FIGUEIRINHA — OUTÃO

RESTAURANTE TÍPICO
RIBAMAR
(UTILIDADE TURÍSTICA)
SESIMBRA
Um restaurante que honra Sesimbra e o seu turismo. As terças, sextas-feiras e sábados, durante o mês corrente oferece todos os dias: Fados, folclore e música popular portuguesa. Direcção do seu proprietário António Chagas e sua esposa.
Telefone 229107 (Maiores de 17 anos)

Matérias Plásticas, Lda.
FÁBRICA DE MOLDAÇÃO DE PLÁSTICOS
TELEFONES { Gerência 22128 / Fábrica 22628
LEIRIA

VILA FRANCA:
CARTAZ RIBATEJANO

Vila Franca de Xira é só por si expressão colorida do Ribatejo e terra de gente leal e trabalhadora. As suas raízes históricas prolongam-se até ao século XII, quando aparece pela primeira vez o nome de Xira ou Cira, o que quer dizer monte inculto. Quanto á designação de «Franca», foi originado, segundo uns pelo facto de ter sido um primeiro povoamento por francos em 1147, e, na opinião de outros, provém de inumeras franquias concedidas pelos primeiros monarcas.

Centro de uma importante região industrial, Vila Franca de Xira não é terra que se caracterize apenas sob o ponto de vista económico. Chamam-lhe, também, a pátria dos campinos e da festa brava e é, também, valorizada pelas suas belas tradições e pelo valor arquitectónico de algumas antiguidades.

O campino é símbolo de valentia — e eterno namorado da lezíria

Situada a 26 quilómetros de Lisboa, Vila Franca de Xira tem visto aumentar, graças á sua localização e ás vias de comunicação o numero das suas instalações fabris. São de salientar as unidades industriais destinadas ao fabrico de cimento, adubos, detergentes, obras metálicas e elementos de construção, produtos alimentares, ceramica, tapetes, cerveja, produtos químicos e farmacêuticos, descasque de arroz, etc

De grandes tradições e ao gosto popular, as Festas do Colete Encarnado, nos primeiros dias de Julho, têm um sabor tipicamente ribatejano. São dias de grande vibração, com excelentes festivais tauromáquicos, arraiais populares, exibição de ranchos folclóricos, exposições agro-pecuárias, festivais no rio, etc.

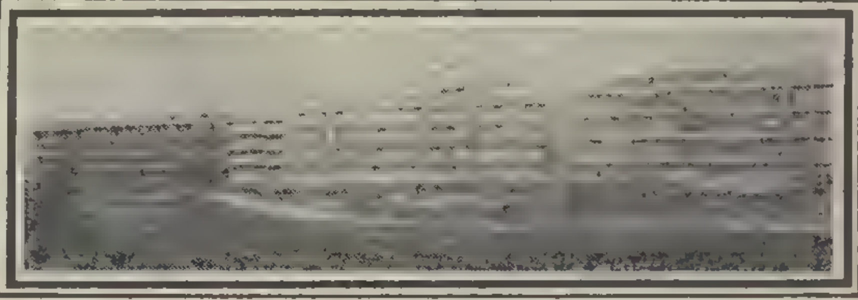
Mas outras iniciativas se vão anualmente promovendo, sempre com o patrocínio da Camara Municipal de Vila Franca de Xira. Merece referência especial o concurso «Vila Franca tem sabor», onde o publico é o juri. É uma campanha de características gastronómicas que está a decorrer e durante a qual os restaurantes locais apresentarão pratos típicamente regionais para que o publico aprecie o esmero das iguarias submetidas a este verdadeiro concurso de perícia e de arte culinária Estão inscritos no concurso os restaurantes: Acácios, Bambi, Cardoso, Comboio, Flora, Maioral, Paramês (Casa de Pasto) e Paramês (Cervejaria).

Terra de gente boa, generosa, trabalhdora, Vila Franca de Xira tem um tipo que a define: o campino, queimado pelo sol, de pampilho ao ombro, grande senhor do Ribatejo e eterno namorado da lezíria.

Graças á acção da Camara Municipal têm sido criados todos os sectores de desenvolvimento de Vila Franca de Xira que continua a ser, só por si, expressão colorida do Ribatejo.

O pelourinho de Vila Franca de Xira ergue-se no centro da vila que é já importante zona comercial

PARA TER UM ANDAR...



...BASTA SOMAR
80%
CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
+
20%
PLANO DE PAGAMENTO SITURCO
(GRANDES FACILIDADES)
=
100%
PROBLEMA RESOLVIDO
*
PARQUE RESIDENCIAL DAS MERCÊS
2.ª FASE

PARECE DIFÍCIL... MAS NÃO É! BASTA QUE V. SE DIRIJA À SITURCO E APRESENTE O SEU CASO — ARRANJAR-LHE-EMOS UMA SOLUÇÃO. DADO QUE PARTE DO SEU PROBLEMA (80%) É SOLUCIONADO PELAS CAIXAS DE PREVIDENCIA, O RESTO (20%) SERÁ RESOLVIDO PELO PLANO DE PAGAMENTO SITURCO.
E AINDA MAIS! O BANCO TOTTA-ALIANÇA — ONDE V. DEPOSITARÁ OS VALORES DA SUA ENTREGA INICIAL — PRESTA-LHE, A PAR DO SEU SERVIÇO TRADICIONAL, A GARANTIA DE REEMBOLSO, CASO A VENDA EFECTIVA SE NÃO REALIZE POR FACTO IMPUTÁVEL AO VENDEDOR.

E SE V. QUISER, PODERÁ TER O SEU ANDAR MAGNÌFICAMENTE REVESTIDO A COLOWALL.
VEJA O ANDAR TIPO... E DECIDA-SE!
*
INSCREVA-SE DESDE JÁ NA
SITURCO*
R. DO SOL AO RATO, 104, 2.º D. — LISBOA
Telefones: 681228 · 680959 · 682254
* Incluída no grupo de EMPRESAS SEPULCHRE
gip

TORRALTA: GRANDE REALIDADE TURÍSTICA

Fácil é reconhecê-lo: pelas características invulgares da empresa, a Torralta determina um forte movimento de curiosidade e interesse, em relação aos seus objectivos e à forma como estão a ser postos em prática. Destas circunstâncias, evidenciadas através dos esclarecimentos que nos foram fornecidos, salienta-se o seu pacto social: a Torralta tem como principal objectivo o incremento das actividades turísticas em Portugal, especialmente orientadas no sentido de serem conseguidas melhores condições, para que nacionais e estrangeiros possam desfrutar de férias agradáveis, com o máximo de economia e grandes facilidades.

Não é fácil avaliar, através de expressões sucintas a vastidão do pensamento dos fundadores, a extensão das súas intenções e dos seus propósitos, iniciativas e empreendimentos alguns já em fase muito interessante de realização. O que pretende efectivamente a Torralta? Facultar a um grande número de pessoas, mesmo de economia modesta um meio prático, económico e garantido de usufruir o benefício de férias agradáveis em regiões previlegiadas do País. Para isso, é-lhes oferecida participação na Sociedade, em condições convidativas e vantajosas. O «título» adquirido por cada accionista permite ao seu possuidor o direito vitalício ao uso gratuito de determinado tipo de quarto, em determinado hotel e determinado período de cada ano, previlégio que, só por si, como fàcilmente se compreende, constituiria invejável remuneração ao capital investido. Este benefício não priva, porém, o accionista de outras vantagens que nele, também se reflectem: a valorização da Sociedade e a participação nos lucros normais. Assim poderá, sem dúvida, compreender-se melhor a característica fundamental da Sociedade: a sua expansão ilimitada através da obtenção de novos sócios, cujo capital permitirá, por sua vez, multiplicar os meios de acção, promover mais iniciativas que, por seu lado, virão a interessar mais associados.

E deve ainda acentuar-se, mesmo que a Sociedade não continuasse o desenvolvimento no ritmo intenso com que este se vem processando, e a fase de crescimento fosse acentuadamente mais lenta, a posição de qualquer titular estará sempre garantida e sem qualquer risco, pois, além do dividendo que anualmente lhe possa pertencer, tem assegurado o lucro do seu título pelo uso do alojamento ou pela cedência a outrém — que pode ser a própria empresa — numa base de bastante compensadora do capital investido.

Justifica-se, assim, fundamentalmente, o objectivo da Sociedade: dar a maior participação possível a todos os que pretendam usufruir férias confortáveis nos mais agradáveis locais do País e realizar, acima de qualquer lucro, uma obra social de importância indiscutível, interessando directamente nessa obra, nos seus benefícios e na sua administração, o maior número possível de portugueses.

Empreendimento remunerador com função social, realidade magnífica e autêntica, a Torralta possui já, neste momento, 700 camas a funcionar.

Estes foram os elementos que constituiram a primeira base para a emissão de títulos. Para a emissão de títulos de férias foi destinado 1/3 dos quartos, reservando-se 2/3 para as necessidades normais de exploração hoteleira, como fonte de rendimento, e, também, como prova de que a Sociedade não pretende desaparecer nem abandonar a sua primitiva função. A Sociedade dispõe de um capital inteiramente realizado, de 110 mil contos, investido em valores potenciais no Algarve, de rentabilidade assegurada, salientando-se, pelas suas perspectivas grandiosas, a propriedade denominada Vale da Zorra, sobranceira ao Rio Alvor, localizando-se entre o curso de água e a praia, com plano de urbanização aprovado onde se encontra em execução o importante empreendimento turístico de Santa Filomena.

Torna-se, pois, evidente — para aqueles que disso ainda se não tivessem apercebido — que a Torralta não é um simples projecto, porventura vago ou uma ideia que se pretenda lançar: é uma obra em marcha e com realização assegurada. Existem hoteis, alojamentos e turistas. E a Torralta está conscientemente a prestar um alto serviço ao turismo nacional, colocando ao alcance de todos a participação num empreendimento que, além de remunerador, se caracteriza pela sua função social no desenvolvimento dos valores turísticos do nosso País.

São já apreciáveis os meios de acção de que a Torralta dispõe mas muito brevemente irão atingir maiores dimensões. Além do que atrás foi dito, encontra-se estabelecido um vasto plano de realizações nos campos cultural, folclórico e desportivo — nomeadamente a pesca de alto-mar e junto da costa, para o que a empresa dispõe de barcos adequados.

A Torralta tem, pois, a sua vida perfeitamente assente em bases sólidas, seguras, rentáveis, com a administração normal dos seus bens, abrindo um caminho a elevado número de pessoas — das classes médias às de maior prestígio na vida do País —, partilhando os benefícios dum empreendimento que é de todos e em que cada um é, ao mesmo tempo, proprietário e usufrutuário, vendedor e comprador, fornecedor e consumidor, dono e cliente. Obra, esforço e benefício que pertencem igualmente a todos os sócios — na razão proporcional, equitativa, dos seus títulos. Mas uma obra que, efectivamente, pertence a todos.

Não terão, certamente, passado despercebidas aos nossos leitores as circunstâncias invulgares que caracterizam esta iniciativa e por esse facto, colhemos informações complementares que consideramos de grande interesse, principalmente por se tratar de matéria ligada ao turismo de férias: dois temas que encontram o maior eco em todo o Mundo.

Pela primeira vez, foi posta em prática no nosso País a modalidade dos «títulos de férias» que parece destinado a interessar particularmente as pessoas de economias modestas, a compra de um título de férias assegura-lhes vantagens que são, simultâneamente, de ordem espiritual e material, pois o detentor de um título se não quiser utilizar o seu local de férias, poderá receber o rendimento do capital investido.

Tem muito interesse referir que além de dez dias de alojamento gratuito, garantidos pelos títulos de férias, os seus proprietários terão igualmente direito ao desconto de 20 por cento em todos os serviços do hotel a que respeitar e em todos os ramos explorados pela Torralta.

As conclusões que podem já apurar-se são de molde a considerar-se promissoras quanto ao futuro da empresa, que neste momento pertence a cerca de 1500 accionistas.

O grandioso empreendimento de Santa Filomena

A Torralta realiza, presentemente, o mais original empreendimento de toda a costa algarvia que vem, exactamente, preencher uma lacuna na província. Envolverá a ocupação de mais duas mil camas, além das das unidades da indústria hoteleira que já se encontram em funcionamento, bem como um clube náutico, de características inéditas entre nós, pois, segundo os seus estatutos, já aprovados, «vai proporcionar aos seus associados, com os meios de que já dispõe, nas instalações existentes na Praia do Alvor e no núcleo turístico de Santa Filomena, junto da foz do Alvor, a prática de desportos, designadamente, a vela, a motonáutica, pesca, remo, natação e ténis. Para atingir estes fins, o Clube Náutico Torralta organizará provas e torneios, bem como outras manifestações complementares de carácter cultural, social ou recreativo.

Acrescente-se que o Clube Náutico da Torralta tem já autorizada a sua delegação em Troia.

Para se avaliar a grandeza da obra já em execução, acrescentaremos que ela envolve quatro conjuntos residenciais hoteleiros, duzentas moradias, clube náutico, cais acostável, cinco piscinas, restaurantes e locais de diversão e um importante centro comercial.

De referir ainda, pelo ineditismo de que se reveste: a possibilidade dada às crianças de utilizarem planos de construção, desenvolvendo a sua capacidade criadora. Poderá, talvez, dizer-se que a iniciativa poderá corresponder ao «Portugal dos Pequeninos» em Coimbra, com traça moderna e seguindo os requisitos mais actuais, despertando assim vocações e apoiando tendências que se manifestem nos filhos dos associados.

E não deve ser indiferente a ninguém que este notável empreendimento está a ser realizado apenas com capitais nacionais — embora ainda não possa avaliar-se a quanto subirá o investimento total, o que é garantia das possibilidades da empresa.

Pode admitir-se que a primeira fase do grandioso empreendimeno de Santa Filomena esteja aberto aos associados da Torralta a partir do próximo ano. E esta será, sem dúvida, mais uma das magníficas realidades de que a Torralta pode orgulhar-se — pelas bases em que se desenvolve, pela capacidade realizadora de quem a dirige.

A Vila de Alvor, ligada aos terrenos que são propriedade da Torralta, onde agora está a desenvolver-se o empreendimento de Santa Filomena, e que compreende uma ocupação de dois mil camas, um clube náutico, e cais acostável. A Torralta já possui barcos para pesca desportiva de alto-mar e junto á costa

A Foz do Alvor foi, também, uma das zonas escolhidas pela Torralta e incluídas, portanto, no empreendimento que está a ser levado a efeito. Ali estão já a construir-se um cais acostável, uma piscina para saltos, piscinas para adultos e para crianças e um parque infantil. A imagem é anterior ao início dos trabalhos

MADEIRA: ZONA INTERNACIONAL DE TURISMO

Eternamente toucada de nuvens brancas, a Ilha da Madeira é respeitada pelas inclemências do tempo. Capricho da Natureza, foi o prémio do arrojo duma raça, o prémio duma raça de navegadores à procura da dilatação do Mundo. Madeira — assim lhe chamaram os navegadores quando viram a ilha vestida de ramagens densas e pujante de vegetação. É maravilhosa a imagem do verde engrinaldado de flores: vão-se transformando as tonalidades, do fundo dos vales ao cimo dos montes.

A madeira oferece imagens de encanto: as caprichosas levadas, a corda das serranias estalada de gargantas, os contrafortes e colinas de amparo que protegem as várzeas. Tornam mais bela ainda a paisagem da Madeira as encostas verdejantes salpicadas de casas até ao cimo — o que só a amenidade do clima poderia permitir.

Paraíso que se situa a cerca de 1000 quilómetros a sudoeste de Lisboa — distância que se pode agora traduzir por uma hora e um quarto de voo do aeroporto de Sacavém ao de Santa Catarina —, ocupa uma superfície de 741 quilómetros quadrados, com 57 no sentido horizontal, da Ponta de São Lourenço, à Ponta do Pargo e 22, calculados de São Martinho a São Jorge. A população cifra-se em 300 mil habitantes, dos quais cerca de cem mil se fixam no Funchal, cidade magnífica e cosmoplita, capital da Madeira e do arquipélago do mesmo nome. A ilha foi descoberta em 1419, há exactamente 550 anos, por Gonçalves Zarco — que tem imponente estátua na principal avenida. Note-se que o desembarque dos navegadores portugueses se verificou no Machico, agradável bacia hidrográfica cavada entre vales majestosos.

Para quem venha da África ou das Américas por via marítima, a Madeira pode considerar-se a sala de recepção de Portugal, antecâmara da Europa, oferecendo aos olhos umas das mais belas paisagens do Mundo.

Diz-se numa publicação especializada que na Madeira «vivem as plantas e a flora de todas as latitudes, na mais íntima e simbólica fraternidade». De facto, esta definição da amplitude geográfica de onde provêm as espécies e das razões climáticas que o possibilitem, permitem que a ilha seja, realmente e de direito um autêntico viveiro universal. Bastaria, de resto, ter-se tido a feliz oportunidade de atravessar a reserva florestal da Achada da Cruz, com quilómetros de área, para entender o acerto desta universalidade vegetal. Ali se encontram as mais raras espécies florícolas e florestais, com ascendência bem definida nas mais longínquas paragens do globo. Tão ciosa é a Madeira desta sua reserva que estão previstas graves sanções para quem moleste ou arranque qualquer espécime.

O madeirense é muito trabalhador. Activo, honesto e brioso, capricha em mostrar sempre sã a sua crença. O vinho e a banana constituem os produtos mais ricos na economia da Madeira, tanto pelos seus índices de produtividade e venda como pela mão-de-obra que movimentam, desde a cultura ao consumo. Calcula-se em mais de 12 milhões de litros o vinho produzido anualmente, sendo curioso notar que quase metade se destina à exportação, com mercados assegurados de longa data na Europa e na América. Há países que o preferem em vasilhame de madeira, normalmente carvalho ou madeira de setim, ou engarrafado em embalagens individuais revestidas de vime trabalhado.

Por sua vez, a banana é exportada para os mercados do continente à razão de quase 600 toneladas por semana. De um modo geral, na Madeira, quase todas as famílias possuem o seu bananal: 100, 200 ou 300 pés, um pedaço de vinha e hortejo. Ocupa 100 mil pés a maior plantação conhecida, próximo da Ribeira Brava.

A terra e a rocha são integralmente aproveitadas em todos os seus elementos geológicos. Mesmo nas encostas quase verticais, o terreno em socalcos é toda uma sucessão de faixas de verdura, onde tudo se dá, tudo se cria, numa simbiose de vegetação que impressiona tanto pela raridade das espécies cultivadas como pelas prodigiosas condições em que o homem da Madeira trata das suas leiras.

Sessenta e cinco por cento da população dedica-se, aliás, às fainas agrícolas. A Madeira vive da cultura das bananeiras, da cana do açúcar, das vinhas, das suas madeiras, algumas belas e preciosas, da pesca e da indústria. Os seus formosíssimos bordados, os vimes trabalhados e as flores, sobretudo as orquídeas, formam como que o ex-libris madeirense.

Chamam-lhe Pérola do Atlântico e, na verdade, tudo na Ilha da Madeira concorre para a sua formosura: lindos e densos maciços de vegetação, muitas flores, levadas e quedas de água marginadas de flores, um céu sempre azul, um recorte caprichoso de falésias, costumes e trajos muito seus, mulheres do povo que nascem com mãos aristocráticas, um imprevisto panorama que corta o passo às povoações e um mar claro e límpido.

Envolta em sol, verdura e beleza, com um clima que, em regra, se fixa em 16 graus no Inverno e 21 no Verão, a Madeira constitui hoje um dos mais notáveis cartazes de turismo mundial, servido por excelentes hotéis e restaurantes. A par do que é obra da Natureza e do povo, o sentido turístico dos seus dirigentes procura atentamente resolver os seus problemas fundamentais. As festas do fim do ano na Madeira, à par de outras iniciativas de grande vulto, constantemente chamam ao seu convívio a grande população flutuante de milionários de várias nacionalidades.

E deve assinalar-se que a Madeira dispõe de hotéis moderníssimos, com todos os requisitos de conforto. De referir as mais modernas unidades hoteleiras do Funchal: «Orquídeas» e «Santa Maria» e as novas piscinas do Hotel Monte Carlo e a piscina-solário a poucos metros da piscina do «Lido», mundialmente conhecida.

E o povo? É simples, afável, acolhedor, e muito arreigado a tradições. Vive em casas de colmo e faz a sua alimentação à base de semilha e óleo de baleia. Veste ainda trajos pitorescos, variados, usa carros de transporte muito típicos, vende flores em monumentais açafates, canta, fala e dança com um sentido musical admirável.

Mas a Madeira possui, também, como dissémos, uma cidade capital: Funchal, cidade desde 1508, sede do concelho urbano de 1.ª ordem e fiscal de 1.ª classe, capital do distrito autónomo do mesmo nome, que abrange todo o arquipélago da Madeira e compreende as freguesias citadinas da Sé, São Pedro, Santa Maria Maior e Santa Luzia, e as suburbanas de S. Roque, Santo António, S. Martinho e S. Gonçalo, estas três em parte.

A baía do Funchal é a mais ampla do arquipélago e tem como limites a ponta do Garajau e a ponta da Cruz, respectivamente a este e a oeste. A 529 milhas de Lisboa, Funchal é um dos mais movimentados portos portugueses, ponto de escala das carreiras da África Ocidental e Oriental, da América do Sul e do Cabo da Boa Esperança.

O município do Funchal existe desde os meados do século XV, embora só se encontrem livros de vereações posteriores a 1470. A população do concelho anda à volta de cem mil habitantes. Um dos maiores encantos do Funchal, como da Madeira, em geral, reside nas suas quintas.

O turista constitui o fulcro da vida do Funchal. Ao cais, com capacidade para a acostagem simultânea de quatro navios, aportam diàriamente alguns milhares de turistas. As carreiras aéreas renovam cada dia quatrocentos passageiros. Este movimento duma população flutuante das mais diversas nacionalidades dá ao Funchal a ambiência das grandes metrópoles internacionais.

Há quem diga que a Madeira possui atractivos para cativar todos os que a visitam. Cremos bem que sim. Por isso é a mais notável e preferida zona de turismo.

Os bordados madeirenses

A indústria dos bordados, conquanto se afirme hoje como uma das actividades tradicionais da Madeira, não tem atrás de si um passado longo como a indústria do vinho ou do açúcar. Datam de 1850 as primeiras tentativas realizadas aliás, sem o intuito de introduzir na ilha uma actividade nova, e sem que *Miss* Phelps, a introdutora, senhora inglesa que viveu na Madeira durante toda a primeira parte do século XIX, pudesse, então, vislumbrar a projecção que a sua iniciativa, passados apenas cento e poucos anos, viria a ter na economia madeirense.

Os bordados da Madeira, durante pouco mais de um século de existência, como base duma indústria, tem tido os seus momentos de glória. Trabalho rico, artístico e elegante, apresenta-se no grande mundo. A mulher da Madeira borda com perícia as encantadoras peças de vestuário, tão apreciadas em todas as partes do Mundo. E, assim as vemos nos berços de princesas, nos enxovais das rainhas, nas mesas dos chefes de Estado, nos altares das grandes basílicas — em toda a parte onde a imponência e o bom gosto se salientam.

Um artigo desta natureza encontra-se, naturalmente, sujeito às tendências do gosto e da cultura dos mercados do consumo. Todavia, o bordado da Madeira tem vencido tudo. Acompanhando a evolução da moda e produzindo uma vasta gama de artigos, roupas de mesa e de cama, vestuário de criança e de senhora, satisfaz em toda a parte a clientela que possui em todo o mundo mas conserva, ciosamente, as características essenciais que lhe marcam inconfundivelmente a origem e lhe perpetuam o nome.

Continua a ser expressivo o número de mulheres madeirenses que desenvolvem actividade na indústria dos bordados. Criou-se a tradição de mães para filhas e constituiu-se, assim, um núcleo de bordadeiras especializadas, que se tornaram exímias, senhoras dos segredos das subtilezas e das exigências da técnica mais apurada. Este foi, efectivamente, o ponto de partida para a criação da promissora indústria.

Actualmente, deve referir-se pelo interesse de que se reveste, funciona na sede do Grémio uma Escola de Tapeçaria dirigida com comprovada competência pelo sr. Agostinho de Vasconcelos.

A ACTIVIDADE DA UNIÃO EXPORTADORA DE CESTOS, LDA.

Como a indústria dos bordados, a dos vimes foi iniciada para oferecer aos camponeses uma ocupação compensadora, quando, por motivos vários, se tornava impossível trabalhar a terra. A indústria tem a sua raiz principal na pequena freguesia da Camacha, onde se iniciou e que, actualmente, ainda realiza cerca de 80 por cento da produção total da Madeira, provàvelmente porque o vime de melhor qualidade existe naquela região.

Os cestos madeirenses são feitos principalmente por homens mas, muitas vezes, famílias inteiras trabalham juntas empregando também com frequência vizinhos, se a natureza ou a quantidade do trabalho assim o exige.

O vime é um valor extraído do verde, um valor positivo de utilitarismo prático e imediato e, ao mesmo tempo, um valor de atractivo turístico. A produção total de vime roça as mil e quinhentas toneladas.

A Unibasket — União Exportadora de Cestos, Lda., com as suas associadas, tem dado ao vime, através de trabalhos de valor artístico e acentuado bom gosto, a mais larga difusão.

A exportação de obras de vime chega a atingir, anualmente, um valor superior a cinquenta mil contos, o que corresponde, aproximadamente, a mil e cem toneladas. Contudo as exportações para alguns países da América Central são dificultadas por falta de transportes. Um facto é evidente: o vime é um elemento vegetal que constitui a matéria-prima de uma das mais características manufacturas da ilha da Madeira.

cayres

56-A - Rua Dr. Fernão de Ornelas, - 56-B
Telefone 24954

FUNCHAL — MADEIRA (Fashions Ladies)

Móveis
Decorações
Artesanato
Antiguidades
Bordados
Boutique
Chá

★

Furniture
Interior Decoration
Regional Arts and Crafts
Antiques
Embroideries and Boutique
Tea Garden

A Cristália da Madeira, Lda.

Uma organização ao serviço da Construção Civil e da Indústria Madeirense

AGENTES DA **COVINA — Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.**

e outras importantes organizações nacionais produtoras de materiais para a construção

Sede e armazém — Rua 31 de Janeiro n.os 37 a 41
FUNCHAL — MADEIRA

PERESTRELLO'S
PHOTOGRAPHOS
Av. Arriaga — Apart. 214
FUNCHAL — MADEIRA
estabelecidos em 1888

Modernos laboratórios de fotografia e cinema a cores e a preto e branco

Reportagem Estúdio

Colour Laboratories Developing & Enlarging Daily

Rápido acabamento de trabalhos de amadores

Completo stock de material fotográfico

Photo - Perestrelos
Telefs. 21714 - 20057
vide Funchal/Centro D 6

LISBOA:

A QUE É PRINCESA DO TEJO

Pode dizer-se que a Estremadura nasceu em Alcobaça quando Afonso Henriques, ansioso de conquistar um reino do céu que fosse imagem do que ia talhando na terra, entregou aos monges da Ordem de S. Bernardo as terras que a caminho de Santarém vislumbrava até ao mar. Daí, até Lisboa, começou a nascer uma província, cujo carácter, afinal, se define por uma colorida heterogeneidade. O mar, a Ocidente e o Tejo, a Oriente, moldaram, porém no mesmo sentido de artes ribeirinhas e marítimas, esta gente borda-d'água para onde quer que se volte.

Dissemelhante de si própria, a terra aqui enleada nos braços de medusa do Tejo além, desafiando abruptamente o mar, mais aqui, aninhando-se á sombra de hortejos alfombrados, parece ter influído grandemente nos três ou quatro motivos etnográficos da província. Nazaré dos pescadores o termo saloio de Lisboa e uma raiz do Ribatejo, que atravessando o Tejo, foi rebentar e florir no Montijo, Moita e Alcochete, medindo o seu barrete verde de papel pelo colete encarnado da lezíria ribatejana. Fora disso, a Estremadura cuida das vinhas de Arruda e Poceirão — a antiga casa José Maria dos Santos são as maiores do Mundo — ou dos sobreiros de Alenquer vai á pesca na sua longa faixa atlântica, e ganha a vida nas fábricas que se amontoam dentro da província, mas algumas vezes fora do distrito de Lisboa no Barreiro e Almada, sobretudo.

A máquina e á fábrica acorretam, então, o povo ao seu destino algumas vezes menos sujeito do que o do camponês á terra. Mas menos do que este, despido de seduções para quem vier de fora a espreitar-lhe dez réis de graça castiça, longe da série do que vê lá fora...

Lisboa, com o seu cartaz de turismo, lá está no centro da coroa, encastoada nos seus mais belos motivos etnográficos e impondo com o seu prestígio e sortilégio de capital o carácter, a disciplina na ausência de unidade, á província da Estremadura. E porque, de facto sobre a nacionalidade se derrama o forte eflúvio da política e dos factos históricos ocorridos como factor decisivo nos campos estremenhos, na Estremadura estão, também, polarizados, os monumentos mais famosos na História no estrangeiro, os mosteiros de Alcobaça, os Jerónimos e a Torre de Belém.

A porta de Martim Moniz, no Castelo de S. Jorge, documenta o feito heróico que a lápida evoca

Quando nasceu a primeira colina que foi à margem do Tejo espreitar as suas águas transparentes, logo nasceu o sortilégio de Lisboa. Ulisses pode tê-la fundado; mas foram os Fenícios (mil e duzentos anos antes de Cristo) instalados no seu belo estuário, e depois os Gregos, os Romanos, Berberes, Mouros e Cruzados os que lhe deram sedução antiga e temperaram o sangue, o gesto e a alma deste povo. Foram eles, também, que, aqui e ali, deixaram talhada na pedra macia do calcáreo alguma coisa da sua história e do seu gosto. Decerto, grandes cataclismos destruiram os milhares de testemunhos desses mundos que tiveram outros horizontes, outras margens e limites.

Quatrocentos anos árabe, Lisboa de casas brancas, laranjais, essências preciosas, tecidos belos e belas mulheres, mercadejadora e poeta, fez-se cristã, quando o Rei Fundador, com as Cruzadas escalou as muralhas do seu castelo. Não é ainda capital do nosso reino (são-no primeiro Guimarães, depois Coimbra) mas é a porta da Europa que mercadeja com Gregos e Troianos.

O inefável Santo António da crença e da etnografia populares vai honrar-lhe a memória, como os corvos da lenda, aportados numa nau com o corpo de S. Vicente, martirizado no Algarve moirisco, hão-de perpetuar-lhe a poética crença quase milenária.

O GRÉMIO DA LAVOURA DE POMBAL CONTRIBUI PARA O PROGRESSO DA REGIÃO

Situado a cerca de três dezenas de quilómetros da cidade capital de distrito e a 42 de Coimbra, Pombal é um concelho essencialmente agrícola. As industrias de madeira e resinosos ocupam lugar primordial nas suas actividades, podendo dizer-se que a população de Pombal é das mais trabalhadoras da terra portuguesa.

Como a tantas regiões do país, ali chegou, também, nestes ultimos tempos, a comunicativa ânsia de tudo melhorar e desenvolver. Confiado a homens de grande poder de iniciativa, senso prático e amor pelo concelho um vasto plano de realizações, têm trabalhado tanto quanto possível por engrandecê-lo, dotando-o com melhoramentos importantes e preparando a execução de outros.

A acção desenvolvida pelo Grémio da Lavoura de Pombal foi bastante vasta. Ficou registada no Relatório do exercício do ano findo a iniciativa dos trabalhos de levantamento duma planta do vale do rio Arunca, para possibilitar o estudo do desassoreamento do rio que, todos os anos, causa graves prejuízos aos terrenos marginais, pelas cheias segundo parece provocadas pelo seu leito irregular. Os trabalhos tiveram a colaboração da Junta de Colonização Interna e o patrocínio do sr. eng.º Vasco Leónidas, actual secretário de Estado da Agricultura.

Com a assistência da Federação dos Grémios da Lavoura de Coimbra, procedeu-se à vacinação de gado bovino e taurino, num total de mais de mil cabeças. Junto da Direcção Hidráulica do Mondego, foram feitas deligências no sentido de serem criadas associações de proprietários em Pizão, Pinhete, Valdeira e Ucires, que se encontram vias de funcionamento rápido.

O movimento de trigo recebido e o que foi vendido para semente á lavoura, excedeu, no ano findo, um total de 226 mil quilos.

No decorrer do ultimo periodo de exercício, a acção desenvolvida pelo Grémio da Lavoura de Pombal estendeu-se á venda de arroz para semente, entrega de arroz á industria, assistência técnica aos vitiviniculto-res, distribuição de batata de semente, de sementes para forragens e hortas, venda de sémeas e outras farinhas para gados.

Organizou ainda o Grémio o seu 12.º Concurso de Pecuária, integrado nas tradicionais «Festas do Bodo», com a colaboração da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

O Grémio da Lavoura de Pombal não deseja, de maneira alguma — honra lhe seja! — parar. O seu anseio é seguir sempre para a frente — progredindo, valorizando-se, prestigiando a região e o distrito.

JOÃO PADEIRO

AS GRANDES VEDETAS CONTINUAM A FREQUENTAR O SEU RETIRO

Miss Austrália, á direita, falando com o popular João Padeiro

PROCURE EM CASCAIS O RETIRO DO JOÃO PADEIRO

ONDE SE COME O MELHOR MARISCO DA EUROPA

VEJA O SEU CORPO TRANSFORMAR-SE EM 17 DIAS

O dobro do volume dos seus musculos em 4 semanas apenas...

Ao fim de 17 DIAS já a sua silhueta estará completamente mudada com

«ERKOSTRONG»

O aparelho que a **REPRESENTAL, LDA.** se orgulha de apresentar em Portugal sob exclusivo

Seja também um homem **másculo e atlético.**

Para isso, necessita apenas de dispor de 9 minutos diários em sua casa, e dum aparelho **«ERKOSTRONG».**

Uma descoberta que revolucionou a cultura física em todo o mundo

Extraordinário na diminuição do volume do ventre dilatado

Para todos os indivíduos dos 15 aos 65 anos **MAGROS OU GORDOS**

Emagreça

por semana através das vibrações electrónicas

... «Coussin Electronic» poderá eliminar gorduras e celulite ou enrijar carnes flácidas em qualquer parte do corpo

As ondas de vibração electro-magnéticas de **«Coussin Electronic»** têm efeitos sedativos para **ALÍVIO DE DORES E MAU-ESTAR** provocados por: Bicos de papagaio, reumático, ciática, lumbago, varizes, cãibras e cansaço muscular

EXCELENTE ACÇÃO FISIOTERÁPICA PARA alterações ao nível do sistema neuro-vegetativo como: Prisão de ventre, gases, digestões difíceis, flatulências, insónias, fadiga nervosa, etc

EXCELENTE ACTIVADOR DA CIRCULAÇÃO SANGUÍNEA.

Confere melhor bem-estar geral ao organismo

Utilize o **«Coussin Electronic»** para emagrecer, para saúde e bem-estar

Um verdadeiro milagre da técnica produzido pela industria electrotécnica, por um preço acessível a todos

ELIMINE PARA SEMPRE OS PÊLOS INESTÉTICOS

ATRAVÉS DA DEPILAÇÃO ELÉCTRICA

Apenas por 387$50 com o depilador

«ELECTRONIC PENCIL»

O mais pequeno aparelho eléctrico de depilação

Agora pela galvanização da raiz com este portátil aparelho de pilhas poderá eliminar **PARA TODA A VIDA** os pêlos do meio do nariz, faces, buço, braços e pernas

Recorte ou copie este cupão e receberá literatura grátis e sem qualquer compromisso Envie à:

DEPARTAMENTO DE VENDAS E REPRESENTAÇÕES, LDA.

Praça do Chile, 15-1.º

Lisboa

Assinale com uma cruz o aparelho sobre o qual deseja receber literatura.

☐ ERKOSTRONG

☐ COUSSIN ELECTRONIC

☐ ELECTRONIC PENCIL

Nome ....

Morada ....

Localidade .... D. L.

O Castelo de S. Jorge, a «coroa de Lisboa», como o povo diz em cantares, domina a grande cidade-capital que é hoje uma janela escancarada para o futuro

LISBOA TERRA DE PEDRA LAVRADA...

Se Lisboa não tem monumentos romanos ou fenícios — no século V, as invasões bárbaras destruíram o que havia da Felicitas Julia — possui algumas simples pedras da velha Roma que ao serem desenterradas pelos Portugueses, as embebiam nas fachadas das suas casas. Algumas termas romanas soterradas, poços da velha judiaria, a cerca moirisca e os restos dos paços dos reis moiros, no castelo de S. Jorge é tudo o que de mais antigo podia interessar àquele que viesse para estudar a génese da cidade.

Mas se o estrangeiro ou o Português quiser conhecer os monumentos mais típicos da cidade, terá de começar pelo castelo de S. Jorge e acabar nos Jerónimos.

Foi o castelo construído quatro anos antes de Cristo, dominaram-no os Godos, Alanos e Suevos; os árabes o reedificaram e ampliaram, ao longo dos 430 anos da sua ocupação em Lisboa. Depois, Martim Moniz deu-o, com o seu cadáver atravessado na porta entreaberta, aos cruzados. Foi paço real de D. Dinis, a sua mesquita fez-se então cristã, consagrada a S. Jorge e na torre de Albarrã se guardaram primeiro os tesouros da coroa, e, depois, por decisão de D. Fernando, os livros e arquivos que se chamaram da Torre do Tombo. Foi sede da Casa Pia, fundada por D. Maria I, foi Casa da Estopa, fundada por D. José, para as mulheres infelizes, e é hoje um ponto culminante do Turismo português. Beija-o o Sol, quando nasce e vai espelhar-se, lá em baixo, nas tardes luminosas, sobre a superfície do Tejo. Os miradouros que o saudam das sete colinas de Lisboa, o fundo coleante da Outra Banda, o serpentear dos tentáculos do Tejo, tudo são graças que de máquina a tiracolo, o turista fixará apaixonadamente.

Mas Lisboa, dos lindos chafarizes — o chafariz d'El-Rei, o de S. Paulo, o das Janelas Verdes, o Chafariz de Dentro, o de Benfica, o da Rainha e tantos, tantos outros — a dos Paços de Enxobregas, paredes meias com a igreja da Madre de Deus, das mais belas talhas doiradas da cidade, bem merece uma visita demorada às suas mais velhas pedras.

Comecemos por ali, precisamente A igreja da Madre de Deus. O convento era de religiosas franciscanas e foi fundado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Ficava ao lado, com porta aberta sobre o mesmo e para sua habitação aquele que teve o nome de Paço de Enxobregas, honrado nas tradições da arte e da literatura, pela presença da senhora infanta D. Maria, irmã d'el-rei D. Manuel. Toda a contextura de talha doirada, os quadros de óleo e os azulejos de origem árabe, dão-na como parte nobre da nossa arte sacra.

Mas, caminhando para o centro da cidade, o turista encontrará, ali perto da «casa dos bicos» célebre sem-história, as velhas pedras arrendadas da Conceição Velha. Tem lá dentro a imagem de pedra que se venerou no Restelo, na capelinha, erguida pelo Infante de Sagres no mesmo local, onde estão os Jerónimos. Veio, então em procissão ribeirinha e deixaram-na no templo que fora outrora sinagoga. Reconstruído, é certo, no puro estilo manuelino; mas sem deixar de se lhe chamar como fora o nome de Judiaria Grande. Lembre-se que o pórtico foi para ali levado depois do terramoto de 1755, pois pertencera ao templo das freiras, fundado por D. Manuel.

E vem a Sé, a meia encosta da colina do Castelo, antiga mesquita-mor dos moiros conquistados, onde se ajoelhou Afonso Henriques sobre as lajes ainda quentes do sangue dos mortos e feridos. Dizem que foi fundada por Constantino Magno, quando imperador veio á Hispania e dividiu seus bispados. Lá estão, a testemunhá-lo, do lado interior, o varandim e a colunata, como o templo de Santa Sofia, em Constantinopla. Os terramotos, porém, foram destruindo o que os homens com seu fervor construíram. Mas, ainda assim, a Sé, com seus forjados medievais, as suas pedras anteriores á nacionalidade e as esculturas que vieram depois, como as do presépio de Machado de Castro — é um dos grandes motivos de peregrinação turística.

Ao lado fica-lhe a igreja de Santo António de Lisboa — de Pádua, lhe chamam estrangeiros — no mesmo lugar onde esteve a casa onde o menino nascera Fernando de Bulhões «aquele que a celestial morada nos arrebatou» Depois, subindo até S. Gens e a sua capelinha, a primeira erguida em Lisboa, depois da tomada aos moiros, no lugar do martírio do bispo do mesmo nome, lá topará o turista a cadeira da grande devoção popular.

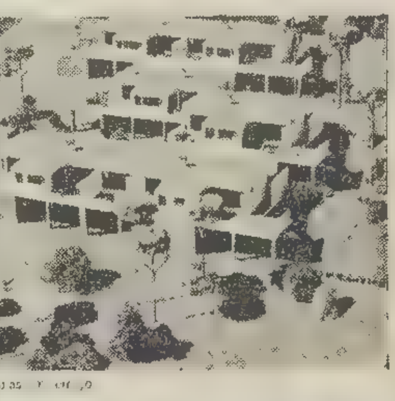
(Continua na 11.ª página)

10%

de rendimento anual garantido

Invista o seu capital no empreendimento da MATUR na Ilha da Madeira

... Palace Hotel



As áreas de interesse turístico da Ilha da Madeira estarão, em breve, ocupadas. Porque o seu clima dá-lhe condições excepcionais como estância de turismo de todo-o-ano. E a sua proximidade da Europa a torna o alvo cobiçado de turistas de todos os países.
A Matur oferece-lhe uma oportunidade única de investir na Madeira. Numa das mais belas zonas da ilha. Com invulgares condições naturais e as importantes vantagens de: estar apenas a alguns minutos do aeroporto; ter equipamento turístico completo.
Sobranceiro a uma baía de águas límpidas e tranquilas, desenvolver-se-á um complexo turístico, já em construção, que inclui:
Moradias e apartamentos
Palace Hotel da Madeira
Yacht Clube Matur
Centro Social e Clube de Bridge
Centro Comercial
Restaurantes
Cinema

Faça o seu capital render 10%

Realize um bom investimento. Seja proprietário no empreendimento da Matur.
Confie a sua moradia ou apartamento à administração da MATUR **que lhe garante um rendimento anual de 10%.** Isso evita-lhe todas as preocupações de gestão da sua propriedade. Ou utilize-a para o prazer de uma vida cosmopolita na Ilha de sonho que é a Madeira.
O seu investimento significa, ainda, a constante valorização do seu capital. Porque a Madeira é uma zona em acelerada expansão turística. Que atrai já investidores estrangeiros. Escreva-nos. Receberá todas as informações que lhe permitam apreciar o interesse de se decidir pela Matur.

Moradias geminadas

Adquira a sua propriedade na Madeira com estas vantagens exclusivas

1 — Preços acessíveis
2 — Três modalidades de pagamento
3 — Invulgar valorização do capital investido

O esquema de administração MATUR inclui:

1 — Garantia de um rendimento anual de 10%
2 — Administração total da propriedade pela Matur
3 — Valorização derivada da crescente procura de alojamentos turísticos na Madeira.

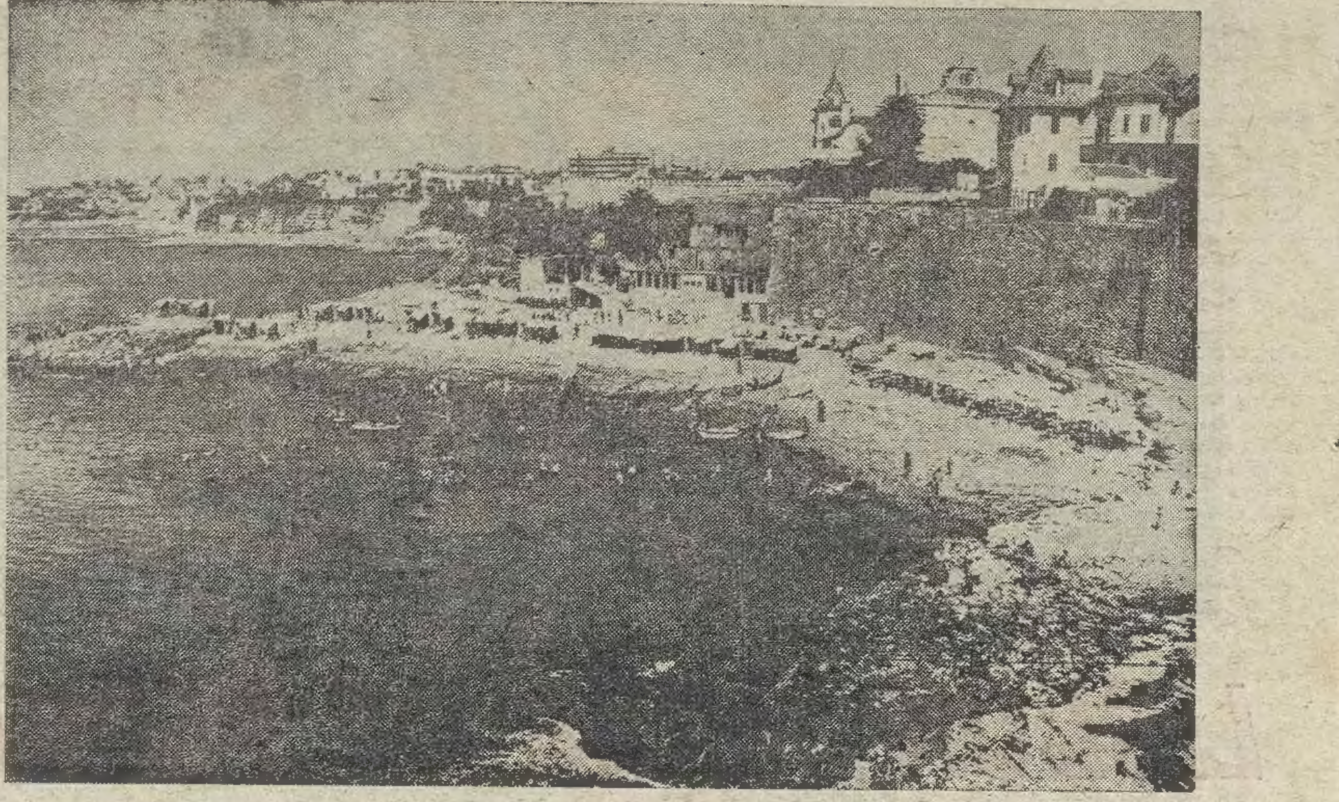
MATUR

Divisão de vendas

Av. Estados Unidos da América, Lote 938 (Edifício América) Telef. 728616 Lisboa

COSTA DO SOL:

A RIVIERA PORTUGUESA



A baía de Cascais oferece panoramas surpreendentes como o que a gravura documenta

O Estoril — um francês o disse — é a Riviera ás portas de Lisboa. Centro de veraneio a todas as dimensões, em todas as épocas é um verdadeiro cartaz internacional de Turismo, para trazer a primeiro plano a moldura da sua beleza e o quadro inigualável duma paisagem europeia, banhada dum sol quente e acolhedor em todas as épocas do ano.

Talvez tenha sido a organização regular dos festejos do Carnaval a iniciativa que trouxe ao Estoril o impulso definitivo, difundindo o nome da Costa do Sol. E o Estoril passou a ser articulado em todas as línguas e fixado de sobra nas recordações de viagem. Tornou-se assim, a mais válida legenda duma aventura turística que não escolhe sequer época própria para atingir o seu «clima»...

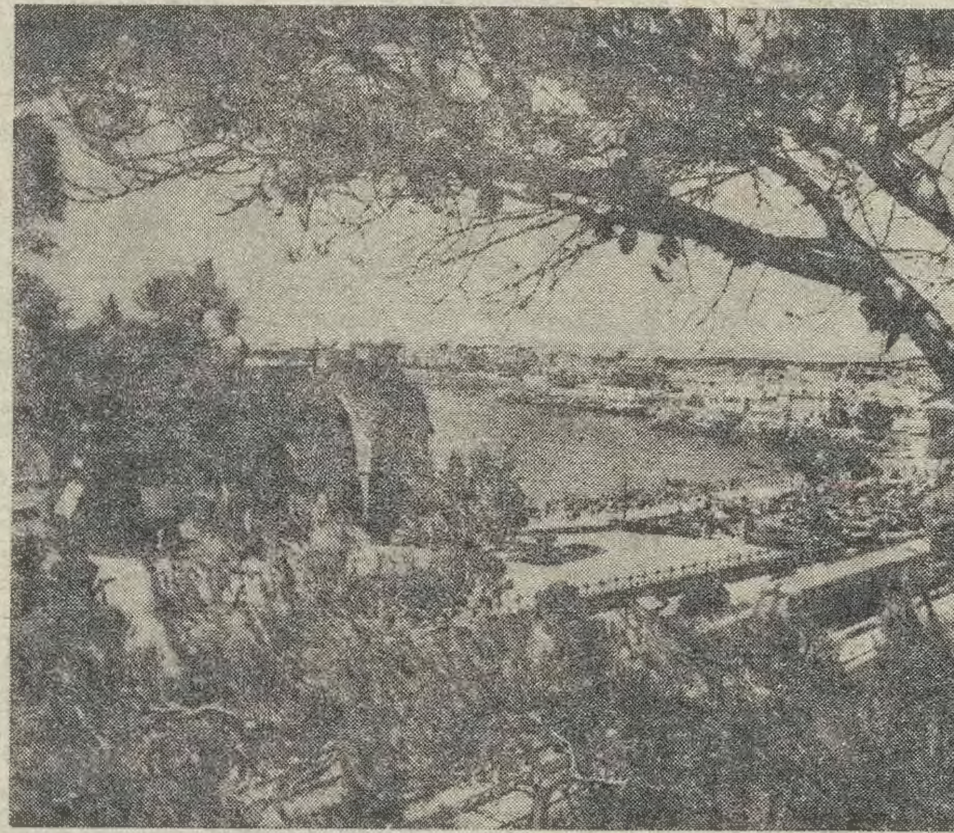
Fazendo da Costa do Sol ponto de reunião de celebridades mundiais, conseguiu-se o resto: dar ao Estoril um motivo de atracção que, de fora para dentro, a enriqueceu, servindo de fundo e chamariz à própria riqueza natural e ambiente. Alguns cronistas estrangeiros deram a Portugal a designação de «país das três primaveras», afirmação que alguém explicou juntando às expressões de grande circulação turística «Férias no Estoril e Abril em Portugal», uma outra desde já criada a partir do Entrudo: «Carnaval no país do Sol.»

Mas quem vai hoje para o Estoril não fez a mínima ideia do que era a aprazível estância de turismo há alguns anos atrás. Em 1640, quando Portugal recuperou a sua independência, o Estoril não era mais do que um pinhal atravessado de vez em quando pelas tranquilas diligências que da capital faziam carreira para a fortaleza de Cascais. Onde hoje se erguem belas e sólidas moradias, hotéis, «bares» e o novo Casino, em tudo digno duma grande zona turística, existiam, nesse tempo, modestas e frágeis cabanas de pastores, conventos de frades ou simples rochedos nus e agrestes, onde a terra acabava e o mar batia.

O litoral do Estoril de então apresentava, como hoje, variadíssimas praias bem recortadas e separadas por pontas de rochas, que tornavam as suas águas quase sempre calmas por vezes como as de um lago. Este lugar idílico, até então apenas conhecido por aqueles que se dirigiam a Cascais, foi sacudido do seu torpor nos meados do século XVII, quando Portugal quebrou as algemas que o tinham prendido aos reis de Castela.

D. João IV tinha sobre os seus ombros o pesado encargo de defender o país onde tudo estava por fazer e onde tudo faltava. Garantida em primeiro lugar a defesa da fronteira terrestre, as atenções do monarca voltaram-se para o litoral, onde poucas fortificações existiam. Na Baía de Cascais, local ideal para uma esquadra inimiga tentar o desembarque, somente existiam a velha cidadela que era necessário reparar e ampliar. E foi o que se fez. Começavam assim, paralelamente ao fortalecimento da defesa do litoral, a valorização duma zona até então injustamente desaproveitada.

Foi planeada uma linha de fortificações que se apoiasse na Cidadela de Cascais e na Fortaleza de Santo António da Barra e defendesse toda a Baía. A Cidadela de Cascais foi reparada e ampliada em 1641 e nos anos seguintes começou a construção dos fortes de Santa Catarina e da Conceição, o primeiro na foz da Ribeira de Cascais e o último onde hoje se encontra o palacete dos duques de Palmela. Já no Estoril, onde hoje é o tão conhecido «Tamariz» iniciou-se, em 1942, a construção do Forte de S. Roque, que mais tarde havia de ser apetrechado com quatro peças de artilharia. Começou-se ao mesmo tempo a construir o Forte de Santo António do Estoril.



O velho, o senhorial, o histórico junto das areias. A Costa do Sol é assim

Em S. Pedro, ergueram-se o Forte da Cruz de Santo António; o Forte de S. Teodósio, o Forte de S. João. Era, de facto, o Estoril desse tempo bem diferente da moderna estância de turismo, luxo e repouso que é hoje uma das mais importantes da Europa.

Ninguém, talvez, possa imaginar a zona actualmente repleta de lojas modernas e de bares conhecida por «Arcada», nem o que dali para cima se encontrava (árvores plantadas e crescidas ao caprichoso sabor da natureza), em vez do aprazível parque marginado por magníficas construções modernas e luxuosos hotéis. Mudam os tempos, mudam os costumes — e muda também a paisagem.

Pode afirmar-se que as mais célebres figuras do nosso tempo — reis, príncipes, políticos, escritores, jornalistas, artistas de teatro e do cinema, pintores — tudo tem passado por essa privilegiada região que a natureza dotou com as mais excepcionais condições de encanto e de sedução. O ambiente é sempre agradável para todos. E tudo se tem feito — e continuará certamente a fazer-se — para que o Estoril mantenha e fortaleça a sua posição de zona de turismo de representação internacional o justo prestígio que conquistou e ainda acompanhar e satisfazer as exigências de uma frequência que se avoluma constantemente.

Pode — concluímos — afirmar-se que o Estoril é, por muitas e justificadas razões, a mais famosa e mais bela estância portuguesa de repouso e de recreio, proporcionando aos turistas de todos os continentes que a visitam os maiores encantos, os mais deslumbrantes panoramas e os mais empolgantes atractivos.

Dispondo duma frota de automóveis das melhores marcas, a EUROCAR, com sede na Avenida Barbosa du Bocage, 1, oferece aos turistas que nos visitam a melhor garantia de um serviço rápido eficiente e cómodo que pode equiparar-se aos das maiores organizações de grandes capitais europeias.

EM LEIRIA
ALMOCE, JANTE OU LANCHE NO
Abrigo
RESTAURANTE REGIONAL
Telef. 22696
(Aberto até às 4 horas)
CERVEJA A COPO E MARISCOS
Classificado de Típico pelo S. N. I.
Recomendado por «A. C. P.»

INSTITUTO DE LÍNGUAS
Sede: R. SOCIEDADE FARMACEUTICA, 30-1.°
Tel. 5 45 30
ANEXOS:
Largo do Chiado, 15, 3.° — Telefone 36 70 02
Av. ... Manuel da Maia, 46, 1.° — Telefone 72 14 98

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
— CURSOS PARA PRINCIPIANTES E TODOS OS GRAUS
— INSCRIÇÕES IMEDIATAS

No MONTIJO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Moderna, Rua Almirante Candido dos Reis, 6.

LISBOA TERRA DE PEDRA LAVRADA...

(Continuação da 9.ª página)

É ali á Graça. Na «cadeira de S. Gens» que foi do bispo de Lisboa, iam sentar-se aleijados e senhoras na hora de dar á luz, para que nesta fossem bem sucedidas...

S. Vicente de Fora, a dos cruzios — de fora da cerca moirisca, nos terrenos dados aos alemães, que do lado de dentro acampavam ingleses — fundada por Afonso Henriques (1147). Tanto como o templo, o turista gostará de ver o Panteão onde repousam os reis de Portugal e seus parentes. Além destes, por seus favores á Pátria, lá ficaram o marechal Saldanha e o duque da Terceira.

E visto que deste lado da colina, só as pedras de Santa Engrácia — século XVII, o mais original dos templos de Lisboa — nos rememoram feitos espantosos, depois de uma paragem em S. Domingos donde nasceu metade da nossa história, vamos saltar ao Carmo, ou às suas ruínas. Com o Museu Arqueológico lá dentro e o seu claustro de ascética memória, é também escala certa dos romeiros da saudade antiga. Fica-lhe perto S. Roque e o seu sacro museu ou de arte religiosa. Ergueu-se depois da peste que em 1506 devastou a cidade de Lisboa, no sítio, então fora de portas, onde o Rei Venturoso abrira cemitério por não haver nas igrejas lugar para mortos e depois constituiu ermidinha em honra do advogado contra a peste que se venerava em Veneza em carne e osso incorruptos. De lá vieram as suas relíquias. Depois, D. João III mudou a ermida em templo solenissimo, com abóbadas de madeira, vindas da «Prussia e Alemanha», e a riquíssima capela de lapis-lazuli, obra de artistas italianos que em Itália eram então os mais famosos. O papa Benedito XIV ali celebrou missa, mandando-a armar em S. Pedro e cobrando pelo sacrifício «a avultadíssima oferta de 100 mil cruzados». Mas o rei era então o Magnanimo e a capela, sobre desenhos originais de Miguel Ângelo, é hoje graça sem par no património artístico de Lisboa.

PÓVOA DE VARZIM

(Continuação da 2.ª página

que a zona de implantação do edifício será completamente remodelada e urbanizada, incluindo o plano, além deste imóvel, do casino e do hotel, um moderno bar com piscina, parques de automóveis e espaços exteriores de convívio.

Grandes e importantes melhoramentos serão introduzidos pela SOPETE no actual edifício do casino: trabalhos de conservação interior e pinturas, melhorias diversas em todas as dependências, incluindo o Salão Teatro que em breve entrará em funcionamento, e inovações em multíplos sectores. O caderno de encargos destas beneficiações atinge um total de dois mil contos, tendo ficado estipulada a verba mínima anual de 300 contos para as obras de conservação.

O objectivo da SOPETE? valorizar a Póvoa de Varzem, promovendo o desenvolvimento turístico e localidade que intenta engrandecer em todos os aspectos. Actualmente, a SOPETE é constituída por 320 accionistas, todos poveiros e das mais diversas formações e classes sociais. Empreendimento notável, a SOPETE tem ainda a garantia da idoneidade moral e intelectual dos que a constituem, bem revelada pela constituição do seu conselho de administração, cujos elementos trabalham sem outras compensações que não seja contribuir para o engrandecimento da sua terra O conselho é, presentemente, constituído pelos srs. eng. Carlos Baptista (presidente), arq. Rui Calafate, dr Joaquim Casanova, Albino Pedrosa e João Evaristo Raio de Carvalho Félix da Costa.

A Póvoa de Varzim, vila que já pode considerar-se importante com os seus 25 mil habitantes, tem incontestável direito a uma progressiva vida própria que, em breve, com a conclusão do porto de pesca, conhecerá, certamente, novo surto de progresso E a SOPETE desenvolverá o melhor esforço para desenvolver o ritmo em que se manifestam as suas actividades para atingir o plano de relevo que a importancia da Póvoa de Varzim amplamente justifica.

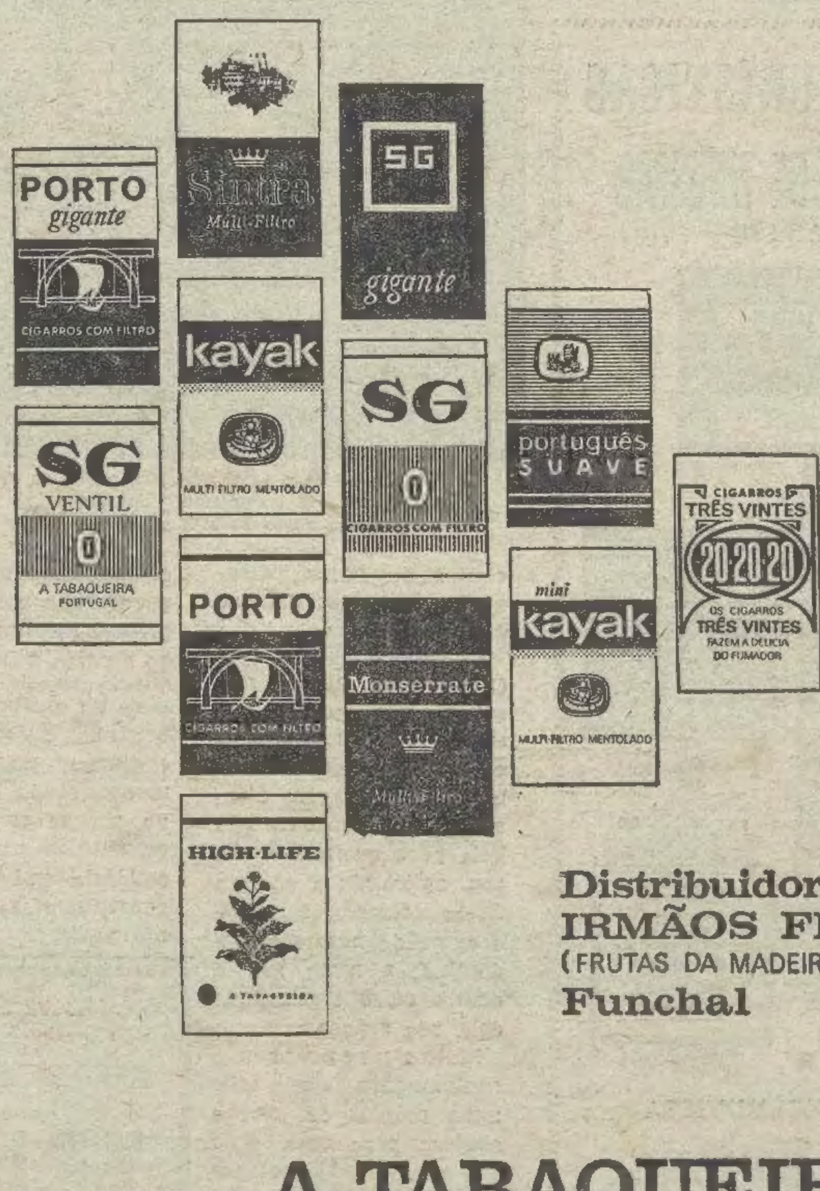
ZIMBRASOL
EMPREENDIMENTOS TURISTICOS
Rua da República, 13 — Telef. 229 524
SESIMBRA — PORTUGAL

UNIÃO: SERVIR SEMPRE MELHOR

Desenvolvendo progressivamente a sua organização, atingindo o nível de uma grande empresa, a União, especializando-se na fabricação e montagem de vidros e espelhos, atingiu invulgar plano de preferência, aliás, plenamente justificado. Torna-se já extensa a lista dos edifícios onde a União esteve enquadrada no grupo de fornecedores, mercê da alta qualidade dos seus trabalhos. Podemos referir os hotéis Ritz, Tivoli, Estoril Sol, Algarve, Alvor, Balaia, Jupiter, Mar, Praia Mar, Esperança, Eduardo VII, D. Carlos, Atenas, Mundial, Penina, Florida, Grão Vasco, Phoenix Cibra, Baía, Cidadela, Golfinho, Torres do Alvor, Anglopor e Carbé.

Outros edifícios onde a União mereceu a preferência: Casino do Estoril, Galerias Comerciais do Ritz, Snack-Bar do Ritz, Restaurante Monsanto, Cinema Monumental, Teatro Monumental, Cinema Roma, Cinema Alvalade, novas instalações da Phillips, Dialap, General Motors, Firestone, General Electric Cimianto, Companhias de Seguros Tranquilidade, La Equitativa L'Urbaine, Ultramarina; Companhia Portuguesa dos Petróleos BP, Palácio da Rotunda, Edifícios Roma, Angola e Moçambique, Companhias Reunidas Gás e Electricidade, Sociedade Imobiliária Olivia Icesa-Santo António dos Cavaleiros e Oeiras, Cidade Universitária, Biblioteca Nacional, Universidade Católica, Torres de Controle dos Aeroportos de Lisboa, Faro, Funchal e Ilha do Sal, Palácio da Justiça, Ministério das Corporações, Restaurante Galeto, Museu da Marinha, sedes e dependências de Bancos (Português do Atlantico, Espírito Santo, Pinto & Sotto Mayor, Totta Aliança, Borges & Irmão Alentejo, Agricultura, Nacional Ultramarino etc., Companhia de Seguros Fidelidade, Sorefame, Nitratos de Alverca, Linhas de montagem Ford e Fiat, etc. Tornar-se-ia fastidioso inumerar mais empresas.

O numero expressivo das que registamos é já por si elucidativo do nível de preferência atingido pela União, pela excelência do seu fabrico.

A TABAQUEIRA
acompanha
o movimento
turístico
em Portugal


Agora na Ilha da Madeira
Distribuidores Gerais
IRMÃOS FERNANDES
(FRUTAS DA MADEIRA), Lda.
Funchal
A TABAQUEIRA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 51-6° LISBOA

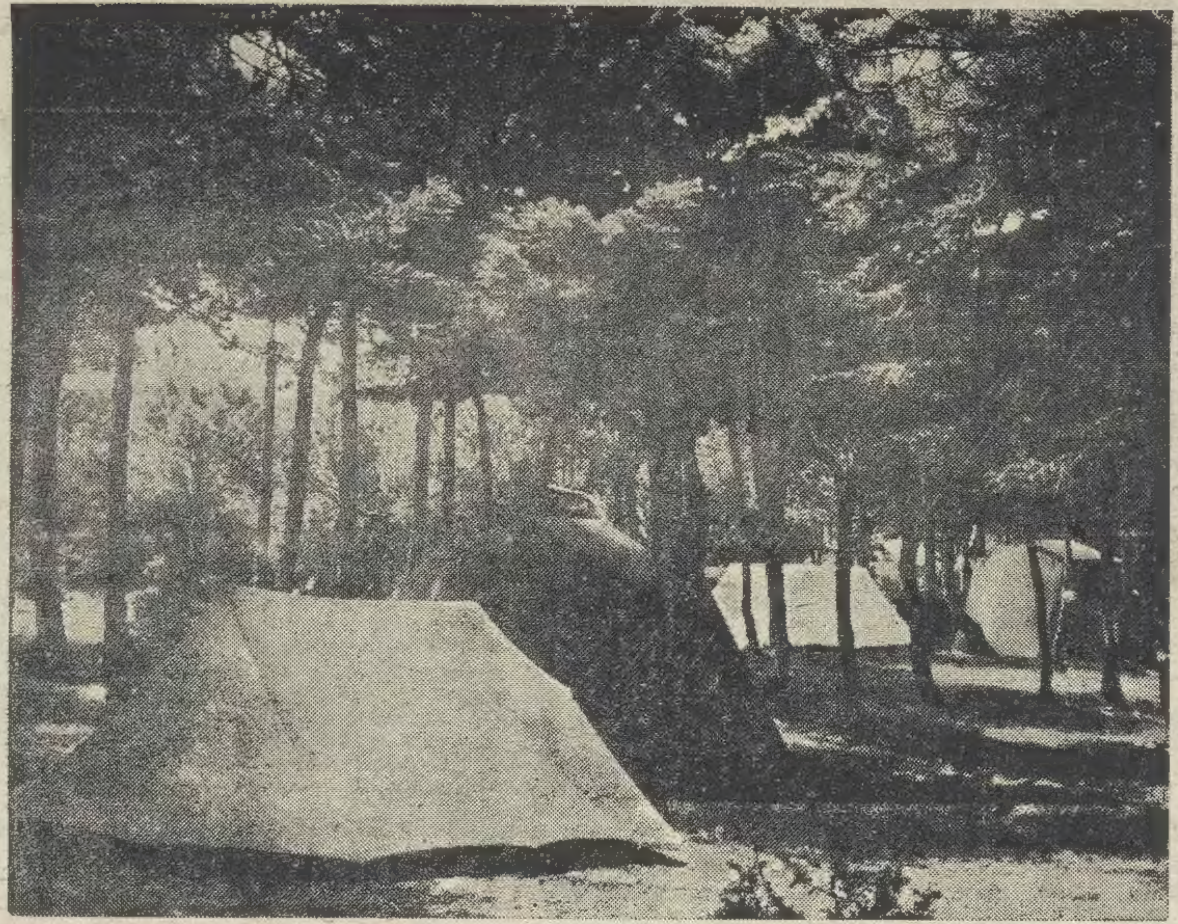
Campismo:

a alegria da vida ao ar livre

Estes dias de Outono ainda convidam... O campismo é uma fuga, uma fuga irresistível para o ar livre para a Natureza A cidade sufoca e, depois duma semana de trabalho, é preciso fugir para as árvores, para os horizontes largos, para a libertação do cenário de todos os dias.

Quem viaja pela terra portuguesa, já se habituou a ver, aqui e ali, na espessura discreta dum pinhal ou no branco declive duma praia, a mancha simpática dum acampamento. Já mais duma vez se cruzou numa estrada com um grupo alegre de rapazes, de mochila às costas que vão, despreocupadamente, em busca duns momentos de alegria sã. São os campistas. É bela a vida que vão viver Esquecem o ritmo fatigante da cidade e retemperam o corpo no contacto vivo da Natureza. Caminham, veredas fora, peito aberto à carícia fresca da brisa, olhos a sorver a paisagem, ouvidos atentos à música inesquecível que os rodeia e, à tardinha, quando o sol tinge o Poente duma apoteose rubra, armam a sua tenda na beira verdejante dum regato ou no quadro repousante de qualquer praiazita esquecida. Depois, vem a fogueira a crepitar contra o fundo azul-negro do céu crivado de estrelas e o sono tranquilo, o sono feliz. Chega a manhã e, com os primeiros alvores da aurora a espreitar no horizonte, os campistas despertam ao chilrear alegre dos pássaros, acordam para um novo dia de prazer — o prazer da vida do campo em franca e leal camaradagem.

É assim o campismo e Portugal um dos países europeus que mais belezas oferecem aos amadores do magnífico desporto. Não faltam bonitas praias, serranias imponentes, frondosas matas e pinhais. Não faltam aqueles recantos solitários que constituem o sonho dos adeptos da vida ao ar livre. De Norte a Sul, são inúmeros os locais onde os campistas podem desfrutar dos encantos da nossa paisagem e gozar as delícias do nosso clima.



Uma paisagem que já se tornou familiar a quantos cruzam as estradas portuguesas, à sombra das árvores os acampamentos são admiráveis centros de convívio

A vida ao ar livre tem inúmeros encantos. O convívio é agradável. O campismo conquistou já milhares de adeptos no nosso País. E o ar livre abre o apetite

Incómodos? Canseiras? O campista parece não saber o que isso é. O que sabe, por experiência a cada passo renovada, é que uma paisagem é incomparàvelmente mais bela para quem conquistou, aplicando a energia física (sempre salutar), o cume do monte que a domina, a mata que a oculta ou o riacho que dela nos separa.

Muitos preparam o equipamento que cabe nuns palmos de lona e abalam para onde quer que seja — e de qualquer maneira. É preciso chegar depressa onde haja uma clareira que sirva para erguer a barraca de campismo. Depois é esquecer tudo o que não seja viver a plenos pulmões com juventude e alegria.

Não pensem que os campistas se aborrecem. Os problemas surgem constantemente nas mais pequeninas coisas que é preciso resolver com largo recurso à imaginação, quando se está isolado no meio de um bosque ou à beirinha da praia. Em conjunto, nos acampamentos, tudo se soluciona porque os campistas constituem uma família solidária onde os que a constituem se auxiliam mutuamente.

Mas, isolado, o campista tem de ter o engenho de um Robinson Crusoé. E nisso, afinal, está grande parte da sedução deste desporto que, em Portugal como em quase todo o Mundo, tem grande numero de adeptos.

Se o leitor não é campista e duvida do encanto desta vida salutar, logo que tenha oportunidade vá debruçar-se sobre a imagem que lhe oferece um casal que goza as delícias dum fim-de-semana ao ar livre. Demore-se um pouco na observação e diga-nos, depois, se não ficou tentado a fazer como esses que esquecem assim as coisas mesquinhas e complicadas que todos os dias acontecem na cidade. E se depois de ter observado o dia de um casal campista não se fizer também entusiasta da vida ao ar livre — então é porque envelheceu, prematura e irremediàvelmente...

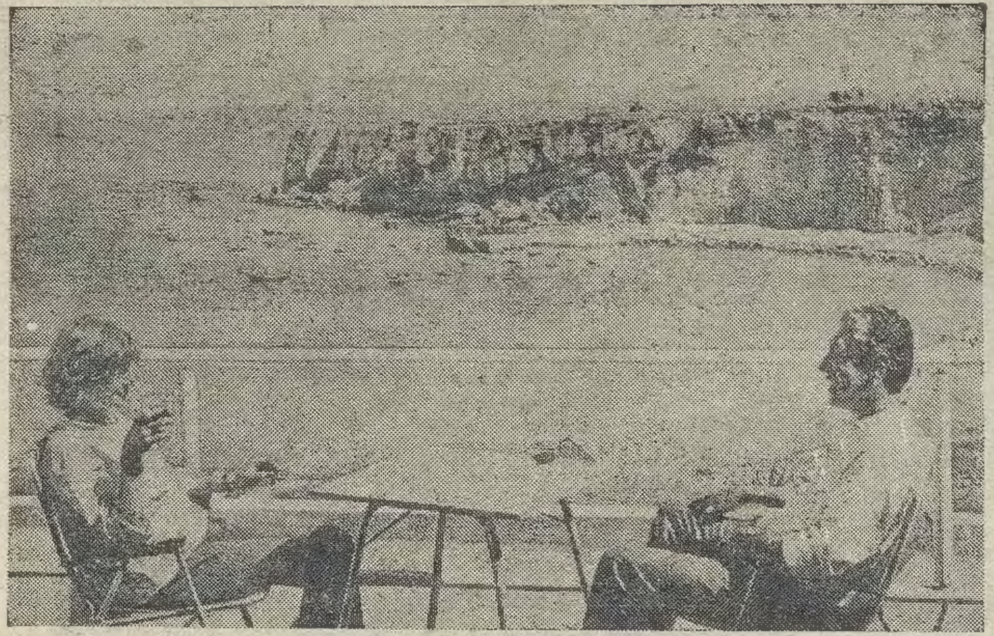
EMBALAGENS TURÍSTICAS
ANO INTERNACIONAL DE TURISMO
PASSAPORTE PARA A PAZ
FAÇA PROPAGANDA DOS NOSSOS FAMOSOS
VINHOS DO PORTO E DA MADEIRA
OFERECENDO-OS AOS ESTRANGEIROS QUE
NOS VISITEM NAS EMBALGENS ESPECIAIS
SOL DE PORTUGAL

CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVISTA
ISLENA - PUBLICIDADE
TRAVESSA DO FREITAS, 14
FUNCHAL — ILHA DA MADEIRA

ESCOLA LUSITÂNIA
DE AUTOMOBILISMO, LDA.
TELEFS. 53 19 42 53 84 69
HENRIQUE PASSARO & HENRIQUE NEVES
ESCOLA DE CONDUÇAO
FUNDADA EM 1952
DIVERSOS TIPOS DE VIATURAS

Todas as informações sobre ensino
Habilitação completa para ambos os sexos
Ensino por projecção luminosa
Sede: Av. Rovisco Pais, 14-C (ao Arco do Cego)
LISBOA-1

JÁ EXPERIMENTOU PASSAR UM DIA NA PRAIA
REFRESCANDO-SE E DEPOIS ALMOÇAR E JANTAR NA
TRICANA DA BARRA
Telef: 247 2601 — PRAIA DE CARCAVELOS — (Aberto todo o ano)



Os turistas estrangeiros já descobriram o Algarve e os seus panoramasde surpreendente encanto

A PROVÍNCIA ALGARVIA É EXPRESSÃO DE TURISMO

(Continuação da 4.ª página)

ameijoas, trabalham nas conservas, no sal e nas industrias da cortiça e da olaria. Fazem aguardentes de figo e de medronho. Consertam as redes. As mulheres algarvias, em casa, fazem baracinha, esteiras e cabazes. E doces de amêndoa e flores ingénuas que vendem. E tudo isto com alegria, porque o povo algarvio é alegre, inteligente e vivo. E também bom bailador — «Corridinho do Algarve não tem nada que saber» —. Baila nas mondas, ao domingo. Dança de roda com o «mandador» uma espécie de quadrilha de salão. Eles e elas bailam ao som do harmónio. De chapéu, eles. Elas de lenço e chapelinho também de feltro, uma flor, uma estampa, um espelhinho seguro pela fita...

Que falta ainda ao Algarve para ser uma das mais completas e atraentes zonas de turismo do continente europeu? A posição que já conquistou poderá — e deverá — ser ampliada. É preciso aproveitar as magníficas condições naturais do Algarve, edificando mais hotéis dignos da classe de turistas que prefere a província, melhorar a rede de estradas, fomentar e apoiar esse infindável rosário de realização, de obras, de melhoramentos que estão previstos. Sabe-se que se trabalha afincadamente em estradas marginais, no desenvolvimento da indústria hoteleira, na edificação de pousadas, no saneamento das povoações e na resolução do problema de transportes. Que o entusiasmo não falte aos que promovem estas iniciativas e realizações. O Algarve tem motivos de sobra para não desanimar de vir a ser, como por tudo merece, uma grande zona turística do futuro.

ABASTAL —AO SERVIÇO DO ALGARVE

O aumento incessante da produção desde há muito que se reflecte sobre os próprios hábitos humanos, modificando as formas de actuação dos negócios, criando novas necessidades, ampliando os contactos sociais. O industrial e o comercial deixaram já nos seus antepassados a fórmula cómoda de «aguardar o cliente». E isso obrigou-os a adoptar novas formas de actuação comercial, a elaborar minuciosos planos de acção, a cuidar das suas relações sociais, a servir-se de meios para atrair a atenção do publico, a usar de meios capazes de tornar conhecida uma marca, um nome ou uma firma — meios susceptíveis de esclarecer o consumidor sobre os novos produtos, suas aplicações, virtualidades e características técnicas.

A valorização das estruturas alimentares do Algarve, a província portuguesa mais preferida pelos estrangeiros, foi ali desenvolvida na mais alta expressão pela Abastal — Abastecedora de Alimentos do Algarve — S. A. R. L., fortemente apoiada numa das maiores organizações de carnes do país: Industrias de Carnes Nobre, Lda., de Rio Maior, que instalou já em Portimão o primeiro frigorífico daquela empresa em terras algarvias, acentuando progressivamente grande actividade na distribuição de produtos alimentares.

De referir ainda que a Abastal possui uma frota frigorífica que lhe permite transportar, nas melhores condições, os mais variados géneros.

Para assinalar o início das suas actividades no Algarve, a administração da Abastal ofereceu uma recepção no Hotel Algarve, durante a qual ofereceu aos seus convidados, entre os quais se encontravam representativas individualidades locais, a exposição e prova dos seus produtos.

Torna-se evidente a utilidade da acção desenvolvida pela Abastal. Fácil seria, portanto, prever o êxito que alcançaria a sua iniciativa e os benefícios que viria a prestar a grande numero de unidades hoteleiras do Algarve.

As amendoeiras em flor oferecem, todos os anos, um espectáculo de rara beleza

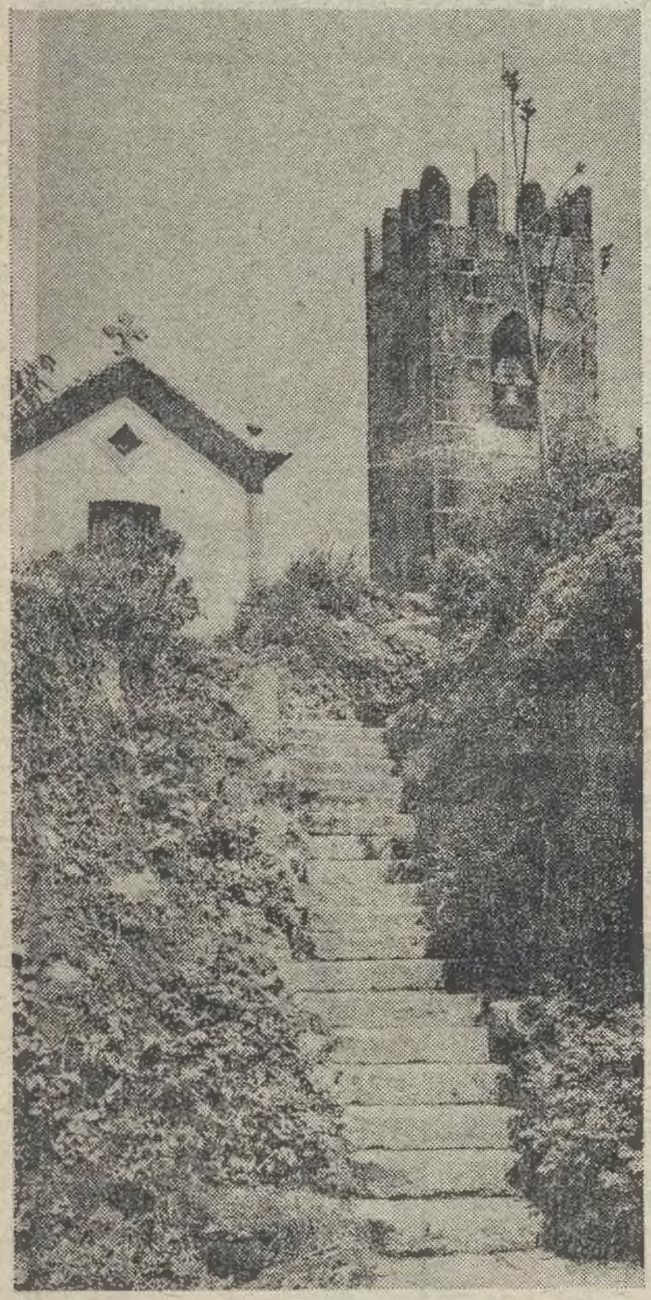
NA COMPRA VENDA
E HIPOTECA
DE PROPRIEDADES
F. FERNANDES & COSTA, LDA.
(MEDIADORES AUTORIZADOS)
Av. Almirante Reis, 104-2.
Telefone 536111/2/3

FÁBRICA DE PORCELANA
DA
VISTA ALEGRE, LDA.
Fornecedora dos Principais Hotéis do País
DEPÓSITOS:
Largo do Chiado, 18 — LISBOA
Rua Cândido dos Reis, 18 — PORTO
Avenida Navarro, 42-44 — COIMBRA
Rua Santa Isabel, 19 — PORTIMÃO
SEDE: LARGO BARÃO DE QUINTELA, 3 - LISBOA - 2

HOTEL EURO SOL
RESTAURANTE PANORÂMICO SNACK BAR
64 QUARTOS E SUITES COM:
BANHO · RÁDIO · TELEFONE · AQUECIMENTO
SALA DE CONFERÊNCIAS · BAR · BOITE · PISCINA · GARAGEM
LEIRIA · TEL. 24101

Castelos:
Expressão heróica e romântica da paisagem portuguesa

Portugal, nascido em plena Idade-Média, onde a lança e o montante brilharam ao sol da glória, não podia deixar de estar semeado de Castelos, curiosas construções militares, erguidas de preferência nos lugares altos — para melhor dominarem as evoluções do inimigo. Assim, mais perfeitamente, asseguravam a defesa das populações que se acolhiam para lá das muralhas cobertas de ameias.

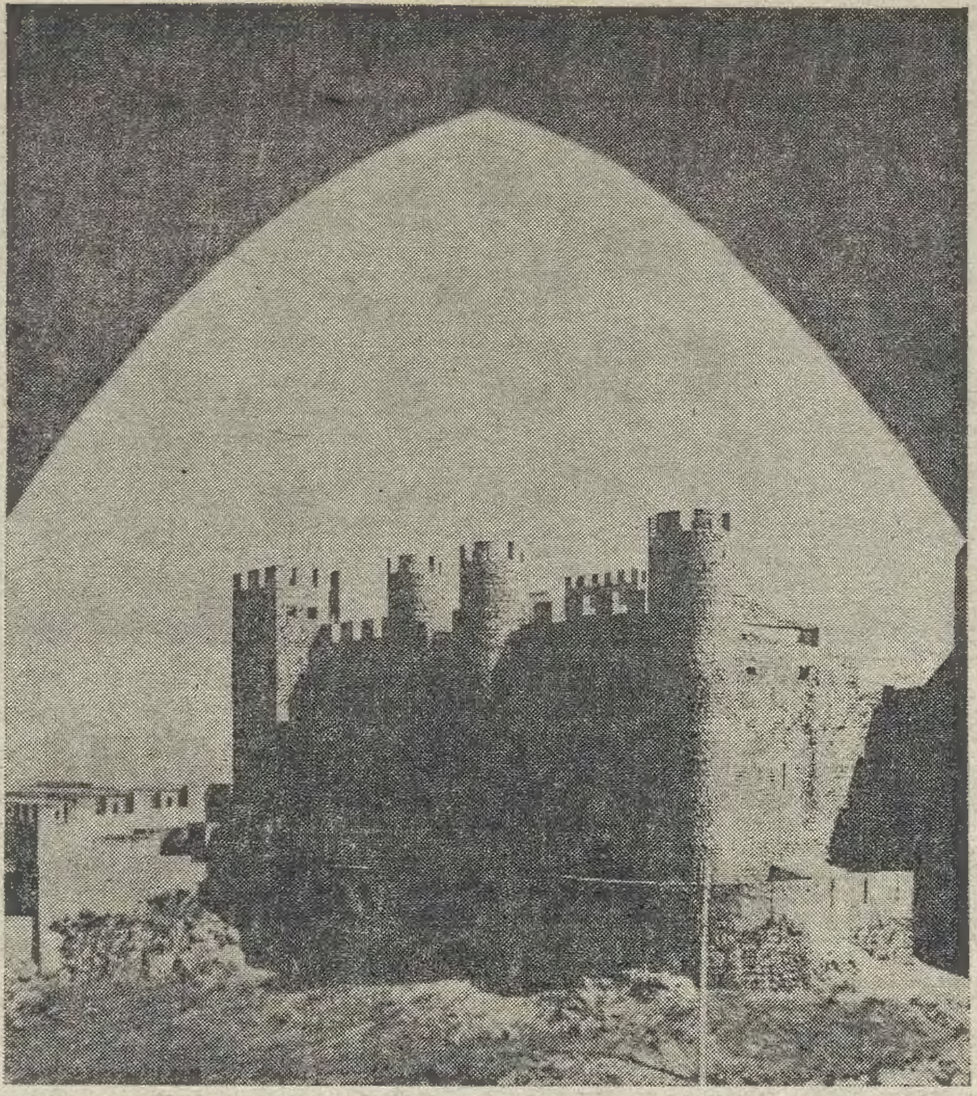


O castelo da Penha, em Bragança, rodeia-se de trepadeiras. A seu lado, sereno, um templo

Os Castelos portugueses tinham muros altaneiros, de onde sobressaíam sólidas torres de estreitas seteiras. Essas torres olhavam os campos vizinhos, num constante vigiar. Afirmavam a gigantesca majestade da Força e do Poder. Guardavam anseios de glória e desejos de vingança. Eram a imagem viva da luta e do heroísmo.

Os Castelos, jóias de pedra que enriquecem a paisagem, são, por isso, páginas vivas da História Portuguesa. Os Castelos têm a vantagem de tornar sempre presente os passados feitos da gente portuguesa.

Os castelos portugueses! Uns falam de acção e de heroísmo, num ambiente onde ainda parecem ressoar os passos nervosos de homens de armas e o bater das lanças nos lajedos, após febris sinais de alarme.



Miradouro de soberbos panoramas, o Castelo de Óbidos tem expressão secular e constitui atracção marcante, pois é um dos factores de maior interesse do chamado «turismo do passado»

Outros Castelos espalhados pela terra portuguesa oferecem, no cenário escuro das suas paredes de pedra, a lenda de mouras encantadas que esperam o cavaleiro cristão que as irá libertar do seu encantamento misterioso... Quase todos os castelos contam, em linguagem simples, histórias fantásticas com o sabor amargo de lágrimas tristemente choradas...

Mas os Castelos portugueses têm Poesia — a Poesia dos Castelos. Poesia simples e magnífica. Poesia que o Povo compreende para ficar mais amante da sua terra e mais orgulhoso da sua Pátria.

Os Castelos portugueses são epopeias magníficas que se oferecem aos olhos e ao coração e constituem grande parte da História militar e sentimental dos portugueses, contida em pedaços de granito, erguendo para o céu as ameias gloriosas. Cada uma das pedras dos castelos guarda, através dos anos, o segredo duma morte gloriosa ou do palpitar ansioso de um coração de guerreiro ou de apaixonado...

JOSÉ VIEIRA DOS SANTOS

COMÉRCIO GERAL

Telef. 98120 P P C

MARINHA GRANDE

A Ostra

RESTAURANTE

BOITE

PRATOS REGIONAIS

Na Boite M/17 anos a partir das 22 horas

orquestra privativa

Avenida General Daniel de Sousa, Lote 15 — SETÚBAL

MARCELO

AUTOMÓVEIS

Sociedade Comercial de Automóveis, Lda.

COMPRA — VENDA — TROCA

Av. João Crisóstomo, 47-C — Telef. 5 86 77 — LISBOA

BM

HOTEL BEIRA MAR

PRAIA DA QUARTEIRA

TELEFS. 33 — 86

TELEG. HOTMAR

UMA ILHA DESERTA DESCOBERTA NO ALGARVE

O Algarve ocupa hoje lugar de incontestável relevo no panorama turístico internacional. Isso deve-se, principalmente, ás suas belezas naturais e ás excelentes temperaturas que ali se registam durante os doze meses do ano. São, sem duvida, duas razões de peso para o afluxo, sempre crescente, de gente sequiosa de sol e de um pouco de sossego que ali procura o encantado paraíso dos seus sonhos.

Como é lógico, a província meridional apresenta zonas bastante diferenciadas entre si, embora em quase todas elas os motivos naturais de atracção se mantenham: uma paisagem diferente da habitual no resto da Europa, servida por uma flora unica, de espécies vincadamente locais.

Da serra nua (em que predominam os tons vermelhos), desce-se, no Algarve, até ao litoral de hortas e laranjais, através de campos de vinhas, amendoeiras, alfarrobeiras e outras árvores características da região, como, por exemplo, a figueira, cujos braços, em certos casos, roçam as areias das praias.

Por falarmos de praias, ocorre dizer que ali existem algumas de beleza ímpar, que mantém ainda o seu ar desértico e selvagem e onde se respira uma paz que dificilmente poderá encontrar-se em qualquer outra parte do mundo.

Estamos a lembrar-nos, por exemplo, das ilhas espalhadas ao longo da costa, as quais, não raramente, até se atingem a nado. São maravilhosos locais, onde todos ambicionariamos poder viver algum tempo, de cada vez que sentissemos a necessidade de fugir ao trepidante ritmo da vida moderna.

Férias — A solidão e o convívio

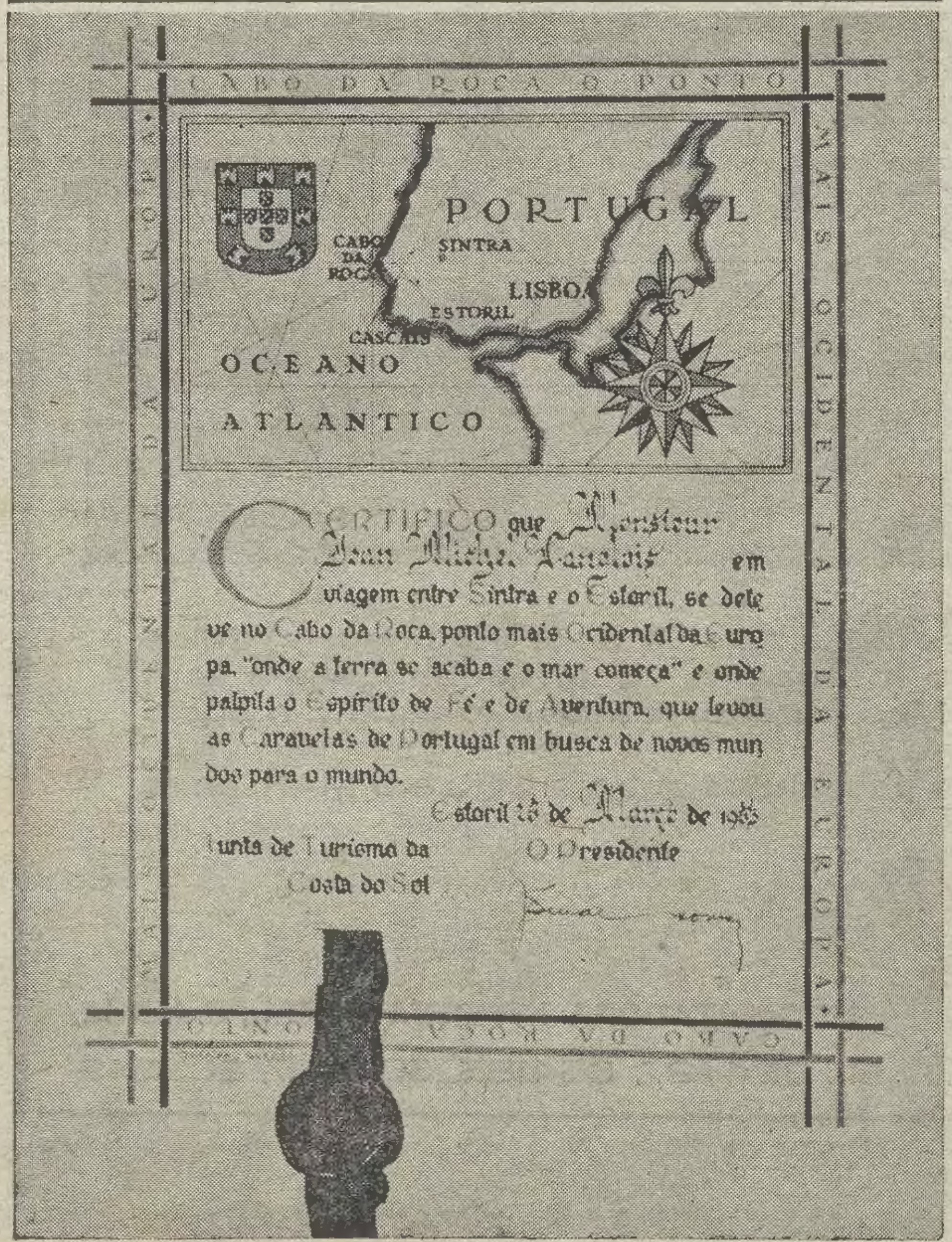
É claro que a solidão constitui, como é vulgar dizer-se, um bom remédio para certos males de espírito, os quais só um estreito contacto com a natureza consegue, realmente, sanar. Ora a solidão «vive» em toda a sua pujança, numa ilha deserta, extenso areal que se espalha no pequeno braço de ria que banha o Aldeamento Pedras d'El-Rei e no qual pode praticar-se (á vontade) esqui aquático. Uma indescritível sensação de bem-estar é, talvez, a melhor recordação a guardar daquele local paradisíaco, a um quilómetro de Santa Luzia, velha aldeia de pescadores, que não perdeu o seu ar primitivo, e a quatro de Tavira, uma das mais caracteristicas cidades do sotavento algarvio.

Pequeno aglomerado de habitações familiares, cada uma com o seu terreno ajardinado e uma independência que se traduz no sossego, Pedras d'El-Rei tem um aspecto acentuadamente algarvio, o qual lhe é conferido pelas confortáveis vivendas (há-as de seis tipos diferentes, adaptáveis a cada caso particular) de cunho arquitectónico que obedece ás caracteristicas regionais.

Ali existem duas piscinas (uma para adultos, outra para crianças), campos de ténis, pistas de hipismo, caça e um vasto mar para pesca. Se a tranquilidade é a nota mais viva que nos oferece Pedras d'El-Rei, não há duvida de que o conforto se lhe equipara. Quem poderá resistir, por exemplo, a repousar, por uns momentos, nas quentes noites algarvias, na açoteia de que cada moradia dispõe, ouvindo apenas o ruído do mar amigo?

Mas as férias também são convívio, claro. Para isso é que um típico «monte» algarvio foi transformado em supermercado, restaurante e «boite» — para diversão dos proprietários de Pedras d'El-Rei (que poderá ser o caso do leitor, se o desejar) e dos seus amigos.

O Algarve é, cada vez mais, um local ideal para férias. E investir ali deixou, há muito, de ser aventura. É, sim a prova de um conhecimento das realidades.



Castelo de Guimarães
Oito séculos de história doiram as suas ameias

Dominados pela esmagadora impressão evocativa do Castelo de Guimarães, berço da nacionalidade portuguesa, sente-se palpitar o coração de Portugal antigo. Olhando as ameias tem-se quase presente a alvorada da nacionalidade de que o velho Castelo é simbolo. Vinham de longe os desejos da independência e nas casas solarengas como nas naves das igrejas e nos humildes povoados fizera-se voto de enrijar os nervos e temperar as almas para os tempos que haviam de vir...

E esses tempos vieram. Travou-se a Batalha de Ourique, onde parece ter sido Afonso Henriques aclamado Rei e, em 1139, o guerreiro esforçado e principe esforçado, a si próprio se intitula REY em documento firmado pelo seu punho.

Foi sempre a Guimarães que o jovem Rei se acolheu, enquanto não se dispunha a mais arrojados feitos. O Castelo de Guimarães ergue-se na História Portuguesa como padrão glorioso de fé inquebrantável no que o destino quiser que seja. Oito séculos de História doiram hoje as ameias do Castelo de Guimarães. Oito séculos de lutas intemeratas, de glórias sem fim, de amores e de mágoas. Mas nas lutas como nos amores, nas mágoas como nas glórias, souberam os Portugueses cunhar um destino que fez dum pequeno Povo e dum pobre condado honra do Mundo que os seus navegadores descobriram.

GALERIA LISBOA

QUADROS

A mais seleccionada Exposição permanente de Pintura, Cerâmica e Objectos de Arte, de bons Autores, antigos e modernos

ÓLEOS	
AGUARELA	PAISAGENS MARINHAS
PASTEL	LISBOA ANTIGA
DESENHO	PORTUGAL TÍPICO
GRAVURA	NATUREZAS MORTAS
CERÂMICA	FLORES
AZULEJOS	
OBJECTOS DE ARTE	
ARTIGOS DECORATIVOS	

A ÚNICA GALERIA DE ARTE NA BAIXA

Rua João das Regras, 4-C (Junto ao Rossio)

LISBOA-2

Esta rapariga adorável que goza as suas férias, sob o quente Sol, naquele "dolce farniente" que uma revista ou um livro mascaram, você reconhecê-la-á sem dúvida, apesar dos óculos escuros... Mas, perdão, já aqui não está!... o apelo das águas cálidas algarvias foi mais forte...
Não desespere, ela volta! Aqui as férias passam-se entre o SOL e o MAR, entre o MAR e o SOL...

CONSOLIMAR URBANIZADORA INTERNACIONAL, S.A.R.L.

LISBOA, CALÇADA DE SANTOS, 19-2º-TELEF. 664497, 664185, 664967, 669849